

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**EM BUSCA DE UM PARAÍSO:  
o messianismo em *La guerra del fin del mundo*  
e *Videiras de cristal***

CLÁUDIA MENTZ MARTINS

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em Letras

Profª. Dr. MARIA EUNICE MOREIRA  
Orientadora

Data da defesa: 27 de agosto de 1998

Instituição depositária:  
Biblioteca Central Irmão José Otão  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, julho de 1998

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras,  
pela dedicação com que exerce suas atividades.

À Prof<sup>a</sup>.Dr. Ana Maria Lisboa de Mello,  
Ao Prof. Dr. Jean Franco e  
Ao Prof. Dr. Jose Ornellas  
pela bibliografia cedida e indicada.

Ao Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil  
pela generosa amizade e  
convivência ao longo desse percurso.

Aos diversos amigos,  
pela contribuição sob a forma de apoio ou  
de referências bibliográficas.

À CAPES,  
pelo suporte financeiro.

Ao meus familiares  
pela paciência com que enfrentaram este trabalho.

Por último, mas por primeiro,  
à Prof<sup>a</sup>. Dr. Maria Eunice Moreira,  
pela orientação segura, constante e tranqüila.

*Homens humildes e desprezados do povo, boa nova!  
Se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no  
nascimento, sabeis que ainda haveis de nascer outra vez, e  
tão honradamente como quiserdes; então emendareis  
a natureza, então vos vingareis da fortuna.*

Pe. Antônio Vieira, *Sermão da Primeira Domingo  
de Advento*, 1650.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
1.1 <i>As obras e a visão da crítica</i> .....	7
1.1.1 As apreciações sobre <b>La guerra del fin del mundo</b> .....	8
1.1.2 Os estudos sobre <b>Videiras de cristal</b> .....	20
1.2 <i>As obras e o nosso olhar</i> .....	33
2 O MESSIANISMO.....	36
2.1 <i>A tradição milenarista</i> .....	37
2.2 <i>Os movimentos messiânicos</i> .....	47
2.2.1 A definição dos termos.....	48
2.2.2 A formação do universo rústico brasileiro.....	52
2.2.3 Os movimentos messiânicos rústicos nacionais.....	53
2.2.4 As reflexões finais.....	62
3 A BATALHA APOCALÍPTICA: <b>LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO</b> ...	69
3.1 <i>O Bom Jesus Conselheiro</i> .....	70
3.2 <i>Os conselheiristas</i> .....	89
3.3 <i>A Jerusalém sertaneja</i> .....	104
4 A LUTA PELA FELICIDADE: <b>VIDEIRAS DE CRISTAL</b> .....	128
4.1 <i>A Christussin do Ferrabrás</i> .....	130
4.2 <i>Os santarrões</i> .....	150
4.3 <i>A comunidade santa</i> .....	165
5 CONCLUSÃO.....	191
5.1 <i>O messias</i> .....	191
5.2 <i>Os seguidores</i> .....	197
5.3 <i>A cidade santa</i> .....	201
5.4 <i>As classificações dos dois movimentos messiânicos</i> .....	205
6 BIBLIOGRAFIA.....	208

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar as obras *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, e *Videiras de cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, à luz dos pressupostos teóricos do messianismo.

A narrativa do peruano trata da guerra de Canudos, ocorrida no sertão baiano, à beira do rio Vaza-Barris, numa fazenda que dá o nome ao episódio, tendo esse alcançado entre 1897 e 1898 seu período culminante. A obra do brasileiro aborda a revolta dos Mucker<sup>1</sup>, datada de 1872 a 1874, que aconteceu no interior do Rio Grande do Sul, em Padre Eterno, no sopé do morro do Ferrabrás, na época pertencente a São Leopoldo e hoje integrante do município de Sapiranga.

As duas obras ficcionais em pauta permitem que se realize a aproximação entre elas porque tratam os fatos históricos de forma literária. Dois são os aspectos que avizinham os textos. O primeiro diz respeito aos acontecimentos narrados que, apesar de terem se localizado em espaços geograficamente distantes no Brasil, transcorrem na mesma época, isto é, na segunda metade do século XIX, e mostram o descontentamento da população sertaneja e imigrante com a situação em que se encontram no país, estejam elas no interior nordestino ou sul-rio-grandense. O segundo

---

1. A palavra "Mucker" provém do alemão. Trata-se de um vocábulo invariável e, enquanto substantivo, grafa-se com letra maiúscula. O termo geralmente é traduzido como santarrão.

aspecto se refere à abordagem oferecida pelos autores à guerra de Canudos e à revolta dos Mucker na qual identificamos características dos movimentos messiânicos.

A escolha das duas narrativas obedece, antes de tudo, a uma preferência particular nossa por elas. Especialmente no Brasil, ao falarmos do movimento messiânico, via de regra, a primeira lembrança é a guerra de Canudos e, do ponto de vista literário, o retrato que recebe em *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Porém, apesar de todo o prestígio e a consagração que esse texto arrecada ao longo do tempo – e com o qual concordamos –, declinamos de sua análise pelo fato de, na sua origem, o autor ter tido pelo assunto uma intenção jornalística e documental, características que estão presentes n’*Os sertões* ao lado de sua feição literária. No ensaio, *Canudos y otras historias nordestinas*, Antonio Maura<sup>2</sup> aponta que as diferentes abordagens dadas por Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa, ao acontecimento mencionado, provêm, exclusivamente, das suas épocas de encarar a história e dos seus distintos pressupostos intelectuais<sup>3</sup>, que procuram refletir sobre um grupo humano em busca da sua sobrevivência, da cultura e da identidade. Maura salienta que os dois escritores tratam Canudos de modo a torná-lo um mito que transcende a esfera nordestina, alcançando a cultura universal. Portanto, a nossa opção por *La guerra del fin del mundo* justifica-se pelo fato de ser uma obra que oferece uma representação diversa daquela de Euclides da Cunha e que, no nosso entender, é pouco estudada na academia brasileira.

Por ser a guerra de Canudos nacionalmente conhecida – por que não dizermos internacionalmente? –, achamos interessante uni-la a um acontecimento de cunho regional e, sob essas características, a revolta dos Mucker fornece subsídios históricos que nos permitem analisá-la com igual interesse.

Como as outras obras<sup>4</sup>, que abordam o episódio ocorrido no solo gaúcho, demonstram uma preocupação em recuperá-lo historicamente, ou pelo menos, assim

---

2. MAURA, Antonio. *Canudos y otras historias nordestinas*. *Revista de Letras*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 6, n. 1/2, p. 43-62, jan./dez. 1983.

3. Idem, p. 55.

4. Os principais livros que abordam a revolta dos Mucker são: SHUPP, Ambrósio. *Os “Mucker”: a tragédia histórica do Ferrabrás*. Tradução de Arthur Rabuske. 4.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993; PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz (os mucker)*. 2.ed. rev. aum. São Leopoldo: Rotermond, 1966; DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977; AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos “mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978; GALVÃO, Antonio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker – fanáticos ou vítimas?* Porto Alegre: EST, 1996. Dessas obras, a do padre Shupp é a mais antiga (o primeiro livro foi publicado em 1900, na Alemanha, e, em 1911, no Brasil), tendo recebido uma tradução anterior, realizada por Alfredo Clemente Pinto. A partir desse texto, os demais teóricos escrevem sobre o assunto, por concordarem ou discordarem com o posicionamento desfavorável que o clérigo apresenta em relação aos rebeldes.

tentam fazê-lo, a narrativa de Luiz Antonio de Assis Brasil cabe aos nossos propósitos por dar ao tema uma envergadura literária. A importância dos textos produzidos por esse autor ratifica-se pela presença de seu nome em estudos específicos sobre a literatura sul-rio-grandense, sobretudo, entre aqueles que utilizam a matéria histórica do Rio Grande do Sul como sua “viga mestra”<sup>5</sup>.

### 1.1 *As obras e a visão da crítica*

As narrativas *La guerra del fin del mundo*, de Mario Vargas Llosa, e *Videiras de cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, quando lançadas, respectivamente em 1981 e 1990, foram motivo de artigos, resenhas e ensaios literários, publicados em jornais e revistas. Com o transcorrer do tempo, passaram a integrar o *corpus* de trabalhos acadêmicos, sendo ainda objetos de análises em seminários e palestras.

Nosso intuito, com o recolhimento da fortuna crítica<sup>6</sup> a respeito das duas obras, consiste em, com o relato de seu conteúdo, desenhar um panorama do que já foi escrito e pensado sobre as mesmas, objetivando, assim, comprovar a originalidade do tema proposto neste trabalho.

O primeiro texto, a ser abordado, *La guerra del fin del mundo*, é a sexta obra do peruano Mario Vargas Llosa que, desde seu texto inaugural, *Los jefes* (1957), é aclamado como um escritor talentoso, arrecadando prestígio não só na América do Sul, mas também na Europa. No Brasil, a publicação do livro ocorreu no ano de 1982, com o título *A guerra do fim do mundo: a saga de Antônio Conselheiro* na maior aventura literária do nosso tempo. Originalmente, a obra havia sido escrita para ser o roteiro de um filme ambientado em Canudos, porém, em função do engavetamento do projeto, o autor resolveu transformá-la numa narrativa literária.

Luiz Antonio de Assis Brasil, ao lançar *Videiras de cristal*, no final do ano de 1990, já apresenta o *status* de um escritor reconhecido e consagrado na literatura sul-

---

5. Segundo Regina Zilberman, Luiz Antonio de Assis Brasil, Josué Guimarães, Sinval Medina, Érico Veríssimo, entre outros autores, procuram junto aos vultos e aos acontecimentos do passado o material para suas narrativas. Cf. ZILBERMAN, Regina. Roteiro para uma literatura singular. In: \_\_\_\_. *Roteiro para uma literatura singular*. Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, 1992. p. 16.

6. Comunicamos ser de nossa responsabilidade a tradução dos textos em francês, quando não houver, na referência bibliográfica, a indicação de um tradutor responsável pela sua versão para o português. Aplicando-se essa observação aos demais capítulos deste trabalho.

rio-grandense. *Videiras de cristal* é sua oitava obra e, conforme veremos através das críticas tecidas sobre o texto, consolida seu autor em definitivo no meio literário, afirmando seu talento enquanto um romancista extremamente habilidoso com as palavras e com total domínio das técnicas narrativas.

### 1.1.1 As apreciações sobre **La guerra del fin del mundo**

A fortuna crítica de *La guerra del fin del mundo* é constituída, em grande parte, de artigos em revistas especializadas em literatura e de resenhas jornalísticas publicadas em periódicos de interesse geral. O material arrecadado e organizado cronologicamente comporta uma amostra das observações a respeito da obra e não tem a pretensão de esgotar os estudos já feitos sobre a narrativa. Conforme se constatará, são abordados aspectos do livro escrito em língua espanhola e da sua versão para a língua portuguesa, mas privilegiaremos as menções ao universo diegético e não às questões ligadas à tradução<sup>7</sup>.

No ano de lançamento de *La guerra del fin del mundo*, em 1981, no mês de julho, Mario Vargas Llosa concede uma entrevista intitulada “A grande aventura americana de Mario Vargas Llosa”<sup>8</sup> à jornalista d’*O Estado de São Paulo*, Cremilda Medina, abrindo a crítica sobre essa obra no Brasil. O autor é apresentado como o primeiro escritor, na América Latina, a ultrapassar os limites de seu país e a se aventurar numa cultura e história desconhecidas. A mencionada narrativa é considerada a mais significativa, até aquele momento, do escritor peruano.

Vargas Llosa inicia a entrevista contando que o interesse pelo tema do livro nasceu da proposta do cineasta Ruy Guerra para que escrevesse um roteiro com elementos novelescos, contextualizados a partir da guerra de Canudos, pano de fundo de um filme. A fim de se inteirar sobre o assunto, leu vários documentos e *Os sertões*, de Euclides da Cunha<sup>9</sup>, obra que o seduziu.

---

7. Ressaltamos ainda que manteremos a grafia do título em português, nos artigos que assim se referirem à obra.

8. As referências bibliográficas completas de todos os artigos, textos e material crítico sobre a obra encontram-se na seção Bibliografia, deste trabalho.

9. Não apenas Mario Vargas Llosa, mas também seus críticos e ensaístas, sobretudo os brasileiros, apontam a ligação e a influência que a obra euclidiana exerceu sobre a composição da narrativa em estudo.



Para fazer o roteiro do filme, o entrevistado relata que utilizou personagens que lhe povoavam a imaginação (há muito tempo) associadas a outras da realidade mas, como a película não chegou a ser filmada, teve a sensação de estar livre para se aprofundar no assunto que considerava inconcluso. A reescritura do material, a sua preocupação em aproximar Canudos da história verídica, a coleta dos dados pelo mundo e no Brasil, Vargas Llosa descreve minuciosamente a Medina.

O autor aproxima o Conselheiro a Moreira César, afirmando que ambos tinham o mesmo esquema mental e uma visão determinada do mundo. Por sua declaração, percebemos que o movimento despertava-lhe, na época da escritura, sentimentos antagônicos:

O movimento me parecia fascinante por sua grandeza de heroísmo, por seu valor, por sua convicção, mas ao mesmo tempo sentia verdadeiro horror por fanatismo.

O escritor faz sua interpretação no tocante às atitudes de Antônio Conselheiro e comenta a importância que esse homem teve para o sertão, em especial, para o desejo de sobrevivência por parte dos seus habitantes. Não esquece de apontar a importância social demonstrada pelo movimento, a tomada de consciência que o mesmo representou, o caráter libertador do Conselheiro, tanto no plano psicológico quanto cultural e moral.

Ao ser questionado sobre a tentação de generalizar, simbolicamente, os acontecimentos do interior baiano narrados, para toda a América Latina, confirma esse sentimento, alegando existirem aproximações culturais e ideológicas, no período do episódio de Canudos, entre o Brasil e a América:

há em Canudos uma verdade, uma autenticidade muito importante que é a defesa dos valores humanos. Há na história de Conselheiro a luta de uma cultura que se vai forjando e que se mantém genuína, sob as condições de vida mais adversas. E essa verdade cultural contrasta com a falta de autenticidade da cultura oficial do Brasil e da América naquele momento, decretada através de esquemas ideológicos sem tomar em consideração a experiência válida da realidade.

Segundo o próprio autor, com *A guerra do fim do mundo*, ele alcança a essência de um romance possuidor de uma história bem urdida, mas voltado a uma quimera. Revela não ser autobiográfico, nesse texto, e que o jornalista míope, *vagamente inspirado* em Euclides da Cunha, é um intelectual latino-americano colocado diante da

sua realidade e da sua história, significando a sua cegueira – causada pela ausência dos óculos –, a cegueira ideológica dos indivíduos que ele representa e a impotência para mudar as coisas frente aos problemas reais.

Vargas Llosa defende a idéia de que sua narrativa não constitui um romance histórico – apesar de percorrer uma linha geral dos acontecimentos – porque não se preocupou em seguir fielmente os fatos ocorridos. Diz ter inventado e alterado alguns acontecimentos, dedicando-se à imaginação simbólica e não à fidelidade histórica. Por fim, fala de sua expectativa em relação ao acolhimento que o Brasil dê a esta obra em específico.

No mesmo ano de lançamento da obra, em 1981, no mês de dezembro, Remy Gorga, filho, o tradutor de *La guerra del fin del mundo*, concede uma entrevista, “O Brasil vivo, na ficção de Mario Vargas Llosa”, na qual conta como e por que Vargas Llosa escreveu essa narrativa.

Gorga, filho, revela que o livro apresenta a curiosidade de não ter nenhuma nota explicativa no que se refere aos termos empregados no texto, independente do país em que seja lançado; característica que elogia:

Ele fala de jagunço, com uma naturalidade como se a palavra fosse espanhola. Ele fala das frutas brasileiras, dos bichos, como a sussurana, com a maior naturalidade, como se o leitor soubesse ou tivesse obrigação de saber. (...)

Eu acho isto curioso, porque ele ganha, ou acerta, em um ponto: porque mantém o colorido local, as palavras que você espera que tenham sido usadas pelos homens do Conselheiro, como gibão, encourado, pisteiro e outras. Pelo sentido do texto o leitor percebe o significado dos termos.

Essa obra é considerada semelhante a um pastiche porque possui personagens que existiram, mas tiveram seu nome alterado, instigando o leitor, principalmente brasileiro, a percorrer seu rastro, tentando decifrar-lhe a identidade. Para o tradutor, há três figuras vertentes nesse ponto: o Barão de Canabrava, o jornalista míope e o anarquista frenólogo escocês.

Quanto à admiração de Vargas Llosa por Euclides da Cunha, diz que no jornalista míope existem resquícios desse autor. É um pastiche do período em que esse tinha uma posição pouco esclarecida sobre Canudos, o *grande mal-entendido da História republicana*.

A entrevista termina com Remy Gorga, filho, opinando sobre a veracidade ou a ficcionalidade do romance e a sua importância para a recuperação da História:

é todo real. Embora tenha personagens de ficção. Porque eles são necessários. O Conselheiro não fala. É sempre um narrador que fala por ele. (...) E Galileu Gall, que foi criação de Llosa, ele pode ter existido. Então eu não considero nada irreal no livro, porque o fundamental, o básico, foi contar a História. E a História ele contou, com as implicações políticas, as colocações técnicas. E nisto ele foi extremamente feliz, porque ele trouxe, mais uma vez, à bibliografia de Canudos, uma contribuição muito séria, que será discutida, inclusive, por euclidianos quando perceberem que o Euclides que eles veneram pode ter ficado um homem pequeno, com medo, (...) mas que se reabilita na imensa obra que escreveu depois, “Os Sertões”.

Portanto, para o tradutor, o referido livro, além de relatar a história de Canudos, oferece uma imagem, talvez desconhecida, de Euclides da Cunha durante o período da guerra.

Também em dezembro, Galeano de Freitas, em “Canudos, a árvore de histórias”, inicia seu artigo considerando Canudos *um fato fundamental na história da civilização brasileira*, constituindo-se num tema sempre fascinante, a despertar paixões. Informa que o último escritor a se apropriar do assunto é Mario Vargas Llosa, pois, para *um ficcionista que utiliza o realismo mágico, nada melhor do que a magia da realidade*.

O jornalista da *Folha de São Paulo* menciona que o material recolhido pelo autor produz *personagens mais ricos dos que os imaginados*, bastando colocar *um outro nesta galeria de tipos fantásticos para que todos ganhem vida e se movimentem*. Através de uma técnica pontilhista e por meio de uma personagem – o periodista míope –, o escritor peruano consegue comparar Canudos a uma árvore de histórias, isto é, o arraial é o tronco, onde está o Conselheiro, os jagunços e os crentes. Esse lugar se diferenciava dos demais espaços em função de sua organização social e dos valores nele presentes:

tinha uma organização social que colidia com o capitalismo republicano. Uma organização social baseada na fé, fanatismo mesmo, mas também na igualdade de todos os membros da comunidade, cujo índice mais expressivo era o desprezo pelo dinheiro e pelas coisas terrenas.

Por ser árvore, a narrativa tem galhos, sendo o mais trabalhado o da ramificação do poder, presente na figura do Barão de Canabrava, representante da classe dominante do Brasil, do final do século XIX. Outro ramo é o das testemunhas dessa tragédia histórica: o jornalista, o anarquista frenólogo e o anão contador de histórias, que assistem passivamente aos acontecimentos sem terem uma atitude ativa diante dos fatos. Segundo Galeano de Freitas, Vargas Llosa reconstrói as figuras dos comandantes das expedições, sobretudo, Moreira César, a partir da imagem que tem dos militares peruanos.

Ao final do artigo, elogia o talento do escritor, seu trabalho e a visão humanista demonstrada sobre o tema, apesar de se tratar de um texto ficcional:

Vargas Llosa, um autor com pleno domínio do tempo ficcional, movimentava todos estes personagens com muita vivacidade. Cabe destacar que “A Guerra do Fim do Mundo”, apesar de obra de ficção, remete o leitor à realidade. (...)

Sua reflexão sobre o Brasil é universalista e humanista. Ele usa a inaudita resistência, além do humano, dos homens e mulheres do arraial de Canudos para se interrogar também sobre situações e estruturas que geram este tipo de heroísmo que desafiam a imaginação.

No ano seguinte ao lançamento da edição brasileira do romance, em 1982, no mês de abril, Márcio José Lauria se propõe a criticar os erros da tradução do texto para o português no artigo “A nova guerra velha”, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Somente ao término de sua explanação, elogia a narrativa do autor peruano, ressaltando o belo tratamento que o episódio histórico recebe em *A guerra do fim do mundo*.

Por sua vez, no mesmo jornal, em junho, o professor e crítico literário, Donaldo Schüler, no texto “De ‘Os sertões’ a ‘Guerra do fim do mundo’”, destaca a proximidade entre as obras de Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa, aplaudindo o respeito desse pela narrativa do anterior. Schüler ainda salienta a importância que o aspecto religioso do movimento promovido por Antônio Conselheiro ganha em *A guerra do fim do mundo*, o que, segundo sua opinião, inova o tema com relação ao texto brasileiro mencionado.

A partir da afirmação: *Con La guerra del fin del mundo, Vargas Llosa vuelve a la novela totalizadora*, Carlos Meneses, no mesmo ano, inicia seu ensaio de título homônimo à obra. O texto, publicado na revista *La Palabra y el Hombre*, de

responsabilidade da Universidad Veracruzana, apresenta um aspecto até então original do livro – a narrativa lembra as novelas do início do século XX:

no solamente porque la acción se desarrolle por aquellas fechas, sino por la lentitud con que se va avanzando, por la insistencia con que se vuelve sobre el tema y por la variedad de historias que dan cuerpo a una sola gran historia.

Para o crítico, é difícil indicar a história que abarca as demais. Por isso, cogita três: a do fanatismo, a dos sistemas sociais e governamentais, e dos graus de ética dos condutores do povo. Uma característica destacada é a habilidade do autor quanto à técnica empregada, ou seja, a bifurcação de histórias ou de biografias das personagens principais, a diluição de um fato em vários episódios e o jogo com o tempo que permite ver um acontecimento sob diferentes ângulos, dependendo da personagem que está sendo focada.

Em relação às personagens, aproxima a figura do Conselheiro com a de Galileu Gall por ambos passarem a impressão de serem aparentemente incorruptíveis, ferrenhos defensores de seus valores, visando, cada um a seu modo, uma forma de vida melhor do que aquela imposta pela sociedade.

A única ressalva do crítico para com a narrativa encontra-se na quarta parte do texto, que considera reiterativa, necessitando a linguagem, nesse momento, ser aperfeiçoada.

Já em 1983, na mesma revista literária, Alicia Ramos, no seu ensaio, que também repete o título da obra em análise, explícita, de início, justamente o nome do livro, oferecendo duas interpretações: uma relacionada à localização geográfica de Canudos e a outra à tradição apocalíptica:

El título de la novela se debe a la sensación de angustia que embargaba a los que iban a ese rincón tan apartado del Brasil, de trasladarse a los confines del universo. Pero, en otro plano, además, la guerra que allí se libraba, tenía el carácter de lucha contra el Anticristo, encarnado en la recién inaugurada República y, como tal, la creencia de que estaban engarzados en la apocalíptica batalla del fin del mundo.

Segundo Ramos, o que mais pesa em Canudos é a postura fanática e apocalíptica que faz com que as personagens, *prototipos de modalidades concretas de conducta*, surjam e desapareçam num *cortejo fúnebre*. Todas elas, de Antonio

Conselheiro a Moreira César, passando por Galileu Gall e pelos chefes dos partidos baianos, são fanáticas, têm uma visão limitada da realidade e enxergam apenas sua ideologia:

constituyen un fascinante mundo de idealismo y brutalidad, cristalización de fanatismos encontrados que dan como resultado la violencia y matanza, el afán de imponer a sangre y fuego la propia verdad.

Nesse ensaio, há o enaltecimento do trabalho desenvolvido por Vargas Llosa, seja pelo tratamento épico que dá ao episódio, tendo conseguido dosar a realidade e a invenção, ou pelo papel de destaque que a natureza recebe em alguns momentos. Enfim, exalta-se a capacidade do autor em ter escrito uma *obra total*, “*parábola moral y política sobre la condición humana*”.

Sob a ótica de que a relação entre a novela *La guerra del fin del mundo* e *Os sertões* pode ser reduzida a um caso de causa e efeito, *sin el libro de Euclides da Cunha el libro de Vargas Llosa no puede existir*, Alfred Mac Adam escreve, também em 1983, a resenha “Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: meditaciones intertextuales”, presente na *Revista Iberoamericana*.

Para esse crítico, é viável perceber afinidades temáticas dessa obra com as outras de Vargas Llosa, todas marcadas pela ironia e relegadas a um passado mitológico. Ele destaca que *El héroe de La guerra del fin del mundo no es Antonio Conselheiro, sino Euclides da Cunha*, se for considerada a escritura d’*Os sertões* um ato heróico, que buscou contar uma epopéia.

Na compreensão de Mac Adam, é possível encontrar outros textos dentro do livro de Vargas Llosa, sendo eles: *La Revolución francesa: una historia*, de Thomas Carlyle e *Civilización y barbarie, vida de don Facundo Quiroga*, de Sarmiento, precursores de *La guerra del fin del mundo* de forma indireta, uma vez que são consideradas narrativas que inspiraram a de Euclides da Cunha.

As personagens, que fazem uso da palavra oral ou escrita, recebem destaque nesse ensaio. O periodista, o Leão de Natuba e o Anão – as três figuras deformadas e monstruosas do livro – representam, respectivamente, o quase historiador-épico; o cronista que busca eternizar as palavras do Conselheiro; o indivíduo que detém parte da tradição oral do sertão. O jornalista é considerado, ainda, uma personagem que

sofre uma transformação para que possa se enquadrar no papel que lhe compete, isto é, de cínico e parasita passa a espectador-sofredor, cego para o terror da guerra, vindo a se tornar num sobrevivente iluminado com as informações necessárias para escrever.

Alfred Mac Adam conclui seu ensaio afirmando que a guerra de Canudos de nada serviu na alteração da história, sendo sua única justificativa *los libros que se han escrito para immortalizarla*.

Em 1984, na mesma *Revista Iberoamericana*, Carlos Meneses, num ensaio desta vez denominado “La visión del periodista, tema recorrente en Mario Vargas Llosa”, subtítulo (A propósito de *La guerra del fin del mundo*), dá atenção à figura do jornalista. Neste trabalho, o crítico constata que o autor sempre se preocupou em mostrar as atividades dos jornalistas e dos militares, sem maniqueísmos, sublinhando que, provavelmente, tenha utilizado suas experiências enquanto um profissional do jornalismo, principalmente no concernente à América Latina.

O jornalista que Vargas Llosa delinea, segundo Meneses, é um ser que tem momentos de depressão e de euforia, uma personagem que não atravessa a obra tangencialmente, mas é aquela que determina as histórias. A análise efetuada sobre ela assemelha-se às demais já feitas, acrescentando que a considera entre o adivinho e o fantasioso. O diálogo que estabelece com o Barão tem a estrutura necessária para introduzir outras histórias, oferecendo *una impresionante visión panorámica de todo lo que ocurrió en Canudos*, podendo manifestar sua opinião sobre sua própria profissão e seu significado. Dessa forma, o jornalismo é visto como uma máquina que trabalha, tal como o militarismo, para mobilizar idéias e com elas alcançar o poder.

Arthur Brakel narra a recepção ora calorosa ora desdenhosa que o romance de Mario Vargas Llosa recebe dos críticos americanos, no artigo “A guerra do fim do mundo, uma epopéia ou um malogro?”, publicado no ano de 1985, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. A inovação do ensaísta consiste em classificar a narrativa mencionada como uma epopéia trágica, devido ao seu relato das guerras fratricidas. Entretanto, mesmo reconhecendo os elementos épicos do texto, Brakel assinala o livro como um malogro, pois não consegue passar a mensagem mais importante: *as visões do mundo monomaníacas cegam*.

No livro *Romance hispano-americano*, editado no ano de 1986, no capítulo “Realismo multidimensional”, Bella Jozef, ao comentar *La guerra del fin del mundo*, diz

não ser adequado comparar a obra de Vargas Llosa com a de Euclides da Cunha, pois alega ser despropositada a hipótese de que o elogio a um desses autores acarrete no menosprezo do outro. Para a teórica, o texto do peruano trata a paisagem como um elemento indispensável para a ação, estando a História e a criação conjugadas:

O mundo apresentado por Vargas Llosa é importante por si mesmo e não pela massa de informações que contém. História, mito e imaginário conjugam-se nessa reprodução viva e palpitante de uma realidade, até o ponto de não sabermos onde termina um e começa outro.

Segundo Jozef, a Canudos de Vargas Llosa se aproxima dos sertões de Guimarães Rosa e de Macondo de García Márques, em virtude da *objetivação de algo subjetivo*, isto é, a expressão de uma realidade num *eterno devir*.

Por considerar que *La guerra del fin del mundo* apresenta uma relação intertextual com a *Bíblia*, em 1987, Leopoldo Bernucci escreve, na *Revista Iberoamericana*, o ensaio “Vargas Llosa y la tradición bíblica: *La guerra del fin del mundo*”. Para o crítico literário, algumas figuras bíblicas são retiradas do texto sagrado e transpostas ora diretamente ora transformadas para a narrativa do escritor peruano, sendo que aquelas personagens vindas do Apocalipse assumem uma condição de *prefiguradoras históricas*.

As profecias apresentadas pelo Conselheiro, na opinião de Bernucci, conduzem a um final escatológico de grande impacto, que chega através do mito da crise, isto é, para os conselheiristas sobreviventes a vida continua, no eterno *huir de la “peste”* e na esperança de *un incierto porvenir*.

No ano de 1988, o texto *La guerra del fin del mundo* é analisado numa secção de um capítulo dedicado a Mario Vargas Llosa, no livro, *O romance na América Latina*, de Márcia Hoppe Navarro. Sobre a narrativa, a professora lembra ser a única de Vargas Llosa não contextualizada no Peru e distante da década de 1950, o *principal referencial temporal de toda a sua obra*. Navarro salienta que *La guerra del fin del mundo* releva a capacidade literária do seu autor, mas que não apresenta o brilhantismo de *Os sertões*.



Após três anos de silêncio, em 1991, a crítica volta a se ocupar da obra, que nos interessa em particular, do escritor peruano. No ensaio<sup>10</sup>, “Del silencio a la palabra, de *La guerra del fin del mundo* a *El hablador*: la novela entre historia y mito”, publicado na *Revista de Estudios Hispánicos*, Catherine Poupene Hart recorda que Mario Vargas Llosa sempre revelou interesse em trabalhar com os *underdogs*, estando Antonio Conselheiro nesse caso. Na narrativa sobre Canudos, o escritor procurou apresentar a versão dos discípulos do Conselheiro, o que explica a presença do discurso narrativizado em vez do estilo direto quando essa personagem, que mobiliza a ação, aparece.

Para Hart, em *La guerra del fin del mundo*, temos a imposição de uma versão dos fatos, originada no questionamento do discurso dominante. A ausência de uma testemunha ocular dos acontecimentos – em condições de superar os interesses e as ilusões das pessoas – e os diversos pontos de vista figuram a impossibilidade do discurso histórico. Na concepção da ensaísta, a multiplicidade das perspectivas parece reflexo do desconcerto vivido, da não presença do juízo neste final de milênio, isto é, do integralismo religioso.

Ainda no início da década de 90 (provavelmente devido aos dez anos de lançamento da obra), encontramos artigos sobre o romance de Vargas Llosa que abordam a guerra de Canudos. A problemática da visão *interior, transcendente e arbitraria* é destaque de Jean Franco, em “Filtres et prismes: la médiation dans *La guerra del fin del mundo*”, publicado em *América*, cahiers du CRICCAL. No ensaio, o professor e crítico Franco aponta que desde as frases iniciais da narrativa, durante ainda a descrição física de Antônio Conselheiro, percebe-se o intuito de oferecer a essa personagem uma aura mística e misteriosa, ou seja, uma representação irreal:

uma visão exterior, que deforma, falseia as perspectivas, esfumaça os contornos e conduz ao irreal e à primazia dos olhos, verdadeiros leitmotiv da obra.

Os principais aspectos observados nas personagens de Vargas Llosa, no Conselheiro, em Galileu Gall e em Moreira César, são os olhos; mas é, sobretudo, no jornalista, que se concentra o estudo. Segundo Franco, o fato de o periodista ser míope representa o olhar exterior que tem sobre as coisas sem a possibilidade de percebê-las,

---

10. Numa nota de rodapé, Catherine Hart alerta que diversas partes do ensaio foram apresentadas em congressos acadêmicos, ao longo do ano de 1989.

além de compor, *em companhia com outros elementos, uma microsemiótica*, na qual a visão aparece como incerta, fragmentada, a exemplo de uma lembrança falaciosa.

O crítico também analisa as diferentes ideologias filtradas e sobrepostas no texto que informam e deformam o sertão: a dos jagunços, a de Epaminondas Gonçalves, a de Moreira César e a de Galileu Gall. Assim, as diversas perspectivas narrativas aproximam os contornos estritos da interpretação ideológica rumo à realidade.

Em seu ensaio, Jean Franco menciona que *La guerra del fin del mundo* é um romance de aventuras com relevo para o gênero melodramático: *exaltação e exageração do romanesco, derivado do imaginário*, o que recupera as cenas teatrais do século XIX. Sobre as marcas formais, sublinha que as personagens são reduzidas a signos imediatamente decodificados; a construção narrativa envia às *técnicas do romance-folhetim* do século passado ou às formas das *grandes séries rádiofônicas ou televisuais*; as muitas intrigas e peripécias com as suas múltiplas suspensões dão idéia de redundância da ação.

*La guerra del fin del mundo*, segundo Franco, consiste, em última análise, numa *tentativa para compreender, pela expressão, uma aventura desconhecida e um mundo de confusão* que postula valores autênticos ao mesmo tempo que os mostra em degradação numa sociedade igualmente degradada.

Em outro ensaio da mesma década e provavelmente também em *América*, Franco volta a se preocupar com a figura do Conselheiro, conforme adianta o título: “Antonio Conselheiro: histoire et fiction”. Porém, é visível, ao longo do estudo proposto, um interesse pelo movimento de Canudos em sua totalidade.

Em conjunto com a recuperação do movimento e da vida do Conselheiro, Franco retoma a representação que ambos têm na História e nas obras *Os sertões* e *La guerra del fin del mundo*. Em relação ao messias, diz haver uma imagem *discretamente transcendental*, ao contrário de Canudos *francamente idealizado*:

*La guerra...* descreve uma democracia instintiva e ideal, sem opressão nem classes sociais, onde a diferenciação da essência religiosa é temperada pela solidariedade e pelas responsabilidades em comum.

Nessa obra, portanto, existe uma apresentação positiva das crenças milenaristas, sendo descoberta uma doutrina coerente, que o autor privilegia ao deixar de lado os aspectos econômicos. Como em todo o milenarismo, *o sagrado e o profano se interpenetram*, e Mario Vargas Llosa, minorizando os aspectos sócio-econômicos, cai no excesso inverso:

Canudos aparece na verdade como pretexto a uma reflexão sobre a fascinação que exerce o messias: o romance fala sobretudo de desordem, da espera exaltante, da busca frenética do divino. Da religião como fenômeno cultural. A religiosidade popular torna-se fator de coesão e de movimento: (...) O Conselheiro se transforma em fascinante pretexto a uma reflexão ideológica.

Franco termina criticando a manipulação dos fatos históricos que o romancista usa como suporte para sua própria reflexão ideológica e diz que essa obra, como a euclidiana, é levada pela sensibilidade de sua época à *celebração lírica da espiritualidade*. Em ambos os casos, *Antonio Conselheiro (e Canudos com ele) desaparece, vítima de duas recuperações simétricas*.

Em 1994, depois de um período de silêncio, *La guerra del fin del mundo* volta à mídia, em virtude de um novo livro do autor. No artigo, "Fracasso de Llosa vira fábula moral", publicado na *Folha de São Paulo*, o professor de literatura Roberto Ventura, apesar de noticiar o lançamento, no Brasil, da obra *Peixe na água*, de Mario Vargas Llosa, analisa *A guerra do fim do mundo*.

O texto que retrata a história de Canudos, sua criação e destruição, é considerado deslocado dentro da obra ficcional do escritor, por não tratar de temas peruanos, como era seu hábito. Por outro lado, mantém as suas características por ter projetado *as mesmas imagens de caos e anarquia, com as irrupções irracionais de violência, que povoa seus livros dos anos 80 e 90*.

Conforme Ventura, Vargas Llosa não escreveu um romance histórico, ao intercalar fatos e personagens reais com outros inventados, utilizando múltiplas vozes e diversos pontos de vista. Para ele, essa é uma obra menor do autor que peca na construção das personagens e na desatenção ao aspecto social de Canudos:

falha pela construção esquemática de personagens, reduzidos a símbolos. É o caso do conflito entre o guia sertanejo Rufino, que se apegava a um primitivo código de honra, e o anarquista Gall, com sua pregação da união revolucionária dos pobres e

oprimidos. Causa estranheza a ênfase exagerada no fanatismo religioso dos adeptos do Conselheiro tendo deixado de lado a organização social da comunidade, que cresceu graças à agricultura e pecuária, até se tornar a segunda cidade da Bahia, com 25 mil habitantes.

O professor censura a representação pouco expressiva e simplista dada a Euclides da Cunha quando lembra a importância significativa do brasileiro para a composição d'*A guerra do fim do mundo*:

Intriga ainda o desaparecimento de Euclides da Cunha em um romance repleto de personagens históricos. (...) Foi a principal fonte de Vargas Llosa, que o homenageou na epígrafe (...) Mas, em vez de Euclides, surge no romance um jornalista míope, que vai a Canudos, mas quebra os óculos. O personagem representa, segundo Vargas Llosa, a “cegueira ideológica” intelectual latino-americano, com sua “impotência para mudar as coisas”.

Para Ventura, a cegueira do periodista míope é uma metáfora simplista e constrangedora do autor que tenta explicar o que quer sem rodeios.

Ainda em 1994 e no mesmo jornal acima, José Geraldo Couto, no artigo “Massacre foi narrado em ‘Os Sertões’”, limita-se, depois de contar a história de Canudos e de explicar a estrutura da narrativa euclidiana, a afirmar que *Os sertões* influencia outros textos do mesmo tema, tanto da área sociológica quanto da ficcional, encaixando-se aí *A guerra do fim do mundo*.

Conforme podemos observar, os artigos, as resenhas e os ensaios<sup>11</sup> a respeito de *La guerra del fin del mundo* tendem a elogiar a representação literária que Mario Vargas Llosa faz da guerra de Canudos. Os críticos, de maneira geral, também têm o hábito de realizar comparações da obra do autor peruano com a de Euclides da Cunha, apontando as semelhanças e as diferenças nas duas abordagens dadas ao episódio histórico.

### 1.1.2 Os estudos sobre **Videiras de cristal**

---

11. Salientamos que, depois de 1994, até o presente ano, não localizamos outros textos críticos sobre o livro de Vargas Llosa.

A crítica de *Videiras de cristal* é formada basicamente de resenhas jornalísticas e de artigos em revistas especializadas em literatura. O material, que recolhemos e organizamos cronologicamente, contém grande parte do que já foi dito sobre a referida narrativa, mas não abarca todos os estudos já efetuados. Conforme observamos, a maioria dos textos é produzida no Rio Grande do Sul, onde a obra de Luiz Antonio de Assis Brasil tem maior circulação, registrando-se artigos esparsos publicados em outros estados brasileiros.

Por ter sido lançada no mês de dezembro de 1990, a crítica de *Videiras de cristal* concentra-se no ano seguinte, especialmente durante o primeiro semestre. No mês de janeiro, iniciando a seqüência de estudos e considerações sobre a narrativa de Assis Brasil, Sérgio Saraiva, no artigo “Romance da intolerância”<sup>12</sup>, publicado no *Jornal do Comércio*, além de elogiar as habilidades do escritor, aproxima-o de outro sul-riograndense, Josué Guimarães, por esse ter abordado a imigração alemã em *A ferro e fogo*.

Segundo Saraiva, a habilidade do escritor, *ao criar e/ou valorizar dois personagens secundários*, Jacó-Mula e Christian Fischer, tornando-os narradores de momentos importantes da narrativa, atesta sua competência enquanto ficcionista. Apesar de o título não atrair e o volume de páginas assustar aos leitores, quem começa a ler não pára até chegar ao seu final. Também salienta que, com esse texto, há a iluminação de um fato pouco conhecido no Estado e no Brasil e que, com o romance, *Assis revira a aldeia de pernas para o ar e constrói uma obra de valor universal*.

No mesmo mês, numa reportagem do jornal gaúcho *Correio do Povo*, “Jacobina e os mucker”, Rosane Frigeri foca sua atenção na figura de Jacobina e, através de citações do próprio Assis Brasil, aponta a não mitificação da personagem: *A protagonista, porém, é fraca, sem emoções. “Pensei nisto. Não queria mitificá-la”*. Entretanto, destaca que é a partir da energia da personagem principal que as outras se nutrem, obtendo-se o amor-obsessão e o fanatismo que se transformam em tragédia, em massacre e na morte. Frigeri refere-se, também, aos Mucker como uma história que marcou os descendentes alemães, por ter deixado vários traumas na coletividade do local do incidente. Ao término da reportagem, comenta que a obra será editada na Alemanha.

---

12. As referências bibliográficas completas de todos os artigos, textos e material crítico sobre a obra encontram-se na secção Bibliografia, deste trabalho.

Numa entrevista concedida ao *Jornal do Vale*, também em janeiro, intitulada “Os frutos dos homens nas videiras d’alma”, o autor relata ter-se interessado pela história dos Mucker devido ao parco conhecimento reinante sobre os acontecimentos que a envolve:

um dos episódios mais obscuros na História do Rio Grande do Sul. Muito falado, mas pouco conhecido, com elementos muito bons e muito fortes para serem trabalhados e que poderia me render uma boa história.

Assis Brasil alega ser o seu trabalho independente daquele que Josué Guimarães poderia ter idealizado para o terceiro volume de *A ferro e fogo*, acrescentando a informação de não ter consultado as pesquisas realizadas pelo falecido escritor. O recolhimento do material, o contato com as pessoas do lugar onde transcorreu o evento e o trabalho de elaboração da obra também são comentados. Quanto ao fato de lidar com personagens e acontecimentos históricos, Assis Brasil diz não ter se sentido tolhido, ao contrário, pelas poucas informações que se têm sobre as pessoas envolvidas, sentiu um impulso para criá-las, dar-lhes uma história, sempre, porém, devotando-lhes o maior respeito. Fala que o seu desejo foi ter passado conhecimento sobre o assunto e salienta que o fator de maior peso no episódio foi o político, a inabilidade dos governantes em lidarem com os colonos, resultando tudo numa sucessão de agressões. Ao terminar a entrevista, o escritor revela o interesse de publicar a obra na Alemanha.

Em um ensaio de título homônimo à obra em estudo, localizado no jornal *Zero Hora*, no caderno ZH Cultura, ainda no mesmo mês, Léa Masina lembra que o episódio dos Mucker foi alvo da atenção de Josué Guimarães e do dramaturgo Ivo Bender, mas é com o romancista Luiz Antonio de Assis Brasil que a totalidade dos fatos ocorridos no Ferrabrás é trazido à tona na sua complexidade:

uma narrativa densa, em que a tônica será a harmonia entre os painéis coletivos e os dramas individuais que a narrativa destaca.

Ao contrário de Sérgio Saraiva que aponta o título como um obstáculo à leitura do romance, Masina destaca sua beleza e a sua importância para a obra:

E o título é revelador. As *Videiras de Cristal* funcionam como metáfora da leitura que o romancista propõe e que confronta o real e o imaginário, a narrativa naturalista *versus* o inusitado das

situações apreendidas na perspectiva das próprias personagens. A imagem é bonita e sugestivamente plástica; (...)

Os questionamentos levantados sobre a veracidade do que é narrado são apontados como possibilidades de leitura que ampliam o campo hermenêutico do texto. Elogia a construção das personagens e o relacionamento urdido entre elas; o uso rigoroso da linguagem, tendo sido observadas as dissonâncias regionais na semântica; a capacidade de lidar com temas como o fanatismo religioso e a impermeabilidade gerada por uma situação de estressante ameaça. A maturidade do autor e a multiplicidade dos pontos de vista também são considerados como um dos grandes méritos da obra.

Masina afirma que o leitor é transportado para dentro da narrativa, vivendo o drama das personagens, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos que não revelam mocinhos ou bandidos, mas três grupos humanos: o dos colonos que buscam uma fé e que procuram sobreviver; o dos colonos adversários à seita; o das autoridades, que pressionadas devem se posicionar perante à ameaça representada pelos Mucker.

No ensaio, a personagem Christian Fischer, o elo de ligação com a Alemanha, é indicada como a única dotada de percepção e de consciência suficientes para ver as transformações ocorridas na colônia. Em sua maioria, as personagens são apresentadas como seres complexos, que *oscilam entre a paixão, que ilude e cega, e a lucidez, que lhes mostra a falência e o fracasso*, sem a possibilidade de terem um final feliz. Os conflitos individuais são ponderados como de extrema importância porque resgatam a humanidade existente por detrás dos relatos históricos, que é *uma das funções preponderantes da boa literatura*.

Léa Masina, enfim, assinala *Videiras de cristal* como um texto no qual se encontram os ingredientes de uma obra literária bem-sucedida.

Também em janeiro, no *Jornal do Brasil*, Paulo Betancur começa seu artigo “Em sintonia com a história” afirmando a ficcionalidade da obra de Assis Brasil apesar da proximidade com a História:

*Videiras de cristal*, tão em sintonia com a História ao ponto de confundir-se com a reportagem, impõe-se sobretudo como peça de ficção em favor da qual o escritor se mostra disposto a sacrificar o possível limite ou a direção dos fatos.

Para ele, Luiz Antonio de Assis Brasil consegue unir a aventura verbal e o registro factual com habilidade rara e dificilmente alcançada pelos autores, encaixando-se, nessa exceção, *A guerra do fim do mundo* de Mario Vargas Llosa.

Enquanto discorre sobre o movimento dos Mucker, afirma que as personagens aparecem a partir da versão do escritor, que não corresponde, necessariamente, àquela presente na História. É esse aspecto que acaba oferecendo prazer estético e organização aos fatos narrados.

Na concepção de Betancur, o romance peca pela ausência do sexo, tão presente na vida das pessoas e numa obra que o provoca. O estupro praticado por homens apaixonados pelo combate e pela crença, narrado no texto, aponta uma falta deles (ou de Assis Brasil) quando se pronunciam sobre o amor. As descrições das batalhas, no final do livro, são aclamadas por oferecerem o ritmo de um romance policial, que vai levando a narrativa à extinção, desinflando o universo criado ao longo das quinhentas páginas.

Publicado na *Zero Hora*, em janeiro, encontramos no artigo “Deuses e homens na guerra anunciada”, escrito pelo advogado e professor Sérgio A. de Figueiredo, uma comparação do episódio dos Mucker, narrado em *Videiras de Cristal*, com dois conflitos contemporâneos à sua escritura: a Guerra do Golfo e o terrorismo na Irlanda do Norte. A aproximação é feita devido aos três episódios conterem um componente religioso que conduz à morte.

Num artigo de título homônimo à obra, publicado na *Gazeta Popular*, de Lagoa Vermelha, em fevereiro, a escritora Valesca de Assis se propõe a narrar o fato histórico relatado no romance, salientando que, com essa obra, Assis Brasil alcança *a plenitude de sua forma e a capacidade máxima de criar personagens dilacerados por ódios e paixões*.

O fato de as arcaicas irracionalidades dos conflitos étnicos e religiosos não terem sido eliminadas pela modernidade é abordado em “A guerra dos ‘mucker’”, de Décio Freitas, escrito para o periódico *Zero Hora*, também em fevereiro. Segundo o historiador, o episódio marcante sobre o messianismo brasileiro é o de Canudos, em função de um grande autor – Euclides da Cunha – ter escrito sobre ele. Aproximadamente três décadas antes, entre 1868 e 1874, no Rio Grande do Sul,



ocorreu um movimento messiânico tão fanático quanto o do sertão nordestino: o dos Mucker, caracterizado pela presença única de alemães entre seus protagonistas, lançando por terra a teoria de que a mestiçagem é a causa das *diáteses sociais*, conforme se encontra na obra euclidiana.

Freitas salienta a importância de *Videiras de cristal* no resgate desse episódio histórico sul-rio-grandense, assegurando ser um romance que já *nasce como um clássico sobre os “mucker”*, tendo Assis Brasil a maestria da palavra e a competência do historiador.

Confirmando o intenso material crítico sobre a obra no ano de 1991, em março, Regina Dalcastagne inicia a resenha “A guerra dos miseráveis colonos alemães no Sul”, localizada no Caderno Dois, do *Correio Braziliense*, lembrando que o fanatismo religioso – o de Canudos – já foi tema de obras ficcionais de Euclides da Cunha, de José J. da Veiga e de Mario Vargas Llosa, estando por isso imortalizado:

A ficção é muito maior que a memória, e tão mais poderosa que pode resgatar ininterruptamente, ao longo dos anos, a história daqueles que não entraram para a história.

A partir desses aspectos, faz uma síntese do movimento dos Mucker, que diz ser *narrado de forma segura e inteligente por Luiz Antonio de Assis Brasil em **Videiras de Cristal***. Dalcastagne também destaca a habilidade do autor em mesclar as personagens reais com outras fictícias, *compondo um grande painel de problemas e vicissitudes individuais*, bem como a de *transformar um episódio da história num grande drama humano, cheio de mesquinhas, paixões, ódios, medos e loucura*.

Em seu ensaio intitulado “Messianismo e Literatura”, publicado no mesmo ano, no *RGS Letras*, de fevereiro/março, o professor de literatura Volnyr Santos introduz sua análise realizando um breve histórico sobre o uso dos movimentos messiânicos pela literatura e sobre a estrutura apresentada por esses grupos religiosos, afirmando que o surgimento da maioria deles ocorreu quando o Brasil tentava consolidar-se politicamente no século XIX.

À semelhança dos demais críticos, Santos sublinha a preocupação estilística de Luiz Antonio de Assis Brasil que, apesar de talvez buscar a fidelidade histórica, não abre mão de criar um mundo ficcional, fazendo, assim, literatura. Assegura, após mencionar Louis Althusser, que *a obra literária [a exemplo de *Videiras de cristal*] não*

*está inserida na história, mas na leitura que dela podemos fazer.* Segundo o crítico, nesse texto, há um esforço em não mostrar o conflito sob a ótica do dominador, porque, enquanto ideologia, deve ser visto a partir do prisma daqueles que o motivaram:

*Videiras de Cristal* dá ao leitor a possibilidade de ver as contradições que se dão no interior dos interesses, possibilitando uma visão menos objetiva, porque literária, porém mais verdadeira, porque artística.

Volnyr Santos destaca que a representação ideológica da obra é obtida pela intermediação literária, que torna possível a atuação das idéias no campo social, pois o interesse do autor consiste em obter a reprodução do acontecimento histórico no plano artístico. Assis Brasil é apontado como um autor que (re)pensa a realidade social brasileira e que, com o romance dos Mucker, devido ao juízo do narrador sobre Jacobina e sobre os fatos relatados, sugere uma *situação de solidariedade ou de distanciamento*.

Para o crítico, o autor, ao aproximar seu romance do real, demonstra acreditar que é pela literatura que se percebe, muitas vezes, que *os conteúdos ideológicos não estão isolados dos interesses materiais da sociedade*. Por isso, exalta a habilidade com que Assis Brasil consegue esse feito:

Como obra literária, o romance de Assis Brasil, sem abdicar de sua autonomia, como linguagem original e tácita, foi escrito de modo a não dizer, revelar ou traduzir a forma explícita – mesmo porque isso não compete à literatura –, mas sim para dar lugar à ausência de palavras sem a qual não teria nada a dizer.

Partindo da indicação do movimento Mucker como centro de *Videiras de cristal*, Volnyr Santos dá início a outro ensaio sobre a obra intitulado “Recriação literária da história” e apresentado no Suplemento Cultura, d’*O Estado de São Paulo*, em maio. Nesse trabalho, ele repete os comentários feitos acima, suprimindo apenas a introdução a respeito dos movimentos messiânicos.

Concluindo as críticas produzidas no ano de 1991, o ensaio “O puro cristal de Assis Brasil”, publicado na revista *Porto & Vírgula*, de maio/junho, escrito pelo político e advogado Tarso Genro, principia dizendo que com a história dos Mucker, o microcosmo colonial alemão é visto por uma ótica universal. Para Genro, *Videiras de cristal*, apesar de traçar *um quadro da época*, não é um romance histórico, pois não mistifica o episódio histórico.

Tarso Genro diz que o romance de Assis Brasil apresenta três grandes planos, que também considera movimentos. O primeiro engloba a origem do movimento Mucker e o aspecto ideológico implicado. O segundo se refere ao ***mundo da política dominante*** que se estratifica na oposição entre liberais e conservadores e que é incapaz de perceber os problemas religiosos e sociais que afligem os colonos. O terceiro e último plano consiste no *movimento próprio dos personagens* que, através da sua ***tipicidade e originalidade*** (a contradição é proposital), dá conta do homem representado na obra, isto é, dos indivíduos que desvelam os conflitos presentes em cada ser.

De acordo com o ensaísta, em concordância ao que já foi dito pelos outros críticos, o movimento ocorrido no interior do Rio Grande do Sul não teve a mesma repercussão do de Canudos, que mereceu uma *obra de partido* por Mario Vargas Llosa. Por outro lado, o romance de Assis Brasil sobre os Mucker é longo porque traduz uma *visão de mundo determinada*, do momento em que o capitalismo começa a caminhar rumo à modernização. Com o surgimento da certeza de que a acumulação de riquezas por uns poucos trará o progresso para todos, a volta à religiosidade é considerada uma expressão da *ausência mínima de racionalidade necessária para o desenvolvimento da acumulação capitalista*.

Desse modo, *Videiras de cristal* é considerada *uma obra universal* que capta um enlace da história moderna e dos conflitos que a caracterizam, como a *disputa entre a razão e a intolerância*.

No ano seguinte, em 1992, Volnyr Santos novamente se debruça sobre *Videiras de cristal*. Desta vez num ensaio intitulado “Aspectos políticos na obra de Luiz Antonio de Assis Brasil”, publicado na revista acadêmica *Letras de Hoje*, o professor reforça que *toda obra literária tem uma dimensão política*. Após tecer comentários sobre todas as narrativas já lançadas por Assis Brasil, até aquele período, afirma que o autor recupera a História artisticamente, pois atualiza fatos do passado que só têm valor porque são atuais. Sob essa perspectiva, revela *Videiras de cristal* como uma *proposta de utopia* porque o movimento liderado por Jacobina nunca poderia se realizar plenamente.

Publicado no Suplemento Literário do Rio Grande do Sul, *O Continente*, n. 23, no mesmo ano, no mês de outubro, José Édil de Lima Alves, no ensaio “Perspectivas políticas em narrativas de Assis Brasil”, explica que os eventos de caráter sócio-

histórico transcorridos na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul são os mais freqüentes na obra do referido autor, principalmente em quatro delas: *Um quarto de légua em quadro* (1976), *A prole do corvo* (1978), *Bacia das almas* (1981) e *Videiras de cristal* (1990). O fato de Assis Brasil utilizar personagens históricas é, para Lima Alves, um dos motivos que obriga os críticos a destacarem suas qualidades de ficcionista, a fim de não caírem no erro de considerar seus textos romances históricos.

Após as análises das primeiras três obras do autor, o ensaísta se detém em *Videiras de cristal*, destacando que o episódio dos Mucker retrata o uso da força pelo autoritarismo na resolução de problemas que poderiam ter uma solução simples. No episódio do Ferrabrás, o Sistema queria coibir a sedição germânica, sem se importar com as condições de vida dos colonos. O Estado, para manter a tranqüilidade da maioria, não hesita em exterminar aqueles que perturbam a ordem, não se interessa pelos *pequenos dramas dos indivíduos*.

Portanto, Luiz Antonio de Assis Brasil dá *continuidade à dissecação dos mitos sul-rio-grandenses*, o que fez nos três primeiros livros, e apresenta a criatura humana como uma peça descartável de uma engrenagem que só funciona em benefício de uma minoria possuidora do poder. Com essa obra, ajuda àqueles que pretendem construir uma consciência histórica a repensar os mitos locais:

os mitos que sua coletividade criou e alimenta e que, talvez, sejam, em grande medida, responsáveis pelas amarras que impedem um melhor desenvolvimento para este tão sofrido São Pedro do Rio Grande do Sul.

Transcorridos dois anos sem que a crítica volte os olhos para a obra, *Videiras de cristal* retorna, em 1994, num segundo texto de Léa Masina. Com o ensaio “O trágico em *Videiras de Cristal*”, integrante do livro *Percursos de leitura*, a professora e crítica literária desenvolve a idéia de que no romance há a presentificação do trágico, encontrado *na confluência da situação subjetiva com a experiência do coletivo*. Segundo ela, é possível identificar uma aparente manifestação do trágico no movimento espiritual liderado por Jacobina:

Há no romance a manifestação aparente do trágico: por detrás das vontades humanas, uma vontade divina, que a própria seita dos Mucker e a figura mítica de Jacobina representam.

Todavia, conforme Masina, esse trágico não deve ser considerado rigidamente por dois motivos: primeiro, por causa do sentido religioso que aponta para a esperança de uma vida futura e, o segundo, em função do conflito dos Mucker com a ideologia dominante levar à esfera do coletivo e não do existencial.

A ensaísta aponta que a impossibilidade de fugir da “situação trágica” não se configura como definitiva no romance porque está associada ao fim das utopias das personagens secundárias, portanto, da visão individual. É a fatalidade que os atinge. O conflito do Ferrabrás revela-se, sob esse prisma, mais social e político do que possuidor de um *destino trágico, de uma moira que pesasse sobre os Mucker e seus descendentes*.

Jacobina Maurer aciona mas não cria nem vive a tragédia, pois a fé a redime. A catástrofe vivida pelos coadjuvantes é a *representação literária de uma realidade factual e histórica de fato catastrófica*. O terror e a piedade, a catarsis e o caos instaurados estão presentes em *Videiras de cristal*, sendo todos rigorosamente cumpridos. Léa Masina lembra que a narrativa termina com a confirmação do trágico, a partir da ótica individual do narrador onisciente, que mergulha nas reflexões do tio de Christian Fischer, Hans Willibald, quando esse conclui ter perdido o sobrinho.

Em 1994, em virtude da passagem dos 170 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, é editado um livro que se propõe a discutir a presença germânica no referido Estado e em Santa Catarina, conforme o título da obra adianta: *Os alemães no sul do Brasil – cultura, etnicidade, história*. Um dos ensaios aí presentes e escrito por Antônio Marcos V. Sanseverino, “*Videiras de cristal: Jacobina Maurer. A identidade do imigrante alemão*”, analisa o texto de Assis Brasil. Depois de o professor esclarecer a importância de não se confundir a história com a ficção, cogita as interpretações do título da narrativa, tirando daí dois sentidos possíveis:

um que diz respeito à improdutividade de uma videira que seja feita de cristal, em termos de natureza, por ser matéria morta, puro caráter decorativo. A sua riqueza estaria no seu material, na sua transparência ou na qualidade do som que é capaz de produzir. Outro sentido possível diz respeito à fragilidade de uma videira assim constituída – feita de cristal, facilmente quebrável.

Com a explicação do título, sugere que o caso dos Mucker leva a um tipo de quebra da alma dos fiéis, que ficaram sem a noção do todo, gerando o fanatismo daqueles que são adeptos de Jacobina e dos que lhe são contrários.

Quanto à identidade do imigrante alemão, Sanseverino a observa, através do padre Mathias e do Doutor Christian Fischer, que não percebem diferenças entre os hábitos praticados na colônia e os conhecidos na Alemanha.

Para o professor, é através do título, das personagens e do movimento de insurreição em sua totalidade que a obra delinea a formação da identidade do imigrante e apresenta, nesse processo, a criação de um vazio, que não deve ser completado como Jacobina o fez de modo absolutista.

Ainda em 1994, no livro *Diversidade étnica e identidade gaúcha*, encontramos um capítulo dedicado ao romance de Assis Brasil com o título “Videiras de cristal e a imigração alemã”. Escrito pelo professor Luís Augusto Fischer, que afirma – *não gostei do romance **Videiras de Cristal*** –, o ensaio se propõe a discorrer sobre as falhas históricas e literárias que o autor cometeu na narrativa, uma obra *menor, talvez mesmo mal resolvida ficcionalmente*.

Para Fischer, depois de analisar vários textos brasileiros que se referem à imigração – *Canaã*, de Graça Aranha a *Lavoura arcaica*, de Raduam Nassar –, revela que Assis Brasil peca por não ter dado atenção a duas variáveis relacionadas ao imigrante: a família (a vida comunitária) e o trabalho (a terra). Na sua percepção, *Videiras de cristal* também não apresenta uma trama básica, pois nenhuma personagem consegue organizar os diversos eventos narrados, e o detalhismo de algumas cenas não corresponde à carga dramática exigida. Além disso, inexistente no romance um ponto de vista narrativo satisfatório, que consiga *reviver ficcionalmente as personagens (...) e relatar condições históricas do conflito*. Por fim, Fischer cogita que o malogro da obra pode ter-se originado por um enfoque inadequado que o episódio sempre recebeu da História, incapaz de perceber a colonização alemã como um modelo primitivo de civilização frente a um Estado que busca consolidar-se, mesmo que isso ocasione eventos cruéis.

No ano de 1997, *Videiras de cristal*, juntamente com outros textos literários escritos por autores gaúchos, suscita uma tese de doutoramento<sup>13</sup>, na Université de la

---

13. Em sua tese, Monica Hallberg analisa as obras *Um rio imita o Reno*, de Vianna Moog; as três partes de *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo; os dois volumes de *A ferro e fogo*, de Josué Guimarães; *As parceiras* e *a Asa esquerda do anjo*, de Lya Luft; e, *Videiras de cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. Salientamos que serão mencionadas somente as questões referentes (e por nós consideradas relevantes) à última narrativa citada, por ser a única integrante do *corpus* de nosso trabalho.

Sorbonne Nouvelle, Paris III. Defendido por Monica Hallberg, o trabalho acadêmico intitulado *La représentation de l'Allemagne dans la littérature brésilienne (de 1930 à nos jours)*: les cas particulier du Rio Grande do Sul, inicia recuperando um amplo painel sobre a história do Brasil, e sobre a literatura brasileira e sul-rio-grandense, destacando que, a partir de 1930, no Rio Grande do Sul, temos *a ficção urbana, histórica e ainda introspectiva*. É dentro desses comentários que Hallberg elogia alguns ficcionistas, entre eles Luiz Antonio de Assis Brasil:

Desejoso de nada negligenciar, nem ao nível da forma, nem ao nível do conteúdo, ele constrói as narrações de um rude rigor narratológico que não lhe autorizam a transposição direta dos incidentes mesmo em cena (...) Em revanche, o romancista intervém de maneira sutil e inteligente sobre os fatos a fim de compor uma obra que os entrega mais acessíveis.

Ao se debruçar sobre *Videiras de cristal*, reconhece que, nessa narrativa, encontramos citações precisas de lugares da Alemanha, bem como a apresentação de vocábulos e frases germânicos inseridos através das personagens que também apreciam a cultura.

Para Hallberd, Chistian Fischer, o *protagonista de Videiras de cristal*, é o detentor de uma cultura livresca notável, sendo um equívoco considerá-lo apenas um dândi, pois isso seria *valorizar apenas um aspecto de sua personalidade, uma imagem que não lhe convém passar*. Afinal, tanto pelas cartas que envia ao tio, quanto pelo que discute e testemunha na colônia, temos, ao lado da curiosidade e da perspicácia, um indivíduo íntegro e profundo.

Outra personagem que merece a análise da doutoranda é o Pastor Klein, visto como possuidor de um espírito vivo e original a surpreender *em todas as situações através de sua lucidez e através de sua coragem*.

Sobre o povo alemão, destaca a força, tanto dos homens quanto das mulheres, como se todos fossem originados de uma massa única, sendo observada sua maneira de falar e de se comportar. A sujeição de uns pelos outros é tratada e diagnosticada como o motivo das considerações de Fischer sobre o lado *bom* e *mau* da colônia.

À semelhança dos outros críticos e ensaístas, indica aproximações entre Josué Guimarães e Assis Brasil, afirmando que *Videiras de cristal* não se trata de um romance histórico, mas tem *uma visão unilateral e definitiva* sobre os Mucker. Inova ao sublinhar

a identificação, na narrativa, de um eco de Goethe, o pacto com Fausto, assegurando que o autor conseguiu transportar um mito alemão para o cenário brasileiro do século passado.

No ano seguinte, em 1998, *Videiras de cristal* volta a ser motivo de um trabalho acadêmico. Dessa vez, numa dissertação de Mestrado intitulada *Videiras de cristal: entre a metáfora e a ironia*, e defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A mestranda, Eneida Marília Weigert Menna Barreto, propõe a abordagem da obra a partir dos estudos de Hayden White em *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*, tentando concentrar-se, sobretudo, nos tropos da linguagem. Depois de realizar reflexões sobre as relações entre a História e o romance histórico, Menna Barreto lança a hipótese de que *o romance histórico é a ironia da história*, utilizando *Videiras de cristal* como um exemplo de texto literário que confirma sua suposição.

Ao longo da análise, destaca uma série de passagens do livro em que, na sua opinião, a ironia aparece encoberta por imagens metafóricas, bem como menciona personagens irônicas que se movimentam na narrativa e que lançam um olhar crítico sobre a mesma, detendo-se em Hans Willibald e Ana Maria Hofstätter.

Menna Barreto também indica a presença do trágico na obra, mas salienta que a personagem principal, Jacobina, não concentra toda a dimensão da tragédia, estando ela dispersa nas personagens Pastor Boeber, Padre Mathias Münsch e em Elisabeth Carolina.

Nesse trabalho, a mestranda confronta a consciência ingênua e simples de Jacó-Mula e a consciência crítica esclarecida de Christian Fischer, que se deixa seduzir pela barbárie. Para Menna Barreto, Jacó-Mula é a *metáfora que esconde a mais radical das ironias: a do autor*, que usa sua criatura para revelar seu poder irônico.

Segundo Menna Barreto, as determinações estéticas de *Videiras de cristal* ultrapassam o romance e se encaixam na tragédia, podendo, devido a isso, ser a obra denominada de uma tragédia moderna. Por fim, acrescenta que o texto de Assis Brasil retorna *ao momento em que a história não havia ainda se separado da poesia*.

A partir do material crítico apresentado, composto de resenhas e ensaios, publicados em jornais e revistas especializados em literatura e de interesse geral, e por trabalhos acadêmicos realizados no Brasil e no exterior, notamos que *Videiras de cristal*



é considerado um romance no qual Assis Brasil realiza a representação literária do episódio histórico dos Mucker, fundindo, com habilidade e maestria, a história e a ficção. Em geral, observamos também uma tendência, por parte dos críticos e ensaístas gaúchos, de aproximar *Videiras de cristal* a outros textos que abordem a imigração e a colonização alemã no Rio Grande do Sul, sobretudo, com *A ferro e fogo*, do escritor Josué Guimarães.

## 1.2 As obras e o nosso olhar

Através da fortuna crítica recolhida de *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, percebemos que a maioria dos teóricos e estudiosos pouco observa os dois textos sob a perspectiva messiânica, enfoque que norteará nosso trabalho. As apreciações analisadas voltam-se para a recuperação histórica, buscando nas narrativas confirmações ou contradições dos fatos registrados pela historiografia. Em específico, sobre *La guerra del fin del mundo*, o seu diálogo com *Os sertões* é constantemente reiterado e, acerca de *Videiras de cristal*, destacam-se as dificuldades encontradas pela colonização alemã, ao se estabelecer no Estado. As referências ao messianismo são raras e, quando realizadas, revelam-se superficiais. Os escassos trabalhos, que visam ao tema messiânico, dedicam-se a caracterizar os movimentos – a guerra de Canudos e a revolta dos Mucker – como do tipo místico-religioso devido, sobretudo, ao fanatismo dos adeptos, identificado nos desfechos dos episódios que marcaram as sociedades onde transcorreram.

Pelo fato de *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal* tratarem do messianismo brasileiro, nosso trabalho objetiva analisar os dois textos ficcionais sob o prisma da teoria dos movimentos messiânicos. Com essa finalidade, utilizaremos como base primeira de nossa fundamentação teórica o livro intitulado *O messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Essa obra foi escolhida por se tratar da primeira (e única<sup>14</sup>) a sistematizar o estudo dos movimentos messiânicos brasileiros.

---

14. É verdade que outros textos abordam o messianismo brasileiro, inclusive alguns da própria Maria Isaura Pereira de Queiroz, mas, dentre o levantamento bibliográfico que realizamos, todos se detêm a analisar um determinado episódio histórico, sem que haja a preocupação com o estudo dos demais movimentos ocorridos no País e sem propor alterações significativas à teoria estruturada por Queiroz. Na maioria dos casos, encontramos apenas uma reprodução dos fundamentos estabelecidos, pela teórica, na obra mencionada acima.

A dissertação constitui-se, para tanto, da recuperação de parte da fortuna crítica sobre as duas narrativas, como se observa no subcapítulo anterior, no item 1.1.1, referente aos comentários sobre *La guerra del fin del mundo*, e no 1.1.2, sobre os estudos já realizados a respeito de *Videiras de cristal*. Nossa proposta, com a apresentação desse material, conforme explanado nos tópicos mencionados, é a de delinear um painel que acabe indicando a abordagem original que apontamos para as duas obras, cujos passos anunciamos abaixo, ainda nesse segundo subcapítulo.

O levantamento do material crítico realizou-se a partir de pesquisas em revistas nacionais e estrangeiras, e jornais especializados na área literária; em teses e dissertações redigidas no Brasil e no exterior, na França, na Université de la Sorbonne Nouvelle. Também obtivemos artigos de periódicos de interesse geral, que circulam em São Paulo, em municípios do Rio Grande do Sul e em Brasília. Para isso, contamos com o auxílio do sistema COMUT, da Biblioteca da PUCRS, e do sistema INTERNET, que permitiu o acesso às bibliotecas de diversas universidades. Nessa fase de coleta da fortuna crítica, tivemos ainda o apoio do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, que permitiu a consulta ao seu acervo particular, tendo-nos cedido artigos e trabalhos acadêmicos sobre sua obra, e com a atenção do professor Dr. José Ornellas, que nos indicou parte do material crítico existente sobre as narrativas de Vargas Llosa. Quanto às reportagens dos periódicos paulistas, foram conseguidas por meio do Banco de Dados da *Folha*.

Para o capítulo 2, as leituras sobre a teoria do movimento messiânico são fundamentais. Essa etapa inicia com a discussão sobre a tradição milenarista por percebermos aspectos do messianismo no seu cerne. Depois, dedicamos nossa concentração nos estudos a respeito dos movimentos messiânicos rústicos brasileiros, visando assinalar suas principais características que servirão para a análise das narrativas. Durante esse trajeto, realizamos um Curso Livre, ministrado pelo professor Dr. Jean Franco, intitulado “Milenarismo y literatura: teoria y práctica”, ocorrido na UFRGS, no período de 8 a 12 de setembro de 1997.

Os capítulos 3 e 4 consistem nas análises das narrativas, respectivamente, de *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, organizadas nessa ordem em virtude do texto do autor peruano ter sido publicado primeiro, em 1981, enquanto o do brasileiro saiu do prelo em 1990. Cada capítulo inicia com a recuperação da trama das obras, seguindo-se seu estudo com base nos pressupostos teóricos apresentados por

Maria Isaura Pereira de Queiroz e firmados no capítulo 2. Os aspectos essenciais do messianismo, sobre os quais deteremos nosso olhar, são os que seguem:

**o messias**, com ênfase nas suas características físicas, sociais, carismáticas, e na imagem que lhe é atribuída pelos fiéis e pelos não-pertencentes à comunidade messiânica;

**o grupo de seguidores**, destacando-se o relacionamento que tem junto ao messias e entre seus membros, e a visão que os opositores ao movimento têm dele;

**a cidade santa**, sua formação e organização, seu significado para os crentes e para a sociedade global.

Os pontos mencionados acima também correspondem aos subcapítulos dos capítulos 3 e 4, estabelecendo entre as análises uma relação simétrica. Nessa fase, também realizamos leituras com a finalidade de recuperar o registro dado pela História aos dois conflitos.

Por fim, no capítulo 5, cotejamos os estudos realizados nos dois precedentes, com o intuito de apontar as semelhanças e as diferenças entre as representações que os dois movimentos messiânicos – a guerra de Canudos e a revolta dos Mucker – recebem nas suas respectivas obras. Os subcapítulos aí presentes correspondem aos das análises, sendo acrescentado um quarto referente à classificação desses movimentos em revolucionários e/ou subversivos ou reformadores, segundo uma tipologia proposta por Queiroz. Desse modo, para *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, buscamos oferecer uma faceta interpretativa pouco observada pela crítica e promover a expansão dos trabalhos no campo da Literatura, ao propiciarmos o exame de dois textos ficcionais sob o enfoque de uma teoria antropológica.

## 2 O MESSIANISMO

Milenarismo e messianismo são termos que, muitas vezes, sofrem a alteração de seus significados na tentativa de serem utilizados como sinônimos. Entretanto, Jean Delumeau<sup>15</sup> considera um erro confundir o conteúdo semântico dos dois vocábulos pois, apesar de deterem características semelhantes, as aproximações entre eles não fornecem respaldo à interligação ou à confusão de seus conceitos. A recusa dessa intercambialidade ocorre em virtude de milenarismo e messianismo discordarem quanto ao tempo da espera messiânica e à crença no messias:

é possível esperar por um messias sem precisar a duração dessa espera e a de seu reino, e sobretudo sem acreditar que ele já se manifestou: assim como no judaísmo. Inversamente, os milenarismos podem não estar voltados para a esperança de um messias.<sup>16</sup>

Além disso, no que diz respeito à história cristã, diferem pelo fato de o milenarismo conter a crença do advento de um reino, que reatualizará as condições anteriores ao primeiro pecado, e de assegurar que se aguarda o retorno do Salvador, que já se manifestou entre os homens<sup>17</sup>.

Tanto o messianismo quanto o milenarismo remetem a um tempo de espera, tendo suas promessas um caráter terrestre. Delumeau assinala que ambas as crenças

---

<sup>15</sup> DELUMEAU, Jean. Naissance du millénarisme. In: \_\_\_\_\_. *Mille ans de bonheur*. Paris: Fayard, 1995.

<sup>16</sup>. Idem, p. 16.

<sup>17</sup>. Idem, p. 17.

anunciam uma mudança radical, uma iminente e completa salvação coletiva<sup>18</sup>. Geralmente profetizam uma era de felicidade entre duas épocas de catástrofes.

O milenarismo, a espera de um reino que é o Paraíso Terrestre reencontrado, tem sua definição ligada à da idade do ouro desaparecida, existindo naquelas religiões que crêem na possibilidade de se recuperar um mundo perfeito, semelhante àquele que um dia houve na Terra. Para a obtenção desse lugar, as pessoas acreditam ter de passarem por um período de provações, a fim de se tornarem “puras” e poderem viver como iguais numa sociedade que, hoje, identificamos como sendo aquela que tenha abolido as classes que diferenciam<sup>19</sup> seus integrantes.

A partir desses aspectos, julgamos necessário ampliar as considerações sobre o milenarismo, observando sua evolução na História e suas peculiaridades. Fazemos isso para que se obtenha uma compreensão mais exata do movimento messiânico, pois ele se encontra inserido dentro da crença milenarista e apresenta vários de seus elementos caracterizadores.

## 2.1 *A tradição milenarista*

O significado do termo milenarismo provém da escatologia cristã. Trata-se de uma doutrina referente “aos últimos dias” ou “aos últimos tempos” ou “aos momentos finais do mundo”. Para os cristãos, sua crença está fundada no Livro do Apocalipse, no qual consta que Cristo, ao retornar ao mundo, estabelecerá um reino, reunindo nele todos os justos e os mártires religiosos, vivos ou mortos. Essa comunidade durará mil anos – será o advento do Milênio –, seja esse tempo entendido literal ou simbolicamente, e antecederá o Juízo Final. No livro sagrado, a *Bíblia*, assim o milenarismo está registrado:

Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; **e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.**

.....

---

<sup>18</sup>. Idem, p. 16.

<sup>19</sup>. Idem, ibidem.

Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte [a do Juízo Final] não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e **reinarão com ele os mil anos**.<sup>20</sup>

No tempo dos primeiros cristãos, essa passagem bíblica já era interpretada de maneira que os próprios fiéis se identificassem a tais mártires e, portanto, a Segunda Vinda era esperada ainda no tempo em que vivessem. Posteriormente, segundo Norman Cohn<sup>21</sup>, tomou-se o termo milenarismo como uma espécie designativa de salvacionismo<sup>22</sup>.

As seitas e os movimentos milenaristas apresentam características, dentre as quais se identificam algumas do messianismo:

- são coletivos, pois, os fiéis só gozarão a harmonia esperada enquanto um grupo coeso e com todos os seus membros integrados;
- ocorrem na terra e não em outro céu ou mundo transcendente;
- são esperados para breve, podendo acontecer a qualquer momento, subitamente;
- propiciam a transformação total e completa da vida na terra, porque não almejam o aperfeiçoamento do que já existe, mas a própria perfeição;
- são miraculosos, realizando-se com o auxílio de agentes sobrenaturais.

Para Cohn, as escatologias revolucionárias surgidas durante a Idade Média provinham das mais antigas profecias judaicas, que apontavam o povo de Israel como sendo aquele escolhido por Jeová, o Deus de todas as nações. Por causa dessa convicção, os judeus não só acreditavam na sua missão de serem justos para com os semelhantes, mas também enfrentavam os perigos e as dificuldades com a certeza do triunfo final e da prosperidade que lhes seria concedida ao final dos tempos.

---

<sup>20</sup>. Apocalipse 20. 4 e 6. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2.ed. rev. atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Grifos nossos.

<sup>21</sup>. COHN, Norman. In: \_\_\_\_\_. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Tradução de Fernando Neves e António Vasconcelos. Lisboa: Presença, s.d.

<sup>22</sup>. Idem, p. 11. Para Cohn, entre os antropólogos, os sociólogos e os historiadores, a palavra milenarismo tem sido adotada num sentido mais livre, propiciando sua aplicação a um tipo particular de salvacionismo. Já na Idade Média, as pessoas – sobretudo os pobres – acreditavam na possibilidade de terem uma vida terrestre melhor do que a conhecida, sendo possível sua obtenção com o auxílio, que deveriam receber, de um indivíduo especial. A salvação almejada era aquela que as afastasse da pobreza e da miséria. Portanto, a idade de ouro ou o reino messiânico, anunciados pelas crenças tradicionais às massas, eram vistos como um escape para as aspirações e para as tensões sociais.

Nessas profecias, o fim do mundo é sempre antecedido pela ocorrência de catástrofes cósmicas<sup>23</sup>: um terremoto, um cometa, uma irrupção luminosa que invadirá o interior das casas e o surgimento, através de uma fenda no céu, de uma serpente; situações que possuem em comum o fato de denotarem a ira divina. A terra, no entanto, não será totalmente destruída, haverá uma Israel sobrevivente, na qual os objetivos divinos de Jeová se realizarão. Quando o povo estiver redimido, os justos de todos os tempos irão morar com o Senhor numa Jerusalém reconstruída, sede de todas as nações do universo. O lugar a ser habitado tem características especiais: nele reinará a paz, a justiça, a felicidade e a harmonia, e o Povo Eleito viverá alegre e exultante.

Em Apocalipse, as idéias da destruição do mundo dos impuros e a restauração do reino dos Santos têm antecedência no Antigo Testamento<sup>24</sup>. Quando os judeus viviam um momento particularmente crítico de sua história – estavam sob o jugo da dinastia dos Selêucidas –, foi composto o Livro de Daniel, primeira referência a um reino glorioso que abarcaria toda a humanidade. Nessa concepção, depois de o Povo Eleito sofrer com a tirania, os Santos do Senhor derrubariam os ímpios e ajudariam a estabelecer o Reino superior a todos já existentes.

Durante o Império Romano, a figura escatológica do Messias foi imagem constante, pois quanto mais difícil a situação dos judeus se tornava, mais o Salvador tinha características super-humanas, a ponto de no século I depois de Cristo, já ser *um humano, um rei-guerreiro dotado de poderes únicos e miraculosos*<sup>25</sup>.

A doutrina do messias e de um reinado espiritual não foi aceita por todos os primeiros cristãos mas, similarmente aos judeus, passaram a dividir a sua história em duas épocas: a primeira, que antecedia a vinda do Messias, e a segunda, que se seguia a essa, correspondente ao “final dos tempos”. Também acreditavam que Deus, da mesma forma que havia criado o mundo num momento não determinado, haveria de num certo dia e ano tomar seu próprio corpo para estar entre os homens.

Durante muito tempo, os cristãos esperaram para breve o retorno do Messias, a fim de que Ele governasse sobre a terra durante mil anos ou indefinidamente. Assim

---

<sup>23</sup>. Segundo Georges Duby, o exemplo das catástrofes citadas provém da crônica de Sigebert de Gembloux – a única existente, da época feudal –, que fala do Ano Mil como um ano trágico. Cf. DUBY, Georges. *Les sens de l'histoire*. In: \_\_\_\_\_. *L'An Mil*. [Paris]: Gallimard, 1996. p. 41.

<sup>24</sup>. Cf. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p. 16.

<sup>25</sup>. Idem, p. 17.

como os judeus, eles eram oprimidos, mas tinham fé de que seriam vingados e veriam a derrota de seus inimigos. As profecias escatológicas desses dois povos encontram-se no Apocalipse, que aponta uma vida feliz para aqueles que habitarem a nova Jerusalém e a condenação ao fogo do Inferno aos que não tiverem seus nomes registrados no livro da vida.

O primeiro descrédito do milenarismo, para Norman Cohn, aconteceu no século III com Orígenes<sup>26</sup>. Esse teólogo declara que o reino esperado ocorrerá apenas na alma dos crentes e não num tempo futuro ou num espaço geográfico, ou seja, substitui uma escatologia milenarista coletiva por uma escatologia da alma individual<sup>27</sup>, acreditando que o progresso pessoal começa nesse mundo para só depois ser alcançado aquele transcendente.

No final do século IV e princípio do V, Santo Agostinho, que, no início de seu ofício, tendia para um esquema milenar clássico, passa a interpretar o Livro do Apocalipse como uma alegoria espiritual e prega a realização do Milênio através da Igreja cristã<sup>28</sup>. Sua posição final contra o milenarismo deve-se ao ideal terrestre – a exaltação dos prazeres – aí contido, e às afirmações de que a contagem dos mil anos é iniciada pela encarnação de Cristo e que, em virtude disso, aqueles seguidores dos mandamentos do Salvador já desfrutam das coisas elevadas; recusando a interpretação do Apocalipse no “sentido carnal”<sup>29</sup>. Portanto, Santo Agostinho induz a Igreja a marginalizar essa crença e a considerar o texto bíblico citado como apenas uma evocação dos mil anos; na verdade, um período temporal indeterminado, no qual a Igreja reina entre a vinda de Jesus e o fim do mundo.

No entanto, na religião popular, mesmo sem a autorização da norma oficial, a tradição apocalíptica permanecia e tornava-se tão ou mais forte do que entre os judeus, levando os cristãos a se considerarem o verdadeiro Povo Eleito e, por direito, os herdeiros do Milênio. Começou a surgir então uma literatura apocalíptica conhecida como Oráculos Sibilianos medievais<sup>30</sup>, de cunho judaico, e outra de envergadura cristã, inspirada na anterior, denominada Profecias Sibilinas<sup>31</sup>. Como, a princípio, esses textos buscavam conhecer o Salvador escatológico, o rei-guerreiro do Apocalipse, pois desde

---

<sup>26</sup>. Idem, p. 23.

<sup>27</sup>. Cf. COHN, Norman. Introduction. In: \_\_\_\_\_. *Les fanatiques de l'Apocalypse*. Tradução de Simone Clémendot. Paris: Julliard, 1962. p. 26.

<sup>28</sup>. Cf. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p. 23.

<sup>29</sup>. Cf. DELUMEAU, Jean. Op. cit. nota 1. p.31.

<sup>30</sup>. Cf. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p. 24.

<sup>31</sup>. Idem, *ibidem*.



a época do imperador Alexandre, o Grande, os reis romanos recebiam honras de deuses e eram vistos como “salvadores”, uma outra figura passa a fazer parte dessas profecias: a do Imperador dos Últimos Dias. Assim, o destino do universo foi ligado ao do Império Romano, a desagregação desse centro terrestre precederia o retorno do caos e à destruição de tudo o mais existente<sup>32</sup>.

Dentre as Sibilinas, a de maior difusão é a mais antiga: a *Tiburtina*<sup>33</sup>, de forma cristã, datada dos meados do século IV. Nela o Imperador dos Últimos Dias é introduzido pela primeira vez para depois ter um maior destaque na Sibilina conhecida como *Pseudo-Methode*<sup>34</sup>, redigida em grego por um autor desconhecido, provavelmente sírio, entre os anos de 676 e 686. Segundo Cohn, essas profecias foram fundamentais na época medieval:

Através de toda a Idade Média a escatologia sibilina persistiu a par das escatologias derivadas do Livro do Apocalipse, modificando-as e sendo por elas modificadas, mas suplantando-as geralmente em popularidade. Embora não canônicas nem ortodoxas, as profecias sibilinas tiveram uma enorme influência – podendo afirmar-se que, exceptuando a Bíblia e as obras dos Santos Padres, constituíram provavelmente os escritos que mais influência tiveram sobre a Europa medieval.<sup>35</sup>

Essas predições do futuro assemelham-se ainda ao se referirem a um arqui-inimigo de Deus, uma figura nomeada de Anticristo. Esse foi inspirado no monarca megalômano Antíoco Epifânio, mas logo se esqueceu sua origem e permaneceu a imagem do Tirano dos Últimos Dias<sup>36</sup>. O Anticristo é visto como um déspota a serviço de Satanás, não sendo considerado uma criatura de todo humana, mas conservando suas características demoníacas com o passar dos séculos. Muitas vezes é apontado como a Primeira e Segunda Bestas citadas no Apocalipse, ou seja, o próprio Satanás, que reinará na terra mil anos antes do milênio de felicidades a ser obtido junto a Cristo.

Entretanto, a que corresponde esse tempo milenar? Ao nascimento ou à morte de Jesus? À encarnação ou à redenção? Conforme Georges Duby, no cristianismo do século XI, a Páscoa adquiriu um significado muito superior ao do Natal<sup>37</sup>, pois essa

<sup>32</sup>. Cf. DUBY, Georges. Op. cit. nota 9. p. 44.

<sup>33</sup>. Cf. DELUMEAU, Jean. De la *Tiburtina* à Joachim de Flore. In: \_\_\_\_\_. *Mille ans de bonheur*. Paris: Fayard, 1995. p. 33.

<sup>34</sup>. Idem, p. 35.

<sup>35</sup>. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p.26.

<sup>36</sup>. Idem, ibidem. Sobre o Imperador e o Tirano dos Últimos Dias ver ainda, do mesmo autor, a obra citada na nota 13, p. 28-33.

<sup>37</sup>. Cf. DUBY, Georges. Op. cit. nota 9. p. 48.

festa organizava o início do ano litúrgico. Com certeza, a era cristã partia da encarnação de Cristo e, portanto, para os teóricos religiosos medievais, o ano de 1033<sup>38</sup> era o da Segunda Volta do Salvador. Além de se completarem os mil anos da Paixão, na Idade Média havia características peculiares ao final do mundo: o seu aspecto era sombrio, causado em parte pela pouca higiene existente, pelos ritos que dispensavam aos defuntos e aos aniversários de óbitos<sup>39</sup> – já que as datas dos nascimentos eram, geralmente, mal conhecidas. Também os fiéis sentiam-se subjugados, pois, enquanto servos, viviam sob o domínio dos senhores feudais e da autoridade clerical.

Todavia, o ano de 1033 passou sem perigos e posteriormente Raoul Glaber<sup>40</sup> divulga ter descoberto indícios, por volta do Ano Mil, que coincidem com a profecia de João, que menciona a libertação de Satanás, depois de completados mil anos. Mas isso foi dito apenas com o propósito de aguçar a fé e a vigilância dos fiéis.

A desistência religiosa, ao longo da Idade Média, aparece como um dos fatores relevantes na criação e na manutenção daqueles que se diziam messias ou eram aclamados como tal. Vários foram os clérigos que procuraram assumir esse papel: o ex-monge Henrique<sup>41</sup> e o talvez monge Tanchelm da Antuérpia<sup>42</sup>, para citarmos alguns deles. Entre eles surge a figura complexa do abade Joaquim de Flore, fundador de um novo movimento profético.

---

<sup>38</sup>. É preciso salientarmos a necessidade de ampliar o campo de observação e de considerar pelo menos meio século que rodeia o Ano Mil, isto é, entre 980 a 1040. Cf. DUBY, Georges. *Les témoins*. In: \_\_\_\_\_. *L'An Mil*. [Paris]: Gallimard, 1996. p.12.

<sup>39</sup>. Cf. DUBY, Georges. Op. cit. nota 9. p. 48.

<sup>40</sup>. Para Duby, Raoul Glaber é o melhor historiador do Ano Mil, apesar de destacar que a afirmação acima feita por esse só ter ocorrido, aproximadamente, cem anos depois do ano de 1033. Idem, p.49.

<sup>41</sup>. Henrique, no princípio do século XII, depois de abandonar o mosteiro em que morava, acaba por pregar na França e Itália. Em 1116, ao chegar a Le Mans, é precedido por dois discípulos, à semelhança de Cristo quando esse entrou em Jerusalém. Ao contrário do que constam em algumas crônicas religiosas, parece ter sido um incentivador da austeridade sexual, não havendo dúvidas sobre seu ardor anticlerical. Para Henrique, a verdadeira Igreja não precisa de templos e é formada pelas pessoas que seguem o ideal apostólico, destacando o amor ao próximo como a essência religiosa. Ele se julga um enviado de Deus com o objetivo de pregar essas verdades. Cf. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p. 31.

<sup>42</sup>. Por Tanchelm possuir alguma instrução e boa eloquência levanta-se a hipótese de ter sido um monge. Especialmente na Antuérpia, consagra-se como pregador a partir de 1112, e alguns historiadores dizem ser esse o ano de sua captura pelos agentes do Arcebispo de Colônia. É anticlerical e despreza a Igreja. Tanchelm assegura ter recebido a “plenitude do espírito” e, portanto, proclama-se “o anjo do Senhor”, faz-se acompanhar de doze discípulos e de uma mulher, que representa a Virgem Maria. Ele se veste como um monarca e a água, na qual se banha, é considerada uma eucaristia. Mesmo depois de sua morte em 1115, provavelmente assassinado, continuou a dominar seus seguidores, que só foram reconquistados pela Igreja com a chegada, na localidade, de Noberto de Xantem, um homem que percorria o mundo segundo o modelo da pobreza apostólica. Idem, p. 37-40. Ver também DELUMEAU, Jean. Op. cit. nota 19. p. 38.

Esse abade, que iniciou sua vida como notário, tornou-se por motivos desconhecidos um religioso que, depois de ordenado e descontente com o mosteiro de Corazzo onde estava, por achar que nesse não se seguiam os ideais monásticos, construiu o convento de São João de Flore, formando até sua morte, em 1202, a ordem de Flore<sup>43</sup>. Mesmo não tendo sido canonizado, foi considerado um santo devido à sua piedade, à austeridade de seus hábitos e à caridade para com os outros. Sua originalidade em relação às outras doutrinas consiste na afirmação de que o Reino escatológico, esperado pelos crentes de todas as eras e anunciado no Evangelho, será o do Espírito Santo. Para o religioso<sup>44</sup>, o mundo pode ser explicado em três idades ou três períodos a partir da Trindade Divina<sup>45</sup>: há o tempo anterior a Cristo; o que marca a vinda de Jesus; e, o próximo, no qual triunfará a “inteligência espiritual”. Assim, a primeira idade corresponde àquela da lei natural e mosaica anterior a Cristo, e está sob o signo do Pai; a segunda, que abrange a carne e o espírito, é a do Filho, isto é, a idade do Evangelho; e a última, que promoverá a contemplação, será a do Espírito Santo.

Durante as cruzadas de 1096 e 1146, segundo Cohn, vê-se o messianismo dos pobres<sup>46</sup>. Se as intenções do Papa Urbano II ao convocar os cavaleiros da Cristandade eram de expulsar os turcos da Ásia Menor, de colocar a Igreja Oriental sob o jugo da Ocidental Romana e de canalizar a força destrutiva dos nobres franceses, o pontífice conseguiu muito mais ao anunciar as recompensas terrenas e espirituais àqueles que participassem dessas viagens. Vários religiosos e leigos, ao pregarem a favor das Cruzadas no meio do povo que vivia normalmente em lugares pobres e inseguros, à mercê das pestes, deram a possibilidade de as pessoas vislumbrarem a salvação através desse movimento. Houve, deste modo, duas Cruzadas: a dos Cavaleiros e a do Povo<sup>47</sup>. Ambas eram verdadeiros massacres contra os pagãos e os judeus, pois o objetivo primordial era o de formar um só povo, o cristão.

---

<sup>43</sup>. Cf. DELUMEAU, Jean. Op. cit. nota 19. p. 42.

<sup>44</sup>. Segundo Jean Delumeau, Joaquim de Flore não é um messianista porque não divisoou nenhum messias. Também não o considera um milenarista, pois nunca afirmou que o reinado do Espírito Santo duraria mil anos, mas apenas o momento do seu estabelecimento, isto é, entre os anos de 1200 a 1260. Os cálculos do abade se fundamentam no Evangelho de Mateus, que fala de quarenta e duas gerações entre Abraão e Cristo. Para ele, do início da “segunda idade” ao seu final o mesmo número de gerações deveria passar e, como cada uma conta com trinta anos – idade em que Jesus engendrou os apóstolos –, a penúltima geração dessa idade iniciaria em 1201, estendendo-se o período crítico até 1260. Assim, Flore anuncia *um período de repouso sobre a terra, intermediário entre o tempo de uma história difícil e atormentada e o início da eternidade posterior ao juízo final*. Idem, p. 46.

<sup>45</sup>. Idem, p. 44-45.

<sup>46</sup>. Cf. COHN, Norman. Op. cit. nota 7. p.49.

<sup>47</sup>. A Cruzada dos Cavaleiros e a do Povo diferenciavam-se pela importância dada à pilhagem, as duas podiam promover os saques, mas a primeira não tinha nessa atividade sua meta principal, ao contrário da outra. Idem, p. 57.

Principalmente no meio das Cruzadas do Povo, acreditou-se que o tempo caminhava para o seu final, numa forte visão escatológica. Os sinais que indicariam o Fim eram aguardados e adivinhados a todo instante e, sobretudo, esperava-se o Imperador dos Últimos Dias que guiaria as pessoas a Jerusalém. Nesse contexto, as profecias sibilinas foram amplamente divulgadas. As batalhas promovidas eram consideradas já parte da Batalha Final, o Anticristo estava próximo de estabelecer seu trono em Jerusalém e utilizava os muçulmanos como seu instrumento. Os judeus adquiriam traços demoníacos e suas sinagogas passaram a ser vistas como templos de adoração a Satanás. O próprio clero foi julgado uma união diabólica, por condenar os movimentos milenaristas e as manifestações messiânicas, cabendo ao Papa a imagem do Anticristo e à Roma a da Babilônia do Apocalipse<sup>48</sup>.

Durante esse período, a figura do chefe escatológico, fosse ele o Imperador dos Últimos Dias ou o Cristo, adquiriu uma coloração que abrangiu as tonalidades do bom pai e do bom filho:

o chefe possui (...) todos os atributos de um pai ideal: é perfeitamente sábio, é perfeitamente justo, protege os fracos. Mas, por outro lado, é também o filho cuja missão é transformar o mundo, o Messias que deve instaurar um novo céu e uma nova terra e que poderá de si mesmo dizer: "Eis que faço novas todas as coisas!" Quer como pai quer como filho, esta figura é colossal, sobre-humana, onipotente. Atribui-se-lhe uma tal abundância de poderes sobrenaturais que se antevê tão esplendoroso como a luz – desse esplendor que tradicionalmente simboliza o Espírito Santo e que auréola não apenas Cristo ressuscitado mas também o futuro Imperador Constante. Assim repleto do espírito divino, o chefe escatológico é dotado de poderes miraculosos únicos. Os seus exércitos serão invariavelmente vitoriosos, a sua presença fará a terra de uma fertilidade sem par, o seu reino será uma idade de harmonia tão perfeita como o velho e corrupto mundo jamais conheceu.<sup>49</sup>

O chefe escatológico, apesar de perfeito, era vislumbrado como possível num ser humano, exercendo sua influência sobre o povo a partir de sua personalidade, independente de sua cultura ou de seu nascimento. Em geral, os indivíduos que assumiam esse papel provinham dos estratos baixos da sociedade. Em sua maioria, consideravam-se santos ou enviados divinos e acreditavam ser capazes de transformar o mundo. As pessoas ligadas a eles julgavam-se pertencentes a um povo santo e submetiam-se às suas vontades a fim de cumprirem a missão na qual estavam inseridas. Os atos violentos praticados não eram sentidos como crimes, mas como

---

<sup>48</sup>. Idem, p. 67.

<sup>49</sup>. Idem, p. 69-70.

ações de santidade que buscavam o enfraquecimento e a destruição do inimigo escatológico, o Anticristo: o mau pai e o mau filho<sup>50</sup>. Esse também era dotado de poderes sobrenaturais, só que direcionados para a destruição dos Santos. Enfim, uma figura que pertencia às trevas.

Após a Idade Média, o período que se destacou pela quantidade de movimentos milenaristas foi o das grandes navegações, com a descoberta do Novo Mundo.

Segundo Mircea Eliade<sup>51</sup>, Cristóvão Colombo estava certo de ser um indivíduo predestinado a encontrar o Paraíso Terrestre, pois acreditava que a busca desse lugar não era uma ilusão<sup>52</sup>. Para Colombo, a descoberta do Novo Mundo tinha um significado relacionado ao fim das eras, além de surgir como mais um local onde o Evangelho deveria ser divulgado<sup>53</sup>. Na sua concepção, e daqueles que o seguiram, o descobrimento do novo continente apresentava implicações escatológicas.

Sob o clima messiânico e apocalíptico, os europeus atravessaram o Oceano Atlântico com a certeza de que a colonização das Américas simbolizava a renovação do mundo cristão. Essa crença mostrava-se como o cumprimento das profecias bíblicas: quando os últimos pagãos fossem cristianizados – os indígenas eram vistos como os bárbaros que deveriam receber a palavra de Deus – ocorreria o regresso ao Jardim do Éden que, na imaginação coletiva, tinha o aspecto vigoroso e grandioso à semelhança do novo continente. A América, portanto, era a terra prometida, a Canaã, e abrigaria a volta de Cristo.

Na concepção de Jean-Jacques Wunenburger<sup>54</sup>, o imaginário coletivo formado com a descoberta do Mundo Novo pode ser comparado a uma *reserva excepcional*<sup>55</sup> de imagens bíblicas, bem como a um *laboratório experimental*<sup>56</sup> de suas múltiplas transformações e hibridações .

---

<sup>50</sup>. Idem, p. 70.

<sup>51</sup>. ELIADE, Mircea. Paraíso e utopia: geografia mítica e escatológica. In: \_\_\_\_\_. *Origens. História e sentido na religião*. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

<sup>52</sup>. Idem, p. 114.

<sup>53</sup>. Idem, *ibidem*.

<sup>54</sup>. WUNENBURGER, Jean-Jacques. De la Terre promise à l'Ouest américain: les transformations d'un espace-temps mythique. *La Bible, images, mythes et traditions*. Paris: Albin Michel, 1995. (Cahiers de l'Hermétisme).

<sup>55</sup>. Idem, p. 33.

<sup>56</sup>. Idem, *ibidem*.

Com a vinda para a América e as dificuldades que isso representava, os europeus desenvolveram uma mitificação bíblica operada pelo seu drama messiânico, ou seja, a expatiação da Europa era vivida como a fuga dos hebreus do Egito; a travessia do Oceano assemelhava-se àquela do mar Vermelho e à do deserto, que colocava à prova a fé de uma comunidade que, quando instalada, foi vista como uma realização de Deus; e, a fundação da Nação era uma obra piedosa, o testemunho da vitória universal do Bem contra o Mal<sup>57</sup>.

Na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos, aliando-se a essa visão messiânica, os aventureiros protestantes julgaram ter encontrado um lugar onde a Reforma da Igreja pudesse ser aperfeiçoada e, quando os países católicos passaram a lutar pelo império colonial, houve uma transformação no milenarismo dos colonizadores americanos. As nações européias surgiram como o Anticristo que deveria ser destruído para que o Reino Futuro chegasse:

A Europa católica era apresentada como um mundo caído, um Inferno, por contraste com o Paraíso do Novo Mundo. Dizia-se “Céu ou Europa”, como quem diz “Céu ou Inferno”.<sup>58</sup>

No que se refere à América do Sul, segundo Mircea Eliade, o milenarismo a ser destacado é o dos índios guaranis<sup>59</sup>. A busca do Paraíso Perdido, por essa tribo, é considerada anterior ao contato com os colonizadores. Os indígenas realizavam migrações na esperança de alcançar o lugar, a Terra-Sem-Mal, que habitariam ainda como seres vivos e não só em espírito, usufruindo aí uma existência tranqüila antes do Apocalipse.

Todavia, o final do mundo para eles dava-se por um motivo diferente do cristão. Na sua crença, tudo se acaba porque a humanidade e a natureza estão cansadas e precisam repousar. É uma espécie de fadiga universal, sem nenhum matiz alusivo à idéia cristã de punição dos pecados humanos. O mundo terminará para propiciar uma nova criação descansada e fértil.

O milenarismo, portanto, é uma crença ligada à esperança de, um dia, o Paraíso ser restabelecido sobre a face da terra ou no céu. As pessoas crêem que terão de passar por épocas de provações, a fim de se tornarem merecedoras do espaço onde

---

<sup>57</sup>. Idem, p. 38.

<sup>58</sup>. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 37. p. 119.

<sup>59</sup>. Idem, p. 125.

reinará a harmonia e a paz. Ao longo dos séculos, uma série de previsões a anunciar a chegada do período, que lembra a idade de ouro perdida, foi feita e, a cada constatação de que falhavam, outras profecias se sucediam. Não poucas vezes, tais anúncios tinham o intuito de acalmar ou provocar reações sociais no meio das camadas mais pobres das populações, incitando as pessoas a repudiarem suas condições de vida e a desejarem uma existência melhor e benfazeja.

No cristianismo, uniram-se a espera desse lugar de felicidades com a do retorno de Cristo, que, ao regressar a Terra, instaurará o Milênio. O advento do reinado do Filho de Deus localiza-se entre duas épocas de lutas com o Anticristo e com as forças demoníacas, confrontos que o Salvador sempre vencerá, culminado a última batalha com o Juízo Final.

Fato é que, independente do período histórico, da cultura ou da localização geográfica dos povos, a crença milenarista sempre noticia a necessidade do término do mundo atual, ocasionado pelo cansaço da natureza e/ou pelos defeitos humanos, para o surgimento de outro perfeito.

## *2.2 Os movimentos messiânicos*

Apesar das aproximações com o milenarismo, o messianismo possui aspectos próprios. Em virtude disso, iniciaremos elucidando alguns vocábulos que lhe são particulares, seguindo-se a explanação do contexto religioso e cultural pertencente ao meio rústico brasileiro, onde a maioria dos movimentos messiânicos ocorre no País. Após essas considerações, nos deteremos a estudar as características do movimento, observando o âmbito social que propicia seu surgimento. Por fim, após retomarmos as principais considerações realizadas ao longo do subcapítulo, apresentaremos uma possibilidade de classificação dos movimentos messiânicos rústicos brasileiros.

### 2.2.1 A definição dos termos

Ao falarmos em movimento messiânico, julgamos importante esclarecer alguns termos que norteiam o assunto: messias, messianismo e messiânico. Nesse intento, consideramos como base primeira de nossa fundamentação teórica a obra *O messianismo no Brasil e no mundo*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>60</sup>.

Segundo essa autora, a origem popular da palavra messias encontra-se no Livro de Isaías, ao ser associada ao nascimento de uma criança que restabelecerá a paz na Terra para todo o sempre:

O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz.

.....  
 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre.<sup>61</sup>

Nos seus primórdios, o messias é considerado aquele ser que Deus mandará para conduzir o povo eleito – os judeus<sup>62</sup> – à derrota dos inimigos e ao restabelecimento do reino glorioso para Israel, o qual coincidirá com o fim dos tempos, isto é, com o retorno do Paraíso Terrestre<sup>63</sup>.

Para os cristãos, uma vez que aceitaram Jesus como o enviado divino, a espera pelo Messias, que deveria naturalmente desaparecer, permanece. Além disso, a crença messiânica se alia à idéia do Juízo Final, isto é, com o regresso do Filho de Deus, chegará o final dos tempos. Assim, o retorno de Cristo passa a ser motivo de nova espera e Ele é configurado no líder guerreiro do Bem, que lutará com o Anticristo – o Mal –, num tempo que se prenunciará como o início do fim. É a partir desse período, marcado pela esperança do regresso do Salvador, que proliferam em grande escala os indivíduos (auto)apresentados como o Messias, o Cristo que voltou.

<sup>60</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2.ed. rev. aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

<sup>61</sup>. Isaías 9. 2, 6-7. Op. cit. nota 6.

<sup>62</sup>. Foi dentro do judaísmo, ao se interpretar os fatos referentes à luta dos judeus com os seus vizinhos, que o vocábulo adquiriu seu primeiro significado, firmando-se quando o povo de Israel estava cativo na Babilônia. Esse conceito foi utilizado pelas pessoas como um meio de tentarem reconhecer o indivíduo que deveria salvá-las de sua condição de escravas. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 25.

<sup>63</sup>. Idem, p. 26.



Esse conceito, a princípio eminentemente teológico, ganhou contornos históricos e sociológicos, sendo assinalada uma categoria de líderes religiosos que possuem semelhanças entre si, independentemente da crença a que estão ligados, com o propósito de identificar e determinar as condições sócio-religiosas que propiciam seu surgimento<sup>64</sup>. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, procurou-se conhecer a história de cada guia, desconsiderando-se o fato de serem lendários ou reais, o período histórico em que apareceram, e a religião que os originou.

Os resultados obtidos com esses estudos permitem que se definam alguns aspectos sobre o messias, do ponto de vista pessoal e social. Em linhas gerais, observamos as seguintes características nessa figura:

- um enviado divino com o objetivo de derrotar o Mal e ajustar o mundo imperfeito, propiciando àqueles que o seguem o Paraíso Terrestre;
- sua posição dentro do grupo, no qual está inserido, é privilegiada em virtude de suas qualidades pessoais extraordinárias, as quais pode manifestar por meio de mágicas;
- sua autoridade é incontestável e superior às cívicas e eclesiásticas, tendo o poder de romper com a ordem pré-estabelecida pela sociedade em geral, durante o tempo que julgar necessário.

Em outras palavras, trata-se de um líder religioso e social com poder carismático.

A vinda de qualquer messias é antecedida por um tempo de espera, considerado como uma época de provações pelas quais a humanidade deve passar. Normalmente, é anunciado por um pré-messias ou por ele próprio, antes de assumir sua condição de líder. Sua trajetória segue invariavelmente os mesmos passos, do processo de eleição divina à volta gloriosa, passa pelas provações e a fase de retiro, conforme se explicita:

- a) a eleição divina – o messias é considerado um indivíduo escolhido por Deus para guiar as pessoas, em especial, os seus seguidores a um mundo de paz, harmonia e felicidade;
- b) a provação – o messias prova suas qualidades sobrenaturais, através dos milagres e prodígios que executa;
- c) o retiro – o messias deve desaparecer, isto é, ser considerado morto em circunstâncias trágicas: ser sacrificado;

---

<sup>64</sup>. Idem, p. 26-27.

d) a volta gloriosa – os fiéis precisam esperar pelo retorno de seu guia, acreditarem na sua ressurreição, quando cumprirá a promessa do estabelecimento do seu Reino.

Numa comunidade, para que alguém tenha atribuído a si o papel de messias, é necessária a existência prévia de, no mínimo, germes de um mito messiânico. Somente assim, uma pessoa pode desencadear uma atividade messiânica, sendo que o povo, que não tem esse mito, toma-o emprestado de outro grupo para que o movimento possa acontecer<sup>65</sup>.

A transformação do mundo, por sua vez, não é vista como de responsabilidade exclusiva do líder messiânico, de seu simples surgimento, mas depende incontestavelmente da obediência dos adeptos às ordens por ele ditadas. Sob esse prisma, Queiroz aponta o messianismo como um movimento dinâmico e não como uma crença apática, conformista, caracterizada pela resignação<sup>66</sup>. O homem, se quiser melhorar sua realidade, deverá trabalhar para isso, consertando o que está errado. O alcance desses objetivos será realizado através da religião, por meio de rituais que o mestre indicará.

Em voz parcialmente dissonante, Maurício Vinhas de Queiroz<sup>67</sup> concorda na representação do messianismo enquanto um movimento que não consiste apenas numa evasão religiosa, mas numa regeneração do mundo que ultrapassa o simples desgosto e a não-aceitação da forma social apresentada. A dissociação do grupo messiânico da sociedade, isto é, a instauração de uma comunidade, que crê na transfiguração supranaturalista do mundo, conduz a um alheamento. Em suas palavras, *o messianismo é uma revolta alienada*<sup>68</sup>.

O enviado por Deus terá um Reino que, na Idade Média, era denominado de Milênio, onde haverá a realização terrena do céu. Para habitarem esse lugar, os fiéis terão de se mostrar merecedores dele, obtendo-o, mais ou menos rápido, em função única de suas atividades. O Reino Messiânico é um lugar localizado no futuro, devendo-se aguardar por ele.

---

<sup>65</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Les mouvements messianiques et la "Guerre Sainte" du Contestado. In:\_\_\_\_. *La "Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1957. p. 273.

<sup>66</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p.29.

<sup>67</sup>. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Conclusões. In:\_\_\_\_. *Messianismo e conflito social*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>68</sup>. Idem, p. 253.

Uma característica das promessas messiânicas é a salvação de uma coletividade, nunca de indivíduos isolados, motivo pelo qual os adeptos resignam-se em sofrer em conjunto e cada um executa as tarefas que lhes foi designada pelo messias. Sabem que só assim, mantendo a comunidade, alcançarão a Felicidade Final. O messias, deste modo, é um redentor que propiciará a salvação de sua comunidade ainda na terra<sup>69</sup>. Porém, um indivíduo só merece essa denominação se um conjunto de pessoas o identificar como seu líder.

O guia messiânico, dependendo do grupo em que está inserido, sobretudo, nos mais primitivos, também pode ser considerado pelas pessoas como um herói cultural ou legendário<sup>70</sup> que retornou com o igual propósito de liderar uma comunidade na busca da Idade de Ouro. Trata-se de um indivíduo imortal cuja morte não é mais que um desaparecimento temporário. É um ente dotado de poderes divinos:

é um vidente, ele vê as coisas sobrenaturais, conhece o passado e o futuro, próximo ou longe, prevê as provas, as catástrofes e, ao fim das penitências, o paraíso sobre a terra para seus adeptos.<sup>71</sup>

As crenças messiânicas necessitam, pois, da esperança de salvação terrena e das instruções para que essa possa ser alcançada. Já o grupo messiânico se distingue pela atividade que procurará desencadear a realização das promessas constantes nas profecias divulgadas desde o período medieval.

Entre o líder e seus fiéis, há o estabelecimento de serviços recíprocos<sup>72</sup>: ao primeiro cabe a garantia da vinda do Paraíso Terrestre e a distribuição dos bens e das riquezas futuras entre os adeptos, aos quais ensinará a maneira de as obter; aos outros, cumpre a manutenção moral e material do messias, defendendo-o contra os ataques dos adversários.

Assim, os termos “messias”, “messianismo” e “messiânico” designam respectivamente um indivíduo dotado de características especiais e até divinas, o líder de uma comunidade; uma doutrina que reflete os anseios de um povo durante a fase de espera; um qualitativo para um movimento no qual uma coletividade trabalha sob as

---

<sup>69</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 32.

<sup>70</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 51. p. 214.

<sup>71</sup>. Idem, ibidem.

<sup>72</sup>. Idem, p. 216.

ordens do enviado divino com o objetivo de apressar a chegada do Paraíso Terrestre, transformando, para isso, o mundo em que vive.

### 2.2.2 A formação do universo rústico brasileiro

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, no Brasil, foram registradas muitas ocorrências de movimentos religiosos tanto dentro quanto fora do catolicismo. Isso porque, principalmente, no meio rural brasileiro, a religião antes de promover o aperfeiçoamento individual e a redenção extraterrestre busca a *coesão e a reestruturação social*<sup>73</sup>. Além disso, é o meio utilizado para a superação das dificuldades e dos sofrimentos terrenos ligados tanto ao próprio indivíduo quanto ao chão que habita, ou seja, é o instrumento para vencer das moléstias humanas às pragas agrícolas.

No país, há dois tipos de catolicismo: o ortodoxo e o popular<sup>74</sup>. O primeiro é o encontrado nas sociedades urbanas<sup>75</sup> e, o segundo, nas sociedades rurais. As causas favoráveis a sua coexistência<sup>76</sup> consistem, substancialmente, na falta de sacerdotes e na miscigenação cultural das diferentes etnias formadoras da nação.

A escassez de padres faz com que a figura do clérigo se torne dispensável para a realização de cerimônias religiosas, bastando – para o cumprimento do ritual – alguém que conheça as orações e saiba o desenvolvimento do culto. Origina-se daí, a quantidade de “penitentes”, “beatos”, “santos”, “líderes religiosos” que se julgam os representantes por direito de Deus, inspirados por Ele, enquanto os outros são apenas funcionários da Igreja<sup>77</sup>. Esses homens “santos”, que cuidam das pessoas e das

---

<sup>73</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Introdução. In:\_\_\_\_, CASTALDI, Carlo et al. *Estudos de sociologia e história*. São Paulo: Anhembi, 1957. p. 7.

<sup>74</sup>. Essa classificação é dada por QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O catolicismo rústico no Brasil. In:\_\_\_\_. *O campesinato brasileiro*. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 72.

<sup>75</sup>. Nessa sociedade, a religião católica se centra nos sacramentos e obediência aos padres, sem a preocupação em *vencer as dificuldades da vida profana, e do divertimento, que predominam no interior*. Em outras palavras, a sua religiosidade não tem a envergadura social, utilitária e festiva da rústica. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 59. p. 8.

<sup>76</sup>. O relacionamento entre essas duas feições de catolicismo, ao contrário do que se possa pensar, não é de oposição ou de correspondência, mas de continuidade: *A passagem do meio rural para o urbano, pois, não destrói violentamente o catolicismo rústico e as atitudes fundamentais de seus fiéis, atitudes que podem ser resumidas no significado utilitarista e no significado lúdico que a religião tem para ele, mas dá lugar a formas de adaptação em que estas atitudes se aliam, em maior ou menor grau, às atitudes fundamentais do catolicismo ortodoxo*. Idem, p. 14.

<sup>77</sup>. Idem, p. 8.

plantações, que pregam a moral e os bons costumes, encaminham os fiéis a uma vida mais regrada e propiciam a retomada de questões ético-religiosas no meio rústico.

A formação do país por diferentes etnias, cada uma com sua própria cultura, coloca a religião oficial – a católica – sob a influência de costumes diversos que se mantêm através de cerimônias ou de ritos que evoluem<sup>78</sup>.

Os movimentos messiânicos foram mais constantes no meio das populações indígenas<sup>79</sup> e rústicas, diferenciadas, por Queiroz, sob o prisma cultural. A população indígena corresponde àquela ligada às culturas primitivas do país, enquanto a rústica vive segundo a cultura rústica, compreendida como *o universo das culturas tradicionais do homem do campo*<sup>80</sup>, resultado da junção daquelas pertencentes à portuguesa, à indígena e à negra. Com o transcorrer do tempo e com a submersão dos traços culturais indígenas e africanos por outros, trazidos pelos europeus, foi a cultura do colonizador e suas instituições que formaram a base da civilização e de uma sociedade global<sup>81</sup> no Brasil. Assim, a cultura rústica<sup>82</sup> trata de uma parcela de uma sociedade igualmente parcial, ou seja, pertence a *um pedaço de sociedade global, completada pela primitiva e pela cidadina*<sup>83</sup> e permanece ligada às tradições do homem rural; é camponesa por excelência.

### 2.2.3 Os movimentos messiânicos rústicos nacionais

Os movimentos messiânicos rústicos estão ligados à vida rural do país e existem desde o início do século passado. Por terem sido registrados somente aqueles

<sup>78</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 161.

<sup>79</sup>. Por ser o foco de nosso trabalho os movimentos messiânicos ocorridos no meio da população rústica, não nos deteremos naqueles transcorridos entre os povos indígenas.

<sup>80</sup>. SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Introdução. In:\_\_\_\_. *Os parceiros do Rio Bonito*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 21.

<sup>81</sup>. Entendemos “sociedade global” segundo a definição dada por Georges Gurvitch: é um fenômeno social total. A sociedade global é *macrocosmo de macrocosmos sociais*, possuindo a soberania jurídica, *que delimita a competência de todos os grupos interligados* a ela, e a soberania social, menos inflexível que a anterior. É mais ampla, mais importante, tem mais conteúdo e maior ascendência sobre uma determinada realidade social. Portanto, através das normas e condutas estabelecidas e consideradas como comportamentos e modos de ser informais e em criação, exerce o poder sobre as partes que a compõe. Cf. GURVITCH, Georges. *Les sociétés globales et les types de leurs structures*. In:\_\_\_\_. *Traité de sociologie*. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 216.

<sup>82</sup>. A cultura rústica brasileira não pode ser confundida com a portuguesa não apenas pelas diferenças de sua formação e da diversidade geográfica, mas por estar ligada a uma estrutura social peculiar; além de se ter estendido por todo o território nacional, pois, são perceptíveis as similares condições na área sócio-cultural de Norte a Sul até aproximadamente o início do século XIX. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 162-163.

<sup>83</sup>. Idem, p.162.

que se salientaram no cenário nacional, devido ao envolvimento de uma grande quantidade de pessoas e aos seus desfechos violentos, não se têm certeza de quantos e quais existiram ao todo no Brasil<sup>84</sup>. Dentre os assinalados pela história, destacam-se as crenças sebastianistas, anteriores aos movimentos messiânicos; a Cidade do Paraíso Terrestre; o Reino Encantado; a Cidade Santa; o Beato do Caldeirão e o “Circo” dos Santos; o Povo do Velho Pedro; o Império de Belo Monte; e os Santarrões (os Mucker)<sup>85</sup>.

Apesar de ocorridos do Norte ao Sul do Brasil e não terem tido conhecimento um dos outros em virtude da distância geográfica que os separava, da deficiente comunicação entre os estados, e dos governos locais não divulgarem publicamente seus problemas, na tentativa de resolvê-los sozinhos, esses movimentos apresentam características que os assemelham e que permitem que os denominemos messiânicos.

Inicialmente, todos têm a figura do messias que acredita possuir poderes sobrenaturais, profeta do fim do mundo, e condutor do grupo de adeptos em direção à cidade que fundarão a partir das suas instruções. O Reino Messiânico ou Celeste tem lugar na terra, sendo dotado de características maravilhosas, como a ausência da fome, da dor, da doença e da morte. A reunião de pessoas, formada ao redor do líder, é disseminada pelos integrantes da sociedade global podendo recomeçar depois de um certo período.

O messias é o responsável pela união de todos os fiéis, irmanando-os, mas também lhe cabe o papel de promover a diferença entre os mesmos:

o messias é o aglutinador dos diferentes elementos, sua presença atrai os adeptos e os mantém reunidos, solidários. No entanto, é ele também o principal fator de diferenciação interna, seja elevando os que lhe são simpáticos à altura de conselheiros e apóstolos, seja permitindo a partilha interna dos grupos de penitentes.<sup>86</sup>

As normas que dita são seguidas pelos adeptos sem questionamentos, levados pela emoção e pela religiosidade. Suas palavras são consideradas verdades incontestáveis. Ele é ainda o chefe religioso e profano, estando integrados os dois

---

<sup>84</sup>. Queiroz afirma que os movimentos messiânicos rústicos brasileiros são conhecidos desde o início do século XIX e que ainda hoje continuam existindo. Idem, p. 216.

<sup>85</sup>. Os dois últimos movimentos citados serão motivo de nossa atenção ao longo deste capítulo e dos seguintes.

<sup>86</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 307.

aspectos<sup>87</sup>. Para que se sigam os seus mandamentos e, portanto, se alcance a salvação, é necessário controlar os comportamentos mundanos. Por outro lado, como a comunidade deseja melhorar sua condição de vida, o líder vê a religião como o caminho mais fácil para atingir essa meta.

O messias pode ser considerado não apenas um guia divino, mas a encarnação de imagens cristãs como os Santos ou o próprio Cristo. No caso brasileiro, os movimentos rústicos também se apoderam da figura de D. Sebastião, da mitologia portuguesa. Os messias locais não assumem a reencarnação do rei português, porém se dizem seus enviados.

A apropriação da lenda portuguesa<sup>88</sup> é constatada em vários movimentos messiânicos brasileiros, encontrando-se menções dela em Canudos<sup>89</sup>, no sertão baiano, e no Contestado, na região serrana de Santa Catarina. A explicação para esse fenômeno tem suas raízes na colonização portuguesa que trouxe, em sua bagagem cultural, referências ao Sebastianismo. Uma peculiaridade dos seus adeptos consiste em muitas vezes não se reunirem em grupos, durante o período de espera, e nem de se conhecerem uns aos outros, mas de estarem confiantes quanto à vinda desse rei:

[Tratam-se] de indivíduos isolados [sobretudo comerciantes], que, por acaso, apresentavam a mesma crença. Mas para todos eles, D. Sebastião viria carregado de riquezas que distribuiria entre os seus crentes, os quais muitas vezes apostavam com os incrédulos as datas em que chegaria o Esperado.<sup>90</sup>

Quando se dá a reunião de fiéis – como em A Cidade do Paraíso Terrestre e no Reino Encantado, inspiradas na lenda do Rei Encoberto –, o agrupamento é desfeito de forma violenta pelo governo, temeroso de que se tratem de movimentos de rebeldia contra a ordem estabelecida<sup>91</sup>. No último movimento citado, os fazendeiros vizinhos tiveram, ainda, de lutar para pôr término à série de mortes que os crentes se afligiam

<sup>87</sup>. Idem, p. 308.

<sup>88</sup>. Sobre a presença da crença sebastianista nos movimentos rústicos, fundamentamos nosso estudo em: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. D. Sebastião no Brasil. O imaginário em movimentos messiânicos nacionais. *Revista USP*, São Paulo, n.20, p. 29-41, dez./fev. 1993-1994. Ver ainda da mesma autora obra da nota 46. p. 217-241.

<sup>89</sup>. Marco Antonio Villa contesta Queiroz quanto à inclusão de Canudos entre os movimentos messiânicos com características sebastianistas. Ele fundamenta sua crítica na constatação de que a teórica utiliza duas fontes: Euclides da Cunha e José Calasans, o qual, por sua vez, remete ao escritor de *Os sertões*. Portanto, para Villa, Euclides da Cunha é o único autor que justifica o suposto sebastianismo dos conselheiristas. O historiador afirma que os estudiosos em geral, inclusive Queiroz, apenas repetem as informações contidas n' *Os sertões*, sem perceberem que o significado do sebastianismo do século XIX não era uma referência à volta do rei português, mas estava associado à restauração monárquica. Cf. VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 233-235.

<sup>90</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 74. p. 31.

<sup>91</sup>. Idem, *ibidem*.

geralmente de espontânea vontade, a fim de apressarem o desencantamento do monarca. No episódio ocorrido em Santa Catarina, temos um fato curioso, talvez ocasionado pela colonização portuguesa um pouco tardia do interior do Sul do país: quando o pregador, João Maria, fala de D. Sebastião chama-o de S. Sebastião. Entretanto, esse lapso não significa mais do que um problema de transmissão defeituosa do nome do rei português, não afetando suas características<sup>92</sup> messiânicas.

Com o sebastianismo, no período que antecede à República, percebemos a insatisfação dos indivíduos das camadas inferiores com as condições de sua existência, voltando-se para as reivindicações concernentes aos próprios membros do grupo:

se ricos (portanto os ricos não estariam excluídos da melhoria de vida), seriam mais ricos; porém não é apenas essa reivindicação que se observa, pois também se diz que as pessoas pretas seriam alvas e as velhas, moças. A reivindicação diz respeito exclusivamente aos componentes do grupo, relativa a uma coletividade em que pobres, negros e velhos são desvalorizados, e portanto os desejos de mudança se ligam diretamente a tais aspectos. (...) Note-se ainda que a forma de governo local ou do país não figura nas reivindicações relatadas, mostrando que o grupo se pensa a si mesmo como uma coletividade local sem ligação com coletividades mais amplas.<sup>93</sup>

Nos movimentos posteriores à implantação da República, encontramos os fiéis conscientes do mundo exterior a suas comunidades e ao entrelaçamento entre os aspectos religioso e político:

os adeptos mostram ter perfeita consciência de pertencer a uma coletividade mais ampla do que a sua encastoadada no interior; sabiam que o governo desta fora a princípio sob a forma de Império, substituído em seguida pela República, e o intuito das hostes que o líder divino D. Sebastião (ou S. Sebastião) dirigia era o retorno à forma anterior. A reivindicação política assinala estas duas revoltas, sempre sob o véu religioso. (...) Religião e política estavam estreitamente ligadas, a primeira servindo como de cortina à segunda.<sup>94</sup>

Com o passar do tempo, segundo Queiroz, a lenda sebastianista é nacionalizada e, em vez de se aguardar D. Sebastião, a espera messiânica se volta para as personagens de Padre Cícero, no Nordeste, e do Monge João Maria, no Sul<sup>95</sup>.

---

<sup>92</sup>. Idem, p. 39.

<sup>93</sup>. Idem, p. 32-33.

<sup>94</sup>. Idem, p. 33-34.

<sup>95</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 308.



Vittorio Lanternari<sup>96</sup> acrescenta que os messias brasileiros (ou como chama: os *fundadores dos movimentos*<sup>97</sup>) são beatos que correspondem, na civilização da Índia, aos homens-deus. Isso porque às vezes se identificam e reconhecem como reencarnações de Cristo, propiciando o desenvolvimento dos profetismos neobrasileiros<sup>98</sup>:

assim como os homens-deus [os messias] são reencarnações de um herói cultural tradicional, portadores uns (os beatos) e outros (os homens-deus) de uma época de renovação, de salvação, em suma de um “reinado” do ouro.<sup>99</sup>

A estrutura social interna do grupo assemelha-se a uma pirâmide: o messias ocupa o topo; os apóstolos ou os conselheiros ficam na camada intermediária; e os adeptos localizam-se na base, normalmente, dividida em subgrupos. O relacionamento entre os segmentos apresenta-se invariável, ou seja, o líder domina a vida da comunidade a partir das normas e das regras que impõe, cabendo-lhe a fiscalização das mesmas. Em alguns casos, essa tarefa é exercida em seu nome pelos integrantes da camada intermediária, que aumenta conforme o crescimento da comunidade. Os indivíduos pertencentes a essa fração só fazem parte dela por indicação exclusiva do messias, que designa o posto de cada membro dentro dessa nova sociedade<sup>100</sup>. Os participantes dos movimentos messiânicos habitam, em sua maioria, o meio rural. São vaqueiros, sitianteiros, lavradores, jagunços, colonos. A vida que levavam antes de aderirem ao movimento era modesta e reduzidas as suas posses.

Uma característica dentro do meio messiânico é a adesão de novos membros a partir de famílias inteiras, dificilmente, de pessoas isoladas. Enfatiza-se a formalização do casamento, seja esse realizado pelas normas da sociedade global, a exemplo de Antônio Conselheiro, em Belo Monte, que exigia o casamento oficializado na Igreja, ou por aquelas criadas pelo messias, como Jacobina, nos Mucker. Aqueles que

---

<sup>96</sup>. LANTERNARI, Vittorio. Outros movimentos proféticos americanos. In: \_\_\_\_\_. *As religiões dos oprimidos*. Um estudo dos modernos cultos messiânicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>97</sup>. Idem, p. 206.

<sup>98</sup>. Cabe esclarecermos que Lanternari considera “profetismo” uma crença originada na África e difundida pelo mundo quando os negros entraram em contato com os brancos. Ela demonstra a necessidade daqueles em atualizarem a sua cultura ao colocá-la em contato com a do branco, ao mesmo passo que ela se liga à sua tradição nativa e às *várias experiências existenciais de toda cultura* (p.16). Em vista disso, conclui que o profetismo “puro” não ocorreu no Brasil mas que outros, que fundiram os elementos das três etnias – negra, indígena e branca –, surgidos no meio rural, deram-se em larga escala, citando e analisando aqueles ocorridos durante o século XIX e que considera “neobrasileiros”. Quanto ao prefixo *neo* utiliza-o para contrapor àqueles “antigos” movimentos profetistas praticados pelos indígenas nacionais durante o século XVIII, e que apresentam temas fundamentais comuns: o do messias e do fim e regeneração do mundo. Idem, p. 187-210.

<sup>99</sup>. Idem, p. 206.

<sup>100</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 307.

desrespeitam ou não cumprem esse princípio são punidos desde um simples castigo até a expulsão do grupo<sup>101</sup>.

A questão familiar é vislumbrada como a base social da comunidade, composta de relações consideradas fraternas:

A comunidade messiânica era concebida como grande família, constituída pelo líder, – o Pai, o Padrinho, – e pelos membros, irmãos sob sua tutela. As relações familiares são, pois, as significativas, isto é, as que definem o grupo: irmandade, confraria, sobre a qual governa o Patriarca. Família sagrada; a religião exige e sanciona entre os membros as relações de tipo familiar, impondo uma série de práticas que visam ao seu reforço.<sup>102</sup>

Esse aspecto reflete a situação local do período porque os lugares onde a maioria desses movimentos ocorreu, com exceção dos Mucker<sup>103</sup>, caracterizavam-se por serem zonas de criação e de agricultura de subsistência comandadas por um coronel, que controlava a vida de todos que o cercavam: do núcleo familiar dos parentes mais próximos até aos agregados. Os casamentos entre os membros das diferentes linhagens tinham por fim realizar alianças, que davam maiores poderes ao coronel mais destacado da região, formando-se pequenos redutos sociais e economicamente independentes. Deste modo, estabeleciam-se relações familiares que se caracterizavam pelas trocas de favores e a condenação coletiva de um parente quando esse rompia com alguma norma do clã<sup>104</sup>.

Em relação aos agregados, os favores ou os benefícios dos fazendeiros eram pagos com a lealdade e a submissão. Esses laços podiam ser desfeitos por qualquer uma das partes, quando achavam que estavam sendo enganadas ou roubadas, devendo o agregado procurar a proteção de outro senhor. Por isso, não poucas vezes, os relacionamentos terminavam em brigas sangrentas. No âmbito político, as alianças estabelecidas por esses grupos tornavam-se transparentes, porque o povo sabia que só obtinha vantagens enquanto o político, apoiado pelo seu coronel, permanecesse no poder, almejando e trabalhando para que aquele fosse eleito.

---

<sup>101</sup>. Idem, p. 308.

<sup>102</sup>. Idem, ibidem.

<sup>103</sup>. O movimento Mucker difere em alguns aspectos do padrão representativo dos movimentos transcorridos no Nordeste e na região serrana de Santa Catarina, conforme veremos adiante.

<sup>104</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 313.

Apesar do respeito nutrido pelos sertanejos para com os fazendeiros, havia um outro sentimento entre eles: o da igualdade. O dono das terras buscava aliar-se aos subalternos participando do trabalho coletivo, das diversões e até das demonstrações de fé, em novenas e procissões<sup>105</sup>. Daí, o surgimento da característica de o agregado não reconhecer o coronel como patrão, mas como um companheiro com o qual estabelecia a troca de benefícios mútuos.

Com o passar do tempo, a insegurança causada pela confusão entre as linhagens – os membros não sabiam mais a que clã pertenciam devido à sucessão de casamentos –, as dissidências dentro da família e a inoperância da polícia geraram uma desorganização social. As constantes lutas e o fato de haver mais mulheres do que homens para desposá-las faziam com que proliferassem as uniões informais e que a poligamia reinasse. Assim, o núcleo familiar desaparecia criando uma espécie de anomia. De todos os valores, o único inalterado era o da honra masculina, que permitia a vingança de sangue no caso de ofensa<sup>106</sup>.

Aliando-se a essas considerações, os representantes de Deus na terra, os padres, também não correspondiam aos ideais dos sertanejos. A sua maioria não praticava os votos de pobreza, de castidade ou de caridade.

É no meio dessa situação social que os movimentos messiânicos, através das ordens do messias, surgem como uma força a restaurar a sociedade, visando acabar com os desvios existentes. Há nesses movimentos uma moralização dos costumes<sup>107</sup>, uma disciplina a ser observada pelos fiéis. A reorganização da vida do caboclo se dá nas Cidades Santas, que propiciam o controle dos adeptos pelo messias ou pelos apóstolos e que facilitam a conscientização do grupo quanto à necessidade de terem uma existência mais regrada. Percebemos o desejo do messias em instaurar bons costumes e não em mudar a posição social de seus seguidores.

No caso específico dos colonos estabelecidos no Sul do Brasil, participantes do movimento messiânico Mucker, uma de suas peculiaridades consiste em ter ocorrido numa zona populacional – a Colônia de São Leopoldo – de origem eminentemente germânica, cujos os indivíduos realizavam intercasamentos, não havendo, por isso, registros de mestiços entre seus integrantes. Tal aspecto diferencia esse movimento

---

<sup>105</sup>. Idem, p. 315.

<sup>106</sup>. Idem, p. 317.

<sup>107</sup>. Idem, p. 319.

daqueles ocorridos no interior nordestino e em Santa Catarina, caracterizados pela presença de pessoas nascidas da mistura étnica.

A colônia alemã, onde se desencadeou o movimento, era formada por famílias de nível social semelhante, que sobreviviam com uma economia de subsistência e isoladas<sup>108</sup> do restante do Estado, na época, chamado Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A imigração desses alemães havia sido motivada pela insatisfação do nível de vida nas pátrias natais e pela expectativa de terem uma melhor existência no novo país. Aldair Lando e Elaine Barros<sup>109</sup> acrescentam que o governo provincial também incentivou a vinda dos colonos porque via neles uma solução às suas preocupações quanto à ocupação e à defesa do território por ser essa uma região fronteiriça e afastada do centro do Brasil:

a colonização no Rio Grande do Sul terá como uma das principais finalidades tornar efetiva a ocupação do solo, além de objetivos políticos e militares, que se traduziam em proteger pontos estratégicos da Província [de São Pedro do Rio Grande do Sul] contra possíveis ataques dos espanhóis, assim como recrutar elementos para a formação de um exército capaz de enfrentar as tropas inimigas nos constantes litígios que se estabeleciam nas fronteiras com as Províncias do Prata.<sup>110</sup>

Além desses aspectos, os alemães ajudariam, com sua produção agrícola, a abastecer com gêneros alimentícios o restante do Estado.

Com o transcorrer do tempo, alguns colonos de tino comercial mais desenvolvido conseguiram para si uma melhor situação econômica, ao passo que havia aqueles que permaneciam na posição estagnada da simples subsistência e outros que se perdiam em dívidas para sobreviver. Essa situação apresentava-se, muitas vezes, dentro de um mesmo núcleo familiar. Portanto, uma comunidade inicialmente igualitária,

---

<sup>108</sup>. Na concepção de René Gertz, é um equívoco a afirmação de alguns teóricos de que uma das explicações para a ocorrência dos Mucker seja o seu isolamento econômico, social ou cultural, por serem imigrantes ou descendentes deles. Para o historiador, até fins do século XIX, mundialmente, *o mundo de um camponês se estendia num raio de cinco quilômetros em torno do lugar em que vivia, e por isso não faz qualquer sentido falar em "isolamento cultural" no caso dos colonos no Ferrabrás, no início da década de 1870, já que dentro de seu horizonte físico e intelectual estavam cercados por alemães e descendentes, como eles próprios*. GERTZ, René. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *O perigo alemão*. Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, 1991. p. 9. Assim, para Gertz, a mencionada singularidade alemã e suas conseqüências, enquanto impulsionadoras do referido movimento, perdem sua razão de ser pois a pobreza; o abandono social, religioso, educacional; as dificuldades econômicas; e o descaso governamental encontrados são comuns a todos os movimentos messiânicos brasileiros.

<sup>109</sup>. LANDO, Aldair Marli; BARROS, Elaine Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

<sup>110</sup>. Idem, p. 43.

que oferecia as mesmas condições a todos, transforma-se em estratificada devido à ação de seus integrantes.

Como consequência do crescimento dessa sociedade, a escolha de alguns colonos para ajudar na administração pública em desenvolvimento é inevitável, sendo selecionadas as pessoas que tivessem maior acúmulo de posses econômicas. Prefeitos, delegados e subdelegados passam a ser cargos exercidos principalmente por comerciantes, ou seja, sujeitos pertencentes a uma camada dominante que controla e manda naqueles anteriormente iguais a si.

Para Janaína Amado<sup>111</sup>, o comerciante é o primeiro indivíduo de origem germânica a conseguir romper o cerco da economia colonial. Ele obtém esse feito intermediando os contatos dos colonos com o restante da Província, organizando a vida econômica da colônia, auxiliando e explorando aqueles que dependem dele na luta pela vida:

Aos poucos o comerciante controlou todos os aspectos da vida econômica de São Leopoldo. Era ele quem orientava a produção e sugeria aos colonos as culturas que mais lhe interessavam. Quando um agricultor estava em dificuldades, concedia-lhe crédito na Venda e fornecia sementes, tendo como garantia as futuras colheitas. Os imigrantes recém-chegados tinham direito a empréstimos até que a terra começasse a produzir. As trocas, no início feitas à vista, passaram para o sistema de contas-correntes: cada mercadoria comprada ou vendida pelo colono era anotada num livro, na coluna "deve" ou "haver", conforme o caso. Nunca corria dinheiro nas transações: eram todas à base de permuta. O agricultor estava irremediavelmente preso à Venda. Era sempre devedor; o comerciante, credor.<sup>112</sup>

No que se refere à religião, o abandono a que os colonos estavam submetidos era igual aos demais habitantes do meio rural brasileiro. Os padres e os pastores – muitos imigrantes professavam a fé luterana – ordenados e designados para a região não conseguiam atendê-la a contento. Isso se baseia em duas razões: a primeira, em ambos os credos, não havia ministros suficientes para atender a todos os fiéis; a segunda, os religiosos, que chegavam à colônia, vinham da Europa e apresentavam dificuldades em se adaptar à realidade encontrada. Essa situação acabava por afastar da Igreja aqueles colonos que se decepcionavam com a distância dos sacerdotes em relação a eles.

---

<sup>111</sup>. AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1978.

<sup>112</sup>. Idem, p. 73.

Outra diferença desses colonos para os sertanejos, provavelmente em função de terem sido habituados a agirem assim na Europa, está no fato de recorrerem ao poder judiciário<sup>113</sup> toda vez que se mostrasse necessário, evitando resolver seus problemas por meio da violência. Segundo Queiroz, os Mucker, que considera *disciplinados e ordeiros*<sup>114</sup>, sempre apelaram às autoridades municipais e, até mesmo, à administração do País para se defenderem.

A maioria das comunidades messiânicas, independente da sua localização geográfica, revive antigos costumes, ao passo que outras criam os seus próprios, na tentativa de solucionar a ausência reinante das leis, das normas ou das regras. Isto é explicado como uma influência do messias, que julga pelo seus fiéis a validade ou não de ser mantida a tradição da sociedade que os rodeia. Ele pode também ser encarado como um elemento desencadeador do progresso dentro do seu grupo, na medida que promove a reorganização da sociedade rústica. Em geral, os movimentos messiânicos são reações de um conjunto social devido às alterações constatadas por alguns de seus integrantes. As anomias resultam da interferência da sociedade urbana dentro do meio rústico; espaços que coexistem na sociedade brasileira.

#### 2.2.4 As reflexões finais

Os movimentos messiânicos apresentam uma forma e um ritmo semelhantes: giram ao redor de um messias e passam por um ciclo compreendido por etapas pré-determinadas:

Inicia-se com o aparecimento de uma lenda, seguida da espera messiânica; chega então o messias que organiza o movimento, o que alcança sucesso ou insucesso; termina, dando lugar de novo à formação de uma lenda ou então imediatamente ao reflorescimento da espera messiânica em torno da lenda antiga, recomeçando tudo.<sup>115</sup>

Esses movimentos, para se manifestarem, necessitam de um mito messiânico que pode ter a forma de um herói cultural (no caso dos movimentos primitivos), histórico

---

<sup>113</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 309.

<sup>114</sup>. Idem, p. 309-310.

<sup>115</sup>. Idem, p. 351.

ou de um simples enviado dos céus, mas sempre visto como aquele que instaurará o Paraíso na terra.

Os grupos buscam a resolução de problemas concretos, como os sociais, não se tratando de simples movimentos religiosos. Para alcançarem esse objetivo têm a sua própria estrutura interna definida em três níveis: o do messias, o dos apóstolos e o dos adeptos.

O líder modela a sua comunidade a partir de normas que impõem aos seus seguidores, aos quais compete a atenção e a obediência ao cumprimento das mesmas. A autoridade do chefe é incontestável e absoluta por ter origem numa designação divina:

não provém de uma instituição religiosa qualquer; surge da fé que o grupo, que o segue, experimenta em relação às suas conexões diretas com a divindade.<sup>116</sup>

Normalmente, ele é mais instruído do que seus adeptos e tem uma maior sensibilidade para as questões sócio-políticas e econômicas. Mais do que a vocação religiosa, é necessário que tenha uma intuição voltada para os problemas da realidade de seu povo. A religião é o meio que usa, conscientemente ou não, para solucionar as crises que percebe na coletividade. O messias agrega a inteligência com o senso de organização, além de ser considerado um santo por seus fiéis.

O surgimento desses movimentos ocorre quando as sociedades regidas pelo sistema de parentesco estão desorganizadas ou desestruturadas<sup>117</sup>. É um tipo de sistema que constitui o modelo das relações entre as pessoas, e que também serve para situá-las dentro de uma ordem social. A formação de um movimento messiânico comporta, portanto, uma reação contra as crises que abalam a organização social de uma comunidade.

No Brasil, os movimentos messiânicos rústicos originam-se quando os elementos sociais não estão em sintonia e o seu ritmo está alterado. Tais aspectos geram o afastamento dos costumes da tradição e distanciam os comportamentos dos valores sociais que, por sua vez, não são substituídos por outros<sup>118</sup>; ou seja, há

---

<sup>116</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 51. p. 274.

<sup>117</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 353.

<sup>118</sup>. Idem, p. 364.

problemas de organização e não de estrutura. Os movimentos almejam, pois, reajustar os comportamentos às normas já existentes ou a outras que se assemelhem a elas. São processos desencadeados contra os resultados produzidos pela sociedade global, os quais pretende alterar ou extinguir, buscando a conservação da ordem:

Os movimentos messiânicos se definem, pois, como autênticos processos sociais, ocorrendo sempre depois de uma modificação sofrida por estes ou em virtude de mudança de orientação de seu curso, ou devido a uma aceleração de seu ritmo.<sup>119</sup>

As coletividades, onde eles irrompem, são consideradas conservadoras por surgirem como uma readaptação, um reajuste dos comportamentos aos padrões, e aos costumes antigos e pré-estabelecidos ao tentarem restaurar o equilíbrio:

[as coletividades] estiveram, porém, [orientadas] pela memória coletiva e não por um imaginário que se voltasse para o futuro. As cidades santas com que sonhavam estavam contidas nos arcanos da lembrança, não eram fruto de uma criatividade original e inventada. Eram profundamente conservadoras, tanto no modelo das novas aglomerações urbanas, quanto no tipo de líder que as orientava, (...) <sup>120</sup>

A dinâmica desses movimentos é de cunho social, porque eles formam um grupo dentro de uma sociedade global ou novas sociedades a partir dessa, ou ainda, geram novas camadas sociais. Recebem a denominação de “movimentos” por desenvolverem processos contrários àqueles em curso nas sociedades globais, tentando conduzir as pessoas, que deles participam, numa direção diferente daquela contra as quais reagem durante o momento de crise<sup>121</sup>. Têm uma envergadura transformadora, que se direciona à modificação do *status quo*<sup>122</sup>, pois, criam novos aspectos sociais ou restauram outros antigos. Em virtude dessa característica é específico das sociedades de parentelas<sup>123</sup>, nas quais se encontram crises de formação e de transformação ou de ambas em conjunto.

---

<sup>119</sup> Idem, p. 367.

<sup>120</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 74. p. 37.

<sup>121</sup> Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 365.

<sup>122</sup> Idem, p. 368.

<sup>123</sup> Maria Isaura Pereira de Queiroz indica as sociedades de classes como o contraponto das sociedades de parentelas. As primeiras são características das sociedades modernas, que se estratificam em classes sociais, as quais englobam os indivíduos a partir da posição econômica e profissional, suas rendas, e seus salários. A sociedade tradicional é aquela que tem por base as parentelas. Por serem os grupos familiares de pequena extensão, as pessoas se conhecem e estabelecem vínculos pessoais, diretos e afetivos; ao contrário da anterior, cujos relacionamentos são impessoais e indiferentes. Idem, p. 397-398.



Esses movimentos, para Maria Isaura Pereira de Queiroz, podem ser de reforma ou de subversão. Os primeiros objetivam mudar o que existe, na construção da sociedade idealizada. Já os de subversão, também nomeados de revolucionários, consistem na alteração brusca das instituições sociais, gerando uma transformação interna dentro de uma sociedade, tanto sob o prisma da estrutura quanto da estratificação; modificam a hierarquização dos valores, mas não chegam ao *elemento verdadeiramente crítico, constituído pelas relações sociais fundamentais*<sup>124</sup>. Os movimentos de reforma e de subversão correspondem, dessa forma, a duas categorias distintas:

os movimentos messiânicos de reforma, por sua função conservadora, parecem se inserir entre os processos cíclicos, que fazem as sociedades retornar ao seu eixo anterior de equilíbrio; os movimentos revolucionários, por sua função subversiva, parecem levar para a frente as sociedades e se incluem entre os processos evolutivos. Todavia, os movimentos reformistas transformam, os movimentos revolucionários refreiam as transformações sociais, ao mesmo tempo que desempenham os papéis que parecem caracterizá-los (...)<sup>125</sup>

Portanto, os movimentos messiânicos, enquanto revolucionários, não conseguem uma total subversão da ordem e dos sistemas existentes, ao passo que os de reforma provocam uma série de alterações sociais, afastando-os em definitivo da situação sócio-econômica em que estavam inseridos.

Na concepção de Vinhas de Queiroz, os movimentos acabam sucumbindo aos fatores internos à própria comunidade messiânica e/ou às injunções externas:

o movimento tende a readaptar-se ao mundo, mesmo quando permanece hostil a ele. Essa readequação no âmbito da prática social e também na esfera ideológica pode seguir, de acordo com as circunstâncias, caminhos muito diferentes e até contraditórios. Pode levar, por exemplo, ao conformismo ou, no mínimo, a um ajustamento qualquer à situação preexistente. É quando se dá, às vezes, o retorno ao tipo de organização social precedente, com a substituição dos antigos senhores pelos novos.<sup>126</sup>

Assim, o termo messianismo é utilizado para designar tanto a crença num enviado divino – que trará melhores condições de vida para uma coletividade e que será o responsável pela justiça, paz e felicidade – quanto para uma ação promovida por

<sup>124</sup> Idem, p. 401.

<sup>125</sup> Idem, p. 402.

<sup>126</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Op. cit. nota 53. p. 253-254.

um grupo que obedece a um guia sagrado, na tentativa de transformar o mundo no lugar por eles idealizado.

Essa crença, que traz um tempo de espera messiânica no qual as pessoas se satisfazem em sonhar com um mundo melhor e com um líder divino, nasce do descontentamento da coletividade diante de uma sociedade que não as satisfaz. É uma conscientização, ainda que tênue, dos conflitos existentes na mesma; um reconhecimento de que as modificações no mundo profano serão propiciadas pelo messias<sup>127</sup>. Entretanto, a crença sozinha não resulta na formação de um movimento messiânico, não produz uma reação sócio-política e religiosa, apesar de ser indispensável para a sua formação. Para Queiroz, *a crença pode existir sem o movimento; todavia, o movimento só parece surgir quando uma crença o orienta*<sup>128</sup>, ou seja, são dois fatos diferentes, mas não dissociados.

O insucesso do movimento, seja pelo falecimento do messias ou pela decepção dos adeptos ou pela repreensão da sociedade global, não anula necessariamente a crença, que permanece até que novas condições propícias à formação de um novo movimento se dêem, dinamizando-a, organizando um grupo messiânico e recomeçando o ciclo.

No que se refere ao tempo, as sociedades rústicas apresentam uma noção cíclica<sup>129</sup> agregada à idéia do progressivo aperfeiçoamento das pessoas envolvidas, isto é, ao tempo irreversível. Esse aspecto cíclico e progressivo converge para o desejo da obtenção da sociedade perfeita, meta do movimento messiânico. A associação dialética dessas duas formas de tempo funciona como um acelerador do desenlace,

introduzindo o paraíso terrestre e libertando os homens do constante devenir. E isto é verdadeiro tanto para os movimentos de reforma quanto para os de subversão, pois ambos têm o objetivo de destruir o tempo e a dinâmica, para promover a chegada do estado social perfeito e, portanto, eternamente imóvel. Desta forma, como movimentos, inscrevem-se como um

<sup>127</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 383.

<sup>128</sup>. Idem, p. 384.

<sup>129</sup>. Queiroz remete a noção de tempo cíclico à idéia do eterno retorno estudada detalhadamente por Mircea Eliade. Para esse teórico, o tempo cíclico compreende todos os momentos e situações repetidas infinitamente pelo Cosmos que, na sua perspectiva de infinito, permanecem imutáveis; ou seja, é uma *tentativa suprema de "estatificação" do devir, de anulação da irreversibilidade do tempo*. Cf. ELIADE, Mircea. Infelicidade e história. In: \_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1993. p. 137. Entretanto, Queiroz discorda de Eliade por não considerar o movimento cíclico uma anulação do dinamismo social, afirmando que, para algumas comunidades, a exemplo das primitivas indígenas, a busca da tranquilidade é procurada através da ação dinâmica dos povos. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 46. p. 406.

capítulo da dinâmica social, mas sua função última é anulá-la. **Os movimentos messiânicos corresponderiam, pois, as tentativas da sociedade de parentelas de abandonar o “eterno retorno”, seguindo o ritmo irreversível que a levará até a perfeição última.**<sup>130</sup>

Quanto ao agrupamento dos seguidores em torno do messias é voluntário e, na transformação do mundo, na obtenção do sucesso do movimento, todos têm um papel ativo e determinado. A responsabilidade e a obediência individuais, diante da coletividade, são aspectos marcantes do messianismo, pois delas resulta a redenção de todo o grupo. A busca da perfeição pessoal só interessa na medida em que ajuda a modificar a vida terrena. No messianismo existe, pois, a consciência da importância da coerência entre o procedimento individual e o coletivo para que se altere a sociedade:

Existe, pois, no messianismo, uma concepção ativa e consciente do papel do indivíduo na sociedade, e nas transformações que esta deve sofrer; o indivíduo tem um papel ou positivo ou negativo a desempenhar na modificação social, podendo escolher um ou outro. **O messianismo se configura então como uma ideologia, moldada em termos religiosos, cujo postulado de base é o dever, para o indivíduo, de intervir na corrente dos acontecimentos, a fim de orientá-los.**<sup>131</sup>

Em relação à sociedade global, os limites da comunidade estão bem definidos: de um lado estão os “eleitos”, os “escolhidos” e, do outro, os “pecadores”, os “incrédulos”, que devem ser convertidos ou eliminados não pela morte, mas pela própria conversão ou pela expulsão<sup>132</sup>. As fronteiras também são impostas pela necessidade de não contaminar o grupo messiânico ao deixá-lo em contato com os infiéis, dando-se a segregação dessa comunidade frente àquela sociedade a que pertenciam.

Sobre as fases do movimento messiânico, distinguem-se duas: a da peregrinação do messias por uma região, seguido por alguns fiéis, e a fundação, por eles, de uma Cidade Santa. Esse local funciona, no imaginário dos adeptos, como o início da transformação do mundo.

Por fim, o Estado e a Igreja ao compreenderem que esses movimentos não se tratam de meros sonhos das pessoas envolvidas, mas a firme resolução de uma coletividade em modificar o meio social, interpretam essas uniões como ameaças à manutenção do *status quo*, tentando destruí-los por causa disso. Tal atitude faz a

<sup>130</sup>. Idem, ibidem. Grifo nosso.

<sup>131</sup>. Idem, p. 384. Grifo nosso.

<sup>132</sup>. Idem, ibidem.

sociedade global desencadear uma série de perseguições e massacres contra os grupos messiânicos que de pacíficos acabam tornando-se violentos, na tentativa de se defenderem das agressões sofridas.

### 3 A BATALHA APOCALÍPTICA: LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO

A obra *La guerra del fin del mundo*<sup>133</sup> é composta de quatro partes – divididas respectivamente em sete, três, sete e seis capítulos, que apresentam uma subdivisão variada –, cada uma referente a um episódio que (re)constrói e (re)inventa a guerra de Canudos, num andamento em que as ações se cruzam e ramificam, promovendo a tessitura narrativa.

Cada uma das partes comporta características específicas. A primeira, traz a apresentação e o perfil das personagens, principalmente, ligadas a Antônio Conselheiro, e os comentários a respeito dos ataques e derrotas das expedições sob as ordens do Tenente Pires Ferreira e do Major Febrônio de Brito. A segunda, é uma crônica que demonstra a manipulação da opinião pública de acordo com os interesses políticos envolvidos, trata-se da eleição dos canudenses em inimigos nacionais. A terceira parte contém a descrição do mundo sertanejo e o relato do confronto com a expedição comandada pelo Coronel Moreira César. A quarta parte busca interpretar a guerra, enquanto é narrada a luta com a quarta expedição e a conseqüente queda de Canudos. Uma característica particular dessa última parte diz respeito às personagens Barão de Canabrava e jornalista míope que não apenas vivenciam alguns fatos mas, também, refletem sobre os mesmos, pois se localizam num tempo posterior ao conflito.

---

<sup>133</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. 3.ed. Barcelona: Seix Barral, 1993.

A história se detém no período em que a fazenda de Canudos está sendo atacada pelas forças policiais baianas e pelo exército brasileiro, na tentativa de sufocarem o movimento messiânico aí instalado. A maior parte do texto contempla pouco menos de um ano, de novembro de 1896 a outubro de 1897. Entretanto, através dos relatos do narrador e de algumas personagens, temos retrocessos temporais que permitem o contato com momentos que antecedem essa época. A utilização desse recurso narrativo nos auxilia a conhecer e a acompanhar a transformação do pacato movimento de Canudos numa das mais sangrentas guerras brasileiras.

### 3.1 *O Bom Jesus Conselheiro*

Na insurreição social e religiosa, que ocorre no interior da Bahia, à beira do rio Vaza-Barris, denominada pela historiografia de “a guerra de Canudos”, encontramos a figura do messias representada no Conselheiro. Através da narração, que se concentra nos meses da guerra, mas que se estende aos episódios que lhe são anteriores e posteriores, é possível observarmos como o Conselheiro abarca as características inerentes ao guia messiânico.

Antônio Vicente Mendes Maciel inicia a vida de andarilho falando sobre os ensinamentos bíblicos e a moral cristã pelos diversos arraiais nordestinos. Ao longo dos anos, suas pregações são ouvidas pelos sertanejos como conselhos, originando-se daí sua alcunha, o Conselheiro<sup>134</sup>:

Mes a mes, año a año, se fueron poblando de consejos las noches de Alagoinhas, Uauá, Jacobina, Itabaiana, Campos, Itabaianinha, Gerú, Riachão, Lagarto, Simão Dias. A todos parecían buenos consejos y por eso, al principio en uno y luego en otro y al final en todos los pueblos del Norte, al hombre que los daba, aunque su nombre era Antonio Vicente y su apellido Mendes Maciel, comenzaron a llamarlo el Consejero.<sup>135</sup>

---

<sup>134</sup>. Segundo Robert M. Levine, o nome Antônio Conselheiro provém da forma como, no sertão, denominam-se os missionários laicos. Além disso, o título Conselheiro, recebido por ele, nos meados dos anos 1870, demonstra que as pessoas o consideravam *mais que um beato, um sábio conselheiro, título religioso oitocentista que poucos sertanejos chegaram a receber*. Cf. LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. Tradução de Monica Dantas. São Paulo: Edusp, 1995. p. 22 e 186.

<sup>135</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 18.

Segundo Rodrigo Lacerda<sup>136</sup>, Antônio Vicente não gosta de ser visto como um profeta ou uma entidade divina qualquer que seja, tendo somente aprovado a utilização do título “conselheiro” pela conotação humana nele representado<sup>137</sup>.

Sua peregrinação<sup>138</sup>, que começa no final do Império e se estende até o início da República, tem como característica instruir<sup>139</sup> as pessoas e mostrar a necessidade de realizarem a manutenção das igrejas locais e dos cemitérios, bem como de enterrar seus mortos com dignidade:

Así, antes de que terminara el Imperio y después de comenzada la República, los lugareños de Tucano, Soure, Amparo y Pombal, fueron escuchándolos; y, mes a mes, año a año, fueron resucitando de sus ruinas las iglesias de Bom Conselho, de Geremoabo, de Massacará y de Inhambupe; y, según sus enseñanzas, surgieron tapias y hornacinas en los cementerios de Monte Santo, de Entre Ríos, de Abadía y de Barracão, y la muerte fue celebrada con dignos entierros en Itapicurú, Cumbe, Natuba, Mocambo.<sup>140</sup>

O cuidado constante do Conselheiro em conservar e (re)construir os locais que considera sagrados, relegados ao abandono naquela região inóspita, tem origem na sua crença de que esses espaços asseguram a proximidade dos homens com Deus. As igrejas recebem atenção por serem os redutos onde ocorrem as missas, já os

---

<sup>136</sup>. LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho na terra*. São Paulo: SENAC São Paulo, Boitempo, 1997. p. 21-39.

<sup>137</sup>. Idem, p. 29.

<sup>138</sup>. Os historiadores tendem a considerar os anos de 1871 a 1874 como um período obscuro na vida de Antônio Vicente. Em fins de 1873 ou 1874 (existem dúvidas quanto ao ano), há a primeira notícia de sua chegada aos sertões da Bahia e Sergipe já como peregrino, sendo chamado de Antônio dos Mares, e acompanhado por alguns adeptos. Perambula pelo Nordeste, especialmente pelo interior da Bahia, só interrompendo a marcha em 1876, quando é preso por motivos divergentes, segundo os estudiosos. Comenta-se que tenta fixar-se, talvez por doze anos, na comarca de Itapicuru, fundando o Arraial do Bom Jesus, depois abandonado. Sua caminhada somente cessa de fato aproximadamente vinte anos após iniciada, quando se estabelece com os seguidores na fazenda de Canudos, em 1893. Baseamos essas informações em: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p. 225-241; CALASANS, José. *No tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959; VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 17-30; MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elo, 1987. p. 13-41.

<sup>139</sup>. O Conselheiro, como todos que recebiam esse título, prega e instrui as pessoas sobre problemas espirituais e terrenos, mas se diferencia dos chamados simplesmente de beatos por esses só pedirem pela alma dos pobres, sem se preocuparem com as dificuldades materiais dos crentes. Cf. LEVINE, Robert M. Op. cit. nota 2. p. 186. Por sua vez, Marco Antonio Villa afirma que o Conselheiro é um beato porque exercia a função de missionário sem, todavia, ter vínculo com a Igreja. Ao contrário do missionário, um ser estranho à comunidade, o beato é um sertanejo que conhece os problemas locais, conectando a religião com a realidade, isto é, realiza a procura da paz interior à vivência radical da fé. Cf. VILLA, Marco Antonio. Op. cit. nota 6. p. 32 e 47.

<sup>140</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 17-18.

cemitérios, por reterem o corpo das pessoas falecidas, são vistos como lugares que permitem às almas retornar ao Criador:

Había que restaurar la iglesia y el cementerio, la más importante construcción después de la casa del Señor, pues era antesala del cielo o del infierno, y había que destinar el tiempo restante a lo esencial: el alma.<sup>141</sup>

Sua posição dentro do grupo de seguidores, que se forma a sua volta, e mesmo fora deste, entre os jagunços, é privilegiada. Todos crêem que seja um enviado de Deus, com a capacidade de se comunicar com Esse, que o ilumina e inspira em seus sermões. O Leão de Natuba, encarregado de escrever tudo o que o Conselheiro diz, dá mostras disso ao imaginá-lo no Céu enquanto dorme:

[El Consejero] Tendría cerrados sus ojos profundos y, debajo de los párpados, estaría viendo alguna de esas apariciones que bajaban a hablarle o que él subía a visitar sobre las altas nubes: los santos, la Virgen, el Buen Jesús, el Padre. O estaría pensando en las cosas sabias que diría mañana y que él anotaría en las hojas que le traía el Padre Joaquim y que los futuros creyentes leerían como los de hoy los Evangelios.<sup>142</sup>

As prédicas anotadas pela personagem são comparadas por ela aos Evangelhos, isto é, aos livros bíblicos referentes à vida e aos ensinamentos de Cristo na Terra. Assim, é feita uma aproximação do Conselheiro com Jesus, colocando-os num mesmo patamar de santidade e importância religiosa.

Parte da atenção que as pessoas dão ao Conselheiro provém da possibilidade de escutá-lo nos diferentes lugares e em horas que não lhes atrapalhem as tarefas diárias. Sua presença não provoca alterações no ritmo dos povoados, pois sua pregação é *compatível com a complexidade do mundo sertanejo*<sup>143</sup>:

Daba sus consejos al atardecer, cuando los hombres habían vuelto del campo y las mujeres habían acabado los quehaceres domésticos y las criaturas estaban ya durmiendo. Los daba en esos descampados desarbolados y pedregosos que hay en todos los pueblos del sertón, en el crucero de sus calles principales y que se hubieran podido llamar plazas si hubieran tenido bancas, glorietas, jardines o conservaran los que alguna vez tuvieron y fueron destruyendo las sequías, las plagas, la desidia. Los daba a esa hora en que el cielo del Norte del Brasil, antes de oscurecerse y estrellarse, llamea entre coposas nubes blancas, grises o azuladas y hay como un vasto fuego de

<sup>141</sup>. Idem, p. 17.

<sup>142</sup>. Idem, p. 274.

<sup>143</sup>. VILLA, Marco Antonio. Op. cit. nota 6. p. 32.



artificio allá en lo alto, sobre la inmensidad del mundo. Los daba a esa hora en que se prenden las fogatas para espantar a los insectos y preparar la comida, cuando disminuye el vaho sofocante y se levanta una brisa que pone a las gentes de mejor ánimo para soportar la enfermedad, el hambre y los padecimientos de la vida.<sup>144</sup>

Outro elemento que o favorece é falar sobre temas que os ouvintes consideram próximos de si, de suas realidades, coisas que eles conhecem e entendem:

Hablaba de cosas sencillas e importantes, sin mirar a nadie en especial de la gente que lo rodeaba, o, más bien, mirando, con sus ojos incandescentes, a través del corro de viejos, mujeres, hombres y niños, algo o alguien que sólo él podía ver. Cosas que se entendían porque eran oscuramente sabidas desde tiempos inmemoriales y que uno aprendía con la leche que mamaba. Cosas actuales, tangibles, cotidianas, inevitables, como el fin del mundo y el Juicio Final, que podían ocurrir tal vez antes de lo que tardase el poblado en poner derecha la capilla alicaída.<sup>145</sup>

A maneira como ele costuma dizer seus conselhos faz com que se assemelhem, normalmente, a uma conversa informal, familiar:

Su plática, aunque religiosa y profunda, parecía una de esas amenas charlas de sobremesa que celebraban las familias en la calle, tomando la brisa del anochecer.<sup>146</sup>

Essa postura do messias, diante dos sertanejos, gera nos homens um sentimento de aconchego, sugerindo-lhes uma imagem doméstica e fazendo com que se sintam próximos ao pregador.

A aparência física do Conselheiro – sua magreza, seus gestos, a inexistência da vaidade (percebida pelo descaso com suas vestimentas e com seu calçado) – torna-o um indivíduo atemporal, sem marcas de uma origem, ainda que remota, e delinea a efígie de um ser etéreo, atraindo a todos, mesmo que por simples curiosidade:

El hombre era alto y tan flaco que parecía siempre de perfil. Su piel era oscura, sus huesos prominentes y sus ojos ardían con fuego perpetuo. Calzaba sandalias de pastor y la túnica morada que le caía sobre el cuerpo recordaba el hábito de esos misioneros que, de cuando en cuando, visitaban los pueblos del sertón (...) Era imposible saber su edad, su procedencia, su historia, pero algo había en su facha tranquila, en sus

<sup>144</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 16.

<sup>145</sup>. Idem, ibidem.

<sup>146</sup>. Idem, p. 55.

costumbres frugales, en su imperturbable seriedad que, aun antes de que diera consejos, atraía a las gentes.<sup>147</sup>

Este homem, ao caminhar pelo arraial de Canudos, apresenta traços que ajudam a aproximá-lo de uma figura profética, divina, chegando mesmo a conjugar ambas. A presença constante de um cordeirinho a seu lado lembra as várias ilustrações, dentro do Cristianismo, de Jesus segurando um cordeiro ou estando no meio de um rebanho desses animais. O uso de um cajado, que o auxilia a andar, remete-o aos profetas bíblicos como Moisés, que se apoiava em um bastão enquanto se locomovia ou falava com seu povo:

[El Consejero] Había ido a despedir al Padre Joaquim hasta la salida a Cumbe y, después, el carnerito blanco sujeto en una mano y en otra el cayado de pastor, visitaba las Casas de Salud, confortando a enfermos y ancianos.<sup>148</sup>

A proximidade desse beato com o profeta bíblico, para Leopoldo Bernucci<sup>149</sup>, também é percebida ao compararmos a vida de ambos. Segundo seus respectivos seguidores, tanto Moisés quanto o Conselheiro são designados por Deus para guiá-los até a Terra da Promissão. Dessa forma, o Conselheiro tem confirmada uma missão divina:

Los primeros momentos de las prédicas en la novela ya condensan figurativamente la peregrinación (**éxodo**) del Consejero (**Moisés**) y sus secuaces (**hebreos**) por el nordeste de Brasil (**desierto**) y su establecimiento definitivo en las regiones de Belo Monte (**Israel**).<sup>150</sup>

Às características acima, devemos acrescentar a impressão que transmite às pessoas de não ter necessidades vitais, como dormir ou comer, as quais reforçam seu aspecto sobre-humano:

Sólo después de pedir perdón al Buen Jesús por el estado en que tenían su casa, aceptaba comer y beber algo, apenas una muestra de lo que los vecinos se afanaban en ofrecerle aun en años de escasez. Consentía en dormir bajo techo, en alguna de las viviendas que los sertaneros ponían a su disposición, (...) Se tumbaba en el suelo, sin manta alguna, y, apoyando en su brazo la cabeza de hirvientes cabellos color azabache, dormía unas horas. Siempre tan pocas que era el último en acostarse y

<sup>147</sup>. Idem, p. 15.

<sup>148</sup>. Idem, p. 214.

<sup>149</sup>. BERNUCCI, Leopoldo M. Vargas Llosa y la tradición bíblica: "La guerra del fin del mundo". *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, n.141, p. 965-977, oct./dic. 1987.

<sup>150</sup>. Idem, p. 971. Grifos do autor.

cuando los vaqueros y los pastores más madrugadores salían al campo ya lo veían (...)<sup>151</sup>

A aparência sobrenatural de Antônio Conselheiro é também favorecida pela descrição dada a sua voz e a seus olhos. No concernente à voz, o narrador assim a apresenta: *su voz cavernosa*<sup>152</sup>; *Él les hablaba al fin, con esa voz cavernosa que sabía encontrar los atajos del corazón*<sup>153</sup>. O adjetivo cavernosa, ligado à voz, remete à idéia de essa estar sendo emitida das profundezas do ser daquele homem. A caverna, que lembra um lugar profundo e obscuro, parece ser o local de origem das palavras que conquistam os ouvintes. No Cristianismo, a caverna é o lugar que permite a passagem da terra para o céu e vice-versa<sup>154</sup>. Por possuir essa característica, a voz do Conselheiro, que prega temas bíblicos, apocalípticos, dá a impressão aos sertanejos de elevá-los ao céu, dissipando o temor das lutas a serem travadas contra as expedições que os atacam:

La voz del santo resonó bajo las estrellas, en la atmósfera sin brisa que parecía conservar más tiempo sus palabras, tan serena que disipaba cualquier temor. Antes de la guerra, habló de la paz, de la vida venidera, en la que desaparecerían el pecado y el dolor.<sup>155</sup>

Em relação aos olhos, aparecem caracterizações em diversos momentos da obra: *en el llanto el fuego negro de sus ojos recrudecía con destellos terribles*<sup>156</sup>; *los ojos – intensos a la vez que helados – del santo*<sup>157</sup>; *sus ojos helados y obsesivos*<sup>158</sup>; *ojos ígneos*<sup>159</sup>; *los miró uno a uno con sus ojos negros y ardientes que ninguno de ellos olvidaría más*<sup>160</sup>. Seus olhos, ao mesmo tempo gelados e ardentes, pela dicotomia apresentada, cativam os jagunços e os mantêm atentos. O fato de serem negros e vermelhos (cor do fogo) indicam a intensidade e o vigor que brotam do interior desse homem.

<sup>151</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 16.

<sup>152</sup>. Idem, p. 17.

<sup>153</sup>. Idem, p. 29.

<sup>154</sup>. Em Chevalier, encontramos como uma das possibilidades de interpretação para o símbolo da caverna: *a caverna é, de diversas maneiras, lugar de passagem da terra para o céu. Seria preciso acrescentar que Jesus, se bem tenha nascido numa caverna, também foi sepultado numa caverna durante a descida aos Infernos, antes da ascensão ao Céu.* CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Diccionario de símbolos.* Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. p. 216.

<sup>155</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 80.

<sup>156</sup>. Idem, p. 15.

<sup>157</sup>. Idem, p. 23.

<sup>158</sup>. Idem, p. 28.

<sup>159</sup>. Idem, p. 33.

<sup>160</sup>. Idem, p. 116.

As características referentes à voz e aos olhos do Conselheiro, quando unidas, formam um conjunto fascinante aos sertanejos. Somadas ao físico do messias, transformam-no num indivíduo singular, tão diferente dos habitantes da região, que não pode ser igual a eles, mas um ente superior. Sua conduta, condizente com suas falas, seus hábitos austeros e castos geram, junto à população do sertão, o respeito. Ao contrário dos padres das paróquias locais que não estão de acordo com o imaginário sertanejo por terem uma existência em desacordo com a vida clerical – na obra, o pároco de Cumbe, Padre Joaquim é um boêmio amancebado com Alexandrinha Correa – o Conselheiro, por conseguir unir seu discurso moral a seus atos, adquire a autoridade de condenar os maus religiosos:

Grave, inflexible, con voz que rebotaba contra las frágiles paredes y el techo cóncavo, decía cosas terribles contra los elegidos del Señor que, pese a haber sido ordenados y vestir hábitos, se convertían en lacayos de Satán. Se ensañaba en vituperar todos los pecados del Padre Joaquim: la vergüenza de los pastores que en lugar de dar ejemplo de sobriedad bebían cachaça hasta el desvarío; la indecencia de los que en lugar de ayunar y ser frugales se atragantaban sin darse cuenta que vivían rodeados de gente que apenas tenía qué comer; el escándalo de los que olvidaban su voto de castidad y se refocilaban con mujeres a las que, en vez de orientar espiritualmente, perdían regalándoles sus pobres almas al Perro de los infiernos.<sup>161</sup>

Devido à sua severidade e piedade, à gratuidade das suas práticas religiosas<sup>162</sup>, adicionadas à quase inexistência de vigários nas vilas do sertão, a relação entre esses e o messias oscila entre a tolerância e a simpatia ao repúdio total por suas atividades:

Había dado ya tantas vueltas, andado y desandado tantas veces por los sertones, subido y bajado tantas chapadas, que todo el mundo lo conocía. También los curas. No había muchos y los que había estaban como perdidos en la inmensidad del sertón y eran, en todo caso, insuficientes para mantener vivas a las abundantes iglesias que eran visitadas por pastores sólo el día del santo del pueblo. Los vicarios de algunos lugares, como Tucano y Cumbe, le permitían hablar a los fieles desde el púlpito y se llevaban bien con él; otros, como los de Entre Ríos e Itapicurú se lo prohibían y lo combatían. En los demás, para retribuirle lo que hacía por las iglesias y los cementerios, o porque su fuerza entre las almas sertaneras era tan grande que no querían indisponerse con sus parroquianos, los vicarios consentían a regañadientes a que, luego de la misa, rezara letanías y predicara en el atrio.<sup>163</sup>

<sup>161</sup>. Idem, p. 129.

<sup>162</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 317.

<sup>163</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 31.

O comportamento do Conselheiro, sobretudo se comparado com o do clero regular local, no transcorrer dos anos, serve para que os sertanejos o considerem um homem religioso melhor do que aqueles que oficialmente deveriam zelar por suas almas, passando a considerá-lo um santo.

A santidade atribuída a esse místico não se detém à sua conduta irrepreensível. Para os conselheiristas, ele é capaz de praticar milagres, possui dons divinos, à semelhança das grandes personalidades bíblicas:

Cuando el hombre partía, se hablaba de él: que era santo, que había hecho milagros, que había visto la zarza ardiente en el desierto, igual que Moisés, y que una voz le había revelado el nombre impronunciable de Dios.<sup>164</sup>

Para os crentes, o poder do messias não se resume às visões do passado ou do futuro, mas se estende sobre a natureza. Por isso, julgam-no capaz de harmonizar os sentimentos humanos com os elementos naturais, isto é, o Conselheiro, a partir de suas emoções, tem o dom de provocar manifestações como a chuva:

El Consejero se había puesto a hablar, acallando los ruidos. (...) Describía el Consejero, con un acento que llegaba al alma de María Quadrado (...) cómo el Niño Jesús, recién circuncidado, extendía hacia la Santísima sus brazos, reclamando consuelo, y cómo sus balidos de corderito penetraban en el alma de la Señora y la suplicaban, cuando rompió a llover. El murmullo, la gente que cayó de hinojos ante esa prueba de que también los elementos se enternecían con lo que evocaba el Consejero, dijeron a María Quadrado que los hermanos y hermanas comprendían que acababa de ocurrir un milagro. “¿Es una señal, Madre?”, murmuró Alejandrinha Correa. Ella asintió.<sup>165</sup>

Na visão dos canudenses, essa chuva não se trata apenas de um fenômeno natural, nem tem como principal função refrescá-los do calor, mas é uma demonstração palpável de que o Conselheiro e o ambiente vivem em harmonia. As gotas que caem do céu são interpretadas como um sinal de que o messias consegue compungir a natureza com suas palavras, com as dores que sente ao ver seu povo em guerra. É a natureza chorando, buscando consolar o Conselheiro pela tristeza que ele sente durante a guerra.

---

<sup>164</sup>. Idem, p. 17.

<sup>165</sup>. Idem, p. 307.

Embora o Conselheiro não aceite ser chamado de Deus, alegando que “*Dios es otro*”<sup>166</sup>, os adeptos permanecem adorando o homem, numa atitude de completa veneração:

se tumbaban a sus pies para besárselos o tocar su túnica mientras él los bendecía, (...) <sup>167</sup>

Durante o tempo de paz, ele é idolatrado, e, mesmo depois de iniciado o conflito, a massa de fiéis não muda sua postura diante de sua presença:

La Guardia Católica hacía esfuerzos inauditos para no ser rebalsada por los creyentes que, entre las antorchas y el incienso, estiraban las manos para tocar al santo. <sup>168</sup>

Uma peculiaridade do messias é de começar suas caminhadas sozinho para depois fazê-las acompanhado por um séquito fiel. A reunião de seguidores, durante a marcha, para Queiroz, corresponde à primeira fase do movimento messiânico, sendo a seguinte a formação da Cidade Santa<sup>169</sup>. O itinerante Maciel surge nos povoados, inicialmente solitário:

Aparecía de improviso, al principio solo, siempre a pie, cubierto por el polvo del camino, cada cierto número de semanas, de meses. <sup>170</sup>

Porém, transcorrido algum tempo, ele passa a vagar em companhia de um grupo de sertanejos, que cresce sistematicamente, conforme a sua popularidade enquanto líder e guia divino vai aumentando pelos caminhos:

Cuando la sequía de 1877, en los meses de hambruna y epidemias que mataron a la mitad de hombres y animales de la región, el Consejero ya no peregrinaba solo sino acompañado, o mejor dicho seguido (él parecía apenas darse cuenta de la estela humana que prolongaba sus huellas) por hombres y mujeres que, algunos tocados en el alma por sus consejos, otros por curiosidad o simple inercia, abandonaban lo que tenían para ir tras él. <sup>171</sup>

A explicação para o aumento no número de indivíduos, que segue o penitente, não se limita à atração que sua figura singular promove, já que a maioria se incorpora

---

<sup>166</sup>. Idem, p. 98.

<sup>167</sup>. Idem, ibidem.

<sup>168</sup>. Idem, p. 276.

<sup>169</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 387.

<sup>170</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 15.

<sup>171</sup>. Idem, p. 28.

ao cortejo seduzida pelas coisas que ele fala e aceita como verdades absolutas, incontestáveis. Um exemplo de fiel que se encanta com as prédicas é Beatinho, sempre compenetrado em ouvir o Conselheiro, antes mesmo de se unir a ele em suas andanças:

Y todas las noches estuvo [el Beatito] acucillado junto a él [el Consejero], absorto, escuchando las verdades que decía su boca.<sup>172</sup>

Até mesmo os cangaceiros, homens rudes, considerados pelas pessoas como descrentes e impiedosos, ouvem os conselhos e acreditam no seu conteúdo:

Les decía [a los bandoleros] cosas que podían entender, verdades en las que podían creer.<sup>173</sup>

Uma característica do messias é ser, geralmente, mais culto do que seus adeptos<sup>174</sup>, obtendo-lhes a admiração e o respeito. O Conselheiro, ao fazer citações bíblicas<sup>175</sup> em suas prédicas, prende a atenção das pessoas, que se emocionam ao julgá-lo conhecedor da palavra divina e, portanto, um sábio:

Y bastaba ver las caras del contorno para saber que todos entendían, como ella misma [María Quadrado], que estaba pensando en ellos cuando decía que el buen creyente tenía la prudencia de la serpiente y la sencillez de la paloma. María Quadrado tembló al escucharlo salmodiar: “Me derramo como agua y todos mis huesos se han descoyuntado. Mi corazón se ha vuelto de cera y se está derritiendo en mis entrañas”.<sup>176</sup>

Muitos sermões de Antônio Conselheiro versam sobre a necessidade da penitência, da moral e da retidão, observando-se sempre a religiosidade:

[Los peregrinos y los indios] Lo oyeron hablar del Espíritu Santo, que es la libertad, de las aflicciones de María, celebrar las virtudes de la frugalidad, de la pobreza y del sacrificio y explicar que cada sufrimiento ofrecido a Dios se convierte en premio en la otra vida.<sup>177</sup>

<sup>172</sup>. Idem, p. 23.

<sup>173</sup>. Idem, p. 29.

<sup>174</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 378.

<sup>175</sup>. Segundo Levine, o Conselheiro mistura, em seus sermões, citações em latim com fragmentos das *Horas Marianas* e da *Missão Abreviada*, o livro de orações utilizado pelos leigos que se assumiam como missionários católicos, no século XIX. Cf. LEVINE, Robert. M. Op. cit. nota 2. p. 193.

<sup>176</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 308.

<sup>177</sup>. Idem, p. 370.

O Conselheiro também adiciona palavras contra a maçonaria, o protestantismo e o secularismo, principalmente depois de instaurada a República no País. Ele transforma a República numa espécie de inimigo a ser combatido<sup>178</sup> pois, na sua concepção, esse regime, além de não alterar a situação de miséria, traz a infelicidade aos sertanejos, a sua permanência fará os homens sofrerem e tem o objetivo perverso de fazê-los pecar. O trecho que segue condensa o pensamento do Conselheiro sobre o novo regime político do país e o significado de suas disposições para os habitantes do sertão:

Y a pesar de haber pasado varios años de la sequía ¿no continuaba la región curando sus heridas, llorando a sus muertos, tratando de resucitar los bienes perdidos? ¿Qué había cambiado ahora que había Presidente en vez de Emperador en la atormentada tierra del Norte? (...)

Pero sí, **algo cambió con la República. Para mal y confusión del mundo:** la Iglesia fue separada del Estado, se estableció la libertad de cultos y se secularizaron los cementerios, de los que ya no se ocuparían las parroquias sino los municipios. En tanto que los vicarios, desconcertados, no sabían qué decir ante esas novedades que la jerarquía se resignaba a aceptar, el Consejero sí lo supo, al instante: eran impiedades inadmisibles para el creyente. Y cuando supo que se habían entronizado el matrimonio civil – como si un sacramento creado por Dios no fuera bastante – él sí tuvo la entereza de decir en voz alta, a la hora de los consejos, lo que los párrocos murmuraban: **que ese escándalo era obra de protestantes y masones.** Como, sin duda, esas otras disposiciones extrañas, sospechosas, de las que se iban enterando por los pueblos: el mapa estadístico, el censo, el sistema métrico decimal. A los aturridos sertaneros que acudían a preguntarle qué significaba todo eso, el Consejero se lo explicaba, despacio: querían saber el color de la gente para restablecer la esclavitud y devolver a los morenos a sus amos, y su religión para identificar a los católicos cuando comenzaran las persecuciones. Sin alzar la voz, los exhortaba a no responder a semejantes cuestionarios ni a aceptar que el metro y el centímetro sustituyeran a la vara y el palmo.<sup>179</sup>

O posicionamento contrário do messias às mudanças impostas pela República indica que ele a considera o maior mal sob a face da terra. O regime republicano surge, na fala do penitente, como sendo a personificação do Anticristo, ou seja, o arqui-inimigo divino que pretende trazer a destruição e a infelicidade a todos que crêem no Senhor:

el Consejero, antes de ir a rezar a la Iglesia de la Concepción, dio a los seres de ese apartado rincón [Natuba] una grave primicia: **el Anticristo estaba en el mundo y se llamaba República.**<sup>180</sup>

<sup>178</sup>. Cf. THEODORO, Janice. Canudos 100 anos depois. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). Op. cit. nota 4. p. 119-133.

<sup>179</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 32. Grifos nossos.

<sup>180</sup>. Idem, p. 33. Grifo nosso.



Ao lado dos anúncios da chegada na Terra da figura de características demoníacas, os temas mais utilizados nas prédicas são os de envergadura apocalíptica, os que falam sobre a aproximação do fim do mundo, do Juízo Final, das provações que os crentes terão de agüentar para merecerem a paz celeste:

Que esta calamidad [la sequía de 1877] era sin duda el primero de los anuncios de la llegada del Anticristo y de los daños que precederían la resurrección de los muertos y el Juicio Final. Que si querían salvar el alma debían prepararse para las contiendas que se librarían cuando los demonios del Anticristo – que sería el Perro mismo venido a la tierra a reclutar prosélitos – invadieran como mancha de fuego los sertones.<sup>181</sup>

O fim do mundo, então, torna-se o assunto mais freqüente, senão o único a figurar nos seus conselhos, quando Belo Monte está sendo atacado pelas expedições que visam acabar com a comunidade:

El Consejero predicaba cada atardecer desde un andamio del Templo. A Canudos le aguardaban pruebas más duras, no había que dejarse derrotar por el miedo, el Buen Jesús ayudaría a los que tuvieran fe. **Un tema frecuente seguía siendo el fin del mundo.** La tierra, cansada después de tantos siglos de producir plantas, animales y de dar abrigo al hombre, pediría al Padre poder descansar. Dios consentiría y comenzarían las destrucciones. Era eso lo que indicaban las palabras de la Biblia: “¡No vine a establecer la armonía! ¡Vine para atizar un incendio!”<sup>182</sup>

A dizimação do arraial messiânico e sua própria morte são anunciadas pelo pregador a alguns seguidores, que estão próximos a ele, depois de um breve descanso:

“El fuego va a quemar este lugar”, dijo el Consejero, al tiempo que se incorporaba en el camastro. Sólo habían descansado cuatro horas, (...), pero el León de Natuba, que tenía un oído finísimo, sintió en el sueño la voz inconfundible y saltó del suelo a coger la pluma y el papel y a anotar la frase que no debía perderse. El Consejero, con los ojos cerrados, sumido en la visión, añadió: “Habrà cuatro incendios. Los tres primeros los apagaré yo y el cuarto lo pondré en manos del Buen Jesús”. Esta vez, sus palabras despertaron también a las beatas del cuarto contiguo, (...) “Van a matarme, pero no traicionaré al Señor”.<sup>183</sup>

---

<sup>181</sup>. Idem, p. 29.

<sup>182</sup>. Idem, p. 96. Grifo nosso.

<sup>183</sup>. Idem, p. 163.

O fato de esse homem prever acontecimentos que irão suceder, pois assim os discípulos crêem, dá-lhes a certeza de que estão em contato com um enviado divino. A notificação dessas previsões, logo após o sono, configura-se para os fiéis como sendo uma iluminação tida pelo messias enquanto estava no Céu, no momento em que sonhava. Aliando-se a essas certezas, há a possibilidade para os crentes de constatarem as verdades ditas pelo guia – *“Todo pasa como estaba anunciado”*<sup>184</sup> –, afinal, nesse período da guerra, Belo Monte já está sendo destruído por vários focos de incêndios, causados pelos incessantes bombardeios do exército.

Pela constante utilização dessa temática apocalíptica, Antônio Conselheiro, por conseqüência, também é visto como um profeta apocalíptico. Suas profecias têm uma visão escatológica que anunciam o fim do mundo para breve, e a instauração de um novo reino a ser formado pelas inversões do ainda existente. O sertão se tornará *terra de promessa, com fartura de carne e peixe*<sup>185</sup>, ao se transformar em mar, e todos os homens serão unificados sob o comando divino:

En 1900 se apagarían las luces y lloverían estrellas. Pero, antes, ocurrirían hechos extraordinarios. (...) En 1896 un millar de rebaños correrían de la playa hacia el sertón y el mar se volvería sertón y el sertón mar. En 1897 el desierto se cubriría de pasto, pastores y rebaños se mezclarían y a partir de entonces habría un solo rebaño y un solo pastor. En 1898 aumentarían los sombreros y disminuirían las cabezas y en 1899 los ríos se tornarían rojos y un planeta nuevo cruzaría el espacio.<sup>186</sup>

Por parte do messias, há a ênfase de que a morte, para o bom fiel, é uma bênção a ser comemorada porque representa o reencontro com o Pai. O crente deixa a vida terrena, passageira, marcada pela dor e pelas tribulações, para adquirir a celeste e eterna, repleta de felicidade. Essa situação fica evidenciada quando o Conselheiro, ao ser informado de que o Padre Joaquim pode estar morto, como resultado da ira do Coronel Moreira César contra os simpatizantes do Belo Monte, prega o sentimento de alegria e não de tristeza pelo possível óbito do pároco:

– Vamos a rezar por el Padre Joaquim – dijo, por fin, con voz afectuosa –. Ahora está junto al Padre. Allí nos seguirá ayudando, más que en este mundo. Alegrémonos por él y por nosotros. **La muerte es fiesta para el justo.**<sup>187</sup>

<sup>184</sup>. Idem, p.311.

<sup>185</sup>. VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). Op. cit. nota 4. p. 89-99.

<sup>186</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 17.

<sup>187</sup>. Idem, p. 247. Grifo nosso.

Quando mais um combate contra o exército está prestes a iniciar, ele lembra a seus discípulos que a morte a cair sobre os vários irmãos não deve ser lamentada, pois ela significa um momento de regozijo para os crentes que partem:

– Voy a ir a las trincheras, entonces – dijo suavemente el Consejero –. (...) Van a morir muchos pero no hay que llorar, la muerte es dicha para el buen creyente.<sup>188</sup>

Algumas de suas falas são de teor sebastianista, pois anunciam o auxílio que o rei português dará aos crentes canudenses quando o fim do mundo se aproximar, e o Cão – o exército, as expedições contra o Belo Monte – estiver pronto para atacá-los:

La República seguiría mandando hordas con uniformes y fusiles para tratar de prenderlo, a fin de impedir que hablara a los necesitados, pero, por más sangre que hiciera correr, el Perro no mordería a Jesús. Habría un diluvio, luego un terremoto. Un eclipse sumiría al mundo en tinieblas tan absolutas que todo debería hacerse al tacto, como entre ciegos, mientras a lo lejos retumbaba la batalla. Millares morirían de pánico. Pero, al despejarse las brumas, un amanecer diáfano, las mujeres y los hombres verían a su alrededor, en las lomas y montes de Canudos, al Ejército de Don Sebastián. El gran Rey habría derrotado a las camadas del Can, limpiado el mundo para el Señor. Ellos verían a Don Sebastián, con su relampagueante armadura y su espada; verían su rostro bondadoso, adolescente, les sonreiría desde lo alto de su cabalgadura enjaezada de oro y diamantes, y lo verían alejarse, cumplida su misión redentora, para regresar con su Ejército al fondo del mar.<sup>189</sup>

Ao sucumbir concomitantemente ao desabamento de um dos principais símbolos de Canudos – a torre da Igreja de Santo Antônio –, o messias confirma seu estreito elo com a religião e com a comunidade que estava construindo:

Por fin, [el Beatito] oye a João Abade: “Cayó el campanario de San Antonio”. (...) Se abre camino hacia el camastro, sabiendo lo que le espera. Divisa entre la polvareda la mano quieta [del Consejero] sobre la cabeza del León de Natuba, arrodillado en la misma postura. Y ve al Padre Joaquim, con la oreja pegada al pecho flaco. Luego de un momento, el párroco se incorpora, desencajado:  
– Ha rendido su alma a Dios – (...) <sup>190</sup>

---

<sup>188</sup>. Idem, p. 279.

<sup>189</sup>. Idem, p. 62.

<sup>190</sup>. Idem, p. 516-517.

A crença que as pessoas têm no Bom Conselheiro não desaparece com sua morte. Mesmo depois de ter o túmulo violado pelo comando da quarta expedição e o cadáver ser decapitado, os simpatizantes revelam fé ao colocarem flores no mar, no lugar onde acreditam ter sido jogada a cabeça do messias:

[El Barón de Cañabrava] Volvió al balcón y miró, con un sentimiento creciente de perplejidad y de incomodidad. Sí, las barcas estaban allí, equidistantes de la isla de Itaparica y del redondo fuerte de San Marcelo, y, en efecto, las gentes de las barcas no estaban pescando sino echando flores al mar, derramando pétalos, corolas, ramos sobre el agua, y persignándose, y, aunque no podía oírlo – el pecho le golpeaba con fuerza – estuvo seguro que esas gentes estaban también rezando y acaso cantando.<sup>191</sup>

A transformação de Antônio Vicente em Antônio Conselheiro também é favorecida pelo posicionamento apresentado pelos opositores e/ou indiferentes diante de suas atividades. Os principais representantes desse rol são o Barão de Canabrava e o jornalista míope. O primeiro, além de ser o dono das terras de Canudos, onde a guerra acontece, é também o chefe político do Partido Autonomista Bahiano e, com o desenrolar dos acontecimentos, vai alterando sua visão a respeito do homem chamado Conselheiro. Inicialmente não se preocupa com a figura desse indivíduo, espantando-se apenas com a capacidade de resistência dos canudenses:

Lo que me sorprende es lo de Canudos. ¡Dos expediciones derrotadas! – Hizo un gesto de estupor, mirando a Viana –. No lo entiendo, Luis.<sup>192</sup>

O interesse do Barão pelo beato só é despertado ao ser pessoalmente prejudicado pelas ordens desse, quando percebe que Pajeú, ao lhe informar que a fazenda de Calumbi será queimada devido às instruções que o Conselheiro recebeu do Pai, tem certeza de estar fazendo uma boa ação e de que crê em tudo que é dito pelo messias:

– ¿A quemar Calumbí? – El estupor cambió la expresión, la voz, la postura del Barón.  
 – A purificarla – explicó el caboclo, despacio –. Después de tanto sudar, esta tierra merece descanso.  
 .....  
 – Está en la Biblia – explicó Pajeú, sin inmutarse –. Vendrá la República, el Cortapescuezos, habrá un cataclismo. Pero los pobres se salvarán, gracias a Belo Monte.  
 – ¿Has leído tú la Biblia, siquiera? – murmuró el Barón.

<sup>191</sup>. Idem, p. 544.

<sup>192</sup>. Idem, p. 175.

– La ha leído él – dijo el caboclo –. (...)

.....  
 – El Buen Jesús se ocupará de ellas [las tierras] mejor que usted – dijo Pajeú. Era evidente que no quería ser ofensivo; hablaba esforzándose por mostrarse respetuoso; parecía desconcertado por la incapacidad del Barón para aceptar las verdades más obvias –. Cuando usted parta, todos se irán a Belo Monte.

– Para entonces, Moreira César lo habrá desaparecido – dijo el Barón –. ¿No comprendes que las escopetas y las facas no pueden resistir a un Ejército?

No, nunca comprendería. Era tan vano tratar de razonar con él, como con Moreira César o con Gall.<sup>193</sup>

O Barão de Canabrava passa ver o Conselheiro como um ser que domina completamente os sertanejos que o rodeiam, inclusive aquele cangaceiro, tão temido no passado, para o qual as palavras do líder de Belo Monte são verdades óbvias e incontestas. Ele constata a inviabilidade de tentar dissuadir Pajeú de cumprir as determinações impostas pelo religioso ou de convencê-lo de que o ato a praticar destruirá aquele lugar e os seus habitantes porque percebe que o jagunço acredita agir da maneira correta e, sobretudo, por estar movido por um sentimento idealista, à semelhança do comportamento que identificou, em outros momentos, no comandante da terceira expedição e no frenólogo anarquista escocês. Portanto, o fazendeiro, ao se dar conta da obediência cega que todos os seguidores devotam ao seu guia espiritual, considera-o *un charlatán*<sup>194</sup>, um abusador da boa fé de uma *gente valerosa, sufrida, con un instinto certero de la dignidad*<sup>195</sup>.

Mesmo depois do conflito concluído e do Conselheiro morto, o Barão de Canabrava se mostra confuso sobre o que pensar a respeito do desfecho do episódio de Canudos. Ao se lembrar da imagem que retém do inspirador da insurreição, comenta e admite a liderança que o penitente exercia sobre os fiéis; um homem cuja importância, para ele, suplantou a de muitos místicos religiosos em situação mendicante similar:

– Yo lo conocí [Antonio Consejero] – murmuró el Barón y su interlocutor [el periodista miope] quedó callado, interrogándolo con su mirada acuosa –: Pero me pasa con él algo parecido a lo que le pasó en Canudos, por culpa de los anteojos. No lo identifico, se me esfuma. Fue hace quince o veinte años. Estuvo en Calumbí, con un pequeño séquito (...) Recuerdo una colección de harapos más que un conjunto de hombres. Pasaban demasiados santones por Calumbí. ¿Cómo hubiera

<sup>193</sup>. Idem, p. 255.

<sup>194</sup>. Idem, p. 258.

<sup>195</sup>. Idem, ibidem.

podido adivinar que ése era, entre tantos, el importante, el que relegaría a los demás, el que atraería a millares de sertaneros?  
 – También estaba llena de iluminados, de heréticos, la tierra de la Biblia – dijo el periodista miope –. Por eso tanta gente se confundió con Cristo. No entendió, no lo percibió...  
 – ¿Habla en serio? – adelantó la cabeza el Barón –. ¿Cree que el Consejero fue realmente enviado por Dios?  
 Pero el periodista miope proseguía, con voz correosa, su historia.<sup>196</sup>

A inquietação do Barão aumenta quando seu companheiro, o jornalista míope, traz à tona da conversa a hipótese de o sertanejo ter sido enviado por Deus, e ser reconhecido como tal somente por uns poucos fiéis. A reação do Barão, diante desse assunto, pode ser entendida como fruto de uma ansiedade em tentar entender o fenômeno de Canudos e do Conselheiro, desejando para isso ouvir o juízo de uma pessoa que esteve próxima dos acontecimentos e que faz parte de um grupo de indivíduos possuidor de instrução, de certa cultura, e que, por isso, crê ser capaz de discernir com alguma coerência e racionalidade sobre o ocorrido no interior da Bahia.

O jornalista míope é outra personagem que tem uma visão oscilante sobre o Conselheiro. No princípio da narrativa, quando o líder sertanejo é apresentado ao grande público como um restaurador da monarquia e Canudos como um reduto do antigo regime brasileiro, o jornalista, ao dizer *No tengo ideas políticas ni me interesa la política*<sup>197</sup>, deixa claro, para o diretor e dono do *Jornal de Notícias*<sup>198</sup>, no qual trabalha, apenas achar divertido escrever sobre a política porque os acontecimentos relacionados a ela não lhes são atraentes. Contudo, ao sofrer alguns desconfortos – fome, sede, frio – impostos pela guerra, ao se achar entre as personalidades e no meio dos fatos para os quais converge a curiosidade da Nação, o correspondente desperta seu interesse pelo líder religioso. Seus pensamentos, ao ter acesso ao Santuário, são a prova de que, mesmo involuntariamente, sente-se envolvido pelo que acontece em Belo Monte e arredores, não sendo mais indiferente à figura de Antônio Conselheiro:

Estaba rendido, sentía hambre, sed, sueño, urgencia de olvidar la pesadilla. Pensó: “Estoy en el Santuario”. Pensó: “Ahí está el Consejero”. Sentió asombro de haber llegado hasta aquí, pensó en el privilegiado que era, vería y oiría de cerca al eje de la

<sup>196</sup>. Idem, p. 462-463.

<sup>197</sup>. Idem, p. 149.

<sup>198</sup>. Segundo Walnice Nogueira Galvão, os jornais, desta época, eram os mais eficientes veículos de comunicação de massa no Brasil e ofereceram a Canudos representações que transitam no âmbito da galhofa, do sensacionalismo e da ponderação. A teórica aponta que as reportagens, independentes dos periódicos, apresentavam os mesmos chavões desabonadores sobre Canudos, o que, sem dúvida, formou a opinião pública contrária a tudo o que fosse referente a Antônio Conselheiro e aos seus asseclas. Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Primeira parte. In: \_\_\_. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais* – 4ª edição. 3.ed. São Paulo: Ática, 1994.

tempestad que vivía el Brasil, al hombre más conocido y odiado del país. ¿De qué le serviría? ¿Acaso tendría ocasión de contarlo?<sup>199</sup>

Tanto o Barão quanto o jornalista míope ajudam a firmar a imagem do Conselheiro como messias, porque já não possuem a convicção inicial de que se trata de um embusteiro ou um beato alucinado. O fragmento que segue ilustra nossa afirmação, pois percebemos, nas duas personagens, a angústia, principalmente do jornalista míope, em não terem certeza da origem do Conselheiro: se humana ou divina:

– ¿Qué lo angustia así? – dijo el Barón –. ¿La sospecha de que el Consejero fuese efectivamente un nuevo Cristo, venido por segunda vez a redimir a los hombres?

Lo dijo sin pensar y apenas lo hubo dicho se sintió incómodo. ¿Había querido hacer una broma? Pero ni él ni el periodista míope sonreían. Vio a éste hacer una negativa con la cabeza, que podía ser su respuesta o una manera de espantar una mosca.

– Hasta en eso he pensado – dijo el periodista míope –. Si era Dios, si lo envió Dios, se existía Dios... No sé. En todo caso, esta vez no quedaron discípulos para propagar el mito y llevar la buena nueva a los paganos. Quedó uno solo, que yo sepa; dudo que baste...<sup>200</sup>

Nesse diálogo, podemos ponderar os seguintes aspectos: as duas personagens, à menção de que o Conselheiro, já morto, possa ter sido o Cristo revivido, não apresentam nenhum argumento ou atitude enfática que conteste esse fato. A não negação configura-se, nesse caso, como uma possibilidade de aceitarem a suposição de ele não só ter simbolizado a volta do Redentor, mas ter sido o próprio Cristo. Ou seja, mesmo com uma ponta de descrença quanto à santidade do Conselheiro, não conseguem deixar de considerar sua hipótese como possível de ser verdadeira. Adicionado a isso, temos a referência final aos discípulos, considerados em número insuficiente para propagar o mito. É feita, nesse momento, uma referência direta aos apóstolos de Jesus que, após sua morte, saíram pelo mundo a falarem do Salvador. À semelhança do Filho de Deus, que não foi reconhecido por todas as pessoas, sendo considerado às vezes um impostor, mas que converteu algumas à sua fé, o Conselheiro trilha um caminho parecido pois, ao longo de sua vida após 1870, é identificado por alguns indivíduos como o messias, tornando-os seus seguidores, ao mesmo tempo em que é visto por outros como um mentiroso e intrujão.

<sup>199</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 485.

<sup>200</sup>. Idem, p. 426.

Sobre os elementos levantados a respeito da personagem Antônio Conselheiro, observamos que se mesmo para os adversários, por horas, sua figura assume o porte de um enviado divino, para os féis não há dúvidas quanto a esse fato. Seu perfil de messias é reforçado e tornado inegável a partir da convicção dos seguidores de que ele, ao morrer, foi conduzido ao Céu por anjos, que vieram buscá-lo, e que provavelmente todos os canudenses, por crerem nele, também obterão a vida eterna e viverão junto ao Pai:

– ¿Y el Consejero, y el Consejero? - [el León] oye decir, casi en su oído –. ¿Cierto que subió al cielo, que se lo llevaron los ángeles?

La cara llena de arrugas de la viejecita tumbada en el suelo tiene un solo diente y las legañas le tapan los ojos. No parece herida sino extenuada.

– Subió – asiente el León de Natuba, con una clara percepción de que eso es lo mejor que puede hacer por ella en ese instante –. Se lo llevaron los ángeles.

– ¿También vendrán a llevarse mi alma, León? – susurra la anciana.

El León vuelve a asentir, varias veces. La viejecita le sonrío antes de quedarse quieta y boquiabierta.<sup>201</sup>

Portanto, a partir das características físicas, do carisma que atrai os sertanejos e dos temas apocalípticos das suas prédicas, podemos considerar a personagem Antônio Conselheiro uma figura messiânica. Essa constatação é reforçada pela crença dos adeptos de que ele é um enviado divino, uma pessoa com dons sobrenaturais e pela qual são capazes de matar e morrer. O beato transmite aos crentes a certeza de estarem agradando a Deus com suas atitudes e de que a morte conduz aqueles que o seguem ao Céu, isto é, à felicidade eterna.

### 3.2 *Os conselheiristas*

Entre os adeptos que *se reúnem voluntariamente em torno do messias*<sup>202</sup>, durante a peregrinação, há dois grupos distintos de fiéis: um que não se separa do guia messiânico e outro que o acompanha por um curto período. Essa afirmativa é proposta por Yara Dulce Bandeira de Ataíde<sup>203</sup>:

<sup>201</sup>. Idem, p. 546-547.

<sup>202</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 384.

<sup>203</sup>. ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. As origens do povo do Bom Jesus Conselheiro. *Revista USP*, São Paulo, n.20, p. 88-99, dez./fev. 1993-1994.



O séquito, enquanto itinerante, era formado por um pequeno número de adeptos e fiéis, que acompanhava permanentemente o Conselheiro, e por um grande grupo que só transitoriamente se reunia em torno dele, e o acompanhava apenas em cada localidade que ele visitava, mas não o seguia em suas peregrinações a outros locais.<sup>204</sup>

Na fase itinerante do Conselheiro, enquanto alguns crentes o seguem permanentemente, outros fiéis mudam e a quantidade de peregrinos, que o acompanha, se altera:

Cuando, siete meses después, el Consejero y sus seguidores – **habían cambiado algunas caras, había aumentado el número**, había entre ellos ahora un negro enorme y semidesnudo, pero su pobreza y la felicidad de sus ojos eran los de antes – volvieron a aparecer en Pombal, (...) <sup>205</sup>

A maioria dos que vêem Antônio Vicente como um enviado divino, segundo Yara Ataíde, tem sua origem étnica entre os mestiços e os negros, denominados pelos registros da época de *pretos, pardos, caboclos, mestiços, cabras*<sup>206</sup>. São aqueles que, geralmente, não possuem terra e que descendem de antigos grupos extintos, colocados à margem da sociedade, a exemplo dos índios “puros”:

Eran una variopinta colectividad donde se mezclaban razas, lugares, oficios. Había entre ellos encuerados que habían vivido arreando el ganado de los coroneles hacendados; caboclos de pieles rojizas cuyos tatarabuelos indios vivían semidesnudos, comiéndose los corazones de sus enemigos; mamelucos que fueron capataces, hojalateros, herreros, zapateros o carpinteros y mulatos y negros cimarrones huidos de los cañaverales del litoral y del potro, los cepos, los vergazos con salmuera y demás castigos inventados en los ingenios para los esclavos. Y había las mujeres, viejas y jóvenes, sanas o tullidas, que eran siempre las primeras en conmoverse cuando el Consejero, durante el alto nocturno, les hablaba del pecado, de las vilezas del Can o de la bondad de la Virgen.<sup>207</sup>

O elenco acima descrito exemplifica a heterogeneidade dos componentes que integram o cortejo do Conselheiro: são diferentes homens e mulheres fascinados pelo seu discurso. Entretanto, as características dos que fazem parte da caravana do messias não se restringem a essas, incluem um grupo mais amplo, formado pelos

<sup>204</sup>. Idem, p. 90.

<sup>205</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 24. Grifo nosso.

<sup>206</sup>. ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. Op. cit. nota 71. p. 90.

<sup>207</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 30.

deformados, motivo de chacota nos arraiais; pelos rejeitados ou fugitivos das fazendas que não sabiam sobreviver sozinhos no sertão; por aqueles que nasceram flagelados e assim pereceriam se algo inédito não lhes alterasse o destino; e pelos retirantes, fugitivos das secas contínuas que matavam familiares e destruíam plantações<sup>208</sup>. Enfim, tratam-se daqueles afastados da sociedade. Em *La guerra del fin del mundo*, as personagens mais significativas, pertencentes a esse aglomerado de marginalizados, são Leão de Natuba, Alexandrinha Correa e os Vilanova.

O primeiro, *un adefesio enclenque*<sup>209</sup>, que se locomove como um animal, além de ser motivo de piadas, também sofre agressões corporais – *Lo acribillaban a pedradas, escupitajos e insultos*<sup>210</sup> – dos habitantes da vila, como uma maneira de castigá-lo pela sua aparência hedionda. É um rejeitado pela comunidade, apesar de ler e escrever as correspondências para os moradores, e pelos próprios parentes que só o socorrem por *una cuestión de honor más que por cariño*<sup>211</sup>. Sua situação chega ao limite, em Natuba, quando é responsabilizado pela morte de uma jovem – fato passível de ser aceito por aqueles que o consideravam filho do Diabo. Leão só não é queimado vivo porque o Conselheiro intercede por ele e o acolhe no seu rebanho.

O afastamento de Alexandrinha Correa da sociedade ocorre por dois motivos: primeiro, porque as pessoas acreditam ser ela uma rabdomante e, desse modo, um *objeto de reverencia y de curiosidad*<sup>212</sup>; segundo, por manter uma vida marital com o padre Joaquim, tendo com ele três filhos. Se, no princípio do envolvimento com o sacerdote, *todo Cumbe comentaba con sorna el cambio de Alejandrinha*<sup>213</sup> e logo *los vecinos toleraran sin demasiados remilgos esa unión*<sup>214</sup>, não significa que essa relação tenha sido aceita pela comunidade. Para os habitantes do local, Alexandrinha, mantendo essa vida, ajuda o padre Joaquim a se afastar do ideal sertanejo de como deve ser um clérigo. A adesão da personagem ao Conselheiro transmite, pois, a idéia de ela querer se redimir dos pecados cometidos.

Quanto aos Vilanova, encaixam-se nesse grupo de marginalizados por representarem os que fogem das desgraças promovidas pela natureza: as pestes, as

<sup>208</sup>. Tomamos por base o texto de LEONARDIS, Barbara de. Messianismo na caatinga. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). Op. cit. nota 4. p. 43-54. Especialmente a página 49.

<sup>209</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 106.

<sup>210</sup>. Idem, p. 107.

<sup>211</sup>. Idem, p. 108.

<sup>212</sup>. Idem, p. 127.

<sup>213</sup>. Idem, p. 128. Grifo nosso.

<sup>214</sup>. Idem, p. 129. Grifo nosso.

secas, as enchentes. Apesar de serem, sobretudo Antônio, prósperos comerciantes em tempos de bonança, sofrem perdas financeiras e afetivas que os transformam em constantes retirantes pelo sertão:

Esta vez, la peregrinación de la familia Vilanova, por un territorio agobiado de hambre y de sed, fue más larga que la que había hecho una década atrás; huyendo de la peste. (...) Uno de los hijos de Honorio murió de disentería y lo enterraron en Borracha, (...) Pero tampoco pudieron resistir mucho allí y emigraron hacia Patamuté y Mato Verde, donde Honorio fue picado por un alacrán. (...) En Pedra Grande, otro hijo de Honorio y Asunción murió de un simple catarro.<sup>215</sup>

A união dessa família ao messias significa, para Antônio, o encontro de paz e de tranqüilidade depois de uma vida conturbada por viagens e inquietações.

Contudo, há ainda membros do séquito do Conselheiro a que não nos referimos: os cangaceiros. Consta que alguns dos mais terríveis do interior nordestino – como João Satã, posteriormente conhecido como João Abade, e Pajeú – tornam-se homens fiéis do asceta, depois de ouvirem seus sermões e de se arrependerem dos crimes cometidos:

Igual que los vaqueros, los peones, los libertos y los esclavos, los cangaceiros reflexionaban. Y algunos de ellos – el cortado Pajeú, el enorme Pedrão y hasta el más sanguinario de todos: João Satán – se arrepentían de sus crímenes, se convertían al bien y lo seguían.<sup>216</sup>

Tal fato, segundo Leonardis, desperta a atenção, pois se tratam de indivíduos que conhecem a caatinga muito bem, não necessitando do auxílio de outra pessoa para sobreviverem<sup>217</sup>. Todavia, a presença deles é inegável e aumenta o prestígio do messias, pois lhe dá a feição de um ente superior, capaz de transformar ferozes leões em pacíficos cordeiros, a exemplo do temível João Grande:

Un día encontró en una encrucijada de senderos, en las afueras de Pombal, a un puñado de gentes que escuchaban las palabras que les decía un hombre magro, envuelto en una túnica morada, cuyos cabellos le barrían los hombros y cuyos ojos parecían brasas. Hablaba del Diablo, precisamente, al que llamaba Lucifer, Perro, Can y Belcebú, de las catástrofes y crímenes que causaba en el mundo y de lo que debían hacer los hombres que querían salvarse. Su voz era persuasiva,

<sup>215</sup>. Idem, p. 89-90.

<sup>216</sup>. Idem, p. 29.

<sup>217</sup>. Cf. LEONARDIS, Barbara de. Op. cit. nota 76. p. 49.

llegaba al alma sin pasar por la cabeza, e incluso a un ser abrumado por la confusión, como él, le parecía un bálsamo que suturaba viejas y atroces heridas. Inmóvil, sin pestañear, João Grande lo estuvo escuchando, conmovido hasta los huesos por lo que oía y por la música con que venía dicho lo que oía. La figura del santo se le velaba a ratos por las lágrimas que acudían a sus ojos. Cuando el hombre reanudó su camino, se puso a seguirlo a distancia, como un animal tímido.<sup>218</sup>

O encontro de João Grande com o peregrino ilustra a fascinação que o beato exerce sobre os indivíduos, inclusive naqueles que os sertanejos julgam possuídos pelo Cão. Quando um homem muda seu comportamento, ao ter contato com o Conselheiro, os fiéis têm a certeza do poder atribuído por Deus ao guia, afinal ele é capaz de alterar o destino das pessoas que dele se aproximam.

A adesão dos adeptos ao líder messiânico, normalmente, é efetuada por famílias completas, que tudo abandonam nos seus locais de origem. A vontade dos indivíduos em quererem salvar suas almas e obterem uma vida terrena melhor sobrepõe-se às perdas materiais, caso as tenham. Uma família de romeiros, recebida pelo Beatinho, representa as outras:

Entraron un ciego, su hija y su marido y dos hijos de éstos. Venían de Querará y el viaje les había tomado un mes. En el trayecto murió la madre del marido y dos hijos mellizos de la pareja. (...) Las cinco caras mostraban esa mezcla de fatiga que daban el hambre y el sufrimiento físico y de regocijo del alma que invadía a los peregrinos al pisar Belo Monte.<sup>219</sup>

Para os crentes, o desejo de se unirem ao Conselheiro e com ele obterem uma existência benfazeja, na Terra ou no Céu, torna-se a aspiração principal, capacitando-os a esquecer as tristezas que até a pouco tempo os atormentavam.

Uma característica da sociedade sertaneja, bem assimilada pelos conselheiristas, é a importância dada ao rito do enterro<sup>220</sup>. Em várias passagens da narrativa, encontramos os seguidores do missionário preocupando-se com o velório dos mortos da região. O fragmento oferece uma imagem geral das atividades dos adeptos:

Durante los meses de la sequía el Consejero y sus discípulos tabajaron sin tregua dando sepultura a los muertos de inanición, peste o angustia que encontraban a la vera de los caminos, cadáveres corruptos y comidos por las bestias y aun por

<sup>218</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 41-42.

<sup>219</sup> Idem, p. 243.

<sup>220</sup> Cf. LEVINE, Robert M. Op. cit. nota 2. p. 187.

humanos. Fabricaban cajones y cavaban fosas para esos hermanos y hermanas.<sup>221</sup>

A particularização de um funeral, o de um dos filhos de Honório Vilanova, permite perceber que esse grupo de fiéis responsabiliza-se desde a preparação do caixão até a encomendação da alma do morto:

Y antes que Honorio repusiera, [el Consejero] se volvió a sus acompañantes: "Vamos a hacerle un entierro decente, para que el Padre lo reciba alborozado". Los Vilanova, entonces, vieron a los peregrinos animarse, correr hacia los árboles, cortarlos, clavarlos, fabricar un cajón y una cruz con una destreza que mostraba larga práctica. El moreno cogió en sus brazos al niño y lo metió en el cajón. Mientras los Vilanova rellenaban la tumba, el hombre rezó en voz alta y los otros cantaron benditos y letanías, arrodillados alrededor de la cruz.<sup>222</sup>

Assim, se a preocupação com o enterro de pessoas desconhecidas é grande, maior é com o dos companheiros da fé. Durante o período do conflito com as expedições policiais e militares, notamos o cuidado dos conselheiristas em darem um sepultamento cristão aos irmãos religiosos:

Al Enano lo fascinaban los entierros, ese curioso afán de los deudos de que sus muertos se enterraran con algún pedazo de madera encima. Como ya no había quien hiciera ataúdes, pues todos estaban dedicados a la guerra, los cadáveres se sepultaban envueltos en hamacas, a veces dos o tres en una sola. Los parientes ponían dentro de la hamaca una tablita, una rama de arbusto, un objeto cualquiera de madera, para probarle al Padre su voluntad de dar al muerto un entierro digno, con cajón, que las adversas circunstancias impedian.<sup>223</sup>

A atenção dispensada aos funerais provém da certeza de que, neste momento, os falecidos devem estar prontos e arrumados para se reencontrar com o Pai. Essa convicção dos adeptos é o resultado da crença nas palavras do Conselheiro, que revela aos fiéis ser através da morte que os indivíduos retornam ao Criador.

A crença de que o Conselheiro é um indivíduo dotado de qualidades espirituais, com a capacidade de compreender, consolar, perdoar e transformar as pessoas em seres melhores, faz com que ele seja tão ou mais adorado do que os santos ou o próprio Salvador. O Leão de Natuba diz textualmente, na narrativa, que acredita somente no Conselheiro:

<sup>221</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 30.

<sup>222</sup>. Idem, p. 90.

<sup>223</sup>. Idem, p. 447.

Después de los rezos, habían comenzado a confesarse en voz alta. Cuando le tocó el turno, el León de Natuba, en un arrebatado impensado, dijo de pronto algo que nadie le había oído antes: “Yo no creo en Dios ni en la religión. Sólo en ti, padre, porque tú me haces sentir humano”.<sup>224</sup>

Com essa confissão, a personagem explicita a importância extremada que este messias exerce na vida dos seguidores. Para o Leão, o Conselheiro está acima da entidade divina mais importante do Cristianismo. Deixa claro que não se mantém ligado a ele por causa da religião, mas que o acompanha somente pelos sentimentos que lhe desperta, por fazê-lo sentir-se participante da raça humana. Com isso, dá ao visionário, mesmo contra a vontade desse, o papel não igual a Deus, mas superior.

Cabe ainda a esse seguidor identificar os momentos agonizantes de Canudos como sendo, talvez, a consumação do quarto fogo anteriormente previsto pelo Conselheiro:

El humo es tan denso que el León de Natuba comienza a toser, a la vez que esa mente activa, creativa, funcionante, recuerda algo que el Consejero dijo alguna vez, que él escribió y que debe de estar también carbonizándose en los cuadernos del Santuario: “Habrá tres fuegos. Los tres primeros los apagaré y el cuarto se lo ofreceré al Buen Jesús”. Dice fuerte, ahogándose: “¿Es éste el cuarto fuego, es éste el último fuego?”<sup>225</sup>

Assim, o Leão não apenas prova ser um crente fiel a perceber o cumprimento das profecias, mas também firma a figura daquele beato – nesse momento da guerra já falecido –, enquanto um enviado divino, uma pessoa que, por ter mantido contato com o Senhor, foi capaz de prever o futuro, que agora se faz presente, para os canudenses.

Para os conselheiristas, a aproximação do seu líder com Jesus Cristo encontra eco na maneira como se dirigem a ele e como falam dele. A saudação usada pelo Conselheiro e repetida pelos adeptos, que aparece em vários momentos da narrativa, “*Alabado sea Nuestro Señor Jesucristo*”<sup>226</sup>, vai sendo alterada paulatinamente para “*Alabado sea el Buen Jesús*”<sup>227</sup>, até atingir a maneira mais utilizada pelos crentes, durante o período da guerra: “*Alabado sea el Buen Jesús Consejero*”<sup>228</sup>. Nessa forma final, temos a junção das duas expressões anteriores, acrescidas do nome do messias

---

<sup>224</sup>. Idem, p. 275.

<sup>225</sup>. Idem, p. 550.

<sup>226</sup>. Idem, p. 163.

<sup>227</sup>. Idem, p. 192.

<sup>228</sup>. Idem, p. 434.

ao de Jesus. Assim, há a ênfase do aspecto sofredor<sup>229</sup> e na possibilidade de salvação oferecida pelo Cristo e pelo Conselheiro, destacando a semelhança entre ambos. A aproximação do penitente com Deus também é refletida pelo emprego do substantivo “pai”, ao se referirem aos dois. O exemplo abaixo, alusivo aos últimos momentos do Conselheiro, ilustra nossa afirmação:

“Antonio Vilanova”, susurra el Consejero y hay como una descarga eléctrica en el Santuario. “Ha hablado, ha hablado”, piensa el Beatito, (...) “Alabado sea el Padre, alabado sea el Buen Jesús.” (...)

El Beatito ve que esa boca amada, a la que la flacura ha dejado sin labios, se abre para repetir: “Antonio Vilanova”. Reaccionan, dicen “sí, sí, padre”, (...) <sup>230</sup>

Como os canudenses estabelecem uma estreita ligação do seu líder com o Pai e o Filho, enxergam nele uma aura divina e acreditam que tudo o que esteja relacionado ao Conselheiro seja considerado sagrado. No episódio em que o Beatinho e as mulheres do Coro Sagrado comungam o excremento expelido pelo moribundo messias, por julgarem ser um óbolo, há a manifestação do sagrado, pois, para esses adeptos, tudo o que provém do enviado de Deus tem um caráter espiritual e superior à aparência mundana:

la Madre María Quadrado y las beatas corren a rodearlo [al Consejero], levantarle el hábito, limpiarlo, recoger humildemente eso que – piensa el Beatito – no es excremento, porque el excremento es sucio e impuro y nada que provenga de él puede serlo. ¿Cómo sería sucia, impura, esa aguadija que mana sin tregua desde hace ¿seis, siete, diez días? de ese cuerpo lacerado? ¿Acaso ha comido algo el Consejero en estos días para que su organismo tenga impurezas que evacuar? “Es su esencia lo que corre por ahí, es parte de su alma, algo que está dejándonos.” Lo intuyó en el acto, desde el primer momento. Había algo **misterioso y sagrado** en esos cuescos súbitos, tamizados, prolongados, en esas acometidas que parecían no terminar nunca, acompañadas siempre de la emisión de esa aguadija. Lo adivinó: “**Son óbolos, no excremento**”. Entendió clarísimo que el Padre, o el Divino Espíritu Santo, o el Buen Jesús, o la Señora, o el propio Consejero querían someterlos a una prueba. Con dichosa inspiración se adelantó, estiró la mano entre las beatas, mojó sus dedos en la aguadija y se los llevó a la boca, salmodiando: “¿Es así como quieres que comulgue tu siervo, Padre? ¿No es esto para mí rocío?”. Todas las beatas del Coro Sagrado comulgaron también, como él. <sup>231</sup>

<sup>229</sup> Cf. LEVINE, Robert M. Op. cit. nota 2. p. 205.

<sup>230</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 511.

<sup>231</sup> Idem, p. 513. Grifos nossos.

Tal atitude por parte dos discípulos indica que, para eles, o Conselheiro é um ser puro e gerador do alimento que deve nutrir a alma dos crentes. A capacidade dos canudenses em sacralizarem um ato fisiológico encontra explicação no fato de pertencerem a uma sociedade que preserva valores arcaicos, tradicionais, e conserva uma grande religiosidade. Segundo Mircea Eliade<sup>232</sup>, para o homem “primitivo”, religioso, habitante das sociedades tradicionais – apresentado como o contraponto do “moderno”, a-religioso, e morador das sociedades industriais – , um ato orgânico nunca é visto simplesmente como fisiológico, podendo assumir o caráter de comunhão com o sagrado<sup>233</sup>. Isso é possível devido ao acesso desse indivíduo às infinitas experiências, que podem ser consideradas “cósmicas”. Para o homem das sociedades arcaicas – a exemplo dos conselheiristas<sup>234</sup> –, a vida como um todo é passível de obter a santificação, pois, ao mesmo tempo que tem uma existência humana, também participa de uma outra relacionada com o “Cosmo” ou com os deuses. Tais aspectos permitem, ao indivíduo religioso, crer que um ato, muitas vezes visto como puramente orgânico, possa tornar-se sagrado. No caso dos crentes de Belo Monte, a aceitação de que o Conselheiro é um ser que produz de forma espontânea um “sacramento”, composto pela sua porção espiritual – essência e alma –, confirma a crença em sua santidade, despidendo-o de sua condição humana para vesti-lo de um estado trans-humano.

O maná expelido continuamente pelo messias – *aunque fuera maná lo que escurría su cuerpo*<sup>235</sup> – possui para Leopoldo Bernucci um significado ligado à *Bíblia*:

No deja de ser sugestivo el significado que tiene la palabra “maná” designando excremento comible dentro de la red analógica de imágenes bíblicas.<sup>236</sup>

Segundo o Livro Sagrado, o maná foi o alimento que Deus mandou, sob a forma de chuva, aos israelitas para fazê-los resistir no deserto. Desse modo, o Conselheiro, utilizando o seu corpo – ou será o Pai usando seu enviado? –, oferece aos seguidores o sustento, que deve ajudá-los a sobreviver e a nutrir sua fé, durante o período final de provação imposto pela guerra.

<sup>232</sup>. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>233</sup>. Idem, p. 137-141.

<sup>234</sup>. A permissão que nos damos para considerar os conselheiristas pertencentes a uma comunidade tradicional e arcaica baseia-se no fato de que, enquanto sertanejos, habitam uma região brasileira – a do sertão – apontada como o oposto da litorânea onde se concentra o progresso, a modernidade, o desenvolvimento industrial e tecnológico. Conseqüentemente, esse local, ao contrário do primeiro, é aquele em que a consciência humana dessacraliza o mundo.

<sup>235</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 514. Grifo nosso.

<sup>236</sup>. BERNUCCI, Leopoldo M. Op. cit. nota 17. p. 975.



A moléstia do Conselheiro aumenta a certeza, continuamente transmitida a seus discípulos, de que o mundo está prestes a acabar. Tal convicção, anterior aos períodos de guerra, faz com que alguns de seus seguidores, por acreditarem em suas palavras, tentem apressar o final através de ações que apontam para uma feição escatológica:

Algunos impacientes, con el pretexto de apurarlo [el Juicio Final] o de ganarle a la tierra el descanso, salieron a sembrar la desolación. Enfurecidos de amor prendían fuego a las construcciones de los tablazos y caatingas que separaban a Canudos del mundo.<sup>237</sup>

O jornalista míope, durante sua estada em Belo Monte, ao conviver com os conselheiristas, percebe que essas pessoas não temem a morte, ao contrário, parecem desejá-la. A explicação que encontra para esse fato fundamenta-se na esperança que elas têm de a vida celeste ser melhor do que a terrena, demonstrando confiarem nas palavras do messias:

[Los canudenses] Daban más importancia a la muerte que a la vida. Habían vivido en el desamparo más total y toda su ambición era un buen entierro. ¿Cómo entenderlos? Aunque, tal vez, si uno vivía la vida que él estaba viviendo en este momento, la muerte era la única esperanza de compensación, una “fiesta”, como decía el Consejero.<sup>238</sup>

Entretanto, há aqueles fiéis que, por medo da morte ou por sentirem sua crença abalada – quando o Belo Monte está prestes a sucumbir –, tentam se render às forças militares. Segundo o relato que o Fogueiro faz a Antônio Vilanova e às pessoas que acompanham ao comerciante, os crentes, que buscam sobreviver se entregando aos adversários, são assassinados pelos irmãos na fé sob o comando de João Abade. Esse discípulo do Conselheiro não aceita a idéia das pessoas deixarem o arraial para se tornarem prisioneiras porque sabe que acabarão morrendo nas mãos dos ímpios através da degola, isto é, não ficarão só com o corpo insepulto, mas certamente serão sacrificadas com arma branca, o que, para o Conselheiro, condena a alma à morte eterna:

– ¡Alto! ¡Alto! – [João Abade] gritó, desorbitado, mirando a derecha y a izquierda, haciendo gestos a los que se rendían, tratando de atajarlos –. ¿Se han vuelto locos? ¡Alto! ¡Alto!  
– Le explicamos – dijo el Fogueteiro –. Se lo explicó João Grande, que estaba llorando y se sentía responsable. Llegaron

<sup>237</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 96.

<sup>238</sup>. Idem, p. 487.

también Pedrão, el Padre Joaquim, otros. Bastaron dos palabras para que se diera cuenta de todo.

– No es que los vayan a matar – dijo João Abade, alzando la voz, cargando su fusil, tratando de apuntar a los que ya habían cruzado y se alejaban –. A todos nos van a matar. Los van a humillar, los van a ofender como a Pajeú. No se puede permitir, precisamente porque son inocentes. ¡No se puede permitir que les corten los pescuezos! ¡No se puede permitir que los deshonren!

– Ya estaba disparando – dijo Antonio el Fogueteiro –. Ya estábamos disparando todos. Pedrão, João Grande, el Padre Joaquim, yo. – El Enano notó que su voz, hasta entonces firme, dudaba –: ¿Hicimos mal? ¿Hice mal, Antonio Vilanova? ¿Hizo mal João Abade en hacernos disparar?

– Hizo bien – dijo en el acto Antonio Vilanova –. Eran muertes piadosas. Los hubieran matado a faca, hecho lo que a Pajeú. Yo hubiera disparado, también.<sup>239</sup>

A ação dos canudenses, que buscam resistir aos ataques inimigos, não se configura, para os que a praticam, como um ato de violência contra os companheiros, mas é um esforço derradeiro empreendido na tentativa de salvar as almas daqueles que – assim entendem – irão ser contaminados e mortos impiedosamente pelo Cão. Antônio Vilanova, ao confortar o Fogueteiro, quando esse prenuncia um certo arrependimento e remorso pelo ato, dizendo que também atiraria, explicita a convicção, enquanto seguidor do Conselheiro, de que a morte é a melhor coisa que pode acontecer ao bom crente. Tal como pregou o messias, principalmente durante o período da guerra, subentende ser através dela que se obtém a salvação.

Nem todos, porém, que acreditam em Antônio Conselheiro, habitam Canudos<sup>240</sup>. O profeta, que os cirqueiros, Jurema e Galileu Gall encontram na localidade de Algodão, acompanhado de alguns peregrinos e possuidor de uma aparência física e de uma atividade religiosa parecidas com as do Conselheiro, exemplifica esses seguidores espalhados pela caatinga:

Los conducía [a un grupo de peregrinos] un apóstol; hombre ya viejo que llevaba alpargatas y una túnica sobre los pantalones. Tenía un escapulario enorme y los seres que lo seguían lo miraban con veneración y timidez, como a alguien caído de otro mundo.<sup>241</sup>

<sup>239</sup> Idem, p. 556-557.

<sup>240</sup> Segundo Marco Antonio Villa, como Canudos é igualado a um centro religioso, muitos sertanejos que se denominam conselheiristas continuam morando em arraiais próximos a essa comunidade, estendendo pelo interior nordestino a influência do líder de Belo Monte. Tal fato aumenta o temor dos republicanos, que vêm na dispersão dos seguidores do beato uma dificuldade em reprimir, com eficiência, as manifestações do movimento. Cf. VILLA, Marco Antonio. Op. cit. nota 6. p.80.

<sup>241</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 236.

Esse velho homem não se limita a crer nas profecias apocalípticas do Bom Jesus Conselheiro e a considerá-lo dotado de dons especiais, mas também aceita a crença conselheirista de a República ser a personificação do Diabo, que utiliza as pessoas pertencentes à ela como seus instrumentos de destruição. Para o profeta, a permanência junto aos canudenses e ao líder messiânico significa obter, depois da morte, a ressurreição e a vida eterna, ou seja, alcançar a morada do Altíssimo. Em contraposição, lutar contra o Belo Monte leva à condenação perpétua e ao Inferno:

el viejo habló de Canudos, de los Libros Santos y de lo anunciado por el Consejero, al que llamaba mensajero de Jesús. Resucitarían a los tres meses y un día, exactamente. Los del Can, en cambio, morirían para siempre. Ésa era la diferencia: la de la vida y la muerte, la del cielo y el infierno, la de la condena y la salvación. El Anticristo podía mandar soldados a Canudos: ¿de qué le serviría? Se pudrirían, desaparecerían. Los creyentes podían morir, pero, tres meses y un día después, estarían de vuelta, completos de cuerpo y purificados de alma por el roce con los ángeles y el tufo del Buen Jesús.<sup>242</sup>

Para esse beato, o Conselheiro figura-se como um indivíduo mandado por Deus para conduzir os sertanejos no caminho que leva à salvação. É o ser com a responsabilidade de transformar o Mundo num lugar aprazível, harmonioso e feliz para se viver:

Al final de la guerra ya no habría ricos, o, mejor dicho, no se notaría, pues todos serían ricos. Estas piedras se volverían ríos, esos cerros sembríos fértiles y el arenal que era Algodones un jardín de orquídeas como las que crecían en las alturas de Monte Santo. La cobra, la tarántula, la suçuarana serían amigas del hombre, como hubiera sido si éste no se hubiera hecho expulsar del Paraíso. Para recordar estas verdades estaba en el mundo el Consejero. (...)  
El espíritu era el Buen Jesús y la materia era el Perro. Ocurrirían los milagros tan esperados: desaparecerían la miseria, la enfermedad, la fealdad.<sup>243</sup>

Um seguidor que se diferencia dos demais é Padre Joaquim, em função de ser um membro oficial da Igreja que assume publicamente sua simpatia pelo Conselheiro. Sua vida que, no começo da narrativa, é apresentada como pecaminosa, por não observar alguns princípios básicos do apostolado como a castidade e a sobriedade, vai sendo alterada, seja em virtude da imposição da mulher – Alexandrinha Correa –, ou pela sua própria insegurança diante do asceta:

---

<sup>242</sup>. Idem, ibidem.

<sup>243</sup>. Idem, ibidem.

Aunque [el Padre Joaquim] seguía viviendo alegremente, sus relaciones con la mujer que compartía su casa y era madre de sus hijos, cambiaron. Al menos en público, se trataban con la cortesía de dos personas que apenas se conocen. El Consejero despertaba en el párroco de Cumbe sentimientos indefinibles. ¿Le tenía miedo, respeto, envidia, conmiseración? El hecho es que cada vez que llegaba le abría la Iglesia, lo confesaba, lo hacía comulgar y mientras estaba en Cumbe era un modelo de templanza y devoción.<sup>244</sup>

Com o suceder dos acontecimentos, o vigário torna-se um dos principais responsáveis em manter o Belo Monte em contato com o restante do sertão. Suas atividades, além de zelar pela fé dos fiéis, realizando suas tarefas sacerdotais, consistem em informar aos principais defensores da comunidade sobre a movimentação das expedições que visam destruí-la:

[El Consejero] Fue al encuentro del Padre Joaquim, cuyo hábito venía enterrado, así como su cara. Se inclinó ante él, le cogió la mano y se la besó. La humildad y el respeto con que lo recibía el Consejero incomodaban siempre al párroco, pero hoy estaba tan inquieto que no pareció notarlos.  
– Llegó un telegrama – dijo, mientras le besaban la mano el Beatito, João Abade, la Madre de los Hombres y las beatas –. Viene un Regimiento del Ejército Federal, desde Río. Su jefe es un famoso militar, un héroe que ha ganado todas las guerras.<sup>245</sup>

Em sua conversa com o Barão de Canabrava, o jornalista míope conta que o párroco de Cumbe, junto com outros padres que não conheceu, mas que soube andarem pelo arraial, forneceu aos canudenses artigos que, durante a guerra, esses tinham dificuldades em obter:

Y allí [en Canudos] estaban [los curas], espiando para los yagunzos o peleando hombro a hombro con ellos. Mandando informaciones o trayendo medicinas, contrabandeando salitre y azufre para fabricar explosivos.<sup>246</sup>

Ao praticar tais atos, o Padre Joaquim passa a ser considerado um homem que, segundo a opinião do correspondente perante a incredulidade do Barão, teve a existência modificada pelo Bom Jesus Conselheiro:

El Barón escrutó a su huésped:  
– ¿Ese curita cargado de hijos? ¿Ese borrachín y practicante de los siete pecados capitales estaba en Canudos?  
– Es un buen indicio del poder de persuasión del Consejero – afirmó el periodista –. Además de volver santos a los ladrones y

<sup>244</sup> Idem, p. 130.

<sup>245</sup> Idem, p. 167.

<sup>246</sup> Idem, p. 424.

asesinos, catequizó a los curitas corrompidos y simoníacos del sertón. Hombre inquietante ¿no es cierto?<sup>247</sup>

Através desse diálogo, vemos que jornalista credita ao Conselheiro o privilégio de exercer, com eficiência, o dom de transformar as pessoas que o cercam em indivíduos melhores do que eram antes de se juntarem a ele.

Ao falar com Jurema sobre Pajeú, especialmente a respeito das maldades que esse praticou antes de se tornar um seguidor do Conselheiro, o próprio clérigo enumera as profundas mudanças que o messias opera nas pessoas, inclusive entre os jagunços que o conhecem. Entretanto, todos os milagres conseguidos pelo Conselheiro, junto à população do interior nordestino, só despertou a ira da República. Por causa disso, o padre concorda com a afirmação do beato de que o novo regime é o Anticristo, igualando-se, dessa forma, aos demais conselheiristas:

Toda esa vida de locura e infierno. Y, sin embargo, ahí está, también él [Pajeú], como João Abade, como Taramela, Pedrão y los demás... El Consejero hizo el milagro, volvió oveja al lobo, lo metió al redil. Y por volver ovejas a los lobos, por dar razones para cambiar de vida a gentes que sólo conocían el miedo y el odio, el hambre, el crimen y el pillaje, por espiritualizar la brutalidad de estas tierras, les mandan Ejército tras Ejército, para que los exterminen. ¿Qué confusión se ha apoderado del Brasil, del mundo, para que se cometa una iniquidad así? ¿No es como para darle también en eso la razón al Consejero y pensar que efectivamente Satanás se ha adueñado del Brasil, que la República es el Anticristo?<sup>248</sup>

A adesão do Padre Joaquim ao Conselheiro manifesta-se, para o Barão de Canabrava, mesmo depois do final do conflito, como um acontecimento extraordinário pois, para ele, as pessoas ligadas ao messiânico visionário pertenciam somente às baixas classes sociais:

– Era un curita pecador pero no estúpido – reflexionó el Barón-. Cuando estaba sobrio se podía conversar con él. Hombre despierto y hasta con lecturas. Me cuesta creer que cayera también bajo el hechizo de un charlatán, igual que los analfabetos del sertón...<sup>249</sup>

Portanto, o Barão de Canabrava ao ver em Antônio Conselheiro um homem que não atingia somente as camadas ignorantes da população nordestina, mas igualmente

<sup>247</sup>. Idem, ibidem.

<sup>248</sup>. Idem, p. 448.

<sup>249</sup>. Idem, p. 425.

aquelas sociais e culturalmente superiores, também dá ao beato o *status* de um indivíduo capaz de modificar diferentes pessoas.

O relacionamento dos fiéis com o seu mestre baseia-se numa forte harmonia entre eles. Enquanto o Conselheiro providencia o amparo espiritual, aqueles cuidam da segurança do líder. No relato do confronto de Massaté, ainda que a força policial possuía armas superiores, o séquito não se intimida e enfrenta os adversários:

pues apenas el Sargento jefe les ordenó entregar al que le decían Consejero, la turba se les echó encima, en un acto de flagrante temeridad, considerando que los policías tenían fusiles y ellos sólo palos, hoces, piedras, cuchillos y una que otra escopeta. Pero todo ocurrió de manera tan súbita que los policías se vieron cercados, dispersados, acosados, golpeados y heridos, a la vez que se oían llamar “¡Republicanos!” como si la palabra fuera insulto. Alcanzaron a disparar sus fusiles, pero aun cuando caían andrajosos con el pecho roto o la cara destrozada, nada los desaminó y, de pronto, los policías bahianos se encontraron huyendo, aturdidos por la incomprensible derrota.<sup>250</sup>

Esse episódio, ao invés de fazer os penitentes abandonarem o beato, com medo de novas investidas policiais, motiva-os a um fervor maior. Mesmo com o Conselheiro autorizando-os a retornar às suas casas, permanecem ao seu lado por se identificarem com os “escolhidos”:

Les dijo que lo ocurrido la víspera era sin duda preludio de mayores violencias y les pidió que regresaran a sus casas, pues si continuaban con él, podían ir a la cárcel o morir como esos cinco hermanos que ahora estaban en presencia del Padre. Ninguno se movió. Pasó sus ojos sobre los cien, ciento cincuenta, doscientos desarrapados, que lo escuchaban inmersos todavía en las emociones de la víspera, y además de mirarlos pareció verlos. “Agradézcanle al Buen Jesús, les dijo con suavidad, pues parece que los ha elegido a ustedes para dar el ejemplo.”<sup>251</sup>

Os fiéis têm uma profunda convicção de serem os homens eleitos pelo Pai. Eles explicitam isso através de um sentimento de fraternidade, apesar de suas origens serem, muitas vezes, diferentes. Porém, por meio da fé e crença no Conselheiro, tornam-se iguais naquele lugar que consideram sagrado:

La diversidad humana coexistía en Canudos sin violencia, en medio de una solidaridad fraterna y un clima de exaltación que los elegidos no habían conocido. Se sentían verdaderamente ricos de ser pobres, hijos de Dios, privilegiados, como se los

---

<sup>250</sup>. Idem, p. 47.

<sup>251</sup>. Idem, p. 48.

decía cada tarde el hombre del manto lleno de agujeros. En el amor hacia él, por lo demás, cesaban las diferencias que podían separarlos: cuando se trataba del Consejero esas mujeres y hombres que habían sido cientos y comenzaban a ser miles se volvían un solo ser sumiso y reverente, dispuesto a darlo todo por quien había sido capaz de llegar hasta su postración, su hambre y sus piojos para infundirles esperanzas y enorgulleclos de su destino.<sup>252</sup>

Portanto, os seguidores de Antônio Conselheiro são aqueles indivíduos pertencentes às diversas classes sociais e às diferentes situações econômicas. São todos os homens que crêem piamente nas prédicas do messias. Ao lado do enviado divino, os conselheiristas se sentem pessoas escolhidas por Deus, aquelas que devem lutar, mesmo à custa da própria vida, contra o Anticristo para serem recompensadas com a salvação eterna.

### 3.3 *A Jerusalém sertaneja*

Passando à categoria dos “eleitos” e com a decisão do beato em encerrar a vida errante, o grupo de crentes entra na fase da vivência na Cidade Santa. Através do estabelecimento num arraial, o messias busca congregar os que estão próximos de si com aqueles que o admiram, mas que precisam de um lugar fixo para morar. Essa nova etapa ocorre quando os seguidores começam a sofrer represálias e a se confrontarem com tropas policiais. A atitude de constituir uma comunidade coincide com a evolução do movimento messiânico: o penitente e seus asseclas, após o período de marcha errante, expõem a necessidade de permanecer num lugar determinado:

[os beatos] depois de um período de peregrinação apostólica, se firmam numa sede que escolhem como cidade santa, destinada depois a tornar-se meta de peregrinações e centros de reunião dos prosélitos.<sup>253</sup>

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, a formação de uma comunidade – a instauração de uma Cidade Santa – significa para os fiéis *a concretização do Reino Sagrado, que se estenderá um dia à terra toda*<sup>254</sup>. Na obra, o desejo do Conselheiro em

<sup>252</sup>. Idem, p. 99.

<sup>253</sup>. LANTERNARI, Vittorio. Outros movimentos proféticos americanos. In: \_\_. *As religiões dos oprimidos*. Um estudo dos modernos cultos messiânicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 206-207.

<sup>254</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 393.

permanecer em Canudos corresponde, para os seguidores, à chegada ao lugar santo prometido em suas prédicas:

Señalando, a los lejos, el conjunto de cabañas que habían sido ranchos de peones y la mansión desvencijada que fue casa grande cuando aquello era una hacienda, el Consejero dijo: “Nos quedaremos allí”. Algunos recordaron que, desde hacía años, en las pláticas nocturnas, solía profetizar que, antes del final, los elegidos del Buen Jesús encontrarían refugio en una tierra alta y privilegiada, donde no entraría un impuro. Quienes subieran hasta allí tendrían la seguridad del eterno descanso.<sup>255</sup>

No momento em que o Conselheiro revela a fazenda de Canudos como o local escolhido, transmite aos crentes a idéia de estarem num espaço sagrado. Com esse gesto, o beato realiza a fundação de um mundo, onde os homens religiosos devem viver.

Nos movimentos messiânicos, a Cidade Santa, além de reunir os seguidores de um messias e de permitir um controle mais efetivo sobre o comportamento deles, tem por objetivo separar o lugar da promessa do restante do mundo. O fato de Belo Monte estar separado da circunvizinhança e de todo o sertão também deve ser entendido enquanto um espaço sagrado, que foi desvendado pelo Conselheiro e que se configura, para os seguidores, como o único que é real, que efetivamente existe:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também **revelação de uma realidade absoluta**, que se opõe à **não-realidade** da imensa extensão envolvente.<sup>256</sup>

Belo Monte não é visto apenas como “um lugar”, mas é considerado “o Centro do Mundo”, no qual os conselheiristas devem – como homens religiosos –, ao fundá-lo, se estabelecer<sup>257</sup>, a fim de usufruírem do “viver” pleno. João Abade, quando está inspecionando as várias zonas de defesa que rodeiam Canudos, enxerga o arraial não só como o principal ponto a ser defendido, mas como o ponto central do mundo:

Mientras corría, [João Abade] recordó a su mujer. No la veía desde que se decidió cavar escondrijos y trincheras en todas las trochas, lo que lo había tenido corriendo día y noche **en una**

<sup>255</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 48-49.

<sup>256</sup>. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 100. p. 26. Grifos do autor.

<sup>257</sup>. Segundo Eliade, *a hierofania revela um “ponto fixo” absoluto, um “Centro”, que é fundamental para o homem religioso, que precisa necessariamente se localizar no Centro do Mundo. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano.* Idem, *ibidem*. O primeiro é grifo nosso; o segundo, do autor.



**circunferencia de la que Canudos era también el centro, como lo era del mundo.**<sup>258</sup>

O local escolhido pelo messias para se fixar com seus crentes é uma fazenda, localizada a ermo no sertão. Antônio Conselheiro a denomina de Belo Monte antes do confronto com a segunda expedição, ao explicar aos discípulos a blasfêmia dos soldados em quererem invadir o espaço onde estão, isto é, um terreno santo onde os infiéis não devem ter acesso. Ele dá essa justificativa aos adeptos depois que os adversários ocuparam o arraial vizinho, Monte Santo, um povoado dedicado às peregrinações:

¿No era acaso una blasfemia, una execración, que hombres con armas de fuego y propósitos destructores acamparan en un santuario [Monte Santo] que atraía peregrinos de todo el mundo? Pero Canudos, **a la que esa noche llamó Belo Monte**, no debía ser hollada por los impíos.<sup>259</sup>

Com a designação do lugar alterado – de Canudos para Belo Monte – o Conselheiro troca a conotação terrena<sup>260</sup> do lugar por uma espiritual. Duas podem ser as explicações para tal atitude. A primeira, porque mesmo o arraial se localizando numa depressão, ao ser chamado de “belo monte” transforma-se, na imaginação dos crentes, num ambiente elevado, fazendo-os com que se sintam mais próximos de Deus. Esse lugar assume, pois, a configuração de “Axis mundi”<sup>261</sup>, por tocar de alguma forma no Céu, ligando-o à Terra, e por indicar a região mais alta do mundo, isto é, aquele que os conselheiristas devem identificar como o “nosso mundo”. A segunda, por saber do apego religioso do Conselheiro, não podemos deixar de lado a passagem bíblica em que Moisés recebe as Tábuas da Lei: os mandamentos que devem ser ensinados aos homens. Deus as entrega a ele num monte, o Sinai. Ora, se o Conselheiro é um enviado divino com a função de lembrar os sertanejos dos preceitos cristãos e prepará-los para o Juízo Final, o lugar que escolhe para isso se não é um monte, no sentido geográfico, pelo menos assim se chama, e é belo por conter um povo disposto a obedecer as lições do Senhor e de seu Filho, e de não ter a presença dos ímpios nas suas terras.

<sup>258</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 192. Grifo nosso.

<sup>259</sup>. Idem, p. 100. Grifo nosso.

<sup>260</sup>. A fazenda chama-se Canudos por *las cachimbas de canutos que fumaban antaño los lugareños*. Idem, p. 61.

<sup>261</sup>. Segundo Mircea Eliade, o “Axis mundi” é o elemento que propicia a comunicação da Terra com o Céu e vice-versa. Devido a essa característica, o território ao seu redor e que compõe, o qual o homem religioso reconhece como o “nosso mundo”, é considerado a extensão terrena mais alta e, portanto, uma terra santa. Cf. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 100. p. 38-40.

Ao longo da narrativa, Belo Monte vai recebendo epítetos que lhe reforçam a qualidade de “terra santa”. Beatinho ao receber os novos romeiros assim os saúda:

– Bienvenidos a Belo Monte, tierra del Padre y del Buen Jesús – salmodió –. Dos cosas pide el Consejero a los que vienen, escuchando el llamado: fe y verdad. Nadie que sea incrédulo o que mienta se aposentará **en esta tierra del Señor**.<sup>262</sup>

Um dos crentes, Macambira, refere-se ao arraial como Jerusalém, e isso não causa estranheza entre os que estão ao seu redor, como se o dito já fosse do conhecimento de todos:

Cuando el anciano Macambira vio aparecer a los yagunzos que regresaban del Cambaio, murmuró que, por lo visto, el Buen Jesús quería que los perros entraran a Jerusalén. Ninguno de sus hijos advirtió que se había confundido de palabra.<sup>263</sup>

Além disso, Belo Monte tem nome de santos para designar as ruas, as vielas, os principais pontos da cidade:

las esquinas de San Crispín, de San Joaquim, de Santa Rita, de Santo Tomás, de Espíritu Santo, de Santa Ana, de San José, (...)<sup>264</sup>

Nessa nova sociedade, o messias, que já agregava as mais diferentes pessoas, na época de andarilho, passa a aglutinar uma quantidade ainda mais variada de adeptos, pois os movimentos messiânicos rústicos não se limitam a unir as pessoas da mesma classe social, mas *individuos de posições sociais diferentes e de poses diferentes, (...), irmana-os à semelhança do estilo de vida*<sup>265</sup>. Em Canudos, moram desde velhos e inválidos até pequenos proprietários rurais, que tudo venderam para ficar perto do Bom Conselheiro. A citação de sertanejos que têm uma melhor situação econômica é menos freqüente do que a da existência daqueles pobres e doentes, mas a presença deles também é registrada. O exemplo mais marcante é o dos irmãos Antônio e Honório Vilanova, principais comerciantes da comunidade, que conseguem aí uma ascensão social paulatina, observada pelo contato estabelecido com o Conselheiro:

Antonio era tal vez la persona que, desde hacía años, dormía menos y trabajaba más en Canudos. Al principio, luego de la

<sup>262</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 243. Grifo nosso.

<sup>263</sup> Idem, p. 119.

<sup>264</sup> Idem, p. 480.

<sup>265</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 328.

llegada del Consejero, había continuado sus quehaceres de comprador y vendedor de mercancías, pero, poco a poco, con el consentimiento tácito de todos, a su trabajo se había ido superponiendo, hasta desplazarlo, la organización de la sociedad que nacía. (...) Ahora hacía las expediciones Honorio y nadie hubiera podido decir si esa voluntad de arraigo en el mayor de los Vilanova se debía a la magnitud de sus obligaciones en Belo Monte o a que ellas le permitían estar casi a diario, aunque fuera unos minutos, con el Consejero.<sup>266</sup>

Para o Padre Joaquim, os residentes do arraial são aqueles abandonados à própria sorte, sofrendores de todos os males existentes sobre a face da terra. Essa é a opinião que ele expressa, no depoimento a Moreira César, ao ser feito prisioneiro pela terceira expedição:

Los más pobres, los más desamparados. Se lo dice alguien que ha visto mucha miseria. Aquí abunda, con la sequía, las epidemias. Pero allá parece que se hubieran dado cita, que Dios los hubiera congregado. Enfermos, inválidos, todas las gentes sin esperanza, viviendo unos encima de otros.<sup>267</sup>

A imagem negativa, fornecida pelo pároco, é reforçada por outras personagens, que se encontram dentro de Canudos, durante a guerra. O Anão, ao comentar com Jurema a aparência das pessoas que estão com eles em Belo Monte, descreve, para o jornalista míope, os seres deformados, mutilados, dantescos que os cercam:

– Están más hueso y pellejo que nosotros – [el periodista miope] lo oyó murmurar –. ¿Te recuerdas de Cipó, Jurema? Aquí se ven todavía más desechos. ¿Has visto nunca tantos mancos, ciegos, tullidos, tembladores, albinos, sin orejas, sin narices, sin pelos, con tantas costras y manchas?<sup>268</sup>

Dessa forma, Canudos se confirma como o lugar que não faz distinção entre seus moradores, servindo de habitação tanto para as pessoas desfavorecidas social e economicamente, quanto para aquelas cuja imagem causa repugnância ao olhar.

Se, nesse ambiente, o messias é o responsável pela convivência harmoniosa de todos, também é o principal responsável pelas diferenças entre eles. A desigualdade, em Belo Monte, é provocada pela hierarquia interna estabelecida pelo Conselheiro. A divisão do grupo em três camadas sociais – a superior, reservada a si mesmo; a intermediária, para os seguidores mais próximos; a inferior, relegada à grande maioria dos crentes – faz com que alguns tenham mais autoridade do que outros.

<sup>266</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 190.

<sup>267</sup>. Idem, p. 263.

<sup>268</sup>. Idem, p. 376-377.

Enquanto messias, o Conselheiro representa o ápice de poder no arraial e ocupa o primeiro segmento social. Suas atividades consistem na dedicação às prédicas, à coordenação da construção da Igreja Nova – o Templo do Bom Jesus –, depois que a antiga, a Igreja de Santo Antônio, foi restaurada. Seu comportamento serve de modelo aos demais adeptos, que procuram seguir os preceitos morais que dita. É a fonte de adoração dos crentes, dentre os quais o Beatinho parece ser um dos mais fervorosos:

“Es el Consejero, el Maestro, el Pimpollo, el Amado”, pensó el Beatito con unción. “Somos sus hijos. No éramos nada y él nos convirtió en apóstoles.” Sintió una oleada de felicidad: (...) <sup>269</sup>

O Conselheiro habita, no centro do povoado e próximo às igrejas, um casebre chamado Santuário – *una casita de barro, dos cuartos, techo de paja*<sup>270</sup> – que, pela denominação, sugere a parte mais sagrada de Jerusalém, onde se guardava a Arca da Aliança. Por comparação, esse messias é aquele que contém os ensinamentos de Deus, que devem ser difundidos entre os homens.

Quanto aos fiéis pertencentes à segunda secção – a primeira é exclusiva do Conselheiro –, encontramos, conforme a tradição messiânica, os denominados apóstolos. Estão nesse seleto grupo os simpáticos ao Conselheiro, sendo os mais citados: João Abade, Pajeú, Beatinho, Leão de Natuba, Antônio Vilanova, João Grande e Maria Quadrado.

João Abade, anteriormente conhecido como João Satã, é um indivíduo que transforma sua vida ao se juntar ao Conselheiro. A principal alteração que realiza, ao lado da mudança do comportamento, é a troca de seu nome demoníaco por um religioso:

João sintió que algo vertiginoso bullía en su cerebro mientras escuchaba lo que el santo decía. Estaba contando la historia de un pecador que, después de haber hecho todo el daño del mundo, se arrepintió, vivió haciendo de perro, conquistó el perdón de Dios y subió al cielo. Cuando terminó su historia, miró a los forasteros. Sin vacilar, se dirigió a João, que tenía los ojos bajos. “¿Cómo te llamas?”, le preguntó. “João Satán”, murmuró el cangaceiro. “Es mejor que te llames João Abade, es decir, apóstol del Buen Jesús”, dijo la ronca voz. <sup>271</sup>

<sup>269</sup>. Idem, p. 246.

<sup>270</sup>. Idem, p. 64.

<sup>271</sup>. Idem, p. 75.

Apesar de o Conselheiro negar veementemente qualquer aproximação com a Trindade Divina e de não realizar nenhuma função que considera de responsabilidade sacerdotal, na passagem citada “rebatiza” um homem e o chama de apóstolo, designação dada aos discípulos de Jesus. Como João acompanha o Conselheiro, acaba tornando-se o apóstolo dele, que, por conseqüência, assemelha-se a Cristo.

A João Abade cabe a responsabilidade de cuidar da segurança de Belo Monte, fazendo com que as pessoas o chamem em reconhecimento de *Jefe del Pueblo y Comandante de la Calle*<sup>272</sup>. Para assegurar a defesa do arraial, Abade conta com o auxílio de Pajeú. As atividades desse outro apóstolo não se concentram dentro povoado, mas no seu exterior, enfrentando os piquetes de soldados, roubando os armamentos, desviando e inutilizando o abastecimento de víveres das expedições. Enquanto o primeiro se detém da defesa interna de Belo Monte, Pajeú se responsabiliza pela realização dos ataques contra o exército, evitando que o Anticristo se aproxime e atinja a Cidade Santa:

De repente, irrumpe por la rampa un pelotón, encabezado por un oficial que apunta con el sable a la caatinga. Pajeú ve cómo taconeá con ferocidad en su bayo nervioso, piafante. Ninguno de los jinetes rueda en la rampa, todos llegan al pie de la vertiente pese a la lluvia de balas. Pero todos caen, acribillados, apenas invaden la caatinga. El oficial del sable, alcanzado por varios tiros, ruge: “¡Muestren las caras, cobardes!” “¿Mostrarles las caras para que nos maten?”, piensa Pajeú. “¿Eso es lo que los ateos llaman hombría?” Extraña manera de pensar; el diablo no sólo es malvado, sino estúpido. Está cargando su fusil, recalentado por el fuego. La rampa se llena de soldados, otros se descuelgan por el roquerío. A la vez que apunta, siempre con calma, Pajeú calcula que son lo menos cien , acaso ciento cincuenta.<sup>273</sup>

Ao morrer, Pajeú, por ter lutado incansavelmente durante a guerra e por ter sido um discípulo próximo ao Conselheiro, é santificado pelos canudenses, conforme o jornalista míope relata ao Barão de Canabrava, depois de terminado o conflito:

Se había vuelto santo ¿ve? Así decían: se volvió santo, lo besó el ángel, lo rozó el ángel, lo tocó el ángel.<sup>274</sup>

Por sua vez, o Beatinho é o auxiliar do Conselheiro sob o aspecto religioso:

<sup>272</sup>. Idem, p. 164.

<sup>273</sup>. Idem, p. 403.

<sup>274</sup>. Idem, p. 510.

en su cara se notaba esa indomable energía con que organizaba todas las actividades del culto, el recibimiento de los peregrinos, el recorrido de las procesiones, el cuidado de los altares y se daba tiempo para inventar himnos y letanías.<sup>275</sup>

Além de realizar todos os preparativos para as prédicas do pai, ele seleciona os sertanejos que são dignos de habitar o Belo Monte. Os critérios que utiliza para essa escolha são sua intuição, para perceber as pessoas que se regozijam ao chegarem na comunidade, e, principalmente, a certeza de elas não ter servido à República sob o ofício de cobradores de impostos. Esses não são aceitos por terem feito muitas pessoas sofrerem e por temer que ainda estejam sob a influência do Cão, podendo prejudicar a todos os moradores do povoado:

los cobradores de impuestos debían marcharse y no volver, bajo amenaza de muerte. Habían esquilmado al pobre, le habían rematado sus cosechas, robado sus animales, eran implacables en su codicia: podían ser el gusanito que corrompe la fruta.<sup>276</sup>

Entretanto, durante a guerra, os ex-soldados, os rastejadores, os guias, os provedores do exército são acolhidos por conhecerem o inimigo e saberem seus hábitos, ajudando na defesa do arraial. Os motivos, portanto, para que alguém seja aceito nessa sociedade são de cunho mais social do que religioso.

O Leão de Natuba é o escriba do Conselheiro. Tem a função de anotar tudo o que esse diz, referente não apenas às prédicas, mas também ao que conversa com as pessoas. Crê, piamente, que as falas do messias, por consequência, suas anotações, serão um livro a mais a ser acrescentado no Evangelho, conforme confessa ao jornalista míope, durante uma curta conversa, no Santuário:

– Yo escribía todas las palabras del Consejero – lo oyó decir, con su voz bella y cadenciosa. Se dirigía a él, tratando de ser amable –. Sus pensamientos, sus consejos, sus rezos, sus profecías, sus sueños. Para la posteridad. Para añadir otro Evangelio a la Biblia.<sup>277</sup>

A organização de Canudos fica sob o encargo de Antônio Vilanova. O comerciante pertence a essa camada social pela autoridade que lhe foi atribuída pelo Conselheiro, mesmo sendo suas preocupações de cunho mais materialista, em virtude de sua atividade profissional. Cabe a ele, depois dos sertanejos terem passado pela

---

<sup>275</sup>. Idem, p. 164.

<sup>276</sup>. Idem, p. 245.

<sup>277</sup>. Idem, p. 489.

aprovação do Beatinho, arranjar morada aos novos crentes. Também é colocado a seu encargo conseguir um pedaço de terra, dentro do arraial, para a construção do novo cemitério, quando o antigo fica lotado pelos mortos no confronto com as primeiras expedições. Durante o período da guerra, é o mentor do grupo de aguadeiros, que combate os incêndios ocasionados pelas balas dos canhões, tentando diminuir os estragos na cidade. Suas tarefas abarcam ainda a divisão do armamento, das munições, da comida e da água entre os que são ou não combatentes. João Abade, ao se lembrar das atividades designadas a Antônio Vilanova, reconhece a importância desse para a comunidade:

Sin él hubiera sido difícil comer, dormir, sobrevivir, cuando, de todos los confines, comenzaron a romper sobre Canudos las olas de romeros. Él había distribuido el terreno para que levantaran sus casas y sembraran, indicado qué era bueno sembrar y qué animales criar y él canjeaba en los pueblos lo que Canudos producía con lo que necesitaba y cuando empezaron a llegar donativos, él separó lo que sería tesoro del Templo del Buen Jesús con lo que se emplearía en armas y provisiones.<sup>278</sup>

Antônio só parece receber efetivamente o papel de apóstolo pouco antes da queda de Canudos, ao partir com os familiares. Quando o Conselheiro esta à beira da morte, incumbe-lhe a missão de divulgar seus ensinamentos:

– Anda al mundo a dar testimonio, Antonio, (...) Allá irás tú. Eres hombre del mundo, anda, enseña a sumar a los que olvidaron la enseñanza.<sup>279</sup>

Outra figura a ser mencionada, que cerca o messias, é João Grande. Merece destaque não pelos feitos que realiza, mas por chefiar *los arcángeles del cielo*<sup>280</sup>, a segurança pessoal do Conselheiro. A importância dessa guarda é tamanha que o Beatinho lhe dá um nome religioso e lhe atribui uma função sagrada:

la Guardia Católica, la Compañía del Buen Jesús. (...) Serán los cruzados, los soldados creyentes de la verdad.<sup>281</sup>

Esse grupo de guerreiros, idealizado por Abade, é formado por homens e mulheres dispostos a abandonarem suas famílias com o objetivo único de protegerem o líder messiânico. O juramento, elaborado por Beatinho, a que os escolhidos se

---

<sup>278</sup>. Idem, p. 190.

<sup>279</sup>. Idem, p. 514-515.

<sup>280</sup>. Idem, p. 165.

<sup>281</sup>. Idem, ibidem.

submetem, prega a moralização dos costumes, a religiosidade e, principalmente, reflète a crença de ser a República o Anticristo, devendo-se lutar contra suas disposições:

– Juro que no he sido republicano, que no acepto la expulsión del Emperador ni su reemplazo por el Anticristo. (...) Que no acepto el matrimonio civil ni la separación de la Iglesia del Estado ni el sistema métrico decimal. Que no responderé a las preguntas del censo. Que nunca más robaré ni fumaré ni me emborracharé ni apostaré ni fornicaré por vicio. Y que daré mi vida por mi religión y el Buen Jesús.<sup>282</sup>

A única figura feminina desse seletto grupo, até então essencialmente masculino, é Maria Quadrado. Não é considerada, nem assim se vê, pertencente aos apóstolos mas, por outro lado, imagina-se igual a Maria Madalena:

En la rala luz, María Quadrado veía al Consejero, entre João Abade, João Grande, el Beatito, los Vilanova, y pensaba que, así como ella, habría visto María Magdalena, allá en Judea, al Buen Jesús y a sus discípulos, hombres tan humildes y buenos como éstos, y habría pensado, como ella en este instante, qué generoso era el Señor que eligió, para que la historia cambiara de rumbo, no a los ricos dueños de tierras y de capangas, sino a un puñado de humildísimos seres.<sup>283</sup>

A aproximação que ela estabelece com essa personagem bíblica encontra explicação na vida pecaminosa de ambas: enquanto Maria Madalena, antes de encontrar Cristo, é uma prostituta, Maria Quadrado, numa época anterior ao seu recolhimento junto ao Conselheiro, pratica o filicídio. A segunda, mesmo depois de submetida a um julgamento e ganho a condenação de prisão perpétua não se considera perdoada, cumprindo penitências que se impõem, como as exemplificadas a seguir:

Pero ella se instaló [en Monte Santo] en una gruta, a media Vía Sacra, donde hasta entonces sólo habían dormido pájaros y roedores. Era una oquedad pequeña y de techo tan bajo que ninguna persona podía tenerse en ella de pie, húmeda por las filtraciones que habían cubierto de musgo sus paredes y con un suelo de arenisca que provocaba estornudos. Los vecinos pensaron que ese lugar acabaría en poco tiempo con su moradora. Pero la voluntad que había permitido a María Quadrado andar tres meses arrastrando una cruz le permitió también vivir en ese hueco inhóspito todos los años que estuvo en Monte Santo.<sup>284</sup>

---

<sup>282</sup>. Idem, p. 215.

<sup>283</sup>. Idem, p. 309.

<sup>284</sup>. Idem, p. 53.



Por Maria Quadrado estar sempre próxima do enviado divino, os canudenses a consideram um pouco santa e, se o Conselheiro é o pai, ela é vista como a mãe:

Se daba cuenta de que, entre los vítores al Consejero, había voces que la nombraban – ¡Madre María Quadrado! ¡Madre de los Hombres! –, que preguntaban por ella y la señalaban. (...) Al principio, se dijo que esos que le pedían intercesiones eran romeros de Monte Santo, que la habían conocido allá. Pero al cabo comprendió que la veneración de que era objeto se debía a los años que llevaba sirviendo al Consejero, que la gente creía que éste la había impregnado con su santidad.<sup>285</sup>

É de sua alçada zelar pela saúde e alimentação do messias, acompanhá-lo pelo arraial, além de manter a limpeza do Santuário. Conta para a realização das tarefas com o Coro Sagrado, um conjunto de mulheres dedicadas exclusivamente ao Conselheiro:

[Las beatas del Coro Sagrado] Habían sido elegidas por la Madre de los Hombres por su espíritu de sacrificio y su devoción para que se dedicaran exclusivamente al Consejero y las ocho habían hecho promesa de vivir castas y de no retornar nunca a sus familias. Dormían en el suelo, al otro lado de la puerta, y acompañaban al Consejero, como una aureola, mientras vigilaba los trabajos del Templo del Buen Jesús, oraba en la Iglesia de San Antonio, presidía las procesiones, los rosarios, los entierros, o cuando visitaba las Casas de Salud. Debido a las costumbres frugales del santo, sus obligaciones eran pocas: lavar y zurcir la túnica morada, cuidar el carnerito blanco, limpiar el suelo y las paredes del Santuario y sacudir el camastro de varas.<sup>286</sup>

Esse grupo de beatas, em virtude da vida casta que leva junto ao Conselheiro, permite o estabelecimento de uma certa homologia com as vestais<sup>287</sup>. A aproximação do Coro Sagrado com essas figuras femininas mostra-se viável porque, nos dois casos, as mulheres envolvidas são escolhidas para se consagrarem a uma divindade – as canudenses se dedicam a Antônio Conselheiro, que consideram um enviado divino, e as sacerdotisas à deusa Vesta –, devendo, por isso, apresentar uma conduta irrepreensível, fundada na honra e no respeito.

---

<sup>285</sup>. Idem, p. 306.

<sup>286</sup>. Idem, p. 163.

<sup>287</sup>. Apesar de as vestais serem personagens históricas, também assumiam o papel de sacerdotisas da mística deusa Vesta, sendo responsáveis – na religião romana – pela manutenção do fogo sagrado: garantia do povo e do Império romano. Essas mulheres eram escolhidas por um Pontífice Máximo e afastadas das suas famílias por trinta anos, durante o qual eram ordenadas. Terminado esse período tinham permissão para retornar às suas casas e casar, se assim desejassem. Cf. BRANDÃO, Juanito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes/ Edunb, 1993. p. 286-288.

O restante dos féis, a quase totalidade dos canudenses, pertence à última camada social. Nesse estrato, eles estão espalhados pelo povoado, de acordo com sua origem ou posição econômica. Há, em Belo Monte, bairros que agregam os semelhantes entre si. Por exemplo, os ex-escravos, os negros e seus descendentes residem numa parcela chamada Mocambo; já os índios de Mirandela estão alojados num outro local da cidade, separados do restante dos moradores e preservando parte de suas tradições, como de só lutarem com armas por eles fabricadas. As pessoas só saem dos lugares onde estão alojadas ou mudam de importância dentro dessa estrutura piramidal por ordem exclusiva, direta ou indireta (dada através dos discípulos mais próximos) de Antônio Conselheiro. Mesmo quando os apóstolos pretendem realizar mudanças visando melhorar a segurança do arraial ou do próprio líder, só o fazem depois de consultá-lo e de receberem a sua aprovação. A própria formação da mencionada Guarda Católica somente ocorre depois de o Conselheiro consentir na sua efetivação:

– Queremos [los discípulos] organizar una guardia que te cuide, padre – susurró João Abade. Hablaba con los ojos bajos, buscando las palabras –. Vigilará para que nadie te haga daño. Los escogeremos como la Madre María Quadrado escogió al Coro Sagrado. Entrarán los más buenos y los más valientes, los de toda confianza. Se consagrarán a tu servicio.

.....  
El Consejero hizo un movimiento casi imperceptible pero todos entendieron que había dado su asentimiento.<sup>288</sup>

Um aspecto que iguala todos os adeptos é de estarem à mercê das determinações do Conselheiro, aos costumes que permite em Belo Monte. Ao pedir ao Beatinho que investigue as atividades praticadas por algumas pessoas, o santo deixa claro seu desejo de ter o conhecimento sobre tudo que acontece:

Un grupo de gentes de Joazeiro comenzó a practicar en Canudos los ritos de la Hermandad de Penitentes de esa ciudad: ayuno, abstinencia sexual, flagelaciones públicas. Aunque el Consejero alentaba la mortificación y el ascetismo – el sufrimiento, decía, robustece la fe – terminó por alarmarse y pidió al Beatito que pasara revista a los romeros a fin de evitar que con ellos entraran la superstición, el fetichismo o cualquier impiedad disfrazada de devoción.<sup>289</sup>

Uma das características da comunidade messiânica, de acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz, é a do messias e/ou seus apóstolos vigiarem os demais

<sup>288</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 165.

<sup>289</sup>. Idem, p. 99.

crentes com o intuito de não permitirem desvios de comportamento, evitando que prejudiquem os outros habitantes<sup>290</sup>. Apesar disso, notamos em Canudos uma certa complacência do Conselheiro quanto à conduta dos moradores. O trecho abaixo ilustra alguns hábitos e atitudes aceitas na localidade, em que pese seu caráter diferente e pouco usual:

Muchos de los recién venidos se cambiaban de nombre, para simbolizar así la nueva vida que empezaban. Pero a las prácticas católicas se injertaban a veces, como plantas parásitas, costumbres dudosas. Así, algunos mulatos se ponían a danzar cuando rezaban y se decía que, zapateando con frenesí sobre la tierra, creían que expulsarían los pecados con el sudor. (...) Los indios de Mirandela, que sorpresivamente vinieron a instalarse a Canudos, preparaban a la vista de todos cocimientos de yerbas que despedían un fuerte olor y que los ponían en éxtasis. Además de romeros vinieron, por supuesto, milagrerros, mercachifles, buscavidas, curiosos. Por las cabañas que se enquistaban unas en otras, se veían mujeres que leían las manos, pícaros que se ufanaban de hablar con los muertos y troveros que, como los del Circo del Gitano, se ganaban el sustento cantando romances o clavándose alfileres. Ciertos curanderos pretendían curar todos los males con bebedizos de jurema y manacá y algunos beatos, presas de delirio de contrición, declamaban a voz en cuello sus pecados y rogaban a quienes los oían que les impusieran penitencias.<sup>291</sup>

Essa heterogeneidade de tipos e costumes sustenta, antes da guerra e principalmente durante ela, uma união, refletindo o preceito messiânico de que é preciso manter a coletividade<sup>292</sup>. Através das falas do Conselheiro, os canudenses se conscientizam da importância de todos trabalharem em conjunto para que possam viver em harmonia com os ensinamentos do Senhor, e de que somente ligados uns aos outros, lutando para salvar Belo Monte das mãos do ímpios, obterão a salvação eterna. O relato que o jornalista míope faz ao Barão de Canabrava sobre o suicídio a que as mulheres e os párvulos se submetem na tentativa de obterem água, não para si próprios, mas para os combatentes, a fim de que continuem lutando contra a quarta expedição, serve de amostra para essa negação do individual em favor do coletivo:

<sup>290</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p.307.

<sup>291</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 98-99.

<sup>292</sup>. Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p. 384. Essa importância dada ao coletivo também é uma característica dos jagunços em geral. De acordo com Janice Theodoro, eles dão ênfase às relações interpessoais por representarem a *possibilidade de sobrevivência, de vida*. Prezar a individualidade ou a liberdade significa, para o sertanejo, a hipótese de ficar isolado e, por conseqüência, poder morrer. Cf. THEODORO, Janice. Op. cit. nota 46. p. 126. Para Marco Antonio Villa, a permanência da população no arraial, que poderia ter sido abandonado antes do ataque da terceira expedição, oferece a Belo Monte uma coloração épica, sem precedentes na história brasileira. Para esse historiador, a longevidade da resistência conselheirista só pode ser explicada a partir da *força dos valores societários e da solidez da ligação entre o destino individual e coletivo* existente na comunidade. Cf. VILLA, Marco Antonio. Op. cit. nota 6. p. 203.

Cuando los soldados capturaron las aguadas, iban [los párvulos] con las mujeres, en las noches, a tratar de robarse unas latas de agua, para que los yagunzos pudieran seguir peleando. Ellos, sólo ellos. Y así fue, también, con esas sobras inmundas que llamaban comida. ¿Me ha oído bien?

– ¿Debo asombrarme? – dijo el Barón –. ¿Admirarme?  
– Debe tratar de entender – murmuró el periodista miope –. ¿Quién daba esas disposiciones? ¿El Consejero? ¿João Abade? ¿Antonio Vilanova? ¿Quién decidió que fueran sólo mujeres y niños los que se arrastraran hasta la Fazenda Velha para robar agua, sabiendo que en las aguadas estaban los soldados esperándolos para hacer tiro al blanco, sabiendo que de cada diez sólo uno o dos volverían? ¿Quién decidió que los combatientes no debían intentar ese suicidio menor pues a ellos correspondía esa forma superior de suicidio que era morir peleando? (...) Sospecho que ni el Consejero ni los jefes. Eran decisiones espontáneas, simultáneas, anónimas. Si no, no las hubieran respetado, no hubieran ido al matadero con tanta convicción.<sup>293</sup>

As atitudes de sacrifícios realizadas pelos fiéis representam, para o Barão de Canabrava, um exemplo de fanatismo e de ignorância, e não de fé, conforme expressa ao jornalista míope, depois que esse conclui o relato dos suicídios:

– Eran fanáticos – dijo el Barón, consciente del desprecio que había en su voz –. El fanatismo mueve a la gente a actuar así. No son razones elevadas, sublimes, las que explican siempre el heroísmo. También, el prejuicio, la estrechez mental, las ideas más estúpidas.<sup>294</sup>

Reunidos em torno do Conselheiro, os fiéis só desenvolvem atitudes agressivas e desesperadas quando as circunstâncias os obrigam a se defender, a lutar pela própria vida e pela permanência do arraial, isto é, ao serem ameaçados pelo ataque armado das forças policiais e militares. Porém, seu comportamento não pode ser caracterizado como “fanático”, pois são apenas indivíduos fascinados pelo discurso do Conselheiro, que fala sobre os *perigos da vida moderna*<sup>295</sup> impostos pela República. O objetivo de suas vidas é salvar a alma e temer a Deus.

As ações mais violentas dos canudenses podem ser consideradas provenientes da consciência que têm do seu destino, caso caíam nas mãos dos inimigos. O Padre Joaquim, em um momento de desabafo com o jornalista míope, lembra a esse que os conselheiristas, se capturados pelas expedições, não serão perdoados. Ao mesmo tempo, cita a bondade dos discípulos para com aqueles que já estiveram junto ao adversário:

<sup>293</sup> VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 508-509.

<sup>294</sup> Idem, p. 509.

<sup>295</sup> LEVINE, Robert M. Op. cit. nota 2. p. 325.

– ¿Los oye? Escuche, escuche: ¡Fanáticos! ¡Sebastianistas! ¡Caníbales! ¡Ingleses! ¡Asesinos! ¿Quién vino hasta aquí a matar niños y mujeres, a degollar a la gente? ¿Quién obligó a niños de trece y catorce años a volverse guerreros? Usted está aquí vivo ¿no es cierto?

.....  
 – Porque, usted venía con el Cortapescuezos, ¿no es verdad? – añadió el cura –. Y sin embargo le han dado techo, comida, hospitalidad. ¿Se portarían así los soldados con un hombre de Pedrão, de Pajeú, de João Abade?

Con voz estrangulada, [el periodista miope] balbuceó:

– Sí, sí, tiene usted razón. Yo le estoy muy agradecido por haberme ayudado tanto, Padre Joaquim. Se lo juro, se lo juro.

– Mueren por decenas, por centenas – señaló el cura de Cumbe hacia la calle –. ¿Por qué? Por creer en Dios, por ajustar sus vidas a la ley de Dios. La matanza de los Inocentes, de nuevo.<sup>296</sup>

Ao descrever o comportamento dos crentes, o clérigo apresenta os fiéis como homens que não possuem o sentimento de vingança, ao contrário, são cumpridores do preceito cristão de “amar ao próximo”. Configuram-se, dessa maneira, em seres justos e corteses. Por outro lado, os adversários têm a feição de pessoas impiedosas, incapazes de auxiliarem a quem precisa de apoio.

Em Canudos, as pessoas se sentem situadas num território sagrado, isto é, numa realidade objetiva e não em uma ilusão. Crêem encontrar aí o poder, a fonte de vida e a possibilidade de serem felizes:

En las semanas y meses siguientes se vio a grupos de curiosos, de pecadores, de enfermos, de vagos, de huidos que, por el Norte, el Sur, el Este y el Oeste se dirigían a Canudos con el presentimiento o la esperanza de que allí encontrarían perdón, refugio, salud, felicidad.<sup>297</sup>

Elas sabem que a destruição da comunidade representa a volta a uma situação de desamparo, na qual são sujeitos pacientes e não agentes da vida; além de significar a profanação do espaço descoberto. Esses fatores e a consciência de serem os escolhidos para morar no povoado fazem com que protejam o ambiente com tanta determinação, desde as primeiras incursões policiais:

Los soldados disparaban apoyando los fusiles en los tabiques de los ranchos y comenzaron a caer, bañados en sangre, los elegidos. La columna se fue deshaciendo, grupos intrépidos se abalanzaban, detrás de João Abade, de José Venancio, de Pajeú, a asaltar las viviendas y otros corrían a escudarse en los

<sup>296</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 488.

<sup>297</sup>. Idem, p. 61.

ángulos muertos o a ovillarse entre los tamarindos mientras los demás seguían desfilando. También los elegidos disparaban.<sup>298</sup>

Ao ser habitado por homens considerados religiosos e pertencentes a uma sociedade tradicional, Belo Monte simboliza o Cosmos<sup>299</sup>, existindo fora dele o Caos. Em suas profecias, o Conselheiro apresenta Canudos como um lugar especial, fazendo com que os canudenses e os demais sertanejos tenham a certeza de que o arraial é um círculo fechado, em contato com o Céu e, em virtude disso, em seu interior, possui as condições básicas para a sobrevivência: alimentos, esperança, fé; enquanto no seu exterior há apenas a seca, a fome, a desolação. O rastejador, contratado pelo exército para guiá-lo até Canudos, demonstra acreditar nessa verdade:

El oficial y el periodista hacen un trecho con el resto de la patrulla y cuando están ya lejos del matorral, otra vez en la extensión calcinada, oyen murmurar al rastreador que se está cumpliendo la profecía del Consejero: el Buen Jesús encerrará a Canudos en un círculo, fuera del cual desaparecería la vida vegetal, animal y, por último, humana.<sup>300</sup>

Também Ulpino, o guia que deve levar Galileu Gall até Belo Monte, comenta com esse a existência de uma fronteira a limitar os domínios de Deus e do Diabo:

Descansaron en una alquería desierta, con rastros de incendio. No había vegetación ni agua. Gall se sobó las piernas, acalambradas por la caminata. Ulpino, de improviso, murmuró que habían cruzado el círculo. Señalaba en dirección a donde había habido establos, animales, vaqueros, y ahora había sólo desolación. ¿El círculo? El que separaba a Canudos del resto del mundo. Decían que, adentro, mandaba el Buen Jesús y, afuera, el Can.<sup>301</sup>

Assim, Belo Monte se configura como uma localidade absoluta, em permanente obediência às ordens divinas, e cuja existência põe fim à relatividade e à confusão. Credo na hipótese de terem descumprido algum mandamento e, sobretudo, com a destruição do lugar, as pessoas imaginam-se novamente envoltas no caos. Fogueteiro, na conversa com Antônio Vilanova, reconhece-se como aqueles que, longe do povoado, não consegue mais distinguir as coisas com clareza:

<sup>298</sup>. Idem, p. 82.

<sup>299</sup>. A sociedade tradicional, para Eliade, é formada pelo “nosso mundo” – o Cosmos–; enquanto o restante, aquilo que a cerca, é um espaço desconhecido, caótico, um outro mundo que se estende para além das fronteiras do território “cosmizado” - o Caos. Cf. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 100. p. 32-33.

<sup>300</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 261.

<sup>301</sup>. Idem, p. 273.

No sé. No sé nada, otra vez. En Belo Monte todo me parecía claro, el día era día y la noche noche. Hasta ese momento, hasta que empezamos a disparar contra los inocentes y el Beatito. Todo se volvió difícil, otra vez.<sup>302</sup>

Se Canudos é considerado um ambiente sacralizado deve-se à crença de ser uma “porta aberta”<sup>303</sup> a comunicar a Terra com o Céu, e esses com a região das profundezas. A ligação dos três níveis é efetuada por meio dos templos de Santo Antônio e, principalmente, do Bom Jesus que, por ter as torres mais altas, está menos distante de Deus. Antônio Conselheiro evidencia sua preocupação em estabelecer contato com o Senhor quando assume a tarefa de coordenar a construção da segunda igreja:

A la mañana siguiente de llegar [en Canudos], el Consejero empezó a construir un Templo que, dijo, sería todo de piedra, con dos torres muy altas, y consagrado al Buen Jesús. Decidí que se elevara frente a la vieja Iglesia de San Antonio, capilla de la hacienda.<sup>304</sup>

Porém, essa sociedade, ao contrário da teoria messiânica, não se desliga da sociedade global. Antes de iniciado o conflito e durante o seu desenrolar, mantém relações com o mundo exterior. A cidade somente se fecha quando o exército a cerca por completo, deixando-a sem comunicação.

Através de sua organização interna, estruturada de forma piramidal, e do não rompimento total com a circunvizinhança, Canudos é uma cidade na plena acepção da palavra<sup>305</sup>. Afirmamos isso devido à quantidade de residências e de moradores, registrada pelo próprio exército, ao final do conflito, de acordo com as informações que o periodista míope dá ao Barão de Canabrava, que parece não acreditar no número final de habitantes abrigados na sua antiga fazenda:

– En Canudos no podía haber treinta mil almas – dijo –. Ningún pueblo del sertón puede albergar a esa cantidad de gente.  
– El cálculo es relativamente simple – dijo el periodista –. El General Oscar hizo contar las viviendas. ¿No lo sabía? Está en

<sup>302</sup>. Idem, p. 557.

<sup>303</sup>. Conforme Mircea Eliade, *o simbolismo implícito na expressão “Porta dos Céus” é rico e complexo: a teofania consagra um lugar pelo próprio fato de torná-lo “aberto” para o alto, ou seja, comunicante com o Céu, ponto paradoxal de passagem de um modo de ser a outro*. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 100. p. 30.

<sup>304</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 61.

<sup>305</sup>. LACERDA, Rodrigo. Op. cit. nota 4. p. 29. Barbara de Leonardis expressa opinião contrária. Para ela, Canudos não pode ser denominada de cidade porque se trata de *um conglomerado de casas construídas sem ordem nem planejamento, a crescer anarquicamente*, conforme os seguidores vão chegando e se estabelecendo pelo terreno. Além disso, não apresenta a mínima infra-estrutura, isto é, não conta com sistemas de captação de água, de coleta ou concentração de lixo e de limpeza de ruas. Cf. LEONARDIS, Barbara de. Op. cit. nota 76. p. 49.

los diarios: 5.783. ¿Cuánta gente vivía en cada casa? Mínimo, cinco o seis. O sea, entre veinticinco y treinta mil muertos.<sup>306</sup>

Nessa sociedade, os sertanejos fazem transações comerciais, utilizam o vil metal e praticam a agricultura de subsistência. No trecho abaixo, observamos a permuta de mercadorias e de trabalho, o reconhecimento do valor do dinheiro – apesar de ser o do Império –, o direito à propriedade privada, o exercício da justiça pelos próprios canudenses, e as dificuldades de um povoado em crescimento contínuo. Belo Monte, mesmo sendo uma comunidade religiosa, fundada na fé e no auxílio ao próximo, não deixa de apresentar atividades de feição materialista, pois, apesar de idealizada, localiza-se no plano terreno:

Se comerciaba con las monedas que llevaban la efigie del Emperador Don Pedro o la de su hija, la Princesa Isabel, pero como eran escasas se generalizó el trueque de productos y de servicios. Se cambiaba rapadura por alpargatas, gallinas por curación de yerbas, farinha por herraduras, tejas por telas, hamacas por machetes y los trabajos, en sembríos, viviendas, corrales, se retribuían con trabajos. Nadie cobraba el tiempo y esfuerzo dados al Buen Jesús. Además del Templo, se construían las viviendas que se llamarían después Casas de Salud, donde se empezó a dar alojamiento, comida y cuidados a los enfermos, ancianos y niños huérfanos. (...) Hubo pendencies por las tierras cultivables, vecinas al Vassa Barris, que fueron ocupando los romeros que arraigaron en Canudos y que otros les disputaban. Antonio Vilanova, el comerciante, dirimía estas rivalidades. Él, por encomienda del Consejero, distribuyó lotes para las viviendas de los recién venidos y separó las tierras para corral de los animales que los creyentes mandaban o traían de regalo, y hacía de juez cuando surgían pleitos de bienes y propiedades. (...) La comunidad vivía entregada a ocupaciones espirituales: oraciones, entierros, ayunos, procesiones, la construcción del Templo del Buen Jesús y, sobre todo, los consejos del atardecer que podían prolongarse hasta tarde en la noche y durante los cuales todo se interrumpía en Canudos.<sup>307</sup>

Os conselheiristas também utilizam a moeda instituída pela República, proveniente de doações dos romeiros agregados ao messias. Esse dinheiro é usado nas compras que os apóstolos e os fiéis realizam fora do arraial, daquilo que não é produzido nele, a exemplo dos objetos de feição religiosa:

Los reis de la República que donaban tenían que ir a gastarlos a Cumbe o Joazeiro, escoltados por João Abade o Pajeú, que sabían pelear, en cosas para el Templo: palas, picas, plumadas, maderas de calidad, imágenes de santos y crucifijos.<sup>308</sup>

<sup>306</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 392.

<sup>307</sup>. Idem, p. 63-64.

<sup>308</sup>. Idem, p. 63.



Em Belo Monte, mantêm-se as diferenças sociais – jagunços, negros, índios habitam pontos separados –, e as pessoas podem praticar suas profissões como em qualquer outra vila, tanto assim que, no desenrolar do texto, há a citação de ferreiros, de comerciantes, de curandeiros a exercerem suas atividades.

A diferença dessa cidade para as outras consiste no fato de que os preceitos morais, religiosos e sociais, prezados pelo Conselheiro, são praticados pela grande maioria dos habitantes. Afinal, na sociedade messiânica, os adeptos acreditam que só obedecendo ao messias conseguirão alcançar seu objetivo – obter a salvação eterna coletiva –, daí o respeito às imposições do líder:

na comunidade anterior ao grupo messiânico, ninguém se preocupava em fazer coincidir o comportamento efetivo com os valores coletivos vigentes na comunidade, enquanto na comunidade messiânica esta preocupação era máxima.<sup>309</sup>

O final dessa sociedade, erigida pelo asceta, é ser destruída pela sociedade global. Por ser Belo Monte, na concepção dos seus habitantes, o Centro do Mundo – uma terra sagrada –, os seus adversários são vistos como inimigos de Deus. Desse modo, a República, que manda o exército atacar o refúgio messiânico, sob a forma de quatro expedições, é equiparada a um inimigo do Criador, tornando pertinente a convicção do Conselheiro em considerar a nova forma de governo nacional o Anticristo. Segundo Mircea Eliade, toda investida exterior, que tenta acabar com um Cosmos para fazê-lo regressar ao Caos, remete a um arquidemônio:

o Dragão primordial vencido pelos deuses nos primórdios dos tempos. O ataque de “nosso mundo” equivale a uma desforra do Dragão mítico, que se rebela contra a obra dos deuses, o Cosmos, e se esforça por reduzi-la ao nada. Os inimigos enfileiram-se entre as potências do Caos. Toda destruição de uma cidade equivale a uma regressão ao Caos. Toda vitória contra o atacante reitera a vitória exemplar do Deus contra o Dragão (quer dizer, contra o “Caos”).<sup>310</sup>

Vários conselheiristas, entres eles o velho Joaquim Macambira, identificam o canhão Withworth 32, utilizado pela expedição do General Artur Oscar, como o objeto mais perigoso da guerra. Segundo eles, essa arma, que pretende arrasar Canudos, tem força suficiente para atingir o Templo do Bom Jesus, isto é, a Casa de Deus; razão que os leva a apelidá-la de Matadeira:

<sup>309</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 6. p.320.

<sup>310</sup>. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 100. p. 46-47.

El viejo está angustiado, pero João Grande se sorprende al descubrir que su angustia se debe exclusivamente al cañón ancho, larguísimo, lustroso, tirado por cuarenta bueyes que ha visto en el camino de Jueté. “Si la Matadeira dispara, volarán las torres y las paredes del Templo del Buen Jesús y desaparecerá Belo Monte”, masculla, lúgubre.<sup>311</sup>

Para os seguidores de Antônio Conselheiro associar esse canhão com um dragão é inevitável, pois ambos expelem fogo, queimam e destroem o que atingem, levam à morte. Como essa comunidade foi erigida em torno de um forte sentimento cristão, os canudenses atribuem à Matadeira uma feição também religiosa: ela põe à prova a fé e o desejo de salvação dos seus moradores, de acordo com o apóstolo João Grande:

Mientras chapotea en el barro y siente en su cara, brazos y pecho picotazos de mosquitos, trata de imaginar la Matadeira, ese artefacto que tanto alarma a Macambira. Debe ser enorme, mortífero, tronante, un dragón de acero que vomita fuego, para asustar a un bravo como el viejo. El Maligno, el Dragón, el Perro es realmente poderosísimo, de infinitos recursos, puede mandar contra Canudos enemigos cada vez más numerosos y mejor armados. ¿Hasta cuándo quería probar el Padre la fe de los católicos? ¿No habían sufrido bastante? ¿No habían pasado bastante hambre, muertes, sufrimientos? No, todavía no. Lo ha dicho el Consejero: la penitencia será del mismo tamaño de nuestras culpas. Como su culpa es más grave que la de los otros, él, sin duda, tendrá que pagar más. Pero es un gran consuelo estar del lado de la buena causa, saber que se pelea junto a San Jorge y no junto al Dragón.<sup>312</sup>

A sociedade global deseja destruir Canudos porque vê, nesse arraial, uma ameaça derradeira à manutenção do *status quo*. Os sertanejos, ao se unirem ao redor do Conselheiro, deixam o restante do sertão abandonado e as fazendas sem trabalhadores. Interferem nos interesses dos grandes proprietários de terra, que já se sentem prejudicados por uma série de acontecimentos contemporâneos à guerra, a exemplo do exposto neste diálogo:

– La mala racha pasará pronto – dijo Adalberto de Gumucio.  
 – Para mí, no – El hacendado hizo crujir los huesos de sus dedos –. ¿Saben cuántos se han marchado de estas tierras en los últimos años? Cientos de familias. La sequía del 77, el espejismo de los cafetales del Sur, del caucho del Amazonas, y, ahora, el maldito Canudos. ¿Saben la cantidad de gente que se va a Canudos? Abandonando casas, animales, trabajo, todo. A esperar allá el Apocalipsis y la llegada del Rey Don Sebastián – Los miró, abrumado por la imbecilidad humana –. Les diré lo que va a ocurrir, sin ser inteligente. Moreira César impondrá a Epaminondas de Gobernador de Bahía y él y su gente nos

<sup>311</sup>. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 434.

<sup>312</sup>. Idem, p. 434-435.

hostilizarán de tal modo que habrá que malvender las haciendas o regalarlas, e irse también.<sup>313</sup>

O Coronel José Bernardo Murau, fazendeiro próximo a Belo Monte, revela o seu descontentamento com relação a Canudos e expressa não acreditar na carga messiânica aí existente. Mas explicita que essa insurreição social e religiosa, na verdade, incomoda por ser um instrumento utilizado pelos adversários políticos, com a intenção de, por meio dela, imporem seus interesses republicanos.

Já o Barão de Canabrava se declara confuso perante a constante derrota das expedições militares empreendidas contra o arraial e, em uma conversa com o seu principal adversário político, Epaminondas Gonçalves, sugere que algo mais do que uma insatisfação social – mas que não sabe identificar o que seja – pode estar provocando essa reação sertaneja, manifestada na sua feroz resistência:

– No lo sé ni lo entiendo – dijo el Barón, con pasadumbre –. Supera todo lo que imaginaba. Y, sin embargo, creía conocer esta tierra, a esta gente. Esa derrota [de la tercera expedición] ya no se puede explicar por el fanatismo de unos muertos de hambre. Tiene que haber algo más. – Lo miró otra vez, aturcido –. He llegado a pensar que ese fantástico embuste propagado por ustedes, de que en Canudos había oficiales ingleses y armamento monárquico, podía tener algo de cierto. No, no vamos a tocar ese asunto, es historia vieja. Se lo digo para que vea hasta qué punto me pasma lo ocurrido con Moreira César.<sup>314</sup>

Segundo os detentores do poder nordestino para que a situação social e econômica retorne a um estágio anterior, já que a conjuntura política é aceita como irrevogável, torna-se necessário que o arraial desapareça da geografia local. Aliando-se a isso, o exército brasileiro humilhado, após as derrotas sucessivas, também deseja arrasar o Belo Monte. São todos esses aspectos reunidos que conseguem explicar a imagem desoladora, apocalíptica, a que fica reduzida a comunidade, depois de encerrado o conflito:

Pero sólo al trasmontar la cuesta pedregosa, parduzca, del Poço Trabubú y encontrarse a sus pies, con lo que había dejado de ser Canudos y era lo que veían, comprendieron que ese ruido eran los aletazos y los picotazos de millares de urubús, de ese mar interminable, de olas grises, negruzcas, devorantes, ahítas, que todo lo cubría y que, a la vez que se saciaba, daba cuenta de lo que aún no había podido ser pulverizado ni por la dinamita ni por las balas ni por los incendios: esos miembros,

---

<sup>313</sup>. Idem, p. 198-199.

<sup>314</sup>. Idem, p. 356.

extremidades, cabezas, vértebras, vísceras, pieles que el fuego respetó o carbonizó a medias y que esos animales ávidos ahora trituraban, despedazaban, tragaban, deglutían.<sup>315</sup>

Entretanto essa paisagem, a lembrar o final das eras, não surge somente no desfecho do combate bélico. Ao longo da narrativa, temos outras ilustrações que nos enviam à idéia de que o fim do mundo é uma realidade irrevogável. O episódio, no qual a terceira expedição se depara com os homens dependurados nos arbustos que ficam no caminho que leva a Canudos, revela um cenário ilustrativo da batalha final anunciada no último livro bíblico:

En la cenicienta tarde que comienza a ser noche, vuelve a ver cómo el paisaje adquiere de pronto perfil fantasmagórico, con esos extraños frutos humanos colgados de las umbranas y la favela, y esas botas, vainas de sables, polacas, quepis, bailoteando de las ramas. Algunos cadáveres son ya esqueletos vaciados de ojos, vientres, nalgas, muslos, sexos, por los picotazos de los buitres o los mordiscos de los roedores y su desnudez resalta contra la grisura verdosa, espectral, de los árboles y el color pardo de la tierra. Detenido en seco por lo insólito del espectáculo, [el periodista miope] camina atontado entre esos restos de hombres y uniformes que adornan la caatinga. Moreira César ha desmontado y lo rodean los oficiales y soldados que cargaron tras él. Están petrificados. (...) El joven Sargento rubio tiene la cabeza intacta – aunque sin ojos – y el cuerpo deshecho de cicatrices cárdenas, huesos salientes, bocas tumefactas que con el correr de la lluvia parecen sangrar. Se mece, suavemente.<sup>316</sup>

Não apenas aos militares, sempre convictos de que vencerão de pronto os conselheiristas, a visão acima se configura assustadora, mas também para os sertanejos, como Ulpino. Os homens dependurados na estrada oferecem ao sertão uma aparência sepulcral, a causar medo nos moradores:

– Una pesadilla – dice –. [Los canudenses] Han colgado en los árboles a esos que mataron aquí. Los urubús los picotean. Pone los pelos de punta.<sup>317</sup>

Além disso, as pessoas não sertanejas, que se dirigem a Canudos, imaginam-se indo em direção do fim do mundo. Galileu Gall, ao pensar no código de honra da região, localiza esse lugar como sendo o mais remoto da face da Terra:

El honor, la venganza, esa religión tan rigurosa, esos códigos de conducta tan puntillosos ¿cómo explicárselos en **este fin del**

<sup>315</sup>. Idem, p. 537.

<sup>316</sup>. Idem, p. 296-297.

<sup>317</sup>. Idem, p. 285.

**mundo**, entre gentes que no tenían más que los harapos y los piojos que llevaban encima?<sup>318</sup>

A mesma impressão do frenólogo anarquista escocês tem o jornalista míope, ao achar difícil que em Belo Monte –¿*Cómo era posible que aquí, en el fin del mundo, (...)*<sup>319</sup> – possa estar escutando histórias da cultura européia que falem dos Cavaleiros da Távola Redonda ou dos Doze Pares da França.

Aqueles que vivem no arraial messiânico têm a certeza de estarem lutando na guerra derradeira anunciada no Apocalipse. A noite que antecede o confronto com a expedição do Tenente Pires Ferreira exemplifica nossa afirmação, pois o Conselheiro anuncia a batalha a ser travada como indicativa do início do final dos tempos que, na tradição milenarista, assume a forma da luta do Bem contra o Mal:

Esa noche, **la del comienzo del fin del mundo**, todo Canudos se aglomeró en torno al Templo del Buen Jesús – un esqueleto de dos pisos, con torres que crecían y paredes que se iban rellenando – para escuchar al Consejero.<sup>320</sup>

Com o término da guerra e com os óbitos do inspirador do movimento e dos principais discípulos, a crença não desaparece. Isso fica explícito no diálogo que fecha a narrativa, onde a mulher demonstra ainda crer no conteúdo das falas do Conselheiro, isto é, que os justos, os mártires, aqueles que lutaram em nome do Senhor obtêm a salvação eterna com a morte:

– ¿Quieres saber de João Abade? – balbucea su boca [de una viejecita] sin dientes.  
 – Quiero – asiente el Coronel Macedo –. ¿Lo viste morir?  
 La viejecita niega y hace chasquear la lengua, como si chupara algo.  
 – ¿Se escapó entonces?  
 La viejecita vuelve a negar, cercada por los ojos de las prisioneras.  
 – Lo subieron al cielo unos arcángeles – dice, chasqueando la lengua –. Yo los ví.<sup>321</sup>

Para a *gente simples*<sup>322</sup> – que acreditou no Conselheiro, nas suas prédicas e profecias – permanece a esperança, não sendo vãs a dor e a morte numa guerra que,

<sup>318</sup>. Idem, p. 238. Grifo nosso.

<sup>319</sup>. Idem, p. 375.

<sup>320</sup>. Idem, p. 80. Grifo nosso.

<sup>321</sup>. Idem, p. 570.

<sup>322</sup>. Cf. LAURIA, Márcio José. A nova guerra velha. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 809-810, p. 3, 3 e 10 abr. 1982.

em virtude da *complexidade das relações interpessoais*<sup>323</sup> e político-econômicas, reforça a finalidade última da vida, isto é, desejar e lutar por uma existência digna e benfazeja, ainda que seja num mundo espiritual. Na simplicidade da última frase da velhinha está a tranqüila certeza na continuidade de tudo em que os conselheiristas permanecem acreditando, na vigência plena das promessas do messias, apesar de tanta destruição e sofrimento.

---

<sup>323</sup>. Idem, *ibidem*.

## 4 A LUTA PELA FELICIDADE: VIDEIRAS DE CRISTAL

A obra *Videiras de cristal*<sup>324</sup> está dividida em doze capítulos, não numerados, subdivididos em episódios que narram a formação, o desenvolvimento e o desfecho violento da revolta ocorrida na Picada do Ferrabrás, localizada na Fazenda do Padre Eterno (anteriormente conhecida como Leonerhoff<sup>325</sup>), pertencente a São Leopoldo – primeira colônia alemã fundada no Rio Grande do Sul –, durante os anos de 1872 a 1874.

Do primeiro ao quarto capítulo, é delineado o painel sobre o qual os acontecimentos ligados aos Mucker<sup>326</sup> se desenrolam; inicia-se a caracterização das personagens, entre elas a de Jacobina Mentz Maurer; são apresentados os problemas políticos e sociais que afetam a colônia; começa a oposição dos clérigos luteranos e católicos, e da sociedade em geral, contra o grupo que assume feição religiosa e que freqüenta a casa dos Maurer; tem princípio o afastamento dos adeptos do restante da sociedade.

---

<sup>324</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

<sup>325</sup>. Antonio Galvão e Vilma Rocha consideram Leonerhoff um dos dois vilarejos entre Hamburgerberg e o Ferrabrás. Cf. GALVÃO, Antonio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker – fanáticos ou vítimas?* Porto Alegre: EST, 1996. p. 22.

<sup>326</sup>. Dada à diversidade gráfica dos nomes germânicos registrados pelos historiadores consultados, optamos por seguir a proposta pelo autor, na narrativa em estudo, a fim de obtermos certa uniformidade. Afastamo-nos dele apenas no que se refere à palavra “muckers”, pois, manteremos a forma “Mucker”, sempre empregada no nosso trabalho. Ver a nota 1, do capítulo 1.

Do quinto até o oitavo capítulo, são apontadas as divergências políticas entre conservadores e liberais como um dos principais estopins a desencadear a repressão ao movimento; ocorrem arbitrariedades policiais contra os Mucker; há a declaração pública dos fiéis na crença devotada à Jacobina, seguida dos atos de vingança dos crentes contra os seus agressores; registram-se as primeiras cisões dentro da seita.

Por fim, do nono ao décimo segundo capítulo, os Mucker são declarados inimigos perigosos que atentam contra a ordem estabelecida na Província; nasce Leidard, filha de Jacobina, uma criança que, segundo a mãe, terá o mesmo destino da seita; acontece a congregação de todos os seguidores na casa de Jacobina; travam-se os três combates contra o exército comandado, primeiro, pelo Coronel Genuíno Sampaio, depois, pelo Capitão Francisco Clementino San Tiago Dantas, que resultam na destruição das construções existentes no terreno dos Maurer, na morte de Jacobina e dos seus últimos adeptos refugiados na mata do Ferrabrás, logo após o sacrifício da pequena Leidard.

Através do recurso da polifonia<sup>327</sup> narrativa, que permite a focalização alternada e regular das personagens, acrescida da estrutura circular do romance – a narrativa inicia e finaliza com a personagem Hans Willibald Genz, tio de Christian Fischer, em Rothenburg-ob-der-Tauber –, o autor propicia a recuperação, através da ficcionalidade, de um fato histórico sul-rio-grandense.

Em *Videiras de cristal*, depois de concluída a narrativa, Luiz Antonio de Assis Brasil escreve uma nota esclarecendo o destino de João Jorge Maurer e cita fragmentos “Do diário do Pastor Heinrich W. Hunsche”, que informa os acontecimentos derradeiros ocorridos com os Mucker remanescentes, durante os anos de 1880 a 1897. O escritor termina sua obra alertando aos *puristas de plantão* que não teve a intenção de redigir uma “história romanceada” ou um romance histórico, mencionando as fontes primárias e secundárias consultadas para a elaboração do texto literário.

---

<sup>327</sup>. Entendemos polifonia como a existência de vários pontos de vista autônomos que apresentam posições diferentes diante dos fatos narrados. São consciências que estabelecem relações interativas entre si na unidade superior, que é a do romance polifônico. Cf. REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 4. ed. rev. aum. Coimbra: Almedina, 1994. p. 333.



#### 4.1 A *Christussin*<sup>328</sup> do Ferrabrás

Jacobina Mentz Maurer é a figura central do movimento do Ferrabrás, também conhecido como “revolta dos Mucker”<sup>329</sup>, que atinge o momento culminante nos anos de 1872 a 1874. As características sociais, religiosas e carismáticas assumidas por ela ou que lhe são atribuídas nos permitem identificá-la como messias.

Geralmente um indivíduo considerado messias é anunciado por um pré-messias, que prepara as pessoas para a liderança que o enviado divino exercerá sobre elas. Essa declaração é feita por Maria Isaura Pereira de Queiroz<sup>330</sup>, ao teorizar sobre o messias, a principal figura do movimento messiânico:

O messias é sempre “anunciado” por um personagem anterior (pré-messias) que lhe profetiza a vinda; ou então ele mesmo aparece, apregoa sua doutrina, retira-se para local incógnito ou santificado, para em seguida volver trazendo a Idade de Ouro ou os Novos Tempos.<sup>331</sup>

João Jorge Maurer é o sujeito que predispõe os moradores da região a aceitarem Jacobina, sua esposa, enquanto um ser superior dotado de dons sobrenaturais. Ele consegue esse feito porque tem a atenção e o respeito dos moradores da localidade que o consideram um homem especial, possuidor da capacidade de curar os enfermos através do uso medicinal das plantas, apesar de seus poucos conhecimentos:

No princípio era apenas o Doutor Maravilhoso. – **Der Wunderdokter!** como todos exclamavam, fascinados pela sua habilidade em curar com as plantas, embora fosse analfabeto e seus horizontes não alcançassem além dos distritos de São Leopoldo.<sup>332</sup>

Com o transcorrer do tempo, conforme o Doutor Christian Fischer relata em uma carta a seu tio Hans, Maurer, influenciado pela mulher que se diz inspirada pelo Espírito

<sup>328</sup>. Segundo Leopoldo Petry, uma reportagem de um dos jornais de São Leopoldo, *Der Bote*, de 2 de julho de 1873, usa a expressão “Christussin” (feminino de Cristo) ao se referir à Jacobina. Cf. PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz (os mucker)*. 2. ed. rev. aum. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 61.

<sup>329</sup>. De acordo com Janaína Amado, a revolta dos Mucker abrange os anos de 1868 a 1874, em São Leopoldo, mas seus incidentes são referidos até o ano de 1898. Cf. AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos “mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978. p.18.

<sup>330</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

<sup>331</sup>. Idem, p. 30.

<sup>332</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 18. Grifo do autor.

Natural, passa a anunciar que as curas realizadas são feitas com o auxílio desse Espírito, intermediado por Jacobina:

João Jorge Maurer uma vez perguntou a ela por que as plantas nem sempre faziam efeito. Jacobina respondeu: – “Farão efeito se você quiser me ouvir. O Espírito Natural pode te orientar. Ele fala pela minha boca”. A partir desse dia, João Jorge explicava aos clientes que as receitas das poções não eram prescritas mais por ele, mas sim pelo Espírito Natural que falava por intermédio de Jacobina.<sup>333</sup>

Assim, o Wunderdoktor<sup>334</sup>, de principal personagem e dono de uma faculdade singular, passa a uma posição secundária. Deixa Jacobina no primeiro plano e subordina-se a ela. À medida que o movimento se desenvolve e se fortalece, o aspecto religioso da esposa tem mais importância do que João Jorge e suas plantas:

João Jorge era o grande astro que começava a perder seu brilho. Embora estivesse sempre ao lado de Jacobina nas horas de oração e nas prédicas dos domingos, servindo de acólito e também de pregador, cada vez ficava mais relegado às suas plantas curativas. Alardeava uma certa imponência no falar alto e grosso, mas nos momentos de decisão a voz mais forte era a de Jacobina.<sup>335</sup>

Essa tomada de posição de Jacobina resulta no afastamento do marido. Uma atitude violenta dela, posterior a um dos vários ataques que a acometem, pode ser apontada como o momento indicativo do seu rompimento com João Jorge:

– Mandou me chamar, Jacobina? – disse João Jorge, aproximando-se do rosto da mulher.  
E num repente Jacobina cravou as unhas nas faces do marido, rasgando a pele até à entrada da barba. João Jorge deu um salto para trás, respirando forte, procurando um lenço no bolso.<sup>336</sup>

Podemos interpretar a ação de ferir o marido como uma amostra da sua insatisfação para com Maurer, ao mesmo tempo em que ela confirma sua importância dentro do grupo formado ao redor de sua casa. Jacobina revela também a certeza de sua impunidade, pois sabe que a mulher germânica tem uma boa posição dentro da estrutura familiar<sup>337</sup>. Além disso, é uma forma de provar a todos o seu poder e a sua

<sup>333</sup> Idem, p. 55.

<sup>334</sup> Os vocábulos em alemão, utilizados para designar as personagens, serão mantidos porque a obra literária os torna compreensíveis ao leitor.

<sup>335</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 117-118.

<sup>336</sup> Idem, p. 60.

<sup>337</sup> Segundo Janaína Amado, apesar de a família ser patriarcal, a mulher imigrante tem alguma autoridade e certos direitos que a deixam em melhor posição que a mulher gaúcha da época. Sua importância provém

vontade, já que Maurer, por ser um homem que trabalha com o público, não tem como esconder as marcas deixadas pela mulher em seu rosto.

O porte físico de Jacobina pouco a diferencia das outras mulheres da região, oferecendo-lhe a aparência de uma mulher comum, conforme observa o Doutor Fischer:

Jacobina é ainda moça e, em certo sentido, bela. Não se percebe à primeira vista que é uma colona, pois os traços conservam uma suavidade urbana. Poderia ser confundida com uma simples modista ou uma vendedora de flores.<sup>338</sup>

Em contrapartida, apresenta um comportamento que a distingue das demais, pois sofre de crises que a deixam completamente prostrada, em estado de letargia por horas ou dias, mas que, segundo Maurer, não lhe tiram de toda a consciência:

Frau Maurer tinha um perfil suave e pálido, e estava deitada sobre a cama ao centro do quarto, os braços caídos sobre o lençol, os olhos fixos no teto.

– Está assim desde ontem. Tem isso de vez em quando. Ela não fala, mas ouve tudo o que falamos. – João Jorge sentou-se aos pés da cama, tomou a mão da mulher: – Minha querida, trouxe aqui a filha do Hofstätter. Veio para todo o serviço. Todo mundo fala bem dela. Já dispensei a Caroline. Então Jacobina voltou o rosto, procurando Ana Maria. (...)

.....  
Frau Maurer trazia os cabelos aparados muito baixos, em caracóis dourados que se colavam ao crânio e às têmporas. A lividez do rosto não esmaecia a força dos olhos, brilhantes, azuis e temerários. Ana Maria recuou por instinto.<sup>339</sup>

Para os adeptos, dois aspectos tornam Frau Maurer singular entre as outras colonas: os olhos e a voz. No que se refere aos olhos, a personagem Jacó Fuchs – mais conhecida como Jacó-Mula – os define como tão dominadores que chegam a tirar a vontade-própria daqueles que estão sob sua influência, conforme conta ao Doutor Christian Fischer:

Ela tem um modo de olhar a gente, Doutor, que a gente não pode dizer que não. É como se ela mandasse.<sup>340</sup>

---

da inegável contribuição à família; além de realizar os serviços domésticos, elas trabalham – ao lado dos homens – nas lavouras e têm filhos. O progresso econômico da família não depende apenas do esforço masculino, mas também da disposição para o trabalho e da organização feminina. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 41-42.

<sup>338</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 202.

<sup>339</sup>. Idem, p. 24.

<sup>340</sup>. Idem, p. 40.

Quanto à voz, é descrita pelo mesmo Jacó-Mula, que alude especificamente à maneira como ela fala ou se dirige àqueles que a escutam. Durante as pregações, Jacobina obtém o respeito e a reverência dos ouvintes fazendo uso da modulação variada de sua voz, reforçando-a com suas expressões faciais:

A fala de Frau Maurer adquiria uma tonalidade grave, ressaltada pelas tensas linhas do rosto, que se aprofundavam à medida que anoitecia e o clarão amarelado das velas ampliava-se como a única luz. Assim falou durante mais de uma hora, entremeando leituras da Bíblia. A voz passava da reprimenda ao conselho e do conselho à carícia, para depois retomar o tom forte das admoestações. Ninguém se atrevia a perguntar nada.<sup>341</sup>

Com a habilidade de uma oradora, a mulher transforma suas palavras em verdades absolutas, as quais nenhum homem se atreve a interromper, muito menos questionar, sem que isso gere cansaço na audiência. Tio Fuchs revela a Jacobina o poder que a voz dela tem – entendendo-se aqui, também, o conteúdo que expressa – sobre todos que a cercam. Esse episódio ocorre quando a profetisa diz não compreender o porquê de serem agredidos pelas pessoas exteriores ao grupo que se reúne em sua casa:

– “O que nós estamos fazendo de mal, Tio Fuchs? Na rua, negam cumprimento às pessoas que vêm aqui, deboçam delas e jogam pedras. Onde você acha que vai acabar isso?” Tio Fuchs coçou a barba branca: – “Onde você quiser, Jacobina. Sua voz é muito mais forte do que imagina. Esse povo que você vê aqui seguirá você para onde você mandar. Inclusive eu”.<sup>342</sup>

Através do dom da persuasão, Jacobina vai adquirindo, cada vez com mais intensidade, o domínio completo sobre os seguidores e a concordância deles no que se refere às resoluções que toma em prol da manutenção do movimento.

Fascínio e curiosidade são os sentimentos despertados nas pessoas com relação às crises<sup>343</sup> que abatem Jacobina e que o velho Doutor Hillebrand diagnostica como *estados de colapso histérico*<sup>344</sup>. Esses ataques são considerados pelos colonos uma manifestação do sobrenatural, pois identificam sintomas que julgam pertencer ao

<sup>341</sup>. Idem, p. 83.

<sup>342</sup>. Idem, p. 131.

<sup>343</sup>. Ambrósio Shupp narra que Jacobina cai *repetidas vezes numa situação de total inconsciência* e que isso se agravou depois de uma enfermidade, aos doze anos de idade. Com a passagem do tempo, a duração desses *estados psíquicos* aumentou, mantendo-a num *estado enigmático* por horas. Cf. SHUPP, Ambrósio. *Os “Mucker”*: a tragédia histórica do Ferrabrás. Tradução de Arthur Rabuske. 4 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993. p. 40.

<sup>344</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 203.

sonambulismo, um assunto, naquele período, em voga na região em virtude da circulação de um livro sobre o tema. Dessa maneira e involuntariamente, Jacobina tem atribuído a si o dom de profetizar. O Pastor Boeber, durante um sermão, em vista da veemência com que ataca o texto sobre o sonambulismo, deixa claro que os membros de sua comunidade crêem ser a esposa do curandeiro Maurer uma pessoa com dotes de outro mundo:

– Isto é uma asneira! – disse do púlpito o Pastor Friedrich Wilhelm Furchtergott Boeber, erguendo bem alto o livro que falava do sonambulismo e seus efeitos. (...) O tal livresco afirmava coisas perigosas: os sonâmbulos podem profetizar; a palavra de um sonâmbulo não pode ser discutida nem duvidada; os sonâmbulos têm poderes que ultrapassam os poderes de um homem comum. E os bobalhões a repetirem essas insanidades.

.....  
 – Se alguém possuir um destes livros, queime-o sem piedade – disse. E, para ser mais candente, destroçou o pequeno volume ante o espanto de seus paroquianos, rasgando-o página por página, descolando a capa e fazendo-a em pedaços.<sup>345</sup>

O marido também ajuda a divulgar a doença da esposa como sendo sonambulismo, conforme a passagem em que informa, na frente dos seus pacientes, à cunhada Elisabeth Carolina Mentz, o motivo de Jacobina estar em estado de letargia:

[Elisabeth Carolina] chegou à casa de Jacobina a tempo de vê-la numa grave letargia, (...) Alguns dos clientes de João Jorge estavam à porta do quarto, empurrando-se para enxergarem melhor. (...) – “Outro ataque de sonambulismo” – disse João Jorge Maurer, tomando a cunhada pelo braço e levando-a para o pátio.<sup>346</sup>

Dessa forma, para os moradores simplórios do Ferrabrás e dos arredores, Frau Maurer surge como uma entidade espiritualizada, contando, para isso, com o aval do respeitado Wunderdokter, o que aumenta a lenda em torno de suas capacidades adivinhatórias e/ou proféticas. Até mesmo os indivíduos mais incrédulos acabam sucumbindo à certeza de que Jacobina possui inspiração sobrenatural, frente às demonstrações que ela faz de seu poder ainda na fase de destaque de João Jorge:

Um colono perguntou ao **Wunderdokter** em que momento Frau Maurer fazia as prescrições; João Jorge, irritado com o caráter duvidoso da pergunta, mandou que Ana Maria Hofstätter chamasse Jacobina. Frau Maurer veio à sala e, ante o olhar espantado de todos, pôs a mão na testa do paciente: – “O Espírito Natural me falou que você sente dores no peito e

---

<sup>345</sup>. Idem, p. 25-26.

<sup>346</sup>. Idem, p. 32.

angústia. Vou dizer a João Jorge o que você precisa tomar para ficar bom”.

O doente melhorou em três dias e isto foi motivo para que ninguém mais perguntasse nada.<sup>347</sup>

A própria Jacobina sente-se confusa, seja diante dos seus ataques ou da nova importância que adquire na casa, sem conseguir atinar o que ocorre consigo. Ela admite isso a Ana Maria pouco antes de enfrentar mais uma crise, precedida da sua atividade, agora habitual, de instruir os enfermos de João Jorge sobre a *Bíblia*:

Num domingo de muita chuva, Ana Maria Hofstätter acordou e viu que Jacobina ensinava a Bíblia aos doentes, que a ouviam falar sobre o céu e o inferno com a naturalidade de algo muito bem conhecido. Perto do meio-dia, quando já as portas estavam abertas e a casa não era suficiente para conter tantas pessoas que chegavam, Jacobina recolheu-se ao quarto e deitou-se, exausta. – “O que está acontecendo comigo, Ana Maria?” – perguntou. E pediu que fechasse a janela, queria dormir. Nessa tarde, quando Ana Maria foi levar-lhe um prato de sopa, encontrou-a com outro ataque: muda, os olhos abertos, as mãos cruzadas no peito, não ouvia o que lhe diziam.<sup>348</sup>

Apesar da curiosidade e do fascínio que as pessoas sentem por esta particularidade de Jacobina, o que chama a atenção de todos é a sua explicação para os textos sagrados, responsável também pela admiração de seus seguidores. Tal habilidade não lhe surgiu espontaneamente, mas é o resultado de sua aprendizagem com Hades Fleck<sup>349</sup>. Esse indivíduo, de personalidade duvidosa e interessante, inicia Frau Maurer nos caminhos da interpretação dos livros bíblicos e provavelmente a influencia na posição apresentada frente às autoridades clericais e nas suas concepções religiosas:

circulava por lá [casa de Jacobina] um certo Hades Fleck, meio Pastor e vidente, que ensinava Jacobina a ler as letras da Bíblia e a interpretar o Livro Sagrado. Por vezes Hades Fleck assustava a todos por suas profecias de fim de mundo e seu desprezo pelos Pastores e Padres. Todas as pessoas o ouviam em profundo silêncio. João Jorge ficava ali perto, vendo Jacobina soletrar passagens do Evangelho, vez por outra intervindo. Via-se que começava a interessar-se pela nova habilidade da esposa, tão inteligente. Hades Fleck irradiava

<sup>347</sup>. Idem, p. 55-56. Grifo do autor.

<sup>348</sup>. Idem, p. 56.

<sup>349</sup>. As definições que os historiadores dão a Hades Fleck são várias, alguns o chamam de pregador “pietista”, outros de aventureiro – que se apresenta como um missionário ou pregador –, ou ainda de primeiro diretor espiritual de Jacobina. Retiramos essas informações respectivamente de: GALVÃO, Antonio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. Op. cit. nota 2. p. 43; PETRY, Leopoldo. Op. cit. nota 5. p. 45; DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977. p. 73.

uma certa auréola de santidade à qual se somava uma ponta de canalhice, de modo que se tornava um homem fascinante.<sup>350</sup>

Assim, mesmo com a educação medíocre<sup>351</sup> recebida, semelhante à dos demais colonos, Jacobina possui conhecimentos superiores no que se refere à *Bíblia*, os quais lhe colocam num patamar de inteligência e instrução acima dos seus fiéis. Esse aspecto contribui para sua caracterização como messias, isto é, deter uma maior cultura que a de seus adeptos.

Para os seguidores, um dado marcante da sabedoria de Jacobina é de citar a Sagrada Escritura não apenas quando a está lendo, mas também em sua fala cotidiana. Ela faz isso quando está conversando com as pessoas, incutindo-lhes a confiança e a determinação a fim de que realizem as tarefas necessárias para o fortalecimento da crença:

Breve teremos um lugar [nosso Templo] onde vigorará somente a vontade de Deus e onde os ímpios não poderão chegar com seu dinheiro e com seus Pastores. **Passarão céus e terra, mais minhas palavras não passarão.**<sup>352</sup>

O fato de memorizar os versículos a torna mais respeitada e admirada pelos crentes que, ao percebê-la em íntimo contato com as Palavras Santas, reforçam a certeza de que ela é uma pessoa especial, enviada dos Céus.

O apego religioso de Jacobina também pode ser explicado como resultado de sua admiração pelo avô paterno, João Libório Mentz, imigrante chegado no Brasil no ano de 1824, conforme comenta com sua mãe, a avó Müller:

– Cada vez mais admiro João Libório Mentz – Jacobina rompeu o silêncio. – Era o único homem de valor nesta família.<sup>353</sup>

A aproximação de Jacobina com seu antepassado justifica-se pela liderança desse numa cisma religiosa em Tambach, no Thüringen. Descontente com os rumos da comunidade luterana, João Libório se afastou da igreja e, junto com outras famílias, adotou ritos austeros. Todavia, ao sofrer perseguições, imigrou para o Brasil trazendo, além de seus familiares, a determinação religiosa que passou para os filhos:

<sup>350</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 31.

<sup>351</sup>. Segundo Leopoldo Petry, o ensino primário era deficiente e, provavelmente, Jacobina não freqüentou a escola, tendo somente, com muito esforço, aprendido a ler. Cf. PETRY, Leopoldo. Op. cit. nota 5. p. 45-46.

<sup>352</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 152. Grifo nosso. O versículo citado por Jacobina encontra-se em Mt 24. 35.

<sup>353</sup>. Idem, p. 72.

Mas aqui [no Brasil] não perdera [João Libório] a determinação religiosa: ensinava a Bíblia aos filhos, fazia com que rezassem antes de comer e dormir, plantou os alicerces de um templo. Morreu cercado de respeito quando o pai de Jacobina tinha oito anos; mas deixara no filho a semente de uma fé robusta e intransigente.<sup>354</sup>

Portanto, André Mentz – pai de Jacobina – deve ter transmitido para seus filhos o legado religioso do seu genitor. Assim visto, para Frau Maurer, a liderança de uma seita, com normas próprias, não é uma atividade que lhe soa estranha. A religiosidade da profetisa do Ferrabrás também encontra raízes na educação severa que recebeu da mãe, Maria Elisabeth Müller. Segundo uma história que corre na colônia, durante a Revolução Farroupilha, ao se refugiar com os filhos na mata, Frau Müller encontrou, num casebre abandonado, uma panela com feijão aproveitável, mas sua conduta a impediu de alimentar os filhos com o propósito de impedir que praticassem o que julgou ser um ato de roubo:

As crianças pediram para comer, mas a mãe impediu-as, dizendo que aquilo não era delas, suportassem a fome, Deus providenciaria. O filho mais velho, encontrando-as depois de uma longa busca, quis afrontar a autoridade da mãe, e já segurava a panela quando Maria Elisabeth deu-lhe uma bofetada, fazendo-o cair ao chão. – “Nunca te ensinei a roubar. O que é dos outros é sagrado”.<sup>355</sup>

Dessa forma, a severidade imposta por Jacobina aos adeptos não se trata apenas de uma disciplinarização dos hábitos e das atitudes, que permitem o acesso à sua casa e à audição de suas prédicas, mas constitui também um reflexo da educação familiar recebida.

Ao lado de sua sabedoria religiosa, várias pessoas a escutam por julgá-la um instrumento utilizado pelo Espírito Natural, quando esse tenta se comunicar com os homens. Até Jacobina tem essa certeza, tanto assim que, em vários momentos da narrativa, alega receber orientações d’Ele. Se, no princípio, esse elo é estabelecido para auxiliar na cura dos doentes que procuram João Jorge, depois, quando ela se afirma como líder, o contato com a divindade superior passa a ocorrer com o propósito de lhe contar coisas que acontecerão, isto é, ajuda-a a profetizar. Quando os homens pertencentes à seita são presos, sob o pretexto de se localizar aqueles que atentaram contra a vida de João Lehn, o Inspetor de Quarteirão, Jacobina consola as mulheres alegando saber que tudo ficará bem pois isso lhe foi dito pelo Espírito Natural:

---

<sup>354</sup>. Idem, p. 71.

<sup>355</sup>. Idem, ibidem.



– Minhas queridas. Apesar das palavras do nosso Pastor [Klein], tenho confiança no Espírito Natural. Ele me falou hoje em sonhos que Schreiner [Delegado de Polícia] não vai prender nossos homens para sempre. Eles talvez até estejam soltos a esta hora.<sup>356</sup>

Já no episódio do assassinato do jovem Haubert, o fato de o crime ter sido bem sucedido e de os dois autores terem chegado a salvos no Ferrabrás configura-se, para a visionária, como um sinal de aprovação do Espírito:

À porteira, [Ana Maria] distinguiu Robinson o Ruivo e o apóstolo Judas. – Eles estão voltando, Frau Maurer.  
 – E voltam como?  
 – Felizes.  
 – O Espírito Natural não nos abandonou – foi a resposta de Jacobina.<sup>357</sup>

Concomitante ao intercâmbio que realiza com o Espírito Natural, Jacobina também é apontada, e assim se considera, o ente capaz de se comunicar com Deus. Ela mesma se apresenta como a enviada do Senhor com a missão de pregar a Verdade e a Redenção:

– “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu. E enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a liberdade, aos cegos a restauração da vista, para publicar a Graça do Senhor”. Meus queridos filhos: por que estão assim preocupados se temos a nosso favor a vontade de Deus? Ele não me mandaria ao mundo para anunciar a sua Verdade e a sua Redenção se não me desse forças para cumprir esta ordem.<sup>358</sup>

Em uma conversa com Tio Fuchs, Frau Maurer expressa seu medo de não estar sempre pronta para escutar o Senhor. Entretanto, o ancião a tranqüiliza ao lembrá-la ser apenas um veículo, alguém que cumpre ordens d’Aquele que sabe quando deve (ou não) falar com ela:

Não sei de onde me vem este poder”. – “Você mesma diz sempre: vem d’Aquele com quem você fala”. – “Sabe, Tio Fuchs? Há vezes em que fico descordada e ouço a voz de Cristo. Em outras, quando me acordo não sei se Ele me falou ou não. Tenho medo de não estar sempre pronta para ouvir”. Tio Fuchs disse: – “Você é apenas um instrumento, Jacobina. Não queira ser maior do que Aquele que dá as ordens. Ele sabe o momento certo”.<sup>359</sup>

---

<sup>356</sup>. Idem, p. 288.

<sup>357</sup>. Idem, p. 334.

<sup>358</sup>. Idem, p. 152.

<sup>359</sup>. Idem, p. 131.

Jacobina é vista pelos crentes como uma criatura que não expõe apenas idéias próprias, mas igualmente as de uma divindade superior, que fala por intermédio dela. O fato de exigir o cumprimento de suas ordens fundamenta-se na convicção de que suas determinações são ditadas através de uma inspiração. Não é ela quem ordena, e sim o Senhor, cujo poder é superior ao seu e ao dos homens.

A própria Jacobina apresenta, diante dos fiéis, a posição de pessoa escolhida por Deus, ao se anunciar como a porta-voz d'Ele, aquela que expressa aos homens os desejos e as vontades do Criador:

Porque o Senhor falava a Jacobina e Jacobina falava a Ele; uma comunhão perfeita entre o Espírito e a Carne, entre a Divindade e o Homem. Ela, Jacobina, não era nada, ninguém, uma pobre-coitada como todos os que se ajoelhavam e sofriam naquela sala. Mas por um especial dom, só compreensível pela extrema generosidade de Deus, ela ouvia de Deus tudo o que Ele queria dizer aos homens; confiassem nela, ainda que sua presença e sua voz de mulher parecessem tão fracas.<sup>360</sup>

A condição de enviada divina também se manifesta ao dar explicações às passagens bíblicas que lê nas reuniões realizadas em sua casa, pois, enquanto ente iluminado, é a conhecedora do real sentido do Texto Sagrado:

– Garanto que nenhum de vocês sabe o que Cristo quis dizer com aquelas palavras, bem-aventurados sereis quando vos caluniarem.

E passou a explicar o que Jesus Cristo queria dizer: que eles ali seriam muito caluniados e perseguidos. Mas que se mantivessem firmes, porque grande seria a recompensa no céu, estava escrito. Sua pregação era de amor e de concórdia, mas muitos não entenderiam assim, disporiam contra eles toda sorte de armadilhas e mentiras.<sup>361</sup>

Essa mulher confirma sua superioridade espiritual quando diz, aos signatários, que os religiosos oficialmente ordenados e diplomados são incapazes de dar a interpretação verdadeira do que está escrito nos Testamentos:

[Os fiéis] Cuidassem, porém, dos Pastores que têm o coração duro: suas palavras vêm cobertas com a lama da mentira. Falsos profetas, não hesitam em condenar aquilo que não entendem e bem fariam se ouvissem o verdadeiro ensinamento dos Evangelhos que eles dizem explicar melhor que qualquer

---

<sup>360</sup>. Idem, p. 98-99.

<sup>361</sup>. Idem, p. 83.

um, enganados por suas falsas ciências, adquiridas de outros homens tão duros quanto eles próprios.<sup>362</sup>

Sua convicção sobre esse dado é tanta, que, mesmo à frente dos opositores ao movimento, declara que as escolas e os padres ou pastores não são suficientemente habilitados para ensinar e compreender o que está escrito na Sagrada Escritura. Essas afirmações são relatadas pelo Doutor Christian Fischer numa carta a seu tio, na qual narra o depoimento que Jacobina Mentz Maurer presta ao Chefe de Polícia da Província:

[Jacobina] Não fala português, e o intérprete tinha de fazer malabarismos verbais para acompanhar todas as minúcias relatadas, em especial no momento em que ela disse haver recomendado a seus seguidores a não freqüentarem nem as igrejas nem as escolas, pois ali não se explica o Evangelho no seu verdadeiro sentido. O intérprete, um bom homem de grandes suíças, envergonhava-se de estar falando aquelas coisas perante uma assistência composta por gente conhecida, e foi com imensa dificuldade que traduziu as palavras: – “Não. Não presto obediência aos Pastores, porque são hipócritas e associados aos grandes de São Leopoldo”.<sup>363</sup>

Jacobina explicita ainda que uma das razões que a leva a não aceitar os sacerdotes, como indivíduos a quem se deve respeito e concordância, provém do fato de eles serem ligados àqueles que detém o poder social e econômico, ou seja, são aliados das pessoas que prejudicam aos moradores da colônia, que perseguem a ela e aos seus asseclas. Portanto, se os representantes do clero são incapazes de entender os problemas e os dramas sofridos pelos humanos, que vivem próximos a eles, como podem desvendar o sentido transcendental contido na *Bíblia*?

Colocada diante dessas proposições – ser uma pessoa iluminada em contato constante com Deus e o com Espírito Natural –, Frau Maurer é julgada apta a profetizar e suas predições são ouvidas atentamente pelos que a circundam. Suas previsões dizem respeito às dificuldades a serem enfrentadas, aos obstáculos que os ímpios colocarão na tentativa de acabarem com a seita, os quais os discípulos terão que superar:

Os homens maus agora querem reduzir todos do Ferrabrás a um bando de indigentes e famintos, negando-lhes a comida. Pois bem, os crentes que se preparassem para dias difíceis, mas com sabedoria.<sup>364</sup>

---

<sup>362</sup>. Idem, p. 99.

<sup>363</sup>. Idem, p. 205.

<sup>364</sup>. Idem, p. 99.

Entretanto, é o Apocalipse o tema exposto com maior regularidade pela líder. Geralmente, suas falas versam sobre o término do movimento, que mostra estar entrelaçado ao fim do mundo: à dizimação deles acarreta a destruição de tudo o que demais existir. Muitas vezes, Jacobina faz uso do texto bíblico, que funciona como uma maneira de enfatizar a legitimidade da crença: uma fé que já estava prevista antes deles existirem:

Jacobina tomou a Bíblia, abriu-a num lugar marcado:  
 – “Quando ouvirdes falar de guerras e subversões, não vos atemorizeis, pois é preciso que primeiro aconteça isto”. – Jacobina correu o dedo mais para baixo: – “Vede a figueira e as árvores todas. Quando brotam, olhando-as, sabeis que o verão já está próximo. Da mesma forma também vós, quando virdes estas coisas acontecerem, sabereis que o Reino de Deus está próximo”. **Nada do que sucede agora não foi previsto pelo Espírito Natural.** Tudo correr a seu destino, assim como os pequenos arroios seguem em direção aos grandes rios. Se for necessário que enfrentemos a truculência dos ímpios é **porque assim estava escrito.**<sup>365</sup>

A idéia do fim próximo acentua-se com o nascimento de sua filha Leidard. Jacobina continua apregoando o extermínio do grupo, mas passa a ligá-lo ao da pequena criança, por ela ter sido gerada durante o movimento. Para a mãe, a recém-nascida representa a fé de todos que acreditam na religião verdadeira ali divulgada e, devido a isso, o destino da menina reflete a fortuna de todos os adeptos. Essa posição de Frau Maurer ocorre num dos momentos em que alguns seguidores estão presos e outros vingam-se dos ataques sofridos:

Jacobina pediu a Ana Maria Hofstätter que lhe entregasse a recém-nascida Leidard. Tomou-a nos braços, tirou o seio esquerdo de dentro dos refolhos da camisola e deu-o a mamar.  
 – **Esta criança, gerada e nascida em nossa fé, ela será o sinal. O seu destino será o nosso destino.** Mas não tenhamos inquietações. Fomos vencedores, e devemos dar graças porque nenhum dos nossos foi ferido, nem na alma e nem na carne. Leidard, com sua saúde e sua beleza, é a imagem de nossa inocência e nossa verdade, (...) <sup>366</sup>

Jacobina é uma profetisa apocalíptica, na qual notamos uma forte influência milenarista, pois ao mesmo tempo que fala do desfalecimento do corpo e da proximidade do Juízo Final – quando os difamadores serão punidos com a morte perpétua –, aponta para a obtenção da vida eterna para os seus signatários. Ela prega

<sup>365</sup>. Idem, p. 257. Grifos nossos.

<sup>366</sup>. Idem, p. 384. Grifos nossos.

esse tema durante uma reunião, já no tempo em que estão sendo perseguidos, a fim de não permitir que a fé dos que estão consigo esmaieça:

Eles é que resplandeceriam no dia do Juízo, que não estava longe. Eles brilhariam como o Sol e a Lua que traçam sua trajetória no céu majestoso. Aquele que mais chora hoje é o que mais se alegrará amanhã. Assim, reconfortados e unidos, verão a sagrada Face e não serão incluídos no rol dos condenados.<sup>367</sup>

Suas prédicas também remetem à volta ao Jardim do Éden, ao Paraíso Perdido, o lugar da harmonia e da completa felicidade:

– Meus filhos – ela disse. – Meu coração se enche de alegria neste dia tão feliz. Mais uma vez as forças do Mal nada puderam contra nós. Os ímpios tramam, com toda sua malícia, com toda sua ferocidade. Mal sabem eles que logo se aproxima o Dia do Juízo, quando tremerão de pavor. Só nós ficaremos vivos, nós, os eleitos do Espírito Natural. (...) Será um tempo em que os rios se transformarão em torrentes de leite e das árvores nascerá o pão para o nosso sustento. Aí nos contemplaremos e nos beijaremos e cada mulher e cada homem procurará o seu par, livres do peso das leis humanas.<sup>368</sup>

Com isso, suas falas têm uma forte feição escatológica, pois revelam um novo mundo surgido das cinzas deixadas pelo atual. Será um lugar onde imperará a igualdade e não haverá o pecado, pois os novos homens, desde o nascimento, estarão purificados:

Todos os sinais dos céus anunciam o grande fato para o qual todos estamos chamados. E a cinza que restar da paz servirá para adubar a terra de onde nascerão os novos homens, salvos do pecado e das desigualdades.<sup>369</sup>

Esse local chega a ser denominado de Jerusalém pela guia espiritual, em dois momentos. O primeiro, ao consolar Ana Maria, quando Ihe explica que o assassinato do jovem Haubert – pelo qual a moça Hofstätter está apaixonada – pelos discípulos é inevitável, em virtude da traição cometida por ele contra todos que se reúnem no Ferrabrás:

– Minha menina. Um dia você compreenderá o que estamos fazendo. Temos um destino maior, mais belo, que nos levará à Jerusalém eterna. – Sorriu.<sup>370</sup>

---

<sup>367</sup>. Idem, p. 99.

<sup>368</sup>. Idem, p. 311-312.

<sup>369</sup>. Idem, p. 257.

<sup>370</sup>. Idem, p. 331.

O segundo ocorre quando está refugiada no mato do Ferrabrás junto com alguns adeptos, depois que foram vencidos pelas tropas do Coronel Genuíno Sampaio. Ao ver o incêndio que consome a residência onde se reuniam, ela anuncia para os fiéis ao seu redor: – *Na Jerusalém Eterna nossos templos serão feitos em pedra*<sup>371</sup>, o que evitará a destruição de um local para eles abençoado.

Para os Mucker, há a crença de que as previsões feitas pela líder estão prestes a acontecer, porque acreditam nos seus dons proféticos. Afinal é por seu intermédio que as entidades divinas falam. Confirmando essa fé, eles vêem suceder tudo o que ela apregoa no que se refere à perseguição sofrida e ao final do mundo. A queda de um meteoro é identificado – e confirmado por Jacobina – como um dos primeiros sinais divinos a anunciar a proximidade do Fim, de acordo com um dos relatos que o colono Haus faz ao Pastor Boeber:

Jacobina, envolta num xale de lã, dirigiu a palavra aos muckers, lembrando que todos ali estavam dando uma demonstração de que mais importância tinha a fé do que as ordens que vinham de cima [dos pastores e dos padres, da polícia e do governo provincial]. Acima de nós, só Deus, ela dizia, com o dedo erguido. (...) Eram livres para seguirem a sua fé. E a grande bola de fogo que caiu do céu era um aviso do final dos tempos, um aviso de penitência e oração. Muito próximo está o momento em que a paz será cinzas!<sup>372</sup>

Ao contrário de deixar seus seguidores se abaterem e exultarem, respectivamente, diante das informações sobre a morte e vida eterna futura, Jacobina os estimula a desejarem viver neste mundo, sendo necessário o tempo da espera e da preparação para o período vindouro :

Por enquanto devemos aguardar, confiantes e sábios, mas não amortecidos para a vida.<sup>373</sup>

Pela reunião das características de profetizar, de aconselhar, de incutir a fé nos seguidores, de se comunicar com Deus – que a tornam íntima d'Esse –, Jacobina passa a ser vista como o próprio Cristo. Reconhecida como a reencarnação do Filho, ela não nega:

O **apóstolo** Mateus abriu os braços, os olhos suspensos em Jacobina:

---

<sup>371</sup>. Idem, p. 493.

<sup>372</sup>. Idem, p. 253.

<sup>373</sup>. Idem, p. 312.

– Jacobina, você é Jesus Cristo!  
 – Sou o que você diz que eu sou. (...)  
 Todos os que ali estavam, passado o primeiro instante de espanto, foram para fora e contaram o que ouviram de Jacobina e as promessas que garantiam uma esperança de um mundo onde o Reino do Bem prevaleceria. O **apóstolo** Mateus, excitado, segurava os colonos pelos ombros, sacudia-os: – “Jacobina é Cristo! É Cristo! Eu vi, ela falou, ela é Cristo!” Um homem velho merece crédito, por isso todos concordavam, mudos e espantados.<sup>374</sup>

Diante dos fiéis, Frau Maurer menciona imagens bíblicas que a fazem repetir situações vividas por Jesus junto aos discípulos. Na madrugada da noite em que é declarada Cristo pelo apóstolo Mateus, solicita a Jacó-Mula que permaneça com ela, dizendo: – *Fique aqui, Fuchs. Me faça companhia no meu Horto das Oliveiras*<sup>375</sup>. A referência a esse local remete àquele em que o Filho de Deus mais gostava de ficar para falar aos apóstolos e no qual foi preso ao ser traído por Judas. Frau Maurer, tendo um lugar chamado Horto das Oliveiras e nele postando-se para pensar, vive as mesmas cenas do Redentor narradas na *Bíblia*, afirmando-se como messias.

Jacobina assimila a condição de ser Cristo a ponto de se comparar a Ele, de declarar estar enfrentando situações semelhantes àquelas vividas por Jesus. Christian Fischer, numa outra correspondência a seu tio Hans Willibald, narra a reação da profetisa ao saber que está em São Leopoldo para depor sobre sua seita, depois de ter recuperado a consciência perdida em uma de suas crises:

– “Frau Maurer” – disse-lhe o Doutor Hillebrand –, “a senhora está sendo esperada para ser ouvida pelo Chefe de Polícia da Província, um brasileiro, a senhora está bem?” Jacobina ausentou o olhar: – “Assim como Jesus Cristo debaixo da maior vergonha foi levado a um estrangeiro para ser interrogado e não se opôs, assim também eu devo seguir o mesmo destino. Estou pronta”.<sup>376</sup>

Ao ser concluído o interrogatório, sendo informada pelo Chefe de Polícia de que será encaminhada à Santa Casa de Porto Alegre, na tentativa de se identificar o mal que a comete, Jacobina faz um comentário que volta a comparar o seu destino com o do Filho, conforme Fischer continua relatando a seu tio:

– “Senhora Jacobina Maurer” – repetiu o Chefe de Polícia –, “uma vez que o Doutor Hillebrand não diagnosticou seu mal, tenho de tomar uma providência que não lhe agradecerá. Devo

<sup>374</sup>. Idem, p. 152-153. Grifos do autor.

<sup>375</sup>. Idem, p. 153.

<sup>376</sup>. Idem, p. 204.

mandá-la para a Santa Casa de Porto Alegre, para ser examinada por outros médicos”. Jacobina, depois de ouvir a tradução, baixou a cabeça com um sorriso de ironia. Mal se escutou quando disse: – “Assim agiu Caifás”.<sup>377</sup>

A aproximação da atitude do Chefe de Polícia com a de Caifás justifica-se porque esse, segundo a profetisa, a está prendendo de maneira injusta e arbitrária, assim como fez o Sumo-Sacerdote<sup>378</sup> dos romanos ao deter Cristo. Ela tem consciência de que o fato de ser mandada para a Santa Casa é apenas uma maneira de retirá-la da colônia, uma tentativa de acalmar os exaltados ânimos dos opositores do movimento e de dispersar seus adeptos.

Jacobina Maurer torna-se a Christussin, de modo irrevogável, quando os crentes a vêem ascender aos céus e escutam a voz de Deus a anunciando como a Sua filha. O episódio, que ocorre no Segundo Domingo depois da Páscoa, na casa de Maurer, é presenciado pelos principais seguidores durante umas das reuniões que realizam. Eles enxergam sua guia espiritual elevar-se às alturas, ao som de uma música *tão deliciosa e linda que ninguém podia ouvi-la sem comover-se*<sup>379</sup> e envolta em um perfume *semelhante ao odor desprendido pela marcela queimada na Sexta-Feira Santa*<sup>380</sup>:

Com um arrepio, Jacó-Mula percebeu que a mulher não pousava mais no piso, alçava-se num movimento suave e contínuo em direção ao teto estranhamente aberto, revelando o céu daquele final de tarde onde as nuvens douradas davam lugar a grandes claros de azul. E ela sorria, desejosa de abandonar este mundo pecador e perverso. Os braços estiraram-se em todo o comprimento e o corpo alongava-se como uma seta apontando para o alto. Entre as nuvens então soou a voz grave e antiga do Senhor, vinda desde a eternidade das eras:

ESTA É MINHA FILHA MUITO AMADA,  
NELA EU PUS  
TODA MINHA BENEVOLÊNCIA.

.....  
E assim, tão suave como havia subido, a aparição voltava ao convívio dos seus; a túnica perdia o brilho, os olhos cerravam-se e os braços se recolhiam para o peito, igual a um grande pássaro que fecha suas asas. A música ia perdendo a força e o céu novamente fechava-se.

Tio Fuchs falou, a voz trêmula:

<sup>377</sup>. Idem, p. 205-206.

<sup>378</sup>. Na época de Jesus, o Sumo-Sacerdote era o líder supremo de Israel, mas sua escolha feita pelos romanos, o que o tornava mal visto no meio judeu.

<sup>379</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 155-156.

<sup>380</sup>. Idem, p. 156.



– Vocês viram o que a nenhum mortal é dado ver. Recolham-se também, para que o Espírito Natural possa obrar suas maravilhas.<sup>381</sup>

Além disso, para os fiéis, a profetisa tem a capacidade de estar presente entre eles até quando se encontra fisicamente afastada. A noite da comemoração de Pentecostes<sup>382</sup> é presenciada por Jacó-Mula como uma prova da divindade de Jacobina. Para esse crente, ela manda sinais de sua presença através de uma bola de fogo, que se desintegra em pequenas chamas e pousa sobre a cabeça de cada membro, abençoando-os mesmo à distância:

Ninguém se apercebeu quando a bola de fogo se desintegrou numa explosão silenciosa e as pequenas labaredas iniciaram uma dança em círculos, velozes, tomando conta de toda parte superior da sala. Súbito pararam, pulsantes. E então, como obedecendo a uma determinação superior, vieram uma a uma descer com suavidade sobre as cabeças de todos que estavam ali, coroando-os de um brilho pleno de maravilhas. Jacó-Mula deixou tombar o hinário que tinha entre as mãos. (...) E uma grande esperança preencheu todos os vazios de sua alma, não estavam sós, era Jacobina quem mandava aquelas língua de fogo, ela sabia que neste Pentecostes estaria presa, afastada dos seus, por isso mandou que o aguardassem, ela O enviava para abençoá-los e protegê-los. E como estavam todos belos! Todos com uma chama ardente sobre os cabelos, santos, belos, abençoados! Não, não eram pobres nem miseráveis. Eram ricos de amor e confiança, eleitos de Deus.<sup>383</sup>

Com esse episódio, Jacobina é mais uma vez aproximada a Jesus, tendo o poder de mandar o Espírito Santo sobre os seus seguidores, tal como Cristo O enviou sobre os apóstolos. A única diferença é que Este já estava morto, quando tal fato sucedeu, e ela ainda está viva, apesar de distante. Frau Maurer pode, inclusive, ser apontada como a reencarnação do Filho, pois as forças divinas de ambos são iguais e os seus asseclas recebem a proteção e a glória do Senhor.

Para Jacó-Mula, Jacobina também adquire a forma de uma figura guerreira, de um ser pronto a lutar na defesa da sua religião e dos seus signatários. Ele constitui essa imagem quando a vê ascender aos Céus, pouco antes de começar o confronto com a tropa comandada pelo Coronel Genuíno, e ao escutar a voz de Deus a anunciando como a Sua eleita, dando-lhe uma espada para que possa combater os ímpios. Além disso, ouve a profetisa pregando a necessidade de enfrentarem os infiéis

<sup>381</sup>. Idem, p. 157-158.

<sup>382</sup>. Pentecostes é a celebração realizada, cinqüenta dias depois da Páscoa, que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos.

<sup>383</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 231-232.

e de morrerem – se for preciso – para que alcancem a felicidade e a salvação das almas:

JACOBINA É ELEITA PERANTE MIM,  
EU A FIZ MINHA  
E DE TODOS VOCÊS.  
CONFIEM NELA  
NESTE MOMENTO DE ANGÚSTIA.

.....  
Anjos do Senhor surgiram nos quatro cantos e um deles, meio homem, meio mulher, aproximou-se da Mutter e despiu-a por completo. Um outro anjo pôs-lhe sobre o corpo um vestido de lã grosseira e revestiu-a com duas chapas de ferro, amarrando-as nos ombros e na cintura. Calçou-lhe os pés com botas de cano alto e, parando-se à frente, ofereceu-lhe uma espada feita de luzes e brilhos. Jacobina pegou a espada, beijou-a e com as duas mãos levou-a à altura dos seios. Seus olhos voltaram-se para o céu. E o Senhor falou:

RECEBA ESTA ARMA, JACOBINA.  
COM ELA VENCERÁS.

.....  
– Felizes são aqueles que crêem. Aproxima-se o momento em que seremos provados. O medo, que é irmão do ódio, não deve tomar nossos corações. Os ímpios poderão ter o nosso sangue, mas não a nossa alma. Quem tombar em nome de Jacobina terá sua recompensa nos céus. Mesmo que a paz venha a troco de cinzas, destas cinzas renascerá o espírito.<sup>384</sup>

Na visão de Jacó Fuchs, Jacobina atribui a si o poder do Cristo-guerreiro, presente na crença milenarista desde o período do Império Romano, e que recebeu ênfase no período das Cruzadas quando os cristãos, a espalharem o Evangelho pelo mundo, lutavam contra os pagãos. A luta dos Mucker contra seus adversários ganha, na concepção dessa personagem, ares da eterna guerra do Bem contra o Mal, estando eles – por serem seus escolhidos – do lado do Senhor.

Jacobina é ainda considerada a Mãe ou, como os crentes a chamam, a Mutter. Segundo Mircea Eliade<sup>385</sup>, uma mulher assim pode se configurar porque, para os homens primitivos<sup>386</sup> e ligados ao chão, há a inclinação de relacionar misticamente a mulher com a *Terra Mater*. Com sua força, ambas Ihes ajudam a sobreviver e geram a

<sup>384</sup>. Idem, p. 461-462.

<sup>385</sup>. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

<sup>386</sup>. Segundo Eliade, o homem “primitivo”, religioso, pertencente às sociedades arcaicas, isto é, às pré-modernas, tem a tendência de viver no *sagrado* ou o mais perto possível das coisas que considera consagradas. Esse homem possui a certeza de que o sagrado equivale à realidade por excelência, ou seja, *está saturado de ser, de poder, de perenidade e eficácia*, surgindo daí sua necessidade de estar próximo dele. Idem, p. 18-19.

vida dentro de suas entranhas. Jacobina não só lidera homens relacionados ao solo, à vida primitiva, como também é geradora de novos seres, tal como a Terra:

**a geração e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela Terra, (...)**

.....  
[ou seja] o dar à luz é uma variante, em escala humana, da fertilidade telúrica.<sup>387</sup>

Frau Maurer, além de ser a mãe de quatro crianças – Jacob, Heinz, Franz e Aurélia –, gera uma nova vida durante a crença: Leidard. O nascimento dessa menina, para os adeptos, repete o ato primordial da aparição da Vida no seio da Terra e, por isso, é motivo de alegria no seu meio:

E sob os olhos da criada e tão em silêncio como a concebera, a Mutter deu à luz a sua filha. De imediato Jacó-Mula bateu o sino à porta da casa chamando a todos e o quarto foi invadido por uma legião de adoradores, tendo à frente Rodolfo Sehn. O avô Maurer ergueu a neta e disse, a voz cortada:

– **Die Tochter des Glaubes!**

Para todos Leidard tornava-se **A Filha da Fé**, esperança da Mutter e do Ferrabrás.<sup>388</sup>

Na percepção dos fiéis, é como se Jacobina tivesse concebido essa criança sozinha, não sendo a recém-nascida o fruto de um envolvimento entre um homem e uma mulher. Vista somente como a filha da líder, uma mulher espiritualizada e superior à esfera mundana, Leidard é descendente de um ser que não manteve contatos sexuais com um parceiro. Isso é o que indica a indignação de Jacó-Mula diante da desconfiança de Kassel de que ela tem uma relação ilícita com Rodolfo Sehn:

– [Rodolfo] Vai para a cama com Jacobina.

– Isso é mentira, Kassel! – Jacó-Mula ergueu-se, enérgico. – E, se eu soubesse disso, eu abandonava imediatamente o Ferrabrás.

Martinho Kassel pareceu impressionado com a reação de Jacó-Mula:

– Se você me diz...

– Digo sim! Jacobina é pura, **é puro espírito**. Ela não tem corpo, debaixo das roupas é só a alma!<sup>389</sup>

O epíteto dado à criança, “A Filha da Fé”, reforça a idéia de que sua geração tenha acontecido unicamente a partir do espírito de Frau Maurer. É como se a fé da

<sup>387</sup>. Idem, p. 119-120. Grifo do autor.

<sup>388</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 335. Grifos do autor.

<sup>389</sup>. Idem, p. 270. Grifo nosso.

profetisa e dos discípulos nela tivesse se materializado, e a ausência de uma paternidade afasta-a de qualquer aproximação com o mundo terreno.

Jacobina também enfatiza o uso do termo Mutter junto aos seguidores porque, em vários momentos da narrativa, chama carinhosamente aqueles que estão perto de si de “meus filhos”. A noite em que faz sua primeira ascensão aos Céus fornece-nos um exemplo dessa designação familiar e de sua abnegação maternal:

– Não nos abandone, Mutter! Não nos abandone! – gritou Jacó-Mula.

A Mutter olhou para baixo e o sorriso apagou-se, dando lugar a uma expressão de piedade e tristeza.

– Não nos deixe sozinhos, mãe!

Mais uma vez ainda ela ergueu os olhos. Depois baixou-os em direção à pobre Humanidade.

– Não deixarei meus filhos – disse. – Mesmo que isto custe a minha vida.<sup>390</sup>

Nomeando os asseclas de filhos, Jacobina se assume como a mãe espiritual do grupo. É aquela que deve fornecer o auxílio, indicar o caminho do Bem, para que eles não se percam na sociedade traiçoeira e nas religiões que não pregam o verdadeiro Evangelho.

Esse papel de mãe amorosa evidencia-se ainda mais durante o velório do filho de Andreas Luppa. Depois de consolar o patriarca, ela é observada pelos fiéis em uma atitude que lhes lembra uma mulher acalentando seu próprio filho:

– [Jacobina] Afastou algumas flores e recostou-se ao lado do morto, enlaçando-o pelos ombros e trazendo-o para si. Todos que estavam ali entreolharam-se e, depois de uma breve hesitação e seguindo um sinal de Ana Maria Hofstätter, retiraram-se. A criada fechou os tampos das janelas, deixando o aposento imerso em sombras. Ainda olharam para dentro, e as almas aqueceram-se de uma súbita ternura: Jacobina aflagava os cabelos do morto e cantava em seu ouvido o **schlafe, schlafe, holder, süsser Knabe** [dorme, dorme, amável, doce menino].<sup>391</sup>

Pelo comportamento demonstrado pelas pessoas, que se reúnem na casa dos Maurer, percebemos que elas assumem a posição de participantes de uma grande família: a líder apresenta-se como a mãe, por conta própria ou por desejo dos fiéis, e os adeptos são os filhos. Com essa disposição, os Mucker oferecem uma das principais

<sup>390</sup>. Idem, p. 157.

<sup>391</sup>. Idem, p. 408. Grifos e tradução do autor.

características da comunidade messiânica: a de ter as relações familiares<sup>392</sup> que definem o grupo, isto é, a irmandade e a confraria onde quem governa é o messias, que tenta recuperar, através de uma série de ações, a imagem da família sagrada.

Assim, Jacobina é considerada a principal personagem do grupo messiânico, formado no Ferrabrás, agregando as características de profetisa e de líder incontestável do grupo de seguidores. Também é vista por esses como o ser enviado por Deus a ajudá-los na salvação de suas almas e a guiá-los na busca de uma comunidade perfeita. Sem esquecermos de que, muitas vezes, assume o perfil de Cristo ou até a própria reencarnação d'Esse, portanto, sendo o messias por excelência.

#### 4.2 Os santarrões

Os santarrões<sup>393</sup> – os adeptos de Jacobina – constituem o grupo de indivíduos composto pelos imigrantes alemães que chegaram adultos à região e formaram uma *sociedade de iguais*<sup>394</sup>, ou pelas pessoas criadas nessa comunidade, por terem vindo ainda enquanto crianças ou por nela terem nascido. Tratam-se daqueles que vivem a mudança econômica da colônia e participam dela, mas não obtêm nenhum benefício. Como conseqüência, têm parca ou nenhuma escolaridade e recebem uma educação familiar, dentro da tradição germânica.

São pessoas ligadas à zona rural, relegadas a uma condição de abandono por parte do governo provincial e imperial, e encontram-se em gradativo processo de empobrecimento. Segundo Janaína Amado, a situação é fruto do distanciamento que o município de São Leopoldo estabelece com sua colônia e da escassez da terra, praticamente a única fonte de sobrevivência dos habitantes da região:

Os adeptos de Jacobina faziam parte da camada mais pobre da população de São Leopoldo. Permaneceram na área rural,

<sup>392</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 7. p. 308.

<sup>393</sup>. Lembramos que santarrão é a tradução mais utilizada para o vocábulo Mucker.

<sup>394</sup>. Esta expressão é utilizada por Janaína Amado como uma forma de caracterizar as relações sociais existentes na colônia até 1845, término da Revolução Farroupilha. Nesse período, os imigrantes são solidários entre si, ajudam-se mutuamente em *termos individuais* – prestando ajuda sempre que necessário –, *familiares e comunais*, estabelecendo uns com os outros relações que garantem a sobrevivência de todos. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 46. Moacyr Domingues complementa essas informações dizendo que, à parte as divergências particulares que sempre existem, principalmente quando o assunto é relativo à posse de terras, os colonos se unem quando está em jogo o interesse comum, fato compreensível pois vivem num país estrangeiro e num lugar onde, muitas vezes, precisam enfrentar a natureza. Cf. DOMINGUES, Moacyr. Op. cit. nota 26. p. 28.

mantendo com o mundo urbano relações distantes e em nível de subordinação, quando o centro de poder e decisão há muito se deslocara do campo para a cidade. Continuaram agricultores mas a terra, base de sua sustentação econômica, tornou-se escassa. O patrimônio herdado dos pais, os lotes divididos entre os muitos filhos e disputados em questões judiciais, não aumentara nem sequer se mantivera no mesmo nível: em sua maioria os “mucker” não tinham lotes para dar aos filhos. Estes, depois de adultos, viviam com os pais e parentes ou se empregavam em estabelecimentos artesanais.<sup>395</sup>

A maioria dos seguidores de Frau Maurer pertence às famílias fixadas no local desde o início da colonização, mas que regridem economicamente enquanto outros núcleos familiares alcançam o progresso. Se, ao chegarem a nova terra, todos os imigrantes apresentavam as mesmas condições de vida, a ponto de formarem uma sociedade igualitária, fundada na solidariedade, após 1845, iniciam-se as diferenças sociais entre eles. Em uma carta, Christian Fischer relata ter conhecido esses fatos através do Doutor Hillebrand:

Antes do término da Revolução de 1835 a 1845 os colonos ainda viviam em uma relativa igualdade social, todos se ajudavam, compartilhando as mesmas dificuldades e tendo as mesmas esperanças. Com a revolução começaram as disparidades, muitos enriqueceram e passaram a explorar seus concidadãos, assumindo aqui o lugar que odiavam dos nobres da Alemanha.<sup>396</sup>

A principal mudança, dentro desse meio, consiste na ascensão financeira de alguns, enquanto outros empobrecem cada vez mais<sup>397</sup>, conseguindo, quanto muito, permanecer estagnados. Para Amado, dentre os que atingem um patamar econômico mais confortável está o comerciante<sup>398</sup>, isto é, o dono da venda que orienta a produção e o escoamento dos produtos agrícolas e que fornece crédito aos colonos. Esses, tendo dificuldades em quitarem suas dívidas, ficam indefinidamente presos ao primeiro.

Na primeira missiva que manda a seu tio, o Doutor Christian Fischer faz um relato que não apenas sintetiza a composição da colônia alemã, mas também tece comentários críticos sobre a mesma:

E assim a colônia apresenta duas faces: de um lado a face **boa**, isto é, a dos imigrantes que, aqui chegados há quase cinquenta

<sup>395</sup>. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 137.

<sup>396</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 49.

<sup>397</sup>. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 137.

<sup>398</sup>. Idem, p. 72-73. Ver também a citação 98, do capítulo 2.

anos, adquiriram fortuna e vieram morar em São Leopoldo. Desfrutaram de algumas vantagens do mundo civilizado e podem importar seus cristais da Boêmia, sem esquecer de ilustrar o espírito em viagens a Porto Alegre, distante a quatro horas de barco. Enriqueceram no comércio, intermediando as mercadorias do interior. (...) Os alemães constituem, portanto, uma ilha industrial e agrícola no meio desse cenário. E, como o dinheiro não pode estar em duas mãos ao mesmo tempo, fica de preferência nas mãos dos que já o têm. Revela-se assim a outra face da colônia: a **má**, constituída por toda esta gente que se espalha nas duas margens do rio dos Sinos e forma pequenos núcleos de vida apagada: falam apenas alemão, vivem em seus pequenos lotes de terras e tudo o que ganham não conseguem juntar porque estão sempre em débito com o comerciante, esse deus protetor e terrível. Raros são os que podem comprar um sapato, e a grande maioria não sabe ler nem escrever. É possível que estejam até melhor do que estariam na Alemanha, mas o fato é que há uma grande distância social e econômica em relação aos seus patrícios de São Leopoldo. Nada mais natural que assistam aos privilegiados da cidade repartirem entre si os cargos públicos, as cadeiras na Câmara de Vereadores e os bônus das empresas mais lucrativas.<sup>399</sup>

Os indivíduos que se reúnem no Ferrabrás, na casa de Herr Maurer, fazem parte, com raras exceções, dessa face da colônia que o Doutor Fischer classifica de “má”. Pertencem a uma significativa camada da população, mas não enxergam um *futuro próximo mais alentado*<sup>400</sup>.

Enquanto as pessoas se dirigem à casa do Wunderdoktor, com a finalidade de se consultarem com ele, as autoridades administrativas não as molestam e nem repreendem a João Jorge, apesar de saberem que ele exerce uma atividade ilegal. Porém, ao vazar a informação de que a esposa do curandeiro faz leituras bíblicas e interpreta o livro sagrado, sendo admirada por aqueles doentes que a ouvem e que acreditam na sua explicação, os responsáveis pela ordem pública passam a exercer um maior controle sobre aquele aglomerado de gente. Isto é declarado pelo próprio João Lehn, Inspetor de Quarteirão, a Henrique Mentz e esposa, Elisabeth Carolina:

– Se quer saber, não fui mais lá [casa de Henrique] porque não me convém amizade com gente dos Mentz. Recebi ordens de vigiar o João Jorge e Jacobina. Esses ajuntamentos que acontecem nos Maurer não podem continuar. Enquanto era só negócio de plantas ainda se tolerava. Mas agora que a Jacobina começou a fazer o papel de Pastor as autoridades estão atentas. E, na qualidade de Inspetor de Quarteirão, sou incumbido de passar as informações ao Subdelegado de Hamburgerberg. Avise sua irmã, avise seu cunhado.<sup>401</sup>

<sup>399</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 46-47. Grifos do autor.

<sup>400</sup>. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 138.

<sup>401</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 76.

Também o clero local presta mais atenção aos fatos que ocorrem no Ferrabrás, quando fica sabendo da atividade<sup>402</sup> religiosa ali em desenvolvimento. Tanto os pastores quanto os padres recriminam os fiéis que freqüentam os estudos dirigidos por Frau Maurer, originando-se num desses sermões – onde impera a censura – a denominação Mucker para os indivíduos que participam das reuniões na casa dos Maurer. É através da narração que focaliza o primo de Jacobina, Lúcio Schreiner, que sabemos a origem e a significação do vocábulo germânico:

O próprio Lúcio Schreiner havia dado ordens expressas ao Inspetor João Lehn para vigiar de perto as atividades dos Maurer, e ele se excedia no cumprimento da missão, hostilizando abertamente aqueles que o Pastor Brutschin, de Dois Irmãos, havia apelidado de **muckers**, isto é, santos fingidos, santarrões, hipócritas.<sup>403</sup>

O termo Mucker passa, a partir de então, a ser utilizado para designar aqueles que permanecem junto à Jacobina. Seu cunho pejorativo tem o objetivo de intimidar e ofender os seguidores da profetisa, buscando desbaratar a seita. Porém, os crentes não se deixam abater e enfrentam, quando necessário, as autoridades provinciais e o exército brasileiro na tentativa de protegerem sua fé.

Assim, devido ao combate de alguns colonos com os Mucker e à decisão desses em não se deixarem intimidar pelas repreensões sofridas, há a suspensão<sup>404</sup> da solidariedade presente desde os primeiros tempos no local. A colônia rompe-se em dois partidos irreconciliáveis, que lutam até o extermínio de um deles. Essa cisão é identificada por Lúcio Schreiner, que a percebe ainda no início do movimento:

uma temeridade, andar pelo Ferrabrás. A população se dividia em duas facções bem nítidas: os que se colocavam contra e os que estavam a favor das pregações da prima desmiolada.<sup>405</sup>

Vários são os partidários da profetisa pertencentes ao estrato mais baixo da população da comunidade, como os doentes que procuram o Wunderdoktor, por não conseguirem pagar a locomoção até São Leopoldo, feita através de barcas. Entretanto,

<sup>402</sup>. Segundo Antônio Galvão e Vilma Rocha, os Mucker formam um círculo bíblico, isto é, a partir de alguém que coordena o grupo, mas que não tem uma posição de superioridade, todos os participantes lêem e falam sobre os textos sagrados. Cf. GALVÃO, Antônio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. Op. cit. nota 2. p. 58. Em função da narrativa em análise e dos fundamentos da teoria messiânica, discordamos dos autores, pois, Jacobina se apresenta como uma pessoa extremamente autoritária no que se refere às interpretações bíblicas que realiza, sendo respeitada pelos fiéis que não opinam e não questionam suas prédicas.

<sup>403</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 108. Grifo do autor.

<sup>404</sup>. Cf. DOMINGUES, Moacyr. Op. cit. nota 26. p. 28.

<sup>405</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 108.



também encontramos aqueles que se incluem numa melhor situação financeira. No texto, os colonos mais pobres e que crêem nos poderes do curandeiro e, principalmente de Jacobina, são exemplificados por um velho cego e seu filho, e pelo idoso Johann Peter Hirt.

Sobre o velho cego, tomamos conhecimento dele através do Doutor Fischer que, atendendo a uma solicitação do Doutor Hillebrand, dirige-se ao interior da colônia para atender esse paciente. Ao descrever a aparência da residência e dos seus moradores, noticia a seu tio a situação de miséria e abandono em que encontra o ancião, que vive numa *situação comparável a um bicho*<sup>406</sup>:

[Christian Fischer e o seu cicerone] chegamos ao nosso destino pelas dez da manhã: uma casa de madeira falquejada, coberta por telhas também de madeira, e onde havia vários buracos. O colono nos recebeu com amabilidade, apesar de mostrar-se contrafeito por não saudar o Doutor Hillebrand, a quem esperava; era um homem moço, de pés descalços e mãos grosseiras. Trazia um enorme chapelão de palha na cabeça e um cigarro apagado entre os lábios. (...) Quase sem dizer uma palavra, levou-me a um pequeno quarto ao lado do estábulo. Ao abrir a portinhola, que trazia trancada com uma corrente, elevou-se um cheiro forte de urina e excrementos humanos, o que me fez dar um passo para trás. Ele parecia acostumado, tanto que não se perturbou e já dentro do quarto mandou que eu entrasse. Não me considero um novato nessas coisas, mas nunca imaginei que em nosso século civilizado encontraria uma cena dessa qualidade: no pequeno ambiente sem assoalho, iluminado por uma vela de sebo, distingi um vulto de homem – talvez seja um exagero falar em homem nestas circunstâncias – sentado no chão, um velho, totalmente nu e amarrado por um pé a uma viga de apoio. Estava coberto de pústulas e de sujeira. O dono da casa – mais um eufemismo – aproximou a luz do rosto do velho e pude ver que os olhos eram brancos de catarata: um cego. Os cabelos, soltos e eriçados, desprendiam um cheiro rançoso, tão intenso que tive de conter um arcada de vômito.<sup>407</sup>

Com esse relato, Fischer transmite a Hans uma idéia do desamparo a que estão relegados os colonos embrenhados nas picadas.

A ligação desses homens com os Maurer está na esperança e na certeza da cura por intermédio desse casal milagreiro, sem que as pessoas tenham de abandonar seus lares e serem afastadas das famílias. Doutor Fischer, ao sugerir a internação do doente na Santa Casa de Porto Alegre, ouve uma veemente negativa que mostra a

---

<sup>406</sup>. Idem, p. 89.

<sup>407</sup>. Idem, p. 88.

descrença do colono nos médicos convencionais e, principalmente, desconhecedores da realidade ali existente:

O colono me ouviu de cabeça baixa e disse apenas: – “Eu já sabia”. – “Sabia o quê?” – perguntei. – “Sabia que os doutores iam querer levar meu pai embora. Mas ele não vai, não. O lugar dele é aqui. Aqui ele vai enxergar de novo, aqui ele vai ficar bom. A Jacobina disse”. E, sem esperar mais nada, fechou a porta do quarto. Com um grau de iniciativa insuspeita pegou-me pelo braço e levou-me até à porteira, (...) <sup>408</sup>

Em oposição ao descrédito aos médicos diplomados, está a confiança nas curas promovidas por Jacobina, de acordo com o relato do colono. Esse morador de Campo Bom também nos indica que a fama da profetisa ultrapassa as fronteiras da picada onde ela mora:

Até no curandeiro Maurer tinham levado o velho. O Maurer, depois de consultar a esposa – Jacobina, (...) – prescreveu uns curativos sobre os olhos e mandou que rezassem; fizeram tudo conforme o mandado. – “E a Jacobina já fez muitos cegos verem” – disse o colono, com uma segurança que me [Christian Fischer] fez refletir sobre quem era o verdadeiro louco naquele quarto. <sup>409</sup>

Com a observação de que Jacobina devolve a visão aos que não mais enxergam, o homem reforça a crença existente de que ela está sendo inspirada por entidades divinas, além de aproximá-la diretamente a Cristo que também restituiu a visão a um cego mediante a fé que esse tinha n’Ele.

O episódio do velho cego e seu filho também serve para caracterizar outra situação vivenciada pelos colonos pobres: mesmo acreditando em Frau Maurer e no seu contato com Deus e com Espírito Natural, demoram a se desligar da religião a que estão vinculados. Fischer percebe essa dubiedade quando o filho do velho revela só ter chamado um médico por exigência do Pastor Boeber, ou seja, ao lado da crença em Jacobina permanece, entre os colonos, a obediência às instituições religiosas e aos seus representantes, ferrenhos opositores da profetisa:

[Os familiares do cego] Tinham fé de que se realizaria a cura prevista pela profetisa do Ferrabrás, tanto que só mandaram chamar um médico porque o Pastor Boeber estivera ali e ficou raivoso pelo fato de eles haverem consultado os Maurer. Olhei o

---

<sup>408</sup>. Idem, p. 89.

<sup>409</sup>. Idem, ibidem.

velho: ria como os inocentes, concordando com a cabeça a tudo que ouvia.<sup>410</sup>

Outra personagem que retrata um colono em decadência crescente é Johann Peter Hirt que, apesar da desaprovação familiar, trata-se de um simpatizante dos Mucker. Seu genro, Cristiano Spindler – o subdelegado de Hamburgerberg –, com o objetivo de não perder a confiança daqueles que são “não-Mucker”, e de manter a sua autoridade, divulga que o sogro está insano; *é um velho, meio caduco*<sup>411</sup>:

seu sogro, Johann Peter Hirt, estivera algumas vezes no Ferrabrás e manifestava-se favorável aos muckers. Dizia-se que Spindler fazia de tudo para demover o velho, mas este mostrava-se inabalável, dizendo que apenas sua idade o impedia de participar dos cultos de Jacobina. O Subdelegado então espalhou que o sogro estava demente e que não dessem crédito ao que falava.<sup>412</sup>

Esse velho altera sua vida ao se tornar um discípulo de Jacobina. Para indignação de Phillipp Sehn e surpresa do Padre Mathias Münsch, ele começa a difundir a seita entre os habitantes que moram ao redor de sua casa, promovendo-a entre os homens e ampliando geograficamente os domínios de Frau Maurer :

– Sim. O sogro do Subdelegado Spindler é um mucker – disse-lhe Phillipp Sehn. – O velho andou fazendo umas visitas ao Ferrabrás e ficou com a cabeça virada. E não é só isso, ele faz pregações em Hamburgerberg a favor de Jacobina.  
– Então os muckers já têm ramificações em Hamburgerberg?  
Phillipp Sehn ergueu o queixo, cruzou os braços.  
– Sim.<sup>413</sup>

Hirt exemplifica aquele colono que, com a implantação das fábricas em São Leopoldo, tem dificuldades para sobreviver – os móveis que constrói são preteridos por aqueles feitos pelas máquinas –, sofrendo uma contínua decadência social e econômica. De chefe de família, passa a agregado do genro, vivendo de favor na casa e realizando pequenas tarefas como uma forma de gratidão. Com Jacobina, Johann Peter Hirt sente-se novamente um homem com uma função dentro da sociedade: alardear uma fé na qual acredita. Para isso, altera sua aparência e suas atividades habituais, enfrentando as pessoas que duvidam de sua sanidade mental:

---

<sup>410</sup>. Idem, ibidem.

<sup>411</sup>. Idem, p. 216.

<sup>412</sup>. Idem, p. 151.

<sup>413</sup>. Idem, p. 216.

[Jacobina] ao enxergar João Pedro Hirt disse-lhe, bem claro e todos ouviram: – “Eu te esperava. Você tem o nome de dois apóstolos muito queridos, não quer juntar-se a nós?” O velho arregalava os olhos ao contar: – “E ela nunca me enxergou antes, como é que ela sabia o meu nome?” (...) passou a ir toda a semana ao Ferrabrás, voltando de lá cada vez mais convertido. Abandonou os repolhos e as vacas e carregava uma cruz de madeira ao pescoço e tinha sempre uma recitação de versículos nos lábios. Começou-se a desconfiar que se avariara da cabeça, (...) Pensou-se em trancá-lo em casa, mas foi impossível: saía ao alvorecer e ia de cozinha em cozinha de Hamburgerberg tentando converter à nova fé. Nos primeiros tempos ouviam-no com divertida negligência, mas, quando conseguiu convencer uma família inteira a ir ao Ferrabrás e de lá retornaram falando maravilhas de Jacobina, passaram a dar-lhe mais atenção. Certa vez promoveu um culto de rezas e cânticos no pátio da casa do genro, e que mereceu uma repreensão violenta do Pastor Haesbaert, (...) <sup>414</sup>

A aparência transtornada com que Cristiano Spindler encontra o sogro, após uma conversa que esse teve com João Jorge Maurer, explicita que o ancião acredita nas previsões de Frau Maurer sobre o fim do mundo eminente, pois ele as repete alheio a tudo:

[Spindler] Encontrou-o deitado na pequena tarimba, os olhos ardentes, uma expressão de pânico. Parecia ter envelhecido muitos anos. Mal ouviu quando o genro lhe disse:  
 – Você está bem, Hirt? – Como o velho não respondesse, Spindler sacudiu-o: – Fale, Hirt. O que aconteceu?  
 Hirt voltou lentamente a cabeça. Murmurou com a língua travada:  
 – O fogo do céu. Jacobina falou. O fim do mundo. Penitência. Penitência. <sup>415</sup>

O suicídio do velho, logo depois, confirma a crença acirrada nas profecias apocalípticas de Jacobina e serve como exemplo do poder que ela e suas prédicas exercem sobre os fiéis.

Entre os seguidores dessa mulher também há os que pertencem à classe social e econômica mais elevada. Johann Sehn, dono de embarcações que conduzem os habitantes das picadas a São Leopoldo, num primeiro momento, mostra-se reticente em relação à profetisa e oferece sua casa para missas e práticas religiosas católicas:

Ao chegar no atracadouro viu que descia à lancha o Padre Guilherme Feldhaus, dando a mão a Johann Sehn. Católicos,

---

<sup>414</sup>. Idem, p. 221-222.

<sup>415</sup>. Idem, p. 260.

pensou Jacó-Mula. Amanhã é domingo. O Padre vai rezar missa na casa do velho Sehn.<sup>416</sup>

Todavia, na seqüência dos acontecimentos, há sua adesão ao grupo do Ferrabrás. A transformação desse homem em fiel e adepto da crença condenada pelos sacerdotes evidencia-se numa das visitas que o Padre Mathias Münsch realiza a sua casa. Depois de explicar ao sacerdote que João Jorge Maurer só faz os remédios indicados por Jacobina – *O marido só prepara as receitas que ela dita para ele*<sup>417</sup>. – e de descrever o casal Maurer como *Gente séria e trabalhadora*<sup>418</sup>, Johann Sehn admite acreditar na existência do Espírito Natural, pois esse já o beneficiou:

Eu próprio estive lá e o Espírito Natural que falou pela boca da Jacobina Maurer me indicou uma receita muito boa para o reumatismo.<sup>419</sup>

A definição do que seja o Espírito, com o qual Jacobina estabelece relação, é feita pelo velho Sehn ao Padre jesuíta, que vê no entusiasmo do conceituado católico o caminho para a heresia:

Ainda mais o Padre Mathias se alarmou quando ouviu definições de Johann Sehn para aquilo que chamavam de Espírito Natural: presente em todo o Universo, está em cada homem, em cada folha de árvore, em cada animal. O Espírito Natural está em tudo, é o próprio Deus.<sup>420</sup>

Segundo Moacyr Domingues, essa fé tem envergadura panteísta<sup>421</sup>, sendo gerada a partir da convicção de que, nos seus momentos de inconsciência, Jacobina estabelece contato com um espírito ligado à natureza. A explicação que Sehn dá para o Espírito Natural nos permite considerar os Mucker panteístas porque se revelam adeptos da doutrina filosófica segundo a qual Deus é a própria Natureza, chegando a se confundir com ela. Essa é a razão também pela qual são utilizados apenas produtos naturais nas beberagens e emplastos receitados pelo casal milagreiro.

---

<sup>416</sup>. Idem, p. 41-42.

<sup>417</sup>. Idem, p. 67.

<sup>418</sup>. Idem, ibidem.

<sup>419</sup>. Idem, ibidem.

<sup>420</sup>. Idem, ibidem.

<sup>421</sup>. DOMINGUES, Moacyr. Op. cit. nota 26. p. 72. A partir dos *Apontamentos* do Mucker Miguel Nöe, constante no final da sua obra, Domingues explicita que uma entidade superior chamada "Divindade Natural" é a responsável pelo diagnóstico das doenças e das receitas das curas realizadas por João Jorge Maurer. Isso é possível porque o "Espírito Divino da Natureza" faz o espírito de Jacobina deixar o corpo para lhe prestar "esclarecimentos", os quais ela, inconscientemente, expressa ao marido. Sob essa ótica, Jacobina é um mero instrumento utilizado pela "Divindade Natural" e nada se lembra ao retornar à consciência.

Quando as represálias contra os Mucker se tornam violentas, ultrapassando as ofensas verbais, e atingindo membros de sua família, o velho Sehn, em seu próprio nome e no dos parentes mais próximos, oferece apoio a todos que se dirigem à casa de Jacobina. Ele declara, diante dos adeptos presentes, repudiar as ações que prejudicam os participantes das reuniões e comunica seu desligamento da Igreja Católica:

– João Jorge Maurer e Frau Maurer – disse. – Durante muito tempo acompanhei tudo o que acontecia aqui, pela boca de meu filho Rodolfo. Como católico, imaginei que se tratava de um movimento de protestantes insatisfeitos com seu Pastor. Não me julguei no direito de tomar partido. (...) Fiquei indignado, porém, quando começaram a atacar nas estradas as pessoas que vinham ao Ferrabrás, e quando o Pastor Boeber começou seu caminho de desespero, gritando na igreja como um cão raivoso. Por uma questão de honra pessoal, não digo nada que ouvi do Padre Mathias Münsch, que, como sacerdote, agiu como seria de se esperar. No meu entreposto recebi vários amigos que me contavam atos de hostilidade de que foram vítimas, só porque haviam estado aqui. A todos estes dei uma palavra de apoio e de esclarecimento. Mesmo assim, julguei que não era hora de tomar nenhuma atitude mais positiva. Hoje pela manhã, entretanto, meu filho veio contar-me um fato horrroso [roubo e dilaceramento de quatro cavalo] sucedido em sua própria casa.

.....  
 – De minha parte – o velho continuava – já havia dito ao Padre Mathias Münsch que minha casa não estaria mais disponível para a realização de missas. Não que eu estivesse contra as coisas da minha religião, mas achei que deveria ter apenas uma cara, e não ficar como muitos, que têm medo dos seus Pastores e vivem sempre se escondendo. Assim é que venho hoje com minha família inteira para dizer que podem contar conosco. Não podemos mais ficar à mercê desde bando de facínoras.<sup>422</sup>

A adesão da família à Jacobina configura-se, para seus asseclas, num fortalecimento do grupo, não apenas pela quantidade de novos crentes, mas também pela imposição de respeito e de autoridade que os Sehn inspiram entre os colonos. Tê-los como aliados significa contar com a influência, a favor do movimento, *das pessoas mais importantes de todo Padre Eterno*<sup>423</sup>.

Outra família igualmente significativa, no meio dos Mucker, é a Luppa, pelos mesmos motivos da anterior, ou seja, seus membros tratam-se de pessoas de boa condição financeira e social dentro da colônia:

Como conquista maior, toda a família Luppa, chefiada pelo Cabeça-Branca, alto como uma palmeira e que precisava baixar

<sup>422</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 133-134.

<sup>423</sup>. Idem, p. 133.

a testa para passar pelas portas, o que às vezes lhe dava uma aparência de estar sendo batido pelo vento.<sup>424</sup>

Entretanto, a crença em Frau Maurer, por parte do patriarca Andreas Luppa, permanece somente até a morte de um de seus filhos, ocorrido no primeiro conflito com a tropa do Coronel Genuíno. Luppa, ao ver um dos seus sem vida, deixa de acreditar em Jacobina e passa a desejar vingança, a qual efetivamente realiza quando indica o lugar onde a profetisa e alguns adeptos se escondem no mato do Ferrabrás. Sua disposição em levar os adversários da seita ao esconderijo dos Mucker acarreta na morte da líder do movimento e de todos os fiéis que se encontram com ela.

Com um sentimento semelhante, Ana Maria Hofstätter transita da total veneração ao ódio mortal por Jacobina. A devoção da jovem pela profetisa é tamanha que, ao perceber as dúvidas de João Jorge sobre a divindade da esposa, acha-o indigno de estar junto da patroa. Para ela, Herr Maurer, ao desconfiar de Jacobina, comete uma falta imperdoável, pois demonstra não acreditar na iluminação celeste da Mutter e, por extensão, negar todo benefício e fé que ela causa entre os adeptos:

– O que você acha, Ana Maria? – Você acha que o Espírito Natural fala mesmo pela boca de Jacobina?  
A pergunta foi feita num tom quase insultante. Ana Maria engoliu a súbita raiva e disse, direta e sem medo:  
– Quero morrer se não for verdade.  
Sentiu uma imediata onda de frio, um suor à raiz dos cabelos: percebia bruscamente a extensão de seu amor pela Frau Maurer, um novo afeto que tomava conta de suas ações, dominava sua vida por inteiro. E o **Wunderdokter**, com aquelas dúvidas, mostrava-se indigno da esposa que possuía.<sup>425</sup>

Depois que os boatos maledicentes começam a ser espalhados pelas picadas e iniciam-se as represálias contra os Mucker, o pai da jovem a obriga a escolher entre permanecer com a família ou com a profetisa. A opção de Ana Maria é favorável à Frau Maurer porque acredita estar inserida numa boa religião e proferindo uma fé verdadeira:

Pouco antes de irem dormir, o pai a chamara para o lado e dissera que ela estava no mau caminho, envolvida com os Maurer; o que antes era um simples emprego tornava-se agora uma escravidão. O pai nem lhe deu oportunidade de falar: disse que era escolher, ou ficava com Jacobina de vez ou retornava logo para casa. No dia seguinte, ao saírem do culto no Padre Eterno, Ana Maria despediu-se dos pais, pedindo que refletissem melhor, ela não era o que pensavam. Nem Jacobina. Eles precisavam conhecê-la. Não a ouviram, nem quiseram

<sup>424</sup>. Idem, p. 230-231.

<sup>425</sup>. Idem, p. 57. Grifo do autor.

aceitar o salário que Ana Maria trazia dentro de um lenço amarrado. Voltou para o Ferrabrás com o coração em tiras, mas achando que fizera o que deveria ter feito.<sup>426</sup>

Por ser a *peessoa mais próxima de Jacobina*<sup>427</sup>, é uma das que sofre maior violência dos opositores ao movimento. Ao ir à casa dos familiares, mesmo depois do rompimento com eles, Ana Maria é estuprada:

à beira do arroio, ainda montada, ao arregaçar o vestido até os joelhos, alguém pulou sobre o lombo do cavalo e uma terrível mão, dura e calejada, tapou sua boca, ao mesmo tempo em que passava o outro braço pela cintura, imobilizando-a. De trás de um arbusto surgiu outro, homem gordo e branco, o torso nu, apontando-a: “É uma mucker! É a filha do Hofstätter”. (...) Foi apeada do cavalo e arrastada até atrás do cruzeiro erguido pelos Padres, onde se lia

MANN, RETTE DEINE SEELE,

homem, salva a tua alma, e ali, de olhos fixos no braço menor da cruz, arrancaram-lhe toda a roupa e ela foi possuída uma vez pelo gordo e duas vezes seguidas pelo outro homem, (...) Ela não chorava, enquanto aqueles homens a destruíam (...) ali se iniciava uma nova existência. Com a inútil virgindade, ia-se também a infância e a juventude, entrava à força no mundo áspero e sem sonhos das pessoas vividas. “Tão cedo”, ela se dizia, fechando as vistas para não enxergar o gordo que olhava tudo, rindo.<sup>428</sup>

Com esse ato, os dois homens retiram de Ana Maria o que ela tem de mais precioso, sua virgindade, e, assim, afastam-na do sonho de se casar, pois deixa de ser uma moça decente. A crença da jovem na Mutter é tanta que, mesmo com esse episódio, não a abandona e continua sendo uma das adeptas mais fervorosas. Cogitamos como explicação para a atitude de completa entrega da moça a Jacobina a sua esperança em tentar salvar a alma, de obter a felicidade eterna, já que as alegrias terrenas estão fora de seu alcance, em função do delito cometido contra seu corpo.

O fato de Jacobina estar dando à luz a Leidard, no mesmo período, faz com que Ana Maria a considere uma pessoa com o poder de determinar a vida e a morte dos seres:

Alegravam-se todos, alegrava-se Jacobina, aquela que possuía o direito e o poder de dispor da vida, determinando quem podia morrer e quem podia nascer.<sup>429</sup>

<sup>426</sup>. Idem, p. 94.

<sup>427</sup>. Idem, p. 131.

<sup>428</sup>. Idem, p. 136.

<sup>429</sup>. Idem, p. 335.



Ao ter esses pensamentos, a criada Hofstätter concede à Mutter mais uma aproximação com Deus, pois se ela tem o poder sobre a existência das pessoas que a rodeiam, é porque Ele lhe dá essa permissão. Paradoxalmente, para a jovem, Jacobina perde a aura de divindade quando percebe que essa é também um ser humano, dotado de sentimentos nem sempre nobres e elevados.

A dedicação à patroa só desaparece quando vê confirmado o assassinato do jovem Haubert, um rapaz pelo qual nutre amor. Ao saber que seu amado foi executado com o consentimento de Jacobina, Ana Maria passa a considerá-la como uma mulher impiedosa e desumana:

Buscava lugares onde descansar a treva de ódio que a transformava em um animal estúpido. A cena do sonho contudo passava e repassava pela cabeça, cada vez mais nítida, cada vez mais perversa e confirmada pelas falas, um delírio de fantasias: e se Haubert, num último pavor, tivesse pronunciado o nome dela: Ana Maria! Ou se ao menos tivesse pensado. (...) Ah, senhora! Ah, senhora que tece com seus amoráveis fios uma teia de destruição à sua volta: quem lhe deu esse direito?<sup>430</sup>

O ódio, que desenvolve contra Jacobina, transforma-se em sede de vingança – “*Um dia, Frau Maurer, um dia. A senhora não perde por esperar*”<sup>431</sup> –, e estende-se a Leidard. Logo após o nascimento da criança, consciente do que faz, Ana Maria quase afoga a recém-nascida, não conseguindo levar o gesto adiante devido à interferência da Oma Müller:

Quando teve nos braços aquela bola de carne e gosmas e que chorava ao arrepio da tarde de inverno, não hesitou: aproveitando que estava de costas e que todos se ajoelhavam à volta do leito da Mutter, mergulhou o pequeno corpo na bacia, submergindo-o por completo. Através da água imediatamente leitosa e sangüínea, percebia que da pequena boca e das narinas dilatadas fluíam bolhas de ar, num fio leve e de morte. Leidard se debatia e se arroxava num espanto mudo, os olhos se abriam para aquela que seria sua primeira e última visão da vida.  
Ouviu a voz da avó Müller.  
– E esta criança não chora mais?<sup>432</sup>

---

<sup>430</sup>. Idem, p. 334-335.

<sup>431</sup>. Idem, p. 336.

<sup>432</sup>. Idem, p. 335.

A rapariga só se sente satisfeita, pouco antes de morrer, ao matar a filha de Frau Maurer. Segundo Jacó-Mula, ao perpetrar o ato, *os olhos da criada brilham de uma perturbadora alegria*<sup>433</sup>.

O grupo de Jacobina aglutina, assim, pessoas de classes e de profissões diferentes que expressam: a) total veneração à profetisa a ponto de se dedicarem somente a ela, b) simples crença na existência dos poderes de Frau Maurer, ou c) idolatria e depois repúdio a sua figura. Entre os primeiros, encontra-se Jacó Fuchs, devotado de Jacobina, que lhe permanece fiel durante todo o movimento. À parte das incertezas, que assaltam sua alma em alguns momentos, sobretudo no que se refere ao relacionamento da Mutter com Rodolfo Sehn, Jacó-Mula mantém sua crença inabalada, acreditando sempre em Jacobina.

Ao lado de Frau Maurer, Jacó-Mula se sente um indivíduo aceito e respeitado. Mesmo quando chamado de “pobre de espírito” não se ofende, ao contrário, percebe que é mais do que um “fraco da cabeça”, e que, um dia, terá a oportunidade de ver a Deus:

– Alguém entendeu o que eu li? – e percorreu os rostos. Jacó-Mula escondeu-se atrás de um ombro. (...) – Mesmo os que se ocultam são vistos por Jesus Cristo. Apareça, Jacó Fuchs, me responda: o que quis dizer Cristo quando falou “bem-aventurados sereis quando vos caluniarem?”

.....  
 – Não sei, Frau Maurer – Jacó-Mula apareceu. – Eu não sei nada que preste. Os outros é que sabem.  
 Perpassou pela assembléia um rumor e ouviram-se alguns risos abafados dos colonos.  
 Frau Maurer petrificou-os com o olhar.  
 – Também ouvimos hoje que são bem-aventurados os pobres de espírito como Jacó Fuchs, porque eles verão a Deus.  
 Então eu sou um pobre de espírito, pensou Jacó-Mula, repentinamente percebendo que, de um ser inútil, um quase nada, passava a ser alguma coisa, um pobre de espírito. Ele veria a Deus. Quando?<sup>434</sup>

Além das diferenças sociais e econômicas entre os seguidores, também há o registro da distribuição dos adeptos entre duas confissões religiosas: a luterana e a católica. Mais representativos, numericamente, os protestantes sentem-se alegres quando fiéis católicos se ligam ao grupo, conforme o expresso no comentário sobre a chegada dos Luppa no meio deles:

---

<sup>433</sup>. Idem, p. 528.

<sup>434</sup>. Idem, p. 82-83.

Católicos, os Luppas foram saudados no Ferrabrás com júbilo: a adesão de qualquer papista era uma grande vitória.<sup>435</sup>

A felicidade dos Mucker em enfraquecer os católicos pode ser interpretada como uma revanche pelo abandono a que se julgavam relegados, enquanto luteranos. Antes dos germânicos chegarem ao Brasil, por ser a religião católica a oficial do País, todos os brasileiros professavam essa fé, mas, com o ingresso dos imigrantes, o Império passou a tolerar outros credos. Com o tempo, os luteranos sentem-se inferiorizados, pois, segundo eles, sempre são vistos como intrusos e estão sob o domínio dos católicos, propiciando uma ininterrupta tensão entre ambos. O Pastor Boeber, depois de uma rápida conversa com o Padre jesuíta Münsch, deixa transparecer esse sentimento que parece estar na alma dos membros de comunidade luterana:

O Pastor Boeber vinha surpreso pela força da argumentação do sacerdote. Aliás, esse tipo de sentimento sempre ocorria quando Boeber se defrontava com algum católico importante no Brasil. Afinal, aqui estavam em sua terra: o Império era católico. Os luteranos constituíam um pequeno reduto dentro da enorme extensão católica do país; muitos até se comportavam com um infinito sentimento de estarem incomodando. O que o Padre dizia era, no fundo, uma ameaça: "Luteranos no Brasil, comportem-se".<sup>436</sup>

Durante o período das pregações de Frau Maurer, os adeptos se consideram os seres escolhidos por Deus, aqueles que obterão a paz e a felicidade quando o tempo de tormenta, em que vivem, terminar. Essa certeza é tida por todos os fiéis que freqüentam os estudos bíblicos e que crêem nas palavras da enviada divina. Tio Fuchs reforça essa crença, lembrando aos demais que eles são os eleitos para a Vida:

nós somos os eleitos, os puros, aqueles contra quem nenhum poder terá força. Temos uma fé que nos anima e nos dá segurança da bem-aventurança eterna. Quando todo o mundo se consumir em pó e os homens se matarem uns aos outros, só nós restaremos.<sup>437</sup>

Como observamos, apesar dos partidários do movimento serem aqueles insatisfeitos com a sociedade, os motivos do descontentamento diferem: alguns são de ordem pessoal; outros, econômica; e há os de cunho social. Certo é que todos vêem, no grupo que se reúne ao redor da profetisa, um alento e uma possibilidade de recuperarem a felicidade que a vida difícil da colônia lhes tirou; aí se sentem como

<sup>435</sup>. Idem, p. 231.

<sup>436</sup>. Idem, p. 106.

<sup>437</sup>. Idem, p. 230.

peças especiais e escolhidas por Deus para usufruírem a bem-aventurança vindoura. Para os fiéis adeptos da Mutter, ela é uma pessoa iluminada, enviada pelo Senhor para guiá-los no caminho da felicidade, devendo ser obedecida sem questionamentos. Em suma, Jacobina é considerada a reencarnação do próprio Cristo, razão pela qual seus seguidores são capazes de matar e morrer por ela. Porém, quando se decepcionam com alguma atitude de Frau Maurer ou dos companheiros, afastam-se e tornam-se adversários do movimento.

### 4.3 *A comunidade santa*

Ao se sentirem indivíduos escolhidos, os crentes precisam de um lugar em que possam se encontrar, a fim de compartilharem da mesma fé. A casa de Jacobina passa a ser o local onde eles se reúnem para ouvir suas pregações, e não estranham ver uma residência familiar transformar-se em um espaço de culto e de veneração. Isso talvez aconteça porque muitos já conhecem o local com a feição de posto de saúde, no qual Herr Maurer pratica suas habilidades de curandeiro. Dessa forma, para alguns fiéis, a casa nunca foi a morada de uma família, mas o lugar onde se busca e se encontra a ajuda para o corpo e/ou para a alma. Segundo Jacobina, em uma conversa com a avó Müller, sua casa é um teto que abriga a todos que dele se aproximam:

– Qual é minha casa, mãe? – disse Jacobina, procurando uma posição mais confortável na cadeira ao lado da cama. – Esta casa é a casa de todos. Aqui todos entram e saem a qualquer hora.<sup>438</sup>

Ao contrário da maioria dos movimentos messiânicos, em que o local das reuniões dos adeptos é fundado pelo messias, o espaço designado para as pregações de Jacobina já é conhecido pelos colonos. As pessoas que crêem em Frau Maurer sabem o caminho para chegar lá. Tanto assim que Jacó-Mula, depois de ter sido ofendido, na venda de Carlos Nadler, dirige-se de forma resoluta para a residência dos Maurer:

E a idéia tantas vezes adiada, tantas vezes contrariada pela vontade feroz dos parentes, a idéia que martelava sua cabeça há tanto tempo, fez com que descesse a colina. Ganhou a Linha

---

<sup>438</sup>. Idem, p. 71.

geral do Padre Eterno e tomou depois à esquerda o caminho da Picada que lhe era proibida.<sup>439</sup>

Devido ao tamanho insuficiente da residência do Wunderdoktor, surge a necessidade de ampliá-la. Como o local é considerado sagrado, pois nesse há uma constante comunicação com Deus, origina-se a resolução de se construir um templo, ou seja, a habitação do Senhor, por excelência, na Terra. Para os adeptos mais idosos, essa obra, mais do que uma afirmação da fé, toma a feição do retorno ao passado, ao momento que chegaram à nova terra:

Os mais velhos insistiam em ser úteis: aquela obra lembrava os primeiros anos da colônia, quando todos partilhavam a miséria e deviam ajudar-se uns aos outros para vencer a mata, abrir Picadas e erguer suas pequenas casas.<sup>440</sup>

A elevação do templo é de certa forma uma nova casa que está sendo erguida, pois também serve para abrigar os desamparados e os doentes. Para os seguidores de Jacobina, isto é, para os homens religiosos, a morada é sempre santificada e a construção de um novo domicílio representa a criação do seu “mundo”, que deve ser preservado e renovado:

“A habitação não é um objeto, uma máquina para habitar”; é o **Universo que o homem construiu para si imitando a Criação exemplar dos deuses, a cosmogonia**. Toda construção e toda inauguração de uma nova morada equivalem de certo modo a **um novo começo, a uma nova vida**.<sup>441</sup>

Ao ser edificado, o templo marca para os Mucker uma nova era porque *toda a construção é um começo absoluto, isto é, tende a restaurar o instante inicial, a plenitude de um presente*<sup>442</sup>. Com o templo, os asseclas de Jacobina certificam-se da participação de um movimento que modifica suas vidas. Eles sabem que iniciam um novo período de suas existências, ansiando que com ele venha a igualdade – social e econômica – e a bem-aventurança a tanto tempo esperadas.

Assim, essa construção não se apresenta apenas como um espaço fisicamente delimitado mas, por ter a função de templo<sup>443</sup>, é um local sagrado, que constitui, para

<sup>439</sup>. Idem, p. 80.

<sup>440</sup>. Idem, p. 150.

<sup>441</sup>. ELIADE, Mircea. Op.cit. nota 62. p. 54. Grifos do autor.

<sup>442</sup>. ELIADE, Mircea. A renovação do tempo. In: \_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1993. p. 91. Grifo do autor.

<sup>443</sup>. Segundo Eliade, a arquitetura sacra apenas retoma o simbolismo existente nas habitações primitivas, não acrescentando uma sacralidade especial à construção. Sob esse prisma, portanto, casa, templo,

aquela comunidade, uma *imago mundi*. Por essas características, esse espaço situa-se simbolicamente no “Centro do Mundo”. O templo ainda, por ser a casa de Deus, ressanctifica sucessivamente o Mundo em sua totalidade, *uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo*<sup>444</sup>, ou seja, esse santuário fornece constante a purificação ao meio.

Na residência de Maurer, há uma idéia de “reviver a criação”<sup>445</sup> do mundo; não daquele europeu, que os germânicos abandonaram quando vieram para o Brasil, mas do universo idealizado pelos imigrantes quando chegaram à colônia alemã de São Leopoldo, em 1824. Quem explicita isso são os colonos mais idosos, durante a etapa de construção do templo:

– “**Aqui é bem como no tempo antigo.** Aqui não há ricos, todos são iguais. Louvo a Deus e a Jacobina por não morrer sem enxergar tudo isto acontecendo” – diziam.<sup>446</sup>

Verificamos, pois, um desejo de retroceder ao princípio da colonização, ao “tempo da origem”<sup>447</sup>; um tempo “forte” por conter o que foi uma nova criação. A oposição a um passado significativo torna o presente um tempo sem valor, fazendo com que os colonos manifestem desejos de abandoná-lo:

O tempo decorrido entre a **origem** e o momento presente não é “forte” nem “significativo” (salvo, bem entendido, os intervalos em que se reatualizava o tempo primordial), razão por que é negligenciado ou por que se procura aboli-lo.<sup>448</sup>

Desse modo, os fiéis avistam na nova casa a renovação das esperanças que os imigrantes tiveram ao chegar à colônia: uma vida com menos sofrimento, uma existência feliz, uma terra onde as pessoas são iguais. As ocorrências no Ferrabrás vão ao encontro das expectativas dos habitantes, inspirando-lhes novos anseios ao lado daqueles já existentes nos primeiros momentos da colonização.

santuário, cidades derivam igualmente da *experiência primária do espaço sagrado*. Cf. ELIADE, Mircea, Op. cit. nota 62. p. 55.

<sup>444</sup>. Idem, p. 56.

<sup>445</sup>. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 284.

<sup>446</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 150. Grifo nosso.

<sup>447</sup>. Mircea Eliade aponta a idéia de retornar à origem como a manifestação de *uma coisa que é significativa e válida*. É uma reatualização dos mitos de origem – que contam como o Mundo se modificou para chegar a uma determinada situação vivida – e que se homologam ao mito cosmogônico, uma espécie de modelo exemplar para todo o tipo de “criação”. Esse “retorno à origem” permite pois *reviver o tempo em que as coisas se manifestaram pela primeira vez*, sendo importantíssimo para as sociedades arcaicas porque propicia a sua renovação. Cf. ELIADE, Mircea. O prestígio mágico das “origens”. In: \_\_\_. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 25-37. Ver ainda do mesmo autor a obra citada na nota 119, especialmente as páginas 88 a 99.

<sup>448</sup>. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 124. p. 36. Grifo do autor.

Um fator que auxilia a tornar a casa dos Maurer diferente das outras da localidade consiste na sua localização geográfica dentro da colônia. A proximidade com o morro do Ferrabrás, lugar obscuro e pouco explorado, transfere-lhe um pouco do mistério que envolve a região. Ana Maria descreve a paisagem, ao acompanhar João Jorge, depois de aceitar ser a criada de Jacobina:

Aproximavam-se do morro do Ferrabrás, que sempre causou uma espécie de opressão em Ana Maria: escuro e coberto de mata espessa, crescia em meio à paisagem como uma advertência de mistério. Era povoado por bugios e seus roncões enchiam o vale com presságios de outro mundo. Na Picada defronte anoitecia mais cedo, e a manhã custava a chegar. Mesmo no verão a selva adjacente mantinha-se úmida, recendente a folhas podres. À distância, Ana Maria sempre fantasiava: o cume do morro do Ferrabrás parecia a testa de um homem, um mágico ou adivinho. De perto, era um gigante e uma sombra contra o céu.<sup>449</sup>

O acesso difícil e a longa distância até a residência do casal milagreiro contribuem na formação da imagem de um recanto especial, e somente os persistentes – aqueles desejosos de se salvarem – conseguirão atingi-lo sem se abater pelas dificuldades impostas. Ana Maria, ainda na sua viagem até a casa dos Maurer, continua narrando os lugares por onde passa para chegar a seu destino:

Tomaram um caminho secundário, em direção ao morro, atravessando primeiramente um bosque de árvores vigorosas, de frondes revestidas de barba-de-pau que desciam quase ao solo; depois cruzaram por uma roça de mandioca e outra de milho, para logo após ganharem terreno mais despido e que servia como preparo à vista de uma casa de madeira, branca e com uma porta e duas janelas, igual a outras tantas da colônia, cercada de palmeiras. Atrás, a montanha e a selva.<sup>450</sup>

O terreno onde se localiza o domicílio dos Maurer é considerado sagrado pelos demais colonos, devido aos acontecimentos espirituais que acreditam ocorrer em suas dependências. A própria Jacobina contribui para a formação dessa idéia, quando, em suas prédicas, fala da necessidade de ser mantida a paz no meio deles:

Se alguém dentre eles tivesse ódio no coração, que fosse embora, que primeiro fosse limpar-se de sua raiva e só depois voltasse a pisar aquele **chão sagrado**.<sup>451</sup>

<sup>449</sup> ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 20-21.

<sup>450</sup> Idem, p. 21.

<sup>451</sup> Idem, p. 99. Grifo nosso.

As atividades de leitura e a explicação da *Bíblia*, feitas por Jacobina, bem como o seu contato com as divindades, fazem desse pedaço de terra um espaço abençoado. A residência da profetisa é comparada a uma igreja, isto é, ao local onde os homens sentem-se mais próximos do Senhor. Jacó Fuchs, ao chegar aí, é recepcionado por um fiel que o convida a entrar, lembrando-o de que deve ter uma atitude respeitosa:

– Mas tire o chapéu – ele [o colono] disse quando Jacó-Mula já estava a cinco passos da casa. **Aqui também é casa de Deus.** Pode entrar.<sup>452</sup>

A certeza dos crentes de que este lugar é especial reforça-se pelo nome da fazenda onde a Mutter tem sua casa: Padre Eterno. A profetisa não apenas estabelece uma comunicação com o Pai, mas vive nos domínios d'Ele. O nome da picada também é expressivo: Ferrabrás significa fanfarrão, bravateador, valentão. O tom depreciativo sugerido pelo vocábulo teria levado os participantes da seita a adotarem um comportamento irrepreensível, a fim de não serem identificados pelos epítetos evocados pela região, uma vez que já carregam consigo a denominação Mucker.

A comunidade formada por Frau Maurer agrega diferentes pessoas, pertencentes a diversos níveis sociais – do mais pobre colono ao mais influente comerciante –, com alguma ou nenhuma escolaridade, católicos e protestantes. Mas, segundo Jacobina, em uma conversa com a Oma Müller, todos se assemelham pelas deficiências da alma, pois se tratam de *miseráveis, doentes e fracos do espírito*<sup>453</sup>.

Dentro do grupo, os membros tentam manter a igualdade, afinal têm consciência de que o descontentamento com o restante da colônia origina-se nas diferenças encontradas, sejam elas sociais, econômicas ou políticas. A divisão de alimentos, dirigida por Jacó-Mula e pelo Mutilado, é um exemplo do sentimento de fraternidade, que reina no meio dos discípulos, apesar de, às vezes, parecer abalada:

[Jacó-Mula] junto com o Mutilado fazia o repartimento da comida entre os hóspedes e pacientes da casa segundo as ordens de Jacobina. Não poucas vezes ele e o Mutilado tinham de intervir quando se tratava de estabelecer a igualdade entre dois pesos de açúcar ou dois pesos de marmelada, precisando invocar argumentos mais pesados, como a ameaça de um tapa no rosto.(...) Dia de verdadeira festa era quando recebiam no Ferrabrás o bem mais precioso: uma saca de café, trazida por algum colono no fundo de uma carroça tapada de feno. Antes que se dessem conta do tesouro, Jacó-Mula pegava para si a

<sup>452</sup>. Idem, p. 81. Grifo nosso.

<sup>453</sup>. Idem, p. 71.



saca inteira e a dividia em tantos montinhos quantas eram as pessoas adultas agora arranchadas. (...) em seguida as mulheres enfileiravam-se frente ao galpão onde ele entregava a cada uma a sua parte.<sup>454</sup>

Em alguns casos, inclusive, faz-se necessária a intervenção de Jacobina, que precisa mostrar que os benefícios, aparentemente, dirigidos para uns, são convertidos para todos:

A dificuldade maior era quando recebiam um corte de fazenda até então guardado por uma família para caso de necessidade – havia de se estimar quem estava com a roupa mais rasgada. Às vezes se impunha uma medida antipática: utilizar a fazenda para costura fronhas ou remendar lençóis. Neste último caso, os colonos não entendiam como aquela peça sumia de seus olhos não revertendo em seu benefício direto. Jacobina então intervinha, mostrava-lhes as camas desguarnecidas, os travesseiros encardidos e eles calavam-se a essa voz da prudência.<sup>455</sup>

Para os seguidores, Frau Maurer possui autoridade absoluta, suas palavras são consideradas verdades e a maioria das suas ordens é acatada à risca pelos adeptos, ainda que não concordem com elas. Um exemplo disso é a sua determinação em enterrar todas as armas que estão na casa sob os cuidados do Tio Fuchs, enquanto um cunhado – o Mutilado – deseja utilizá-las contra o Inspetor de Quarteirão:

Jacobina chamou os dois, mandou que Tio Fuchs abrisse o depósito e, à vista de todos os colonos, mandou cavar um grande fosso no quintal, onde mandou enterrar as armas. – “Que se enferrujem todas aí. Para que precisamos de pistolas e espingardas? Nossa casa é uma casa de paz”. O assunto parecia encerrado.<sup>456</sup>

Quando algum Mucker se nega a cumprir qualquer instrução da profetisa ou deixa de acreditar nela, é afastado dos outros crentes para não os desvirtuar, passando a ser considerado uma influência maligna. O casal Kassel, ao rejeitar Rodolfo como o novo intérprete das palavras de Jacobina, levantando suspeitas sobre a relação entre esses, é desligado da seita pela própria Frau Maurer:

Ele [Rodolfo] será o intérprete da vontade do Espírito Natural, quando Ele me falar em sonhos. A vontade de Rodolfo será a minha vontade. Tudo o que fizerem por ele é como se fizessem por mim. Amem Rodolfo como amam a mim e como ele me

---

<sup>454</sup>. Idem, p. 115-116.

<sup>455</sup>. Idem, ibidem.

<sup>456</sup>. Idem, p. 117.

ama. E com amor poderemos enfrentar os dias que estão por vir.

– Isso que você diz é uma coisa suja, Jacobina.

Jacó-Mula sentiu uma pancada no coração. Quem falava?

O Kassel fabricante de lápides erguia-se, fazendo a esposa também levantar-se:

– Não temos por que dobrar os joelhos na frente de uma mulher pervertida, que separa os casais.

.....  
 – Vejo que você precisa voltar para seus túmulos, Kassel. Seu lugar não é mais aqui, e sim entre os mortos. – A voz tremia. – Meus filhos, Satanás está no meio de nós. Não me abandonem a ele, não abandonem a sua Jacobina.<sup>457</sup>

Assim, a comunidade só aceita os indivíduos que crêem piamente na sua líder, nos seus dons sobrenaturais e os que lhe tributam obediência. Aqueles que se afastam publicamente da crença, independente do motivo, e a difamam são castigados pelos seguidores fiéis. Os Kassel são um exemplo disso, uma vez que toda a colônia acusa os Mucker de terem assassinado a família. Um dos sobreviventes, Nicolau, enteado de Martinho Kassel, ao contar ao padrasto o episódio do massacre sofrido, denomina os matadores dos parentes de Mucker:

contou: eram muitos, uns cinco ou seis, chegaram quando era quase de madrugada e entraram na casa com tochas e armados de facões e revólveres. Ele ainda tentou implorar que fossem embora, mas os muckers já entravam em todas as peças, botavam abaixo as portas com pontapés e já degolavam as crianças. Luísa ainda ajoelhou-se na frente de um deles e pediu piedade, mas o bandido riu-se dela e ali mesmo cravou-lhe uma faca no peito.<sup>458</sup>

Como se a tragédia não fosse o bastante, Kassel suicida-se sobre a caixa que guarda os restos calcinados dos familiares:

Martinho Kassel então veio para junto do caixote e, sem que ninguém pudesse fazer nada, tirou a garrucha da cintura e levou-a à boca; olhou para as nuvens, pronunciou o nome de Ana Maria [esposa] e puxou os gatilhos.<sup>459</sup>

Destino semelhante tem o jovem Haubert. Depois de retirado da seita por seu tutor legal, o alfaiate Clos, inicia uma série de revelações desabonadoras que irritam os ex-companheiros. A punição que lhe cabe, elaborada por dois Mucker – Robinson, o Ruivo, e Carlos Einsfeldt – e aprovada pela Mutter, é a morte. Ao explicar a Ana Maria o

---

<sup>457</sup>. Idem, p. 312-313.

<sup>458</sup>. Idem, p. 350.

<sup>459</sup>. Idem, p. 351.

porquê da necessidade de se eliminar o rapaz, Jacobina declara não aceitar a traição de ninguém e que não admite ter suas determinações contestadas:

– O jovem Haubert foi um dos nossos, um dos melhores. Eu o estimava quase como um filho. Sei que você gosta dele, não pense que não me dei conta do que aconteceu entre vocês dois, naquele dia, lá no varal. Não, não é preciso ficar vermelha, nem tremer a mão. Vocês apenas deixaram que a Natureza agisse. Assim deve ser. Mas o fato de eu haver gostado tanto dele e o fato de você ter amor por ele não modifica as coisas. Ele está se comportando de maneira indigna, está falando contra mim, contra nossa fé.

– Mas nem tudo o que ele diz é mentira, Frau Maurer. Nós sabemos.

Jacobina fez-lhe um sinal para calar-se.

– **Aqui, eu sou a verdade.** E mais uma coisa: no Ferrabrás não há volta. Um fiel é um fiel para sempre. Haubert está contaminado pelos ímpios, é o galho seco de uma árvore cheia de vida.<sup>460</sup>

Com essas ocorrências, percebemos que Jacobina domina e dirige a vida dos fiéis e dos ex-fiéis. Além disso, mostra-se um ente superior, dona da verdade e conhecedora do futuro, pois mesmo que não tenha ordenado a chacina da família Kassel, havia anunciado a morte deles. Se na época falou de maneira simbólica – chamando-os “mortos” porque ímpios –, para os adeptos isso não conta. Importa que suas palavras se confirmam e a morte dos Kassel ratifica seus dons proféticos.

O controle exercido por Jacobina sobre a existência de todos os partidários provém da posição que ocupa dentro da organização interna<sup>461</sup> do grupo, imposta por ela própria, e que provoca as diferenças entre os seus membros. Aglutinadora dos diferentes indivíduos num mesmo ambiente, é também a responsável pelas desigualdades entre eles. Na comunidade formada pelos Mucker, distinguimos uma hierarquia composta de três camadas sociais, nas quais os participantes do movimento se dividem, a saber: na primeira, correspondente ao vértice, Jacobina; na segunda, os fiéis simpáticos à profetisa; na terceira, os demais seguidores.

Como messias, Jacobina Maurer representa o ápice do poder na comunidade. É a líder adorada, a que tem total domínio sobre os adeptos. Jacó-Mula é um dos que mais sente o poder dessa mulher:

<sup>460</sup>. Idem, p. 330-331. Grifo nosso.

<sup>461</sup>. Segundo Janaína Amado, os Mucker, quanto à estrutura interna, não têm leis, nem estatutos, não sendo preciso que as pessoas prestem qualquer tipo de juramento para fazer parte do grupo. Porém, é necessário que concordem com o capítulo V, do Evangelho de Mateus, sobre as bem-aventuranças. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 159.

Que paixão, que delírio entretanto o prendia à Mutter e o fazia esquecer de tudo o mais? Vivia apenas por aqueles instantes em que a enxergava, era alimentado por aqueles beijos tão ternos. Quanto mais os fatos se deflagravam e a imagem do mundo se distorcia, mais ele precisava da Mutter, (...) <sup>462</sup>

Suas prédicas, que para os fiéis só revelam verdades, não deixam dúvidas sobre a legitimidade da crença que estão formando no Ferrabrás:

Estamos construindo a verdadeira religião, assim como quis Martin Luther. Nós plantamos aqui no Ferrabrás a semente de uma fé nova, revigorada pelo novo batismo, uma fé que não precisa dos Padres e nem dos Pastores consagrados, e sim de um coração limpo e temente a Deus. <sup>463</sup>

O carisma de Frau Maurer é tão grande e suas interpretações bíblicas tão convincentes que seu próprio irmão, Henrique Mentz, julga-a um ser diferente, possuidora de períodos de iluminação:

Eu sempre pensei que ela fosse apenas uma doente. Hoje eu vejo que ela não é só uma doente, mas os ataques têm algum sentido, senão essa gente toda não veria aqui por nada. Outro dia ouvi Jacobina quando ela explicava a Bíblia e senti uma emoção muito grande quando ela falou no Sermão da Montanha. Sabe? Ela fala melhor que o Pastor Boeber, porque fala para cada um como se entendesse tudo que vai dentro da pessoa. Para um irmão é difícil reconhecer isso. <sup>464</sup>

Cabe a ela a determinação das normas que devem ser seguidas por todos. Dentre as “leis” impostas estão a proibição de freqüentarem a escola e as igrejas, além da interdição às bebidas alcoólicas e aos jogos de azar. É Jacobina, portanto, quem tem acesso à messianidade <sup>465</sup>, aspecto negado aos demais crentes por ser uma escolha superior, divina, e não estar subjugada aos critérios humanos.

A segunda secção da estrutura interna é formada pelos signatários preferidos da Mutter, composta pelos fiéis eleitos por ela. A esses seguidores Jacobina denomina de “apóstolos”, procurando na *Bíblia* a sugestão para as indicações dos nomes e das características dos crentes:

---

<sup>462</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 396.

<sup>463</sup>. Idem, p. 288.

<sup>464</sup>. Idem, p. 75.

<sup>465</sup>. O termo “messianidade” é utilizado por Janaína Amado para designar a razão principal da superioridade de Jacobina com relação aos outros Mucker, dentro da ordem interna do grupo. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 287.

João Jorge passou por Ana Maria como se não a visse; Jacobina porém chamou-a e pôs-lhe o dedo indicador sobre os lábios. – “É meu apóstolo João”, disse, (...) No outro dia, de coração leve, Jacobina chamava seu cunhado Carlos Einsfeldt de Judas Iscariotes, por seu grande apego ao dinheiro – isso Ana Maria entendeu, achando graça da astúcia de Frau Maurer. E foi assim que o irmão mais velho, Francisco Mentz, recebeu, por sua idade, o apelido de apóstolo Pedro.<sup>466</sup>

O fato de a comunidade ter uma classe mediando o contato da líder com os fiéis apresenta-se coerente com a formação interna do movimento messiânico. Nesses sempre há uma camada interna intermediária, localizada entre o messias e os demais adeptos, composta por aqueles integrantes do grupo que aí se situam pela vontade do enviado divino. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, eles podem ser denominados de apóstolos ou distinguidos por títulos honoríficos ou, ainda, não terem qualquer nomeação especial, sendo *simplesmente os lugar-tenentes do messias*<sup>467</sup>.

Nos Mucker, cada participante dessa segunda categoria social tem uma função determinada a exercer dentro da comunidade, pois lhes cabe a *articulação prática*<sup>468</sup> do movimento, ainda que nem todos sejam identificados por nomes de apóstolos. Nesse segmento, destacam-se: João Jorge Maurer, Jacó-Mula, Tio Fuchs, Rodolfo Sehn, Robinson o Ruivo, Carlos Einsfeldt e o Mutilado.

João Jorge apresenta um comportamento respeitoso para com a Jacobina, observado ainda na fase anterior de sua afirmação como líder do grupo. Quem registra isso é Ana Maria, quando é por ele apresentada à mulher como sua nova criada:

À porta do quarto do casal, o Doutor Maravilhoso mudou inteiramente a conduta. Cauteloso, bateu com a polpa dos dedos:  
– Frau Maurer? podemos entrar? – e abriu a porta.<sup>469</sup>

João Jorge também acredita que Jacobina transita no mundo do sobrenatural, do divino, e por isso a considera superior a si, isto é, plana acima do universo mundano em que estão seus conhecimentos homeopáticos:

É verdade que ainda há alguns velhos confiados nas minhas plantas, mas tenho pena deles. (...) Tenho vontade de gritar bem alto em seus ouvidos. “Não sou eu, homem, quem você deve procurar! Olhe para sua frente, olhe para Jacobina! Ela é

<sup>466</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 132.

<sup>467</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 7.p. 307.

<sup>468</sup>. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 287.

<sup>469</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 23.

que sabe tudo, ela cura para depois da morte, ela é poderosa e superior a mim!”<sup>470</sup>

Por todos esses aspectos, Maurer admite para o “Pastor” Klein que sua verdadeira função dentro da comunidade consiste em *preparar o caminho para* [sua] *mulher*<sup>471</sup>, a fim de que ela possa a brilhar sozinha no grupo ao assumir-lhe a liderança por completo.

Jacó-Mula começa participando do movimento como um adepto inexpressivo e, em virtude de sua imensa fé em Jacobina, é incluído nessa seleta classe dos preferidos. Dirigente dos hinos do Ferrabrás, alcança o posto depois de ser apontado como aquele que trouxe à vida a Mutter, após uma de suas crises. Através de um hino, que ele faz os outros companheiros cantarem, a profetisa recupera a consciência:

Uma luz iluminou suas idéias e aos gritos saiu pelo corredor da casa, foi para fora, bateu com desespero o sino, chamando todos de volta para dentro de casa, rápido, todos os homens, mulheres, todos! Com toda aquela gente irrompeu quarto adentro e mandou que cantassem como toda a força o hino que era o canto da esperança e da vida, (...)

.....  
O quarto se transformou em um grande órgão, estremecendo os vidros da janela, um cantochão fantástico onde as vozes profundas dos homens percorriam o canto em seus alicerces, semelhantes à poderosa mão de Deus, autora da vida, e que começava a produzir seus frutos; Jacobina voltava a respirar livremente, voltavam as cores do rosto. Passados uns instantes, ela abriu os olhos (...)<sup>472</sup>

Por esse “dom”, Jacó Fuchs torna-se uma das pessoas mais respeitadas do grupo, sendo indicado como o único membro que consegue fazer Jacobina sair dos seus estados de letargia. Numa carta ao tio Hans, Christian Fischer relata que, quando a visionária é levada inconsciente até São Leopoldo para depor – e depois das tentativas frustradas tanto do Doutor Hillebrand e quanto das suas em acordá-la –, Ana Maria Hofstätter menciona Jacó-Mula como o indivíduo capaz de despertar Jacobina. Para espanto dos médicos, ele consegue esse feito tendo o auxílio dos outros adeptos, que estavam presos e que entoam o hino solicitado por Mula:

Jacó-Mula então pediu que viessem para ali os amigos e parentes, presos no andar inferior. Jacobina só acordaria com todos em volta. (...) Estes, ao enxergarem Jacobina, caíam um a

---

<sup>470</sup>. Idem, p. 176.

<sup>471</sup>. Idem, ibidem.

<sup>472</sup>. Idem, p. 121-122.

um de joelhos. (...) ao seu comando [de Jacó-Mula], iniciaram o hino **Mais perto do meu Deus**.

Foi quando aconteceu o imprevisto: depois de várias estrofes repetidas, Jacobina deu sinal de si, os dedos trançados começaram a mover-se, as pálpebras tremeram.<sup>473</sup>

A fidelidade de Jacó-Mula à Jacobina fica estremecida devido ao relacionamento ambíguo que ela tem com Rodolfo Sehn. Uma das inquietações de Mula ganha voz quando os Mucker estão refugiados no mato do Ferrabrás e ele conversa com Johann Sehn:

- Eu estou triste – diz Jacó-Mula ao velho Sehn.
- E por quê? Você ouviu a Mutter.
- Mas ela também se deixa dominar pela carne – ele murmura, vendo Rodolfo Sehn conduzi-la carinhosamente para dentro da choupana.
- Não diga esta blasfêmia – fulmina-o velho Sehn. – Nunca mais.<sup>474</sup>

Contudo, a sua crença na Mutter e nos seus poderes divinos é tamanha que enxerga fatos que nenhum outro crente pode ver. Quando o último combate está prestes a acontecer, ele a vê ascender aos Céus, ser recolhida por Deus e escuta a ordem de que deve partir. De todos fiéis, é o único que ainda pode reconstruir sua vida ao lado da família:

E às suas costas [de Jacobina] surge uma escada de mármore e luz, varando as copas das árvores, ligando a Terra ao Céu. Anjos do Senhor montam guarda em todos os degraus, empunhando tochas que lançam um brilho feérico por toda a mata. Os tiros cessam, substituídos pela música dos carrilhões de Niederlinxweiler. A Mutter tira lentamente as vestes e assim, nua e bela e inocente, vai subindo os degraus. A cada degrau mais anjos a seguem, formando um cortejo. (...) Ela não pertencerá mais a homem algum, nem aos poderes da carne. Em dado momento ela pára, volta-se para a Terra e, cercada pela corte celeste, acena com suavidade. Diz a Jacó-Mula, apontando o Norte:

– Vá. Vá enquanto é tempo.

Ele ainda assiste em êxtase à ascensão gloriosa até que a Mutter não é mais do que um pequeno ponto que as mãos gigantes de Deus recolhem em suas palmas.<sup>475</sup>

Apesar de eventualmente se questionar sobre o poder espiritual de Jacobina, Jacó-Mula é o seguidor que mais crê no poder da profetisa e na comunicação que ela estabelece com Deus. Vê-la ser acolhida pelo Criador, confirma-lhe a santidade da

<sup>473</sup>. Idem, p. 203. Grifo do autor.

<sup>474</sup>. Idem, p. p. 508.

<sup>475</sup>. Idem, p. 529.

mulher, faz com que continue acreditando nela enquanto uma enviada divina, ou seja, adquire a certeza de que ela é a reencarnação do Salvador.

Outro fiel fervoroso de Frau Maurer, pertencente à camada intermediária, é o idoso Nicolau Fuchs, o Tio Fuchs, que, devido a sua idade e devoção, é estimado dentro do grupo. Cabe a ele, além de guardar os armamentos, ser aquele crente que concebe a guerra a ser travada como uma prova de fé:

– Deus está conosco – disse o Tio Fuchs a Jacó-Mula. – Se Ele permitiu que as coisas chegassem a este ponto, é porque quer pôr à prova a nossa fé. Estamos com a consciência limpa. Só atacamos porque fomos atacados antes. Deus sabe disso.<sup>476</sup>

Também é ele, por sua autoridade, o encarregado de ministrar os cultos na ausência de Jacobina. Na noite em que comemoram o Pentecostes, mesmo estando presente o “Pastor” Klein, é Tio Fuchs quem organiza as prédicas, aproveitando a ocasião para incutir a fé nos colonos, pregar o poder, ressaltar a importância da Mutter e mostrar a semelhança dela com Cristo:

– Irmãos, a falta de nossa Mutter não pode nos intimidar. Porque o poder de Jacobina não precisa da matéria para manifestar-se, ele é maior e mais poderoso que os séculos, não teve começo nem terá fim. Qual a diferença se ela neste instante está aqui ou ali? Quem de nós não sente sua mão invisível pousada sobre o ombro? Quem de nós não ouve sua respiração junto aos olhos? Ela esperava muito por esta data, e só ela sabia o que viria a acontecer. Mas a leitura desta passagem dos Atos dos Apóstolos é bem clara. Assim como Cristo não estava de corpo presente na data de Pentecostes, assim Jacobina não está. Mas assim como Cristo também estava mais presente do que nunca, porque puro espírito, assim também Jacobina está em puro espírito. Só que nós possuímos um grande consolo: se Jesus Cristo não estava presente no Pentecostes porque estava materialmente morto, Jacobina, ao contrário, está viva e podemos ter a graça de esperá-la para dentro de breves dias. Aí nossa alegria não terá limites, e ela será nossa e nós dela.<sup>477</sup>

No que se refere a Rodolfo Sehn, trata-se de um homem que coloca sua existência à disposição da líder: – *De mim, Jacobina, você pode dispor do meu coração e da minha vida*<sup>478</sup>. O relacionamento que mantém com a profetisa causa controvérsias dentro do grupo: alguns crentes o tem apenas como um de seus principais protetores, mas outros o consideram amante da mulher. Essa última hipótese, inclusive, é a versão

<sup>476</sup>. Idem, p. 388.

<sup>477</sup>. Idem, p. 229-230.

<sup>478</sup>. Idem, p. 246.



corrente nos arredores do Ferrabrás e em São Leopoldo, aparecendo no relato do Capitão San Tiago Dantas sobre a morte de Jacobina:

Foi o instante em que enxerguei Jacobina Maurer. Saía da choupana com o revólver em punho; ela sabia que tudo estava perdido, mas mesmo assim atirava como louca, remuniando a arma com a perícia e a rapidez de um artilheiro. Estava em meio a uma destas operações quando um tiro atingiu-lhe o peito. A profetisa vacilou, procurando agarrar-se a um galho, mas seu amante Rodolfo Sehn correu para ampará-la e neste ato desesperado foi atingido pelas costas e ao cair levou abraçado o corpo inerte de sua amada.<sup>479</sup>

Robinson, o Ruivo, é um dos integrantes da segunda camada, nela incluído em função da liderança que exerce frente aos demais crentes. É ele o organizador das questões relativas às atividades de defesa e de ataque promovidas pelos Mucker, na tentativa de sobreviverem. Os seguidores o vêem como o mais temerário dos adeptos, aquele não sente medo. Talvez imaginem isso suggestionados pela sua aparência: seu cabelo avermelhado – motivo que o torna conhecido como “o Ruivo” – lembra a cor do sangue, que por sua vez remete à violência. Esse conceito tido pelos companheiros fica explícito durante os preparativos da incursão que organiza para observar os homens de Genuíno:

O propósito não era atacar a tropa, mas oferecer uma primeira resistência – isso poderia esfriar a marcha e indicar aos que ficavam na casa a exata posição e o número dos agressores. Poucos entretanto confiavam nessas palavras, pois bem conheciam Robinson e sua temeridade. Era capaz que se decidisse por enfrentar a peito aberto o Exército, (...) Nem por isso o contradisseram. Havia um conluio tácito de aceitarem sua liderança (...)<sup>480</sup>

Sua atitude destemida lhe dá a reputação de ser aquele que obedece a todos os mandos de Jacobina, independente do que ela lhe ordene:

Homem abstraído em sua própria força, consciente de ser o **braço implacável** de Frau Maurer, não contestava o que ela lhe dizia, aceitando as ordens como providas do próprio Espírito Natural.<sup>481</sup>

Ao lado dele, outros dois homens, do segundo segmento, são igualmente responsáveis em preparar a defesa do ambiente: Carlos Einsfeldt – o apóstolo Judas–, e o Mutilado. O primeiro é o encarregado de cuidar da munição e, devido a sua

<sup>479</sup> Idem, p. 532.

<sup>480</sup> Idem, p. 467.

<sup>481</sup> Idem, p. 412. Grifo nosso.

profissão de ferreiro, o designado para fabricar as couraças que os Mucker utilizam sobre o dorso, durante as batalhas contra as tropas militares. Christian Fischer, em suas famosas cartas, conta que esse colono se destaca por ser o primeiro discípulo a declarar, diante de uma autoridade provincial, o Chefe de Polícia, que acredita nos poderes de Jacobina, e que há um conjunto de homens, dentro da seita, chamado de apóstolos, do qual faz parte:

Judas – digo, Carlos Einsfeldt, cunhado de Jacobina – foi o mais claro: crê sem reservas no dom profético da irmã de sua mulher e que seus ditos são inspirados por Deus. Aceita de bom grado o cognome de Judas porque reconhece que é muito apegado ao dinheiro.<sup>482</sup>

Por sua vez, o Mutilado alia seus conhecimentos militares, adquiridos durante a Guerra do Paraguai e na qual perdeu o braço, à força e à liderança de Robinson. Como exemplo, cabe aos dois planejar e executar as trincheiras, que ajudam a proteger o terreno considerado sagrado:

O Mutilado e Robinson o Ruivo comandavam a construção das trincheiras que, formando uma linha a vinte braças da casa, deveriam cercá-la. Puseram abaixo as cercas de arame e fazia uma semana que um grupo escavava o fosso com a profundidade de um homem de pé, enquanto outros cortavam árvores e, aguçando-lhes os troncos, dispunham-nos erçados de ambos os lados. – “Assim como no Paraguai” – dizia o Mutilado. “Por aqui ninguém passa. Vi muito paraguaio morrer atravessado por esses espetos”. Robinson o Ruivo andava ao longo da obra, desfrutando o prestígio de haver comandado na noite anterior o ataque às forças do famigerado Coronel Genuíno.<sup>483</sup>

Com o falecimento do Ruivo, é o Mutilado quem assume a organização da defesa dos companheiros, quando estão alojados na mata. Parte dele a idéia de atacar o acampamento de Genuíno, após a destruição da casa dos Maurer e do Templo, a fim de não deixar os prisioneiros nas mãos dos ímpios:

– Não podemos deixar os nossos à mercê dos ímpios, há muitos prisioneiros. Vamos aproveitar a noite e vamos atacar antes que todos sejam mortos. – Sua voz tem a segurança de quem já é o comandante.<sup>484</sup>

Nessa segunda camada, composta apenas por aqueles adeptos indicados pela líder messiânica, não reina a completa harmonia. Isso porque os seus integrantes estão

<sup>482</sup>. Idem, p. 197.

<sup>483</sup>. Idem, p. 408-409.

<sup>484</sup>. Idem, p. 501-502.

divididos em dois subgrupos, a partir do posicionamento que apresentam frente às dificuldades enfrentadas. Um deles, composto por João Jorge Maurer, Tio Fuchs e Johann Sehn, propõe atividades que não envolvem violência excessiva – é a ala prudente da seita; o outro segmento, no qual estão Robinson, o Ruivo, parte exatamente do princípio contrário: a cada vexame sofrido por um Mucker, instigam uma retaliação como forma de desforra. Entre essas duas facções, os demais membros oscilam, ora apoiando uma, ora outra, de acordo com a gravidade da situação. Os dois partidos ficam bem definidos no momento da preparação de um segundo confronto com o Coronel Genuíno e seu exército:

Havia os cautelosos, como Carlos Maurer e Jacó Maurer, dizendo que o melhor era mandar emissários parlamentarem com Genuíno, à busca de uma solução pacífica. João Jorge também era desta idéia, mas perdiam tempo: Robinson o Ruivo nem deixava que argumentassem. Henrique Mentz sabia por que: Robinson e vários deles estavam sendo procurados por homicídio, (...) <sup>485</sup>

Nem mesmo Jacobina escapa do movimento pendular pois se, a princípio, repudia qualquer ação enérgica contra os infiéis, termina estimulando os atos de vingança contra esses.

Outro membro simpático a Frau Maurer é Elisabeth Carolina, sua cunhada, devido à dedicação à crença. Essa mulher participa da camada intermediária por contar com a proteção da profetisa, que a defende das acusações do adultério feitas pelos outros colonos:

E tinha também Jacobina, que fingia não ouvir quando lhe vinham falar coisas. A todos ela respondia: Jesus Cristo mandou que atirasse a primeira pedra na adúltera quem se julgasse isento de pecado. E com isso conseguia afastar de si os importunos e conseguia também amainar as maledicências. Elisabeth Carolina sabia ser reconhecida, tornando-se a mais humilde das servidoras da casa, escolhendo as tarefas mais penosas, como limpar os doentes que se desfaziam em fezes pútridas ou esfregar as tábuas do Templo até que virassem espelhos. Antes que ela própria, Deus esqueceria o seu pecado. <sup>486</sup>

Elisabeth Carolina acredita que, zelando pela Mutter e pela residência dessa, acabará se regenerando. A certeza de que Jacobina é um ser espiritual, capaz de depurar o que estiver ao seu redor, faz com que anseie pela sua purificação. Ela sente,

---

<sup>485</sup>. Idem, p. 415.

<sup>486</sup>. Idem, p. 289.

ainda durante o período em que trai o marido, o desejo de se libertar dos seus pecados carnis:

não admitia correr logo para a própria casa sentindo ainda muito forte na boca o hálito do homem. A passagem pela casa de Jacobina significava purificar-se, (...)<sup>487</sup>

Se Jacobina representa o ápice do poder na comunidade e os seus adeptos preferidos inserem-se no segundo segmento, na terceira camada estão os demais Mucker. Essa é constituída por todos os que crêem, com mais ou menos fervor, na profetisa; escutam suas falas; e aceitam suas explicações bíblicas. Nesse estrato não importa a condição econômica, o nível social ou a tendência política que o fiel tenha: todos são iguais, irmanados pela fé na Mutter. Tocados pela graça do Senhor, mas não seus intérpretes<sup>488</sup>, só podem ascender socialmente dentro da comunidade messiânica com a autorização exclusiva da líder do grupo.

Nem todos os asseclas pertencentes ao último nível social podem assistir às reuniões dirigidas por Frau Maurer, pois somente alguns membros indicados por ela e pelos seus homens de confiança têm a permissão de participarem dos momentos das prédicas. Com essa atitude, a profetisa e os seus crentes mais devotados objetivam resguardar a fé existente no Ferrabrás:

Foi o suficiente para que Tio Fuchs determinasse que, daquele dia em diante, só poderiam ser admitidos aos momentos mais importantes das reuniões aqueles que fossem previamente escolhidos de uma lista elaborada por ele, Jacobina e o Mutilado. Para cuidar do cumprimento dessa ordem, nomeou Henrique Mentz e Carlos Einsfeldt, o **apóstolo** Judas. Deveriam eles fazer debandarem os que não estavam na lista, e isso no momento em que Jacobina começasse a ler a Bíblia. Deveriam ser implacáveis, conduzindo-os não apenas até à porteira, mas até à Picada que levava ao Padre Eterno. Assim foi feito, e da afluência de setenta ou oitenta restavam para a parte final não mais do que vinte.<sup>489</sup>

Os encontros religiosos também seguem uma liturgia instaurada por Jacobina, composta pela leitura e explicações dos textos bíblicos, canto de hinos e ritual de despedida. O ósculo dos escolhidos tem por finalidade não apenas encerrar as atividades religiosas do dia, mas fazer com que os fiéis se sintam mais perto de sua guia espiritual, conforme observa Jacó-Mula durante uma das sessões a que assiste:

<sup>487</sup>. Idem, p. 31.

<sup>488</sup>. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 286.

<sup>489</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 132-133. Grifo do autor.

Frau Maurer retirou-se com Rodolfo Sehn. Como obedecendo a um ritual conhecido, as mulheres e os homens formaram uma fileira à porta do quarto, de onde saíam depois de um instante, o rosto clareado e feliz.<sup>490</sup>

De maneira geral, os colonos engajam-se na comunidade acompanhados de suas famílias. Se detentores de algum prestígio local, atraem com sua presença novos membros para o grupo. Tal fato, segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, é comum aos movimentos messiânicos rústicos:

aspecto comum aos movimentos era serem compostos de conjuntos de famílias; relativamente raras eram as adesões de indivíduos isolados. Conseguir o ingresso de uma família prestigiosa na comunidade era uma das melhores maneiras de atrair para ela todos os parentes e aderentes.<sup>491</sup>

Servem de ilustração, para esse caso, os Sehn e os Luppa. Mas, vários são os Mucker que rompem os laços familiares com o propósito de se tornarem seguidores de Frau Maurer. Jacó-Mula é o exemplo marcante no texto, contudo, não o único. Também Guilherme Gaelzer é outro que se afasta da família, pois decide casar com Maria Sehn, uma Mucker. O rompimento do rapaz com os parentes ocorre depois de uma conversa com a Mutter, no qual ela demonstra mais uma vez o seu poder de persuasão:

O pai do noivo negara-se a dar seu consentimento, e não apenas pelo desejo alegado de mandar o filho em viagem à Alemanha, mas pelo fato de a noiva pertencer a uma família mucker. Foi necessária uma longa conversa entre Frau Maurer e Guilherme para que este se convencesse de uma verdade: mais valia o seu amor por Maria Sehn do que os bens mundanos, em geral maculados pela cobiça e pelo roubo. (...) Guilherme Gaelzer afrontou as ordens do pai e, declarando-se para sempre afastado de qualquer pretensão sobre a herança familiar, marcou data para o casamento.<sup>492</sup>

A comunidade formada pela líder e seus adeptos não visa agredir as pessoas contrárias a ela. Em vários sermões e conselhos, Jacobina prega a paz, a luta pacífica, recusando-se a aceitar provocações. Ela exige dos seus um comportamento exemplar, pois só assim alcançarão a felicidade eterna:

A luta, porém, era pacífica. Não levantassem um dedo, não erguessem a voz, deveriam manter-se mansos como foi Cristo até o último momento ante Pôncio Pilatos. Está no Sermão das Bem-aventuranças que os mansos verão a Deus. (...) A luta de

<sup>490</sup>. Idem, p. 84.

<sup>491</sup>. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 7.p. 307.

<sup>492</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 167.

todos começava pelo amor e terminava pela bondade. Aqueles que tivessem pistolas e adagas que deixassem essas armas com o Tio Fuchs, para que não fossem acusados de facínoras e desrespeitadores das leis. Deus os abençoaria com todos os dons maravilhosos que Ele possui, guardados desde sempre para os seus eleitos.<sup>493</sup>

Entretanto, apesar do desejo de viverem pacificamente, as agressões contra eles são cada vez mais violentas, conforme ilustra o trecho abaixo:

a colônia ardia em retaliações: as casas dos muckers, desde a Linha Nova até o Padre Eterno, eram incendiadas sem a menor piedade, e as mortes continuavam.<sup>494</sup>

Essa agressividade contra os Mucker, que quase os impossibilita de exercerem sua fé, faz com que a própria Jacobina anuncie o momento de reagirem e de se vingarem dos ímpios:

– Meus filhos. A Besta do Apocalipse está à solta. Chegou a hora de fazermos parar os ímpios, nem que seja pelo ferro e pelo fogo. Jacó [Mentz] está certo. A noite passada foi deles, mas a de hoje será nossa.<sup>495</sup>

Os atos que praticam, a partir de então, mostram-se tão violentos quanto àqueles que os vitimam: incêndios e assassinatos tornam-se práticas comuns entre os discípulos de Frau Maurer. O terror que eles espalham pela colônia, fazendo com que o medo se estenda até São Leopoldo, é relatado pelo Delegado Lúcio Schreiner e pelo colono Pedro Serrano ao Chefe de Polícia Interino, o Doutor Abílio, que percebe aí um rastro de destruição e morte:

Aos poucos, com as informações entrecortadas de um e de outro, o Doutor Abílio ia compondo um quadro de horrores: onze mortes, vários feridos, cinco ou seis incêndios, bestialidades de toda ordem! A população, apavorada, abandonava suas casas e ia reunir-se nas igrejas e casas de negócio. Como uma onda perversa, as notícias, trazidas por fugitivos de Sapiranga e Campo Bom, chegaram cedo a São Leopoldo, inundando a cidade. A Câmara encheu-se de gente assustada, gritando e exigindo proteção, pois chegavam boatos de que os muckers invadiriam e destruiriam São Leopoldo nessa mesma noite.<sup>496</sup>

---

<sup>493</sup>. Idem, p. 99.

<sup>494</sup>. Idem, p. 433.

<sup>495</sup>. Idem, p. 363.

<sup>496</sup>. Idem, p. 366.

Ao executarem essas ações violentas, os fiéis não crêem possuir uma conduta repreensível ou má, uma vez que se julgam seres iluminados, abençoados pelo Espírito Natural e escolhidos por Deus para serem os seus “agentes”<sup>497</sup> na Terra. Eles também não têm o objetivo de condenar os infiéis, já que o último julgamento será feito pelo Senhor, no dia do Juízo Final. Isso é dito pela Mutter ainda no tempo em que tentam viver pacificamente e buscam atrair mais partidários para a sua seita:

Se tratarem mal os nossos, o próprio Cristo responde: – “Saí daquela casa ou daquela cidade e sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que o Dia do Juízo será mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade.”<sup>498</sup>

Segundo os asseclas de Jacobina, compete-lhes fazer a justiça na Terra, ajudar a purificá-la, sendo a violência feita em nome do divino. Esse sentimento dos Mucker é expresso na cena em que Rodolfo Sehn narra à líder sua vingança sobre os incréus. O comportamento dela denota não apenas sua aprovação como também a do poder superior:

Rodolfo Sehn ajoelhou-se ante Jacobina:

– Campo Bom morreu, Mutter – disse, a voz comovida. – Os ímpios pagaram com suas vidas e suas casas todos os males que nos fizeram até hoje.

Amanhecia, e toda aquela gente reunida no Templo, mal dormida, mal alimentada, e que vivera a última noite em sobressalto e à espera, pôde enfim ouvir o veredito que saiu dos lábios descoloridos da Mutter.

– Confiemos no Espírito Natural. Ele nos dará proteção, ele dará amparo ao Pastor Klein e ao apóstolo Judas, neste momento presos em mãos ferozes. Ele nos animará quando os poderes do demônio investirem de novo contra nós.<sup>499</sup>

O episódio em que alguns seguidores deixam a casa dos Maurer para defender os companheiros e os parentes, que moram em Campo Bom, indica que eles não se deixam intimidar pelos contínuos ataques ofensivos dos adversários. Além disso, fortalece a idéia de uma luta religiosa, pois a despedida da líder invoca uma situação bíblica:

Trouxeram as couraças fabricadas pelo apóstolo Judas. Jacobina em pessoa atou a cada torso as pesadas lâminas de ferro, prendendo-as com atilhos de couro cru aos lados do peito e sobre os ombros. Jacó-Mula sentiu-se imbatível, forte como os

---

<sup>497</sup>. Para Janaína Amado, a concepção dos Mucker de serem *agentes de Deus* é a justificativa religiosa para as ações hostis que praticam contra os seus opositores, desde os atentados iniciais até o confronto com as forças militares. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 219.

<sup>498</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 245.

<sup>499</sup>. Idem, p. 384.

antigos hebreus que estavam nas figuras da Bíblia. Mas ainda mais forte pelas últimas palavras que a Mutter lhe dissera, ele há tanto não ouvia.

– Vão com Deus – ela repetiu, abençoando-os. – E voltem vencedores, assim como voltaram os generais que Moisés mandou contra os madianistas.<sup>500</sup>

A referência ao confronto em que os descendentes de Madião<sup>501</sup> foram derrotados pelos hebreus concede aos Mucker a convicção de que, mesmo estando em menor número, serão vencedores do embate contra os outros colonos, já que são indivíduos auxiliados pelo Senhor.

A vontade de resistir, que os adeptos mais fervorosos impõem àqueles que se mostram indecisos, durante a luta contra o exército, não é vista como um ato autoritário; nem os assassinatos dos companheiros, que tentam se render, é considerado um crime pois, nesse último caso, representa um castigo a uma quase traição. Para esses crentes, o fato de caírem nas mãos dos ímpios significa ficar à mercê do escárnio e do deboche, ou seja, matar os irmãos religiosos – para que não sejam profanados – e morrer são as formas de conseguirem a salvação, mantendo a dignidade. Daí a reação feroz que o Coronel Genuíno observa por parte dos Mucker, na defesa do Templo:

Genuíno vê, constringido, que o Templo regurgita de fanáticos que o defendem com unhas e dentes, não hesitando em alvejar seus próprios companheiros ao vê-los correr para fora com as mãos sobre as cabeças. Os que ficam parecem redobrar, e quando os atiradores às janelas precisam remunciar as armas são de imediato substituídos por outros.<sup>502</sup>

Para os partidários de Jacobina, o confronto também assume o caráter de provação divina, ou seja, é a batalha que torna os verdadeiros religiosos aptos a freqüentarem, após a morte, o Reino dos Céus. A guerra propiciará aos vivos uma melhor existência, afinal acreditam que os ímpios serão afastados da comunidade em formação, na qual está estabelecida a igualdade entre todos os homens.

Como conseqüência da resistência, infla-se a irritação dos opositores que mais retaliações promovem contra os Mucker. Concomitante, cresce a divulgação da fama da profetisa e a brutalidade dos atos de vingança dos freqüentadores da casa de

<sup>500</sup>. Idem, p. 390.

<sup>501</sup>. Madião era o filho de Abraão com sua concubina Cetura. Os descendentes desse bastardo formaram um povo nômade do noroeste da Arábia denominado madianistas. Os hebreus, que estavam sob o jugo dos medianistas, por causa de uma punição divina, venceram os opressores mesmo estando em número inferior porque contaram com a ajuda e o amparo de Deus. Ou seja, o poder d'Ele leva à vitória.

<sup>502</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 489.



Jacobina. Grande parte das atividades que intentam prejudicar os partidários de Frau Maurer, é estimulada pelos jornais<sup>503</sup> da época que, paulatinamente, apresentam artigos mais ferozes contra esses colonos:

Os jornais de São Leopoldo e de Porto Alegre – sempre a imprensa! – instigavam a população a fazer justiça por si mesma: “Na Schwabenschneis há hoje caçada aos muckers, como se costuma dizer; há desconfiança de que aí se achem dois Mentz cuja captura está confiada aos moradores das Picadas adjacentes. Esses perversos muckers são perseguidos como se fossem feras, e, quando não se deixam caçar vivos, derruba-se-os a tiros, o que nos parece o processo mais simples que se pode empregar”.<sup>504</sup>

Esses periódicos, que representam os ânimos da sociedade para com os Mucker – e que em épocas de calma digladiam-se –, unem forças com o objetivo de eliminar o perigo identificado naqueles colonos alemães e na crença proferida no Ferrabrás. Dois dos principais jornais de São Leopoldo, *Der Bote* e *Deutsches Volksblatt*, comprometidos com a religião luterana e católica, respectivamente, esquecem-se das diferenças para combaterem o que consideram um inimigo comum. Christian Fischer, ao fazer comentários sobre a imprensa local, cita os dois numa correspondência ao seu tio:

Leio jornais, enquanto espero clientes. Aqui em São Leopoldo há dois, confessionais. Mais lido e o melhor é o **Der Bote**, dirigido à comunidade luterana. Traz bons artigos transcritos da imprensa européia e algumas colaborações locais. O outro é o **Deutsches Volksblatt**, de propriedade de um católico mas na verdade dirigido pelos jesuítas. Ambos os jornais costumam ser bastante polêmicos, lutando entre si para que se evidencie qual é o mais diligente na defesa da fé dos colonos.<sup>505</sup>

Assim, o clero, um dos principais adversários do movimento, tem à sua disposição a imprensa, podendo utilizá-la na intimidação daqueles ex-fielis que consideram pervertidos e desviados do caminho do Bem. Padre Mathias Münsch é um religioso que usa o jornal com o propósito de fazer suas pregações contra os católicos que se reúnem no Ferrabrás:

Hoje saiu um artigo terrível do jesuíta no **Deutsches Volksblatt**. Mesmo um pouco confortado pela diligência policial, o Padre

<sup>503</sup>. Na concepção de Janaína Amado, os jornais foram poderosos instrumentos na campanha contra os Mucker, pois, independente de serem periódicos comprometidos religiosa ou politicamente, em suas páginas os seguidores de Jacobina são sempre apresentados como pessoas violentas, desordeiras. *Um perigo comum, que era preciso afastar rapidamente*. Cf. AMADO, Janaína. Op. cit. nota 6. p. 214-215.

<sup>504</sup>. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 433.

<sup>505</sup>. Idem, p. 50. Grifos do autor.

promete apenas o Inferno a seus fiéis que se deixarem encantar pelas imoralidades do Ferrabrás, “a perdição final, a ausência da visão de Deus”.<sup>506</sup>

A fúria dos padres e pastores contra os Mucker extravasa-se também no púlpito das igrejas. Essa raiva, que começa devido às explicações bíblicas dadas por Jacobina em sua casa, amplia-se com as apropriações que ela faz do Texto Sagrado, como a nomeação dos apóstolos. Parte de um sermão do Padre Münsch exemplifica a indignação do clero em geral, independente do credo, com relação às atitudes da mulher:

– Apóstolos! Agora há apóstolos! Esta mulher perversa quer igualar-se a Nosso Senhor Jesus Cristo! O marido tornou-se o apóstolo João, o Bem-Amado! Francisco Mentz, o irmão mais velho da bruxa, sabem o que é agora? Não sabem? Não adivinham? Pois é o apóstolo Pedro! Há até um Judas, para que fique tudo completo: é o cunhado Carlos Einsfeldt. Até onde a insensatez levará a libertina? (...) O mínimo que se pode pedir ao Santo Padre o Papa é a excomunhão **ad aeternum** a todos que tomarem o rumo do Ferrabrás!<sup>507</sup>

Contudo, os representantes oficiais de Deus não estão sozinhos na luta contra os partidários de Frau Maurer; também os políticos da localidade buscam a eliminação desses. O motivo que leva os liberais e os conservadores a rechaçar os crentes encontra-se na desconfiança de que os acontecimentos do Ferrabrás colocam em perigo o sistema capitalista em implantação, em São Leopoldo. Percebemos isso numa insinuação de Lúcio Schreiner, ao dizer que os Maurer formam uma sociedade socialista:

– No Ferrabrás. Os Maurer constituem uma congregação em que tudo é de todos. Praticam um socialismo que ultrapassa em muito as idéias de Proudhon.<sup>508</sup>

Apesar de os dois partidos concordarem no que se refere à ameaça representada pelos Mucker, os liberais acusam os conservadores de serem os responsáveis pela existência do grupo formado na casa de João Jorge. O advogado Epifânio Fogaça explicita ao Doutor Christian Fischer a idéia de que os “fanáticos” de Jacobina são fruto da ignorância e do desamparo a que estão submetidos os colonos em São Leopoldo, responsabilizando as autoridades locais conservadoras:

<sup>506</sup>. Idem, p. 166. Grifo do autor.

<sup>507</sup>. Idem, p. 137-138. Grifo do autor.

<sup>508</sup>. Idem, p. 112.

– “E quem deixou estes colonos ficarem assim ignorantes senão a desídia dos conservadores?” – Epifânio Fogaça agarrava com força o abridor de cartas: – “Estes infelizes do Ferrabrás bem atestam o caos que se instaurou em São Leopoldo. Eles se armam e juntam homens e estão construindo uma fortaleza e as autoridades conservadoras, na sua estupidez, não movem um dedo. Os conservadores criaram o monstro da ignorância e não são capazes de encarar as conseqüências.”<sup>509</sup>

Todavia, os liberais não apóiam os Mucker por perceberem neles um desapego político. Eles notam que o aspecto desagregador do movimento não está direcionado para a causa liberal ou qualquer outra. Assim, Christian Fischer assinala que os seguidores de Jacobina servem para que os liberais acusem os conservadores de maus governantes, devendo ser eliminados da colônia a fim de não contaminarem, com sua despreocupação política e seus ideais revolucionários, os demais habitantes da região:

a seita, longe de ser uma idéia pacífica, tem o germe de uma verdadeira revolta. Não a revolta saudável dos povos secularmente oprimidos, mas a rebeldia dos homens a quem falta a luz do saber. (...) O fato de os colonos afirmarem que grassa a mais sórdida perversão moral entre os muckers é coisa que não interessa aos liberais, porque estes defendem o amor livre, sem as barreiras do Altar e do Trono; (...) “Eis os frutos da falta de instrução!” – [Epifânio] brandava tão alto que logo adivinhei: queria ser ouvido no outro lado da rua, naquele prédio onde concentra todo seu ódio. E, para ser mais contundente, ergueu-se de sua secretária, debruçou-se à janela: – “Mas o que se pode esperar da autoridade policial, se é parente do Cristo de saias?”<sup>510</sup>

Os germânicos mais abastados, moradores dos arredores do Ferrabrás, também se opõem aos Mucker, mas sob a legação de que esses atrapalham o desenvolvimento econômico da colônia. Phillipp Sehn é um dos partidários dessa opinião e a expressa ao Padre Münsch:

– Não sou como esses colonos aterrorizados com a Jacobina – disse Phillipp Sehn (...) Eu e os outros mais esclarecidos pensamos diferente: os Maurer devem ser anulados porque começam a atrapalhar a vida pacífica da colônia. Não querem vir às festas e começam a não precisar mais de nós. E tudo isso é força de trabalho, Padre, é tudo gente que deixa de moer seus grãos no meu moinho. Em outras palavras; é o dinheiro que não circula, fica enterrado dentro de panelas nos fundos das casas.<sup>511</sup>

<sup>509</sup>. Idem, p. 160.

<sup>510</sup>. Idem, p. 161.

<sup>511</sup>. Idem, p. 140.

Por essas razões, não são os Mucker que se afastam da sociedade, mas é essa que os marginaliza porque os identifica como ameaças à manutenção do *status quo* da colônia e, quiçá, de São Leopoldo. Isso fica evidente quando o comerciante Nadler nega-se a vender gêneros alimentícios a Ana Maria Hofstätter pois, neste período, os adeptos de Jacobina vivem em paz com os outros colonos:

– Acabou o café. Acabou o sal. – Carlos Nadler cruzou os braços, apoiou os cotovelos sobre o balcão da Venda. Mentia. As tulhas às suas costas estavam repletas até a boca. Ana Maria Hofstätter não insistiu; limitou-se a recolher para o ombro a bolsa de dois foles. De certo modo esperava aquela atitude de Nadler, haviam prevenido. O Mutilado estivera na semana anterior na Venda e o comerciante, à vista dos outros fregueses, dissera que para a gente do Ferrabrás não vendia mais.<sup>512</sup>

Até o momento em que se iniciam as perseguições, os Mucker mantêm relações cordiais com o restante da sociedade e aceitam suas normas. Como exemplo, temos o Pastor Boeber confessando ao jesuíta que os luteranos simpáticos a Jacobina não deixam de procurá-lo para a realização dos sacramentos:

– Padre, eu poderia fazer-lhe uma lista com dezenas de nomes de meus paroquianos que se passaram para Jacobina. O senhor sabe que no Ferrabrás há muito mais luteranos do que católicos. O mais vergonhoso é que para os batizados, casamentos, mortes, ainda recorrem a mim. Eu atendo sempre, não posso faltar ao meu dever.<sup>513</sup>

Os rompimentos posteriores referem-se, sobretudo, às práticas religiosas como o casamento e o sepultamento de seus membros dentro de rituais estabelecidos por Jacobina. A proibição da líder, que impede os seus partidários de freqüentarem as escolas e as igrejas, dá-se unicamente por não acreditar que em tais lugares seja ensinada a religião verdadeira.

A reunião de todos os Mucker, na casa dos Maurer, com a intenção de formar um grupo de resistência e isolado dos outros colonos, só ocorre quando Frau Maurer decide proteger os seus seguidores, não os deixando à mercê das atividades criminosas dos ímpios:

Convocados por um alerta que percorreu todos os caminhos e entrou em todas as casas, os fiéis continuavam a chegar com as famílias e eram alojados no Templo, na casa de Jacobina e

---

<sup>512</sup>. Idem, p. 93.

<sup>513</sup>. Idem, p. 104.

até na estrebaria, onde disputavam o espaço com as vacas e os cavalos.<sup>514</sup>

Portanto, os signatários da profetisa reúnem-se não para preparar um ataque, mas para se defender. Seus atos de violência são uma consequência do sofrimento que lhes é causado pelos crimes que a sociedade global lhes inflige. De colonos pacatos, professantes de uma crença pacífica, tornam-se homens temidos que lutam para sobreviver e praticar uma religião que acreditam verdadeira. A repressão que sofrem, ao invés de dispersá-los, reforça o sentimento de união existente na nova comunidade, levando seus integrantes a um atávico espírito de clã. Contudo, a separação do restante da sociedade não ocorre por um radicalismo sectário da parte dos Mucker, mas por um *ideal cristão ecumênico*<sup>515</sup> proposto por Frau Maurer, enquanto messias, reforçado pelas insatisfações diante das dificuldades encontradas fora do grupo messiânico.

O fato de a maioria dos crentes não se intimidar com as lutas travadas contra a força militar mostra a sua disposição em tentar manter a congregação, que não os relega a uma situação de abandono. Na nova comunidade, os seguidores de Jacobina não se sentem seres confinados à própria sorte, esquecidos pelos poderes governamentais ou pelos próprios semelhantes que enriqueceram, mas julgam ter encontrado um lugar onde têm uma função religiosa e social a cumprir, o que lhes restitui o sentimento de auto-estima perdido ao longo da colonização.

---

<sup>514</sup>. Idem, p. 385.

<sup>515</sup>. DOMINGUES, Moacyr. Op. cit. nota 26. p. 110.

## 5 CONCLUSÃO

As análises das narrativas, *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, foram realizadas a partir dos fundamentos da teoria sobre o movimento messiânico propostos, sobretudo, por Maria Isaura Pereira de Queiroz, em *O messianismo no Brasil e no mundo*. Em virtude do assunto escolhido, três aspectos mereceram nossa atenção de forma mais detida: o messias, os seguidores, o local de reunião dos fiéis.

Nossa intenção, neste capítulo, é comparar os elementos mencionados acima, com o intuito de estabelecer semelhanças e diferenças entre as duas obras analisadas. Dessa maneira, visamos comprovar que as duas narrativas, ao abordarem, cada uma, um episódio histórico – no primeiro texto, a Guerra de Canudos, e, no segundo, a Revolta dos Mucker – fazem-no sob a perspectiva dos movimentos messiânicos rústicos brasileiros. Ao final, indicaremos os dois movimentos como subversivos e/ou revolucionários ou reformadores, seguindo a classificação apresentada pela teórica que apoiou nossa reflexão.

### 5.1 *O messias*

Em *La guerra del fin del mundo*, a personagem que tem atribuído a si o papel de messias é Antônio Conselheiro. A trajetória apresentada por ela constrói,

paulatinamente, a imagem de um guia espiritual com a finalidade de auxiliar os sertanejos a superarem as dificuldades impostas pelo sertão nordestino.

Já, em *Videiras de cristal*, a função de messias cabe a Jacobina Mentz Maurer: uma mulher que os moradores da Colônia de São Leopoldo acreditam ser uma mensageira de Deus. É ela responsável pelo estabelecimento, na terra, de uma sociedade fundada na igualdade de todos os membros, conforme os colonos anseiam desde o início da imigração germânica no interior do Rio Grande do Sul.

Tanto o Conselheiro quanto Jacobina apresentam a maioria dos requisitos necessários para que sejam caracterizados como líderes messiânicos, a começar pelo fato de serem visto, pelos fiéis, como enviados divinos e indivíduos iluminados. Eles têm o dom de serem conhecedores dos acontecimentos futuros porque podem se comunicar com o Senhor. As palavras de Antônio Conselheiro são obedecidas por todos os crentes que, sob hipótese alguma, questionam suas instruções religiosas, sociais ou militares. Por sua vez, Jacobina, além de estabelecer contatos com Deus, também é considerada uma pessoa eleita, pois recebe orientações de uma divindade proveniente da natureza nomeada, pelos adeptos, de Espírito Natural.

Os dois visionários são profetas apocalípticos e apregoam a proximidade do fim do mundo, que se abaterá sobre a Terra, quando o grupo de que fazem parte for abatido pelos ímpios. Eles anunciam que, com a morte dos seguidores e com a destruição do local onde se congregam, um novo mundo nascerá, havendo nele prosperidade, harmonia e paz. Jacobina, inclusive, com alguma frequência, diz aos Mucker que “*a paz será cinzas*”<sup>516</sup>, numa alusão de que é necessária a destruição para que, só depois, se obtenha a felicidade terrena e espiritual desejada.

O Conselheiro e Frau Maurer, na visão dos seus partidários, provam suas qualidades sobrenaturais através dos prodígios que executam. O guia nordestino consegue tornar “irmãos” cangaceiros que eram inimigos declarados, como João Satã e Pajeú. A mulher alemã, com o auxílio do Espírito Natural, indica os remédios e o tratamento a serem ministrados aos doentes que procuram a cura junto ao marido, o Wunderdokter.

---

516. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 254. Apenas para citar uma das vezes em que a expressão aparece na obra.

Esses dois líderes são ainda “sacrificados” pelos seus inimigos. O beato sertanejo morre ao iniciarem os desabamentos da igreja de Santo Antônio, em Belo Monte, dando-nos a impressão de que se acha estreitamente ligado à sua comunidade e a tudo que faz parte dela. A profetisa é assassinada pelas tropas do exército no último confronto, dentro da mata do Ferrabrás, ao ser traída por um de seus asseclas, depois de ter instigado a resistência contra as forças militares.

As diferenças entre essas duas figuras messiânicas são várias e não se resumem a pertencerem a sexos diferentes. A aparência física de Antônio Conselheiro parece reforçar sua condição de ente sobrenatural, a descrição que lhe é feita, segundo Jean Franco<sup>517</sup>, busca transformá-lo num ser místico, numa *imagem piedosa*<sup>518</sup>. O perfil transcendental do beato é reforçado pela lembrança que sua figura nos causa: ela remete a Moisés. A aproximação com essa personalidade bíblica reforça a certeza dos crentes de que o Conselheiro é um indivíduo especial, devendo ser obedecido. Assim como Moisés<sup>519</sup>, o Conselheiro deve dialogar freqüentemente com o Pai e, por isso, os conselheiristas acreditam que os mandos do seu líder são, na verdade, ordens do Senhor, que o enviado divino transmite. Algumas vezes, o asceta é chamado de Bom Jesus Conselheiro numa tentativa dos adeptos em mostrarem o quanto esse homem é superior a eles. Entretanto, o beato rechaça essa santificação, não aceitando qualquer ligação com a divindade cristã.

Quanto à Jacobina, sua figura se diferencia do messias acima pelo fato de conter, em sua composição, elementos de cunho sagrado e profano, que lhe oferecem uma ambigüidade não observada na personagem do Conselheiro. Se a descrição física de Frau Maurer a torna semelhante às demais mulheres da região de colonização alemã, as crises que a fazem sucumbir oferecem-lhe um aspecto ímpar. Para os moradores da colônia, detentores de uma instrução deficiente e de raros contatos com os médicos diplomados, os ataques de Jacobina não se configuram como uma doença do corpo, mas uma manifestação do sobrenatural. Para os colonos, essa mulher é o veículo que as entidades divinas utilizam para se comunicar com os homens. A crença dos fiéis, nos dons espirituais de Jacobina, não se dá exclusivamente em virtude da incipiente cultura que detêm, a própria mulher lhes fornece a certeza de que fala com

---

517. FRANCO, Jean. Filtres et prismes: la mediation dans **La guerra del fin del mundo**. *América: cahiers du CRICCAL*, Paris, n. 14, p. 217.

518. *Idem*, p. 217.

519. Segundo Lévy-Valensi, Moisés é um *interlocutor constante* do Eterno, estando muitas vezes um em companhia do outro. Isso pode ser comprovado no Livro do Êxodo, em que a maior parte dos parágrafos começa com a sentença (ou com pequenas variações dela) “Disse o Senhor a Moisés:”. Cf. LÉVY-VALENSI, E. Amado. Moisés, o absoluto e o inacabado. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekund et al. Rio de Janeiro: UnB/José Olympio, 1997. p. 737-743.



Deus e com o Espírito Natural em seus momentos de inconsciência. Com isso, ao contrário do Conselheiro, que nega qualquer ligação com Deus, Jacobina afirma ter esse dom.

Frau Maurer tem a conotação de ser mais do que uma simples enviada do Senhor. O perfil apresentado e vislumbrado pelos crentes é dela ser a reencarnação de Jesus Cristo. As ascensões rumo aos céus, a voz de Deus a anunciando como sua filha, a eleita d'Ele, confirma sua aura celestial. Jacó-Mula a vê cercada por anjos e ser acolhida pelo Criador. Devido a essas características, Jacobina é colocada no mesmo grau de santidade do Filho: ambos são formados pelas duas naturezas – a divina e a humana.

O fato de ser mulher faz com que a Mutter tenha atribuído a si feições de cunho profano. Segundo os opositores dos Mucker, ela é uma fêmea que atrai os adeptos para dentro do grupo, principalmente os homens, não pelo movimento religioso que lidera, mas pelo poder de sedução que exerce sobre eles. Dentre os adversários, que apontam essa faceta em Jacobina, aparecem os padres e os pastores. Padre Mathias Münsch é o sacerdote que expressa de forma mais veemente esse aspecto: ele avizinha Jacobina à Lorelei, a principal personagem de uma lenda de origem germânica<sup>520</sup>. Percebemos que o jesuíta faz a aproximação entre as duas figuras femininas num dos momentos em que toma medidas enérgicas na tentativa de recuperar seus fiéis:

Por intermédio de Phillipp Sehn mandou dizer a todos os católicos do Padre Eterno – e tinha uma lista deles, completa, com os nomes das mulheres e filhos – que deveriam comparecer a todas as missas dominicais que ele viria celebrar. A pena a ser imposta era a excomunhão. Entre aqueles da lista, havia vários seduzidos pela seita do Ferrabrás. Era a hora da verdade que chegava para eles. O Padre Mathias Münsch apertou os lábios e rilhou os dentes, num gesto que logo reconheceu excessivo. Embaraçado, começou a assobiar a **Loreley**.<sup>521</sup>

Para o clérigo, Jacobina e Lorelei assemelham-se porque crê que os católicos, considerados Mucker, estão engajados na seita existente no Ferrabrás por terem sido

---

520. Segundo François Brisson, a lenda da Lorelei é uma fraude literária que se confundiu com os mitos populares europeus. Sua criação deve-se a Clemens Brentano, que escreveu várias versões da lenda que serviu de tema para autores como Joseph von Eichendorff, Otto Heinrich von Lben e Niklas Vogt. Várias são as versões dessa lenda, mas em todas Lorelei surge como uma bela mulher que seduz os homens até levá-los à destruição. Cf. BRISSON, François. Lorelei. In: BRUNEL, Pierre (Org.). Op. cit. nota 4. p. 591-596.

521. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. Op. cit. p. 142. Grifo do autor.

seduzidos pela profetisa. Ele teme que, tal como os homens que se deixaram encantar pela voz de Lorelei<sup>522</sup>, os colonos acabem encontrando a morte em sua adoração à Frau Maurer. Além disso, certamente, o Padre sente-se ofendido com o fato de uma mulher luterana, com parca instrução, estar angariando, com suas palavras, adeptos ligados à comunidade católica. Portanto, Mathias Münsch considera Jacobina uma mulher fatal, cuja voz tem um poder diabólico, devendo ser temida tanto quanto o canto de Lorelei.

Como os demais colonos adversários do movimento religioso, o jesuíta dá à profetisa do Ferrabrás títulos depreciativos, conforme testemunha Christian Fischer:

O epíteto mais brando para a mulher é o de prostituta-mor de toda a colônia.<sup>523</sup>

Por ser casada com João Jorge Maurer e de ter filhos com ele, Jacobina também traz para perto de si o aspecto humano da vida, ou seja, muitos colonos, que agora são seus fiéis, têm consciência de que ela já se entregou aos prazeres da carne. Assim, Frau Maurer carrega a condição terrena ao lado da divina, estando, por isso, apta a ser amante de Rodolfo Sehn, conforme os contrários aos Mucker apregoam e alguns desses acreditam.

A humanidade de Jacobina, comprovada na narrativa de Assis Brasil, provoca diferenças com o Conselheiro de Vargas Llosa que, em momento nenhum, apresenta referências dessa feição. Para os conselheiristas, seu líder apenas possui um estado espiritual, fazendo com que tudo o que esteja relacionado a ele adquira uma envergadura divina, superior à existência mundana. O poder de sedução desse sertanejo só existe no que se refere à persuasão verbal constante em suas prédicas, que fascinam aos ouvintes. Como homem, não há nenhuma menção a seus atrativos viris, ao contrário, seu tipo de vida remete a um comportamento de retidão apostólica, baseada na pobreza, castidade e austeridade dos hábitos.

---

522. Para Monica Hallberg, Assis Brasil refere-se a uma versão musical de Lorelei composta por Schubert ou Shumann, citados pelo autor durante a narrativa. Na concepção de Hallberg, a escolha dessa peça não é neutra, pois a lenda da sereia Lorelei, que atrai, através de suas canções, os barqueiros que acabam naufragando sobre os rios de Rhin, é evocada sobre o contexto messiânico da comunidade alemã do Rio Grande do Sul. Cf. HALLBERG, Monica. *La représentation de l'Allemagne dans la littérature brésilienne (de 1930 à nos jours): les cas particulier du Rio Grande do Sul*. Paris, 1997. Thèse (pour le doctorat) – Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1997.

523. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 162.

Para Antônio Conselheiro, há um inimigo determinado a ser combatido sob a face da Terra: a República, que ele identifica como a representação do Anticristo. Esse adversário, além de possuir vários poderes – é o regime que dirige a nação e que destituiu o Império –, tem a seu serviço as tropas militares e policiais, reconhecidas como forças demoníacas. O messias prega a seus signatários a necessidade de, enquanto homens eleitos por Deus, destruírem as formas do Mal para que possam viver em paz e felizes. O messias também faz anúncios de teor sebastianista, pois divulga que os canudenses terão o auxílio de D. Sebastião, o rei português, e do seu exército, nas lutas a serem travadas contra o inimigo que procura destruí-los incessantemente.

Já Frau Maurer anuncia aos Mucker a necessidade de formarem um grupo que se afaste da sociedade que não os satisfaz. Não há, antes do conflito armado, a figura de um inimigo demoníaco a ser combatido, mas situações de abandono e de desigualdade entre os homens a serem superadas.

Observamos que a crítica registrada sobre *La guerra del fin del mundo* dedica poucas palavras a Antônio Conselheiro. A atenção dos estudiosos, de maneira geral, recai sobre algumas personagens de aparência física bizarra como o Anão ou Galileu Gall, e principalmente sobre o periodista míope. Essa última recebe especial tratamento não apenas pelo fato de ser o indivíduo que transita entre os dois mundos em conflito – chega a Canudos acompanhando o exército e, no final da guerra, encontra-se dentro de Belo Monte –, mas por ser uma representação do escritor Euclides da Cunha. Além disso, as considerações finais do jornalista míope sobre Canudos – *Era el reino del oscurantismo y, a la vez, un mundo fraterno, de una libertad muy particular*<sup>524</sup> e (...) *es una historia de malentendidos*<sup>525</sup> – permitem ser analisadas como um posicionamento do autor, Vargas Llosa, diante dos fatos narrados.

Assim, geralmente, quando o Conselheiro é citado, nos artigos e resenhas dos críticos, aparece apenas comparado às demais personagens. Por exemplo, o fanatismo que lhe imputam é assemelhado ao de Galileu Gall e Moreira César, os três idealizam uma sociedade fundada em princípios que consideram relevantes, a saber: o Conselheiro liga-se à religiosidade e à fraternidade; o frenólogo anarquista, à liberdade

---

524. VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. 3.ed. Barcelona: Seix Barral, 1993. p. 465.

525. Idem, p. 466.

total; o coronel do exército, ao nacionalismo. Segundo Alicia Ramos<sup>526</sup>, o messias aparece, como os outros dois homens, possuidor de uma visão restrita e voltado apenas para sua ideologia:

Todos igualmente fanáticos, con una visión unilateral de la realidad, con sus ideas fijas causantes de la incomunicación absoluta entre ellos. Obran en función de ciertos esquemas, anteponiendo la visión ideológica a la experiencia real.<sup>527</sup>

Outra diferença entre as duas personagens consiste numa das primeiras particularidades dos messias: a peregrinação. Antônio Conselheiro cumpre esse requisito, ao contrário de Jacobina, que permanece restrita a sua casa. O primeiro comprova essa característica no período em que vaga a esmo pelo sertão, seguido por alguns adeptos que o acompanham em suas andanças. Já a segunda fica na moradia que habita com o marido. Os colonos da redondeza é que se deslocam até a residência dela, mas não permanecem aí, pois ao final das leituras e interpretações dos textos bíblicos, retornam a seus lares; salvo no período do confronto com o exército.

A partir da análise exposta, é possível percebermos que as duas personagens congregam características inerentes aos líderes messiânicos. Apesar de suas diferenças, transmitem aos adeptos a certeza de serem enviados divinos com o objetivo de salvar a alma dos fiéis e de regenerar o mundo. O Conselheiro, ao receber a designação de Bom Jesus Conselheiro, adquire a imagem de um santo católico. Jacobina, por ser a Christussin, é vista como a reencarnação do Filho de Deus e, portanto, a salvadora da comunidade alemã. Além dos dons sobrenaturais, nos quais os crentes acreditam, tanto o homem quanto a mulher têm a consciência de serem os responsáveis em propiciar a alteração social na vida dos seguidores, encaminhando-os para uma vida fundada na justiça, na paz e na felicidade terrena e espiritual.

## 5.2 *Os seguidores*

As pessoas que crêem em Antônio Conselheiro e as devotadas à Jacobina, aparentemente, apresentam os mesmos aspectos no que se refere à ligação que

---

526. RAMOS, Alicia. La guerra del fin del mundo. *La Palabra y el Hombre*, México, n.46, p.64-66, abr./jun. 1983.

527. Idem, p. 65.

estabelecem com seu guia divino e com os demais companheiros. Todavia, numa análise mais atenta, notamos que os dois grupos de fiéis muito se diferenciam.

Os conselheiristas e os Mucker se parecem porque mudam seus comportamentos ao entrarem em contato com os messias, que lhes inspiram uma profunda religiosidade. Entre aqueles que alteram sua conduta, podemos citar os cangaceiros sanguinários, que se tornam sertanejos afáveis, pela interferência do Conselheiro; e os comerciantes alemães, que perdoam dívidas monetárias, na esperança de, ao se desapegarem dos bens terrenos, tornarem-se merecedores do novo mundo que estão construindo com a Mutter.

Em *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, o grupo de seguidores é composto basicamente pelos sujeitos discriminados social, econômica e politicamente, abarcando também os possuidores de uma melhor situação. Os sertanejos que seguem o Conselheiro são, na sua maioria, homens abandonados à própria sorte no sertão. Aqueles que escutam Jacobina são colonos esquecidos no interior da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Logo, tanto os canudenses quanto os Mucker são pessoas desamparadas pela sociedade.

Nas obras, os participantes dos dois movimentos sentem-se pessoas eleitas por Deus, tendo a tarefa de cumprirem os preceitos sagrados. Por acreditarem receber a proteção divina, os conselheiristas e os “santarrões” julgam-se capazes de vencer os ímpios que ameaçam sua fé, seu messias e a nova comunidade. Eles não fogem da luta pois a vêem como necessária para o estabelecimento da religião, que prega o verdadeiro Evangelho, e a morte não é temida porque representa a obtenção da vida eterna.

A diferença entre os dois conjuntos de adeptos consiste na existência (ou não) de representantes de diferentes grupos étnicos. Na narrativa de Vargas Llosa, há a presença dos índios, pertencentes à tribo de Mirandela; dos negros, que moram no Mocambo; e dos mestiços, na pele dos jagunços em geral. No texto de Assis Brasil, todos os fiéis são apontados como imigrantes germânicos ou seus descendentes diretos; já os “estrangeiros” não participam do movimento e são vistos com desconfiança.

Na obra do autor peruano, os crentes devotam completa adoração ao enviado divino, crendo irrestritamente nas suas prédicas. Eles obedecem às ordens do messias

e só agem depois da sua aprovação. Pelo Conselheiro, todos os asseclas se dispõem a lutar e a morrer, negando-se a deserdarem, a abandonarem o Belo Monte, não permitindo que companheiros com a fé abalada façam-no nos instantes finais do combate. Apesar de, no texto, não ser mencionado claramente o credo praticado pelos conselheiristas, é conhecimento de domínio público que a maioria deles pertencia à Igreja Católica antes de se ligarem ao Conselheiro.

Os asseclas do Conselheiro são considerados, pelos contrários ao movimento, como *herejes dementes, (...) incendiarios y ladrones de haciendas*<sup>528</sup>, numa declaração clara de que são vistos como marginais. Portanto, esses sertanejos devem ser eliminados ou afastados da sociedade, sob a pena de prejudicarem a ordem e o progresso da República recém-instalada no país.

A narrativa do brasileiro permite dividir os crentes em duas categorias definidas. Na primeira, que congrega os fiéis partidários de Jacobina, há aqueles com um posicionamento semelhante aos conselheiristas, ou seja, ouvem as palavras da líder como verdades absolutas, defendendo-a dos ataques inimigos, mesmo a custo da própria vida. Robinson, o Ruivo, e a família Sehn servem como ilustração. Na segunda, reúnem-se os adeptos que se tornaram Mucker por acreditarem em Jacobina, mas, com o transcorrer do tempo, movidos por alguma desilusão causada pelas suas orientações, tornam-se seus opositores. Os integrantes significativos dessa categoria são Ana Maria Hofstätter e Andreas Luppa. Destacamos, em específico, essas personagens por serem as que provocam o extermínio da seita com a transformação de seus sentimentos que passam da devoção ao ódio e daí para a vingança. Ana Maria, ao matar Leidard, encaminha os outros adeptos à morte, pois, segundo a profecia de Jacobina, o destino da criança e dos Mucker é o mesmo. O patriarca Luppa, ao indicar de forma deliberada o lugar onde os companheiros se refugiam na mata do Ferrabrás, realiza a traição que culmina no assassinato da Mutter e dos seus seguidores fiéis.

É possível ainda identificar um terceiro segmento no meio dos Mucker, composto pelos indivíduos com esperanças de obterem vantagens pessoais. Não se tratam, assim, de seguidores de Jacobina, mas de simpatizantes do movimento enquanto esse oferece uma oportunidade de conseguirem benefícios em causa própria. Dentre eles merece atenção: Johann Georg Klein, que se insere no meio dos Mucker com o objetivo de se tornar o pastor do grupo, e Christian Fischer, um psiquiatra, que

---

528. VARGAS LLOSA, Mario. Op. cit. p. 225.

se interessa pelos acontecimentos do Ferrabrás por perceber uma envergadura psicológica no apego espiritual que os adeptos dedicam a Jacobina.

No meio dos santarrões há integrantes do catolicismo e do luteranismo. Entre os seguidores de Frau Maurer, encontramos, ao lado dessas religiões, a fé de envergadura panteísta presente na crença do Espírito Natural, que nos parece ter sido a mola propulsora do início da seita, pois é devido à busca das curas – ditadas por esse Espírito – que as pessoas se dirigiam à casa dos Maurer e acabavam escutando as interpretações de Jacobina ao Texto Sagrado. Com o passar do tempo, as leituras e prédicas baseadas na *Bíblia* suplantaram o panteísmo sem, contudo, erradicá-lo do Ferrabrás.

Na concepção do Padre Mathias Münsch, os colonos que se reúnem ao redor de Jacobina, os cristãos em geral, são aqueles homens possuidores de um profundo sentimento religioso, mas que necessitam de uma constante manutenção na sua fé, tal como as videiras<sup>529</sup>:

As almas dos fiéis se assemelham a videiras de cristal: fecundas nos verões luminosos mas frágeis e quebradiças quando cobertas pela geada do inverno.<sup>530</sup>

Para Antonio Sanseverino<sup>531</sup>, a imagem proposta pelo jesuíta esclarece a situação dos homens dentro da colônia, isto é, quando suas almas recebem o auxílio e a orientação se mantêm firme mesmo diante das situações adversas, permanecendo *de acordo com os padrões da normalidade, da civilidade, do cristianismo*<sup>532</sup>. Contudo, no momento em que os fiéis se sentem abandonados, buscam fora da religião verdadeira

---

529. Para as religiões, que ficavam ao redor da antiga Israel, a videira é uma árvore sagrada, divina, e seu produto – o vinho – uma bebida dos deuses. Também é considerada, à semelhança da oliveira, uma das árvores messiânicas, não se descartando a possibilidade de, nas antigas tradições, ser identificada à árvore da vida do paraíso. Num dos seus principais simbolismos, a videira também representa Israel, como propriedade de Deus, que lhe dedica atenção, à espera dos bons frutos que deve produzir. Entretanto, no livro de Jeremias, a videira aparece como uma árvore que decepciona aquele que a cuida pelos maus frutos que produz. Por isso, o seu simbolismo é transferido à pessoa que encarna o verdadeiro povo de Deus: o Messias. Cristo declara ser a verdadeira cepa da qual os homens não podem se desvincular sob a pena de se tornarem galhos secos, que deverão ser lançados ao fogo. A videira designa ainda o reino de Deus e seu significado pode se estender à alma humana. Jesus, ao visitar a vinha a pedido do Senhor, substituiu Israel, tornando-se videira e, com isso, transforma seu sangue no vinho da Nova Aliança. Cf. CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução por Vera da Costa e Silva et al. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. p. 954.

530. ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Op. cit. p. 139.

531. SANSEVERINO, Antonio Marcos V. *Videiras de cristal: Jacobina Maurer. A identidade do imigrante*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (Orgs). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 129-136.

532. Idem, p. 131.

a satisfação para sua angústia e descontentamento. Nesse último caso se encaixam os Mucker e também seus opositores, afinal as duas partes procuram, através do fanatismo, suprir suas carências religiosas, independente do credo proferido:

o caso dos muckers foi uma espécie de esfacelamento das almas dos fiéis colonos, que em pedaços, cacos, perderam a noção do todo. Eles se desvincularam da videira e acabaram por perder-se. Essa perda da unidade, esse esfacelamento, poderia-se dizer, é o que levou aos fanatismos dos dois extremos, pró e contra os muckers.<sup>533</sup>

Portanto, para os opositores do movimento, dentre os quais Mathias Münsch é um dos mais ferozes, os Mucker são possuidores de uma fé instável, que pode ser observada inclusive com relação à crença que têm em Jacobina. Essa idéia é contrária à apresentada pelos adversários dos canudenses que vêem os seguidores do Conselheiro como homens fanatizados, mas com uma fé inabalável, cegos para compreenderem o equívoco que cometem em permanecer junto ao líder messiânico.

### 5.3 *A cidade santa*

Na representação literária dada aos dois movimentos históricos em pauta, assim como os messias e os seus seguidores, os locais onde os adeptos se reúnem, para professar sua crença nos enviados divinos, apresentam semelhanças e diferenças entre si.

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, a instauração de uma Cidade Santa é fundamental num movimento messiânico porque permite a disciplinarização e o policiamento dos costumes dos adeptos:

Ela é imprescindível para que possa haver a reorganização inconscientemente pretendida: pois, vivendo todos juntos, há a possibilidade de se exigir e verificar o cumprimento das normas, tanto pela vigilância do messias e seus apóstolos, quanto pela formação de uma consciência coletiva mais integrada, ativa e severa.<sup>534</sup>

---

533. Idem, *ibidem*.

534. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2.ed. rev. aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1977. p. 320.



Os espaços apontados pelo Conselheiro e por Jacobina, respectivamente, a fazenda de Canudos e a casa do Wunderdoktor, já são conhecidos dos seus seguidores, porém ganham uma configuração até aquele momento desconhecida: a sacralidade. Os fiéis passam a aceitá-los como sendo sagrados e isso ocorre graças à ação dos líderes de cada grupo. O Conselheiro altera o nome da fazenda para Belo Monte, ou seja, funda um mundo. Com seu gesto, explicita que as características profanas da localidade deixam de existir e torna viável a prática dos preceitos cristãos e dos ensinamentos bíblicos num lugar que não sofreu a interferência dos ímpios. Numa palavra, o beato fixa os limites para que a *ordem cósmica*<sup>535</sup> se estabeleça, afastando o Caos.

Quanto à Jacobina, santifica a moradia em que vive com a família em virtude dos contatos que estabelece com Deus e com o Espírito Natural. Dada à sacralidade do lugar, rompem-se os três níveis cósmicos – Terra, Céu e regiões inferiores – tornando-os comunicantes entre si. No terreno dos Maurer, os homens religiosos, sejam católicos ou protestantes, acreditam exercer a religião na sua forma verdadeira, porque julgam que os clérigos não compreendem o real sentido dos textos sagrados.

Para os sertanejos ou para os germânicos, o lugar que passam a morar, o ponto das reuniões e das prédicas, assume a conotação do Centro do Mundo. É a principal região sob a face da Terra, o único espaço real e onde alcançarão os objetivos almejados: a salvação eterna e uma vida terrestre feliz.

Seja no grupo que se forma no interior do sertão ou da colônia alemã, os fiéis crêem estar inseridos numa sociedade melhor do que aquela a que pertenciam antes de se ligarem ao Conselheiro ou à Jacobina. Nesse lugar sagrado, eles não são desprezados e têm uma função ativa na busca de uma existência melhor. No que se refere aos colonos, eles possuem ainda a certeza de que ali, na casa da Mutter, recuperam o tempo da criação, isto é, voltam ao período do início da colonização em que desejavam uma sociedade igualitária a todos.

Cada uma das comunidades messiânicas apresenta normas que governam o comportamento dos signatários. Nas duas narrativas, os líderes messiânicos são os responsáveis pela imposição da disciplina que deve ser obedecida por todos os adeptos, sendo punidos, por meio de uma repreensão aqueles que não se mostram em

---

535. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 33.

concordância com as suas orientações. Jacobina se revela mais enérgica e expulsa em definitivo os colonos que a desacatam.

A organização social interna de Belo Monte e da casa de Frau Maurer apresenta uma estrutura piramidal. No ápice, sozinhos, localizam-se os messias com suas autoridades incontestáveis; na camada intermediária, os adeptos simpáticos aos enviados divinos; no terceiro segmento, a grande maioria dos seguidores. A hierarquia observada é mantida pelos profetas e só é alterada quando eles dão sua autorização.

Os indivíduos pertencentes à classe intermediária realizam atividades voltadas para o bom andamento social ou religioso da comunidade. Basta lembrarmos de Antônio Vilanova com sua tarefa de distribuir pelo arraial os recém-chegados a Belo Monte, de Beatinho, o auxiliar do Conselheiro durante as prédicas, e de Jacó-Mula, que orienta a distribuição de gêneros alimentícios entre os Mucker e que dirige os hinos das reuniões do Ferrabrás.

Os integrantes do segundo estrato são aqueles que, além de ajudar o líder a controlar a conduta dos demais membros, orientam os companheiros na defesa do “nosso mundo”, estimulando-os a lutarem pelo terreno que julgam sagrado e pela a segurança do messias. Em *La guerra del fin del mundo*, é sob o comando de João Abade, Pajeú e João Grande que os canudenses resistem aos ataques militares. Já *Videiras de cristal* tem nas personagens de Robinson, o Ruivo, e do Mutilado os organizadores da reação dos Mucker contra os adversários.

A vida dentro da sociedade messiânica é caracterizada pela solidariedade entre os moradores, mantendo-se os contatos pacíficos com os povoados circunvizinhos, no caso de Belo Monte, e com as colônias e picadas, com relação ao Ferrabrás. Antes de serem agredidos, os crentes não rompem os contatos com a sociedade maior, não cabendo a eles a acusação de terem se afastado dos outros homens. Seu distanciamento surge como o resultado de uma tentativa de se proteger e sobreviver. À exceção dos momentos finais, em Canudos, há uma constante entrada e saída de romeiros, e, no Ferrabrás, os colonos continuam habitando os seus lotes de terra, indo à casa da Mutter somente nas horas próximas das leituras e interpretações bíblicas.

Os opositores dos grupos messiânicos desejam eliminá-los porque temem a alteração da ordem social vigente. As retaliações, que iniciam timidamente, não passando de repreensões locais – os conselheiristas sofrem ataques da polícia baiana,

e os Mucker são impedidos de comprar alimentos –, ganham uma envergadura que envolve as ações dos governos estaduais/provinciais e, no caso de Canudos, até federal. Ao longo dos movimentos, também há uma crescente violência das partes: quanto mais os seguidores de Antônio Conselheiro e de Jacobina são perseguidos e maltratados, mais agressivas se apresentam suas tentativas de defesa. Os crimes sofridos passam a ser respondidos com outros de igual natureza: mortes e incêndios são da mesma forma vingados.

Os inimigos políticos e religiosos superam momentaneamente suas diferenças em prol da reunião de forças, que objetivam o esmagamento definitivo dos redutos dirigidos pelos messias. Essas alianças são efetuadas porque o governo e o clero sentem suas autoridades contestadas, temem que Canudos e Ferrabrás inspirem outros movimentos de insatisfação popular. Varrê-los da terra significa manter o *status quo* inalterado e sob o domínio de quem já detém o poder.

Para os asseclas dos dois profetas, enquanto homens religiosos, não é difícil conceber o inimigo de aparência humana como o Demônio e a Morte. Em virtude das prédicas apocalípticas dos messias, os crentes reconhecem, nos confrontos com as tropas, a luta final anunciada no último livro da *Bíblia*. Nos dois movimentos, a guerra travada assume o caráter da eterna batalha do Bem contra o Mal, porque os seguidores têm consciência de que podem ser dizimados pelos infiéis:

o resultado dos ataques, sejam demoníacos ou militares, é sempre o mesmo: a ruína, a desintegração, a morte.<sup>536</sup>

A diferença, entre as comunidades organizadas por Antônio Conselheiro e por Jacobina, consiste no tamanho geográfico do território escolhido e no grau do afastamento às normas impostas pela sociedade global. Antes de cair, Canudos pode ser considerada uma cidade devido à quantidade de pessoas que a habitam e à organização do seu espaço – ainda que de forma caótica – em bairros e ruas. Quanto à obediência às normas existentes, fora da comunidade, somente as religiosas são observadas pelos fiéis. Antônio Conselheiro prega o cumprimento dos preceitos cristãos e o respeito aos padres, para ele, os representantes de Deus na Terra. As determinações impostas pela República não são acatadas porque o Conselheiro as vê como deliberações que se propõem a prejudicar os sertanejos, conduzi-los a uma miséria ainda maior do que a vivida.

---

536. Idem, p. 48.

O local escolhido por Jacobina, para reunir seus signatários, não ultrapassa o lote de terras do marido. Entretanto, esse fato é irrelevante porque a cidade santa é entendida como uma região, sem tamanho definido, na qual as ordens dos messias são aceitas como verdades; os seguidores se unem com a finalidade de alcançarem um mundo terreno melhor e a salvação coletiva. Ao contrário dos conselheiristas, os Mucker, além de renegarem as instruções das autoridades governamentais, também não seguem os ensinamentos dos padres e dos pastores. Para os discípulos de Frau Maurer, nem a sociedade nem as religiões institucionalizadas apresentam condições e elementos que os satisfaçam social e espiritualmente. Por isso, negam-se a permanecer no sistema social vigente e buscam *identidade, códigos, valores e comportamentos próprios, formando um campo ideológico separado do existente na época*<sup>537</sup>.

#### 5.4 As classificações dos dois movimentos messiânicos

A partir da representação oferecida da guerra de Canudos e da revolta dos Mucker, respectivamente, pelas obras *La guerra del fin del mundo* e *Videiras de cristal*, e depois da análise realizada, classificaremos os dois movimentos messiânicos em subversivos e/ou revolucionários e reformadores, seguindo a tipologia<sup>538</sup> proposta por Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Na narrativa de Vargas Llosa, Antônio Conselheiro não aparece discursando contra as pessoas que detêm o poder político e as terras num sentido classista, nem prega contra a hierarquia eclesiástica. Sua ira é direcionada ao regime republicano e aos padres não cumpridores dos seus deveres. Os seguidores não reclamam dos patrões ou dos fazendeiros, mas se sentem cansados com a vida que o sertão lhes oferece porque percebem que os comportamentos prezados e tradicionais não são mais praticados, e que a *ruindade dos homens*<sup>539</sup> afasta-os da salvação eterna e de uma existência terrena menos dolorosa. Antônio Conselheiro surge como um enviado

---

537. AMADO, Janaina. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1978. p. 276.

538. Sobre as definições dos movimentos messiânicos de subversão e de reforma, remetemos à discussão realizada no capítulo 2, especialmente referida nas notas 110 e 111.

539. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. nota 19. p. 324.

divino para guiar os homens no caminho que retoma a tradição e não para mudar as pessoas na escala social<sup>540</sup>. O desejo de derrotar a República, o inimigo maior – o Anticristo –, não objetiva a destruição do poder central do país, mas tem por fim o retorno do Império e da figura do imperador, pois, na visão do Conselheiro e dos canudenses, esse regime é considerado mais benéfico do que o atual.

Quanto à representação dada à revolta dos Mucker, no texto de Assis Brasil, observamos que Jacobina critica e propõe alterações na sociedade que extrapolam o grupo que lidera. Sua meta é promover mudanças no meio em que vive sem, todavia, mexer no aspecto essencial composto pelas relações sociais, ou seja, os laços de razão pessoais, já que o movimento ocorre numa sociedade de parentelas. Jacobina intenta a transformação da estrutura e da estratificação interna da sociedade existente nas colônias de São Leopoldo. Ela anuncia novos valores sociais e religiosos, mas, na verdade, o movimento permanece com um caráter tradicional, afinal se dirige ao retorno de uma época passada, aspirando à preservação da sociedade igualitária e solidária do início da colonização, que nos remete à idéia de nostalgia de um paraíso.

Pelos elementos levantados, durante as análises, podemos constatar que, no texto do escritor peruano, a guerra de Canudos, ao ser apresentada como um movimento messiânico que não se preocupa em alterar a estratificação e as relações sociais e religiosas existentes fora da cidade santa, surge como reformista. Os conselheiristas apenas buscam a moralização dos costumes e um melhor relacionamento entre os homens. O movimento não pretende, pois, dismantelar a estrutura e a organização social vigente, mas oferecer condições que auxiliem no seu funcionamento. No que se refere à obra do autor brasileiro, o fato de a colônia estar em pleno processo de modificação social – alguns colonos enriquecem e adquirem cargos públicos enquanto outros permanecem numa situação estagnada – gera um movimento que se posta como reação contrária a ele, o “muckerismo”<sup>541</sup>. Segundo os partidários de Jacobina, a elite devia ser formada por eles, que são pobres, humildes e desamparados porque assim está escrito no texto bíblico. O messianismo dos Mucker trata-se, logo, de um movimento com caráter inovador – a líder cria as normas da sua comunidade – sendo subversivo e revolucionário por não aceitar a sociedade existente, pretendendo transformá-la por meio das ações praticadas pelos adeptos.

---

540. Idem, *ibidem*. Segundo Queiroz, nenhum messias sertanejo pregou contra uma camada social mais abastada e superior, nem propôs a alteração na ordem social.

541. Tomamos esse termo emprestado de: DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977. p. 110.

Portanto, nas duas narrativas, o messianismo surge como um movimento que exige a ação das pessoas envolvidas para que obtenham as transformações sociais almejadas. Entretanto, também apresenta uma profunda nostalgia do homem em habitar um “mundo divino”, que exprime o *desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador*<sup>542</sup>. O real e o ideal se fundem e geram ambigüidades, pois enquanto os canudenses e os Mucker anseiam a salvação eterna e uma existência terrena feliz perecem frente às situações adversas da vida.

---

542. ELIADE, Mircea. Op. cit. nota 20. p. 61.

## 6 BIBLIOGRAFIA

ALVES, José Édil de Lima. Perspectivas políticas em narrativas de Assis Brasil. *O Continente*, Suplemento Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.23, p.8-9. out. 1992.

AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos "mucker"*. São Paulo: Símbolo, 1978.

ARAVANIS, Evangelia. Movimento Mucker: a necessidade de novos estudos e de novas abordagens. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 129-136.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de cristal*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

ASSIS, Valesca de. Videiras de cristal. *Gazeta Popular*, Lagoa Vermelha/RS, 9 fev. 1991. Livros, p. 7.

ATAIDE, Yara Dulce Bandeira de. As origens do povo do Bom Jesus Conselheiro. *Revista USP*, São Paulo, n.20, p. 88-99, dez./fev. 1993-1994.

BARBOSA, Fidelis Dalcin. *Os fanáticos de Jacobina (os muckers)*. Porto Alegre: EST, 1976.

BECKER, Klaus. O episódio dos mucker. *Enciclopédia rio-grandense*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1968. v.2. p. 80-114.

BERNUCCI, Leopoldo M. Vargas Llosa y la tradición bíblica: **La guerra del fin del mundo**. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, n. 141, p. 965-977, oct./dic. 1987.

BETANCUR, Paulo. Em sintonia com a história. *Jornal do Brasil*, São Paulo, 12 jan. 1991. Idéias, Livros, p. 8-9.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRAKEL, Arthur. **A guerra do fim do mundo**, uma epopéia ou um malogro? A recepção de um romance latino-americano na América do Norte. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 986, p. 8-9. 24 ago. 1985.

BRANDÃO, Juanito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes/ Edunb, 1993.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: UnB/José Olympio, 1997.

CALASANS, José. *No tempo de Antônio Conselheiro*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 10.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

COHN, Norma. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Tradução de Fernando Neves e António Vasconcelos. Lisboa: Presença, s.d.

\_\_\_\_\_. Introduction. In:\_\_\_\_\_. *Les fanatiques de l'Apocalypse*. Tradução de Simone Clémendot. Paris: Julliard, 1962. p.15-42.

COUTO, José Geraldo. Massacre foi narrado em 'Os Sertões'. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1994. Ilustrada, p. 5-6.

DALCASTAGNE, Regina. A guerra dos miseráveis colonos no Sul. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 mar. 1991. Armazém Literário, p. 10.

DELUMEAU, Jean. *Mille ans de bonheur*. Paris: Fayard, 1995.

DOMINGUES, Moacyr. *A nova face dos muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

DUBY, Georges. *L'An Mil*. [Paris]: Gallimard, 1996.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1993. (Perspectivas do Homem).

\_\_\_\_\_. O prestígio mágico das "origens". In:\_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. Tradução de Pola Civelli. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 25-39. (Coleção Debates)



\_\_\_\_. Paraíso e utopia: geografia mítica e escatológica. In:\_\_\_\_. *Origens*. História e sentido na religião. Tradução de Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 111-136.

\_\_\_\_. *O sagrado e o profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FIGUEIREDO, Sérgio A . Deuses e homens na guerra anunciada. *Zero Hora*. Porto Alegre, 14 jan. 1991. [Opinião], p. 4.

FISCHER, Luís Augusto. *Videiras de cristal e a imigração alemã. Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul: da UNISC, 1994. p.59-87.

FRANCO, Jean. Filtres et prismes: la mediation dans **La guerra del fin del mundo**. *América: Cahiers du CRICCAL*, Paris, n.14, p. 217-229, [199-].

\_\_\_\_. Antonio Conselheiro: histoire et fiction. *América: Cahiers du CRICCAL*<sup>543</sup>, Paris, p. 94-102, [199-].

FREITAS, Décio. A guerra dos “mucker”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 fev. 1991. Opinião, p.4.

FREITAS, Galeno de. Canudos, a árvore de histórias. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 dez. 1981.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.

FRIGERI, Rosane. Jacobina e os mucker. *Correio do Povo*, 6 jan. 1991. Variedades/ Reportagem, Mais leitura no Domingo, p. 17.

GALVÃO, Antonio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker – fanáticos ou vítimas?* Porto Alegre: EST, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais – 4ª expedição*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1994.

GENRO, Tarso. O puro cristal de Assis Brasil. *Porto & Vírgula*, Porto Alegre, n.2, p.16-17, maio/jun. 1991.

GERTZ, René. Introdução. In:\_\_\_\_. *O perigo alemão*. Porto Alegre: da Universidade/ UFRGS, 1991. p. 7-12.

GURVITCH, Georges. Les sociétés globales et les types de leurs structures. In:\_\_\_\_. *Traité de sociologie*. 3 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1962. p. 216-235.

---

<sup>543</sup>. A indicação da obra, onde se encontra o ensaio, foi fornecida pelo próprio autor.

HALLBERG, Monica. *La représentation de l'Allemagne dans la littérature brésilienne (de 1930 à nos jours): les cas particulier du Rio Grande do Sul*. Paris, 1997. Thèse (pour le doctorat) - Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1997.

HART, Catherine Poupene. Del silencio a la palabra, de **La guerra del fin del mundo** a **El hablador**: la novela entre historia y mito. *Revista de Estudios Hispánicos*, Puerto Rico, p. 207-217, 1991.

LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho na terra*. São Paulo: SENAC São Paulo, Boitempo, 1997. p. 21-39.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Elaine Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2.ed. Porto Alegre: Movimento, 1982.

LANTERNARI, Vittorio. Outros movimentos proféticos americanos. In:\_\_\_\_. *As religiões dos oprimidos*. Um estudo dos modernos cultos messiânicos. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 125-210.

LAURIA, Márcio José. A nova velha guerra. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 809 e 810, p. 3 e 10 abr. 1982.

LEONARDIS, Barbara de. Messianismo na caatinga. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho na terra*. São Paulo: SENAC São Paulo, Boitempo, 1997. p. 43-54.

LEVINE, Robert M. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. Tradução de Monica Dantas. São Paulo: Edusp, 1995.

LIMA, Luiz Costa. A narrativa na escrita da história e da ficção. In:\_\_\_\_. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 15-121.

MAC ADAM, Alfred. Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: meditaciones intertextuales. *Revista Iberoamericana*, Madrid, n.123-124, p.157-164, abr./sep. 1983.

MASINA, Léa. Videiras de Cristal. *Zero Hora*, Porto Alegre, 12 jan. 1991. ZH Cultura, Literatura, p.7.

\_\_\_\_. O trágico em *Videiras de cristal*. *Percursos de leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994. p. 41-47.

MAURA, Antonio. Canudos y otras historias nordestinas. *Revista de Letras*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 6, n. 1/2, p. 43-62, jan./dez. 1983.

MEDINA, Cremilda. A grande aventura americana de Mario Vargas Llosa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 jul. 1981.

MENESES, Carlos. La guerra del fin del mundo. *La Palabra y el Hombre*, México, v.43, p. 74-75, jul./sep. 1982.

\_\_\_\_. La visión del periodista, tema recurrente en Mario Vargas Llosa. *Revista Iberoamericana*, Madrid, n.126, p. 523-529, ene./mar. 1984.

MENNA BARRETO, Eneida Marília Weigert. *Videiras de cristal: entre a metáfora e a ironia*. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

MONIZ, Edmundo. *Canudos: a guerra social*. 2.ed. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Mario Vargas Llosa. In:\_\_\_\_. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, p. 1988. p. 56-68.

O BRASIL vivo, na ficção de Vargas Llosa. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 dez. 1981.

OS FRUTOS dos homens na videiras d'alma. *Jornal do Vale*, São Leopoldo, 6 jan. 1991. Caderno de Domingo, p. 4-5.

PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz (os mucker)*. 2.ed. rev. aum. São Leopoldo: Rotermund, 1966.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2.ed. rev. aum. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

\_\_\_\_. D. Sebastião no Brasil. O imaginário em movimentos messiânicos nacionais. *Revista USP*, São Paulo, n.20, p. 29-41, dez./fev. 1993-1994.

\_\_\_\_. Introdução. In:\_\_\_\_, CASTALDI, Carlo et al. *Estudos de sociologia e história*. São Paulo: Anhembi, 1957. p. 7-15.

\_\_\_\_. Les mouvements messianiques et la "Guerre Sainte" du Contestado. In:\_\_\_\_. *La "Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1957. p. 209-281.

\_\_\_\_. O catolicismo rústico no Brasil. In:\_\_\_\_. *O campesinato brasileiro*. Ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 72-99.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Conclusões. In:\_\_\_\_. *Messianismo e conflito social*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1977. p. 249-261.

RAMOS, Alicia. La guerra del fin del mundo. *La Palabra y el Hombre*, México, n.46, p.64-66, abr./jun. 1983.

REIS, Carlos, LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 4.ed. rev. aum. Coimbra: Almedina, 1994.

SANSEVERINO, Antônio Marcos V. Videiras de Cristal: Jacobina Maurer. A identidade do imigrante. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*. Canoas: ULBRA, 1994. p. 129-136.

SANTOS, Volnyr. Messianismo e literatura. *RGS Letras*, [S.l.], fev./mar. 1991.

\_\_\_\_\_. Recriação literária da história. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 maio 1991. Suplemento Cultura, p.10.

\_\_\_\_\_. Aspectos políticos na obra de Luiz Antônio de Assis Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 25-32, jun. 1992.

SARAIVA, Sérgio. Romance da intolerância. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 3 jan. 1991. Leitura. [s.p.]

SCHÜLER, Donaldo. De “Os Sertões a “Guerra do fim do mundo”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n.821, p. 3. 26 jun. 1982.

SHUPP, Ambrósio. *Os “Mucker”*: a tragédia histórica do Ferrabrás. Tradução de Arthur Rabuske. 4.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

SOUZA, Antonio Candido de Mello e. Introdução – o problema dos meios de vida. In: \_\_\_\_\_. *Os parceiros do Rio Bonito*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 16-32.

THEODORO, Janice. Canudos 100 anos depois. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho na terra*. São Paulo: SENAC São Paulo, Boitempo, 1997. p. 119-133.

VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. 3.ed. Barcelona: Seix Barral, 1993.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M. M. (Orgs.). *Canudos: palavra de Deus sonho na terra*. São Paulo: SENAC São Paulo, Boitempo, 1997. p. 89-99.

\_\_\_\_\_. Fracasso de Llosa vira fábula moral. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 nov. 1994. Mais, p. 6-7.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

WHITE, Hayden. Introdução: a poética da história. In:\_\_. *Meta-história. A imaginação histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 17-56.

\_\_. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994. (Ensaio de Cultura, v.6)

WUNENBURGER, Jean-Jacques. De la Terre promise à l'Ouest américain: les transformations d'un espace-temps mythique. *La Bible, images, mythes et traditions*. Paris: Albin Michel, 1995. p. 33- 44. (Cahiers de l'Hermétisme).

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro para uma literatura singular*. Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, 1992.